

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-graduação em História**

# O poeta que não existiu:

## James Macpherson e os poemas de Ossian

André LEME LOPES

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia LACERDA

### **Leitores:**

Prof. Dr. Luiz COSTA LIMA (História/PUC-Rio; Literatura/UERJ)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica MADEIRA (Sociologia/UnB)

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende MARTINS (História/UnB)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tereza Cristina KIRSCHNER (História/UnB)

Prof. Dr. Daniel FARIA (História/UFU)

*Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da  
Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do grau de Doutor em História.*

Brasília, 28 de fevereiro de 2009

*Tudo para minha mãe...*

## Sumário

<b><i>Agradecimentos</i></b>	<b><i>iii</i></b>
<b><i>Abstract / Résumé / Resumo</i></b>	<b><i>v</i></b>
<b><i>Obras de Macpherson</i></b>	<b><i>vi</i></b>
<b><i>Ilustrações</i></b>	<b><i>x</i></b>
<b>I. A questão ossiânica</b>	<b>I</b>
<b>II. Literatura e nação. O poema da derrota</b>	<b>30</b>
<b>1. <i>Epopéia</i></b>	<b>31</b>
<i>a. Natureza e originalidade</i>	34
<i>b. Ressonâncias clássicas</i>	41
<b>2. <i>Nação</i></b>	<b>58</b>
<i>a. Nação e identidade nacional</i>	59
<i>b. De Alba à Grã-Bretanha</i>	72
<b>3. <i>Scotica carmina</i></b>	<b>98</b>
<i>a. Literatura nacional</i>	104
<i>b. Nação natural</i>	115
<b>III. Literatura e história. O poema das origens</b>	<b>127</b>
<b>4. <i>História ‘conjectural’</i></b>	<b>128</b>
<i>a. História e poesia</i>	131
<i>b. Natureza e história</i>	142
<i>c. Poesia e natureza</i>	156
<b>5. <i>História ‘factual’</i></b>	<b>163</b>
<i>a. ‘Temora’ e a origem dos gaels</i>	166
<i>b. Antiquários e historiadores</i>	176
<i>c. Macpherson historiador</i>	185
<b>IV. <i>Highlands</i>: natureza e história</b>	<b>192</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>206</b>

*Existe, ou existiu, um poeta. Seu nome era Lallafa e ele escreveu um conjunto de poemas tido, em toda a Galáxia, como o melhor que já existiu: as Canções das Longas Terras.*

*São/eram de uma beleza indizível. Em outras palavras, você não poderia recitar muitos versos de uma só vez sem ser tomado fortemente pela emoção e por um senso de completude e unicidade das coisas; sem que logo fosse preciso dar uma volta rápida pelo quarteirão, possivelmente parando em um bar ao retornar para tomar uma dose rápida de perspectiva.*

*Eram bons assim.*

*Lallafa viveu nas florestas das Longas Terras de Effa. Foi lá que escreveu seus poemas.*

*Escreveu-os em folhas secas de habra, sem ter estudado nem possuir fluido corretivo.*

*Escreveu sobre a luz na floresta e o que ele pensava disso. Escreveu sobre a escuridão na floresta e o que ele pensava disso. Escreveu sobre a garota que o tinha deixado e exatamente o que ele pensava disso.*

*Muito depois de sua morte, seus poemas foram encontrados e admirados. Sua fama se espalhou como o sol da manhã. Durante séculos, iluminaram e irrigaram as vidas de muitas pessoas, que, de outra forma, teriam sido mais escuras e mais secas.*

*Então, pouco depois da invenção das viagens pelo tempo, alguns dos maiores fabricantes de fluido corretivo imaginaram que os poemas poderiam ser ainda melhores se Lallafa tivesse tido acesso a um corretivo de alta qualidade, e imaginaram que ele poderia ser gentilmente convencido a dizer algumas coisas boas sobre isso.*

*Eles viajaram pelas ondas do tempo; eles o encontraram. Explicaram-lhe a situação - com alguma dificuldade - e, de fato, o convenceram. Na verdade, o convenceram a tal ponto que ele ficou imensamente rico por conta disso e a garota sobre a qual ele deveria escrever com detalhes nunca o deixou e os dois se mudaram da floresta para um bom local na cidade, de onde ele freqüentemente viajava ao futuro para participar de programas de entrevista nos quais brilhava com sua sagacidade.*

*Com tudo isso, é claro que ele jamais escreveu seus poemas, o que causava alguns problemas, mas todos facilmente contornáveis. Os fabricantes de corretivo o trancaram em algum lugar ermo durante uma semana com uma cópia de uma edição posterior de seu livro e uma pilha de folhas de habra secas sobre as quais ele deveria copiá-los, fazendo alguns erros proposítivos e correções ao mesmo tempo.*

*Agora, muitas pessoas dizem que os poemas perderam completamente o valor. Outros argumentam que são exatamente os mesmos que sempre foram, então o que mudou? O primeiro grupo diz que esta não é a questão. Eles não sabem muito bem qual é a questão, mas estão bem certos de que não é esta.*

*DOUGLAS ADAMS, A vida, o universo e tudo mais  
(O guia do mochileiro das galáxias; livro 3)*

## Agradecimentos

Nunca fui a pessoa mais pontual do mundo, mas acho que nada na minha vida atrasou tanto quanto este texto. E sua gestação, particularmente nos últimos meses, foi penosa. Jamais teria conseguido levá-la a cabo sozinho. É impraticável agradecer todos que foram importantes nessa trajetória, mas não posso deixar de reconhecer alguns neste espaço.

Em primeiro lugar, é impossível superestimar a importância de meu pai para toda a minha vida profissional e acadêmica. Seja ajudando a organizar minha vida, lendo meus textos e sugerindo idéias, me criticando ou ‘simplesmente’ financiando minhas extravagâncias estudantis, seu apoio foi inestimável. Apesar de todos os muitos aspectos desta vida nos quais não nos entendemos, sempre pude contar com ele em tudo.

Dentre os diretamente envolvidos na pesquisa e na preparação deste escrito, as professoras Sonia Lacerda e Tereza Kirschner merecem agradecimento especial. Durante toda a minha vida acadêmica elas me acompanharam, aconselharam, discutiram, criticaram e me ajudaram das mais diversas formas. Nada do que está aqui existiria sem elas. Mais do que professoras, amigas. Grandes amigas que continuarão presentes em minha vida muito depois do fim desta etapa.

Também grandes amigos e companheiros intelectuais são os profs. José Otávio Guimarães, Juliano Pirajá e Daniel Faria. Seus comentários, sugestões e conhecimentos, postos à disposição em seminários, congressos, botecos e conversas em geral, ajudaram muito a desenvolver minha visão de mundo. Juliano e sua esposa, Lílian, além disso, me acolheram dentro de sua casa, como um irmão, e foram essenciais na minha vida nos últimos anos. Michelle Santos deu-se ao trabalho de ler os primeiros rascunhos deste texto e me ajudou bastante a encontrar algumas formulações e corrigir alguns de seus erros. O grande Rafael «Chopp's» Grisi, apesar de morar em São Paulo e viajar o mundo todo, sempre esteve por perto quando precisei de sua ajuda.

É essencial agradecer aos professores Luiz Costa Lima, Estevão Rezende Martins e Angélica Madeira a disposição e o interesse em ler minha tese e criticá-la, assim como lembrar da prof.<sup>a</sup> Albene Miriam Menezes que tem sido, desde a graduação, um importante modelo em minha trajetória acadêmica.

Várias outras pessoas, embora não ligadas diretamente a este texto, foram e são essenciais para minha vida. Algumas delas, infelizmente, não estão mais aqui. Tio Heitor, que me fez tricolor. Meus avôs, José Leme Lopes e Flávio Lyra, ambos professores em alguma etapa da vida, exemplos pessoais de excelência profissional e bom humor. O professor Emanuel Araújo, meu orientador por um breve período durante o mestrado, deixou um modelo de profissionalismo e amor à pesquisa que não serão esquecidos jamais. Como jamais esquecerei o exemplo de vida que Madalena Mailleux foi para mim e para muitos outros. Inesquecíveis a seriedade, a ética e o amor dessas pessoas realmente superiores.

“Ao meu lado, há um amigo”. Aliás, vários. Thelmo, Ione e Sarah me ‘adotaram’ na pior fase da minha vida e são responsáveis diretos por eu ainda estar vivo e feliz. Lílian de Paula, Paola Ranova, Matthias e Thomas Sant’ana, Sissa Luz, Clara Etiene, Marcello Larcher, Gustavo Gil «Brother», Anderson «Tio» Riedel, Pedro «Monolito» Borges, Pedro «Chocolate» Burgos, Pedro Ivo «Zequinha», Manoel «Mutato» Salles, Anderson Depizol, Cláudio Delamare, Renato Berlim, Ianaê Cassaro: amizades antigas e novas, próximas e distantes, que foram muito importantes para manter minha parca sanidade mental durante a vida. A família, amigos sempre presentes: minha madrinha, Celina, minha avó, Maria, minhas tias e tios, meus primos e primas, meus irmãos, Guga, Miguel e Paulo. Os amigos das universidades: os velhos companheiros do NEC, Rodrigo, Oliver e Flávia; o prof. Gabriele, que ajudou a restaurar minha fé na UnB; os colegas da UEG, Camila, Juliano, Michelle, Luiz Henrique e Fábio; Lílian e Michelle (de novo!), minhas ‘monitoras’ em vários cursos; minhas coordenadoras, prof.<sup>as</sup> Ângela, Nadja e Émile, sempre dispostas a ajudar, mesmo nas muitas vezes em que a preparação desta tese interferiu em meus compromissos de trabalho. Além disso, não posso, de maneira nenhuma, deixar de agradecer a meus alunos: aos bons e aos ruins, àqueles que testaram minha paciência e àqueles que, a cada aula, justificaram minha escolha de ser professor. Muito obrigado!

Mas, nos últimos tempos, ninguém foi mais importante em minha vida do que Camila. Há alguns anos, quando a vi pela primeira vez, fiquei admirado com sua beleza e sua disposição para lutar pelo que acredita. Depois, quando a conheci um pouco melhor, foram sua inteligência, competência e bom humor que me impressionaram. Hoje, um pouco mais próximo, me fascino com sua paixão pela vida e pelos amigos; me encanto por ela nunca deixar de se divertir ao mesmo tempo em que protege e faz felizes todos os que têm o prazer de serem próximos dessa pessoa maravilhosa. Até comer salmão estragado ou levar o carro na oficina é um bom programa quando ela está a seu lado.

Mas ainda falta contar uma história...

Quando terminei minha dissertação de mestrado, presenteei minha mãe com uma cópia. Ela me elogiou e parabenizou, mas fez uma ‘séria’ reclamação: seu nome vinha em último lugar na lista de agradecimentos e, pior!, eu a agradecia apenas por ela ter me presenteado com alguns livros para a dissertação. Era uma injustiça! Foi ela quem me ensinou a pensar por mim mesmo, a ser crítico e a duvidar das ‘verdades’ do mundo. Foi ela quem me despertou o interesse pela literatura, pela história e pela filosofia (lembro-me muito bem dela me incentivando a ler a *Apologia de Sócrates* quando eu tinha uns doze ou treze anos e achava que filosofia era ‘chato’). Ri de suas provocações e prometi ‘solenemente’ a ela que, quando terminasse minha tese de doutorado, ela poderia ler seu nome em primeiro lugar na lista de agradecimentos. Infelizmente, não foi possível. Cerca de um mês depois de minha aprovação no curso de doutorado, ela faleceu, aos 54 anos. O agradecimento continua no fim, mas o amor, a dívida e a saudade não têm lugar.

## Abstract

*By the middle of the eighteenth century, the Scotsman James Macpherson published, with remarkable success, two volumes of poetry attributed to an ancient Gaelic poet, Ossian. But an angry dispute over the poems divided the British literati and, in the end, Macpherson was found guilty of forgery and 'his' poems were rejected and forgotten. What is the truth? I argue here that a divergence between Macpherson's political ideas and the concepts of the 'Natural history of mankind' practiced by his Scottish sponsors was essential for the verdict given to Ossian's works.*

**Key words:** *Modern History; History of Scotland; History of Historiography: 18<sup>th</sup> century; History of ideas: nation/national identity; English literature: 18<sup>th</sup> century; Literary theory: forgery/authenticity.*

## Résumé

*Vers le milieu du XVII<sup>ème</sup>, l'écosais James Macpherson publia, avec un succès remarquable, deux volumes de poésie attribués à l'ancien poète gaélique, Ossian. Dès leur publication, cependant, une acerbe controverse sur leur authenticité divisa les intellectuels britanniques et, finalement, Macpherson passa dans l'histoire comme un faussaire sans scrupule et « ses » poèmes furent rejetés et oubliés. Qu'en est-il de la vérité? J'argumente ici qu'un conflit entre les idées politiques de Macpherson et les conceptions d'« histoire naturelle » pratiquées par ses bienfaiteurs écossais fut fondamental pour la caractérisation négative faite des poèmes d'Ossian.*

**Mots clef:** *Histoire moderne ; Histoire de l'Écosse ; Histoire de l'Historiographie : XVIII<sup>ème</sup> siècle ; Histoire intellectuelle : nation/identité nationale ; Littérature de langue anglaise : XVIII<sup>ème</sup> siècle ; Théorie de la littérature : falsification/authenticité.*

## Resumo

*Em meados do século XVIII, o escocês James Macpherson publicou, com extraordinário sucesso, dois volumes de poesia que eram apresentados como traduções de um antigo poeta gaélico, Ossian. Desde a publicação, no entanto, uma acirrada controvérsia sobre sua autenticidade dividiu os intelectuais britânicos e, por fim, Macpherson foi condenado como um falsificador sem escrúpulos e 'seus' poemas rejeitados e esquecidos. Qual a verdade? Argumento aqui que um conflito entre as idéias políticas de Macpherson e as concepções setecentistas da 'História natural do homem' foi fundamental para o veredicto negativo dado aos poemas de Ossian.*

**Palavras chave:** *História moderna; História da Escócia; História da Historiografia: século XVIII; História das idéias: nação/identidade nacional; Literatura inglesa: século XVIII; Teoria da literatura: falsificação/authenticidade.*

## Obras de Macpherson

1. *Death: a poem* [512 vv.]
  - Encontrado em um manuscrito com anotações diversas (poemas, trabalhos de escola, contas relativas à administração de sua casa, etc.) na letra de Macpherson após sua morte. Não se sabe a data de composição.
2. *To a friend, mourning the death of miss... Hor[ace] lib[er] 1 ode 24 imitated* [42 vv.]
  - Publicado na *Scots magazine* (maio/1755).
3. *The hunter: a poem. In ten cantos* [1685 vv.]
  - Encontrado sem título no mesmo manuscrito de #1. Parece ter sido composto em 1756 e ser um primeiro esboço para #4. Recebeu seu título da pena de Malcolm Laing em sua edição das obras de Macpherson (#19).
4. *The highlander: a poem. In six cantos* [1792 vv.]
  - Publicado em Edimburgo em abril de 1758, foi completamente ignorado por público e crítica.
5. *On the death of marshal Keith* [66 vv.]
  - Publicado sob as iniciais J. M'P. na *Scots magazine* (outubro/1758).
6. *Fragments of ancient poetry, collected in the highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse language* [70 pp.]
  - Publicado em Edimburgo em junho de 1760. Pequeno volume contendo quinze breve poemas, quase todos sem título, atribuídos “aos bardos” e antecedidos por um curto prefácio, não assinado, redigido por Hugh Blair. Não havia qualquer menção ao nome de Macpherson. A segunda edição, publicada em outubro, trazia um poema extra (‘fragmento’ XIII) e algumas correções textuais.
7. *Fingal, an ancient epic poem in six books: together with several other poems composed by Ossian, the son of Fingal. Translated from the Galic language* [270 pp.]
  - Luxuoso volume *in quarto* com o nome de Macpherson em destaque na folha de rosto e uma extensa dissertação sobre a antigüidade (e a autenticidade) dos poemas. Publicado em Londres em dezembro de 1761, trazia a data de 1762 na folha de rosto.
8. *Temora, an ancient epic poem in eight books: together with several other poems composed by Ossian, the son of Fingal. Translated from the Galic language* [247 pp.]
  - Publicado em Londres em março de 1763, com o mesmo aparato que #7. A dissertação era dedicada, principalmente, à história dos povos gaélicos.

9. *The works of Ossian, the son of Fingal, in two volumes. Translated from the Galic language by James Macpherson. The third edition. To which is subjoined a critical dissertation on the poems of Ossian. By Hugh Blair, D.D.* [375+460 pp.]
- Edição ‘popular’ in octavo de #7 e #8. Continha cerca de 400 revisões textuais e incluía a importante *Dissertação crítica*, de Hugh Blair (início de 1763), completa com o *Apêndice* (maio de 1765) que discutia *Temora* e fornecia evidências a respeito da autenticidade dos poemas. Publicado em Londres na segunda metade de 1765.
10. *An introduction to the history of Great Britain and Ireland: or, an inquiry into the origin, religion, future state, character, manners, morality, amusements, persons, manner of life, houses, navigation, commerce, language, government, kings, general assemblies, courts of justice, and juries, of the Britons, Scots, Irish, and Anglo-Saxons* [404 pp.]
- Discussão das antigüidades britânicas, com ênfase na origem escocesa dos gaels e em sua influência na criação das tradições e instituições das ilhas. Publicado em Londres em 1771, teve uma segunda edição no ano seguinte e uma terceira um ano depois.
11. *The Iliad of Homer. Translated by James Macpherson, Esq. In two volumes* [375+443 pp.]
- Publicado em Londres em 1773.
12. *The poems of Ossian. Translated by James Macpherson, Esq., in two volumes. A new edition, carefully corrected, and greatly improved* [404+436 pp.]
- Publicado em Londres em 1773, tratava-se de uma extensa revisão de #9, com diversas mudanças estilísticas como a extirpação de conjunções, o alongamento das pausas entre as frases, a mudança temporal dos verbos do passado para o presente (para sugerir uma elocução ‘espontânea’) e a mutilação das notas explicativas, que abdicam de todas as referências a passagens similares de poemas clássicos e modificam expressões como ‘segundo Ossian’ para ‘segundo o poema’, abafando a parte do bardo e enfatizando o trabalho do editor na produção ossiânica. Além disso, trazia os poemas organizados em ordem ‘cronológica’, com as dissertações de Macpherson e Blair fechando o volume. A nova ordem dos poemas permite uma leitura mais leve e agradável, pois os poemas breves introduzem o leitor no mundo de Ossian antes do encontro com os volumosos épicos e dissertações, mas não há nenhuma evidência na tradição gaélica para a mudança (argumento usado para justificá-la).
13. *The history of Great Britain, from the restoration to the accession of the house of Hannover. In two volumes* [706+680 pp.]
- Publicado em Londres em 1775.

14. *Original papers, containing the secret history of Great Britain from the restoration to the accession of the house of Hanover. To which are prefixed extracts from the life of James II as written by himself. In two volumes* [711+690 pp.]
  - Publicado em Londres em 1775.
15. *The rights of Great Britain asserted against the claims of America: being an answer to the declaration of the General Congress* [92 pp.]
  - Publicado em Londres em 1776.
16. *The history and management of the East India Company, from its origin in 1600 to the present times*
  - Publicado em Londres em 1779.
17. *A short history of opposition during the last session of Parliament* [58 pp.]
  - Publicado em Londres em 1779.

*Após a morte de Macpherson (1796), foram publicadas diversas obras relativas à questão ossiânica. Dessas, as mais importantes foram:*

18. *Report of the committee of the Highland Society of Scotland, appointed to inquire into the nature and authenticity of the poems of Ossian. Drawn up, according to the directions of the committee, by Henry Mackenzie, Esq., its convener or chairman. With a copious appendix, containing some of the principal documents on which the report is founded* [155+343 pp.]
  - Publicado em Edimburgo em 1805, esse volume foi considerado a palavra final contra as pretensões de autenticidade de Macpherson a respeito de Ossian. Não obstante, as discussões prosseguiram e, anos depois, críticos influentes ainda defendiam o filho de Fingal.
19. *The poems of Ossian, &c. containing the poetical works of James Macpherson, Esq., in prose and rhyme: with notes and illustrations by Malcolm Laing, Esq. In two volumes* [lxix+579+633 pp.]
  - Publicada em Edimburgo em 1805, trata-se da primeira ‘obra completa’ do nosso *highlander*, contendo quase toda sua poesia (#1, #3, #4 e #5) e os poemas de Ossian (#6, #7 e #8, mas omitindo as dissertações em #7 e #8). Além disso, a edição inclui três poemas publicados na *Scots magazine* sob as iniciais J.M’P. e J.M. (atribuídos por Laing ao tradutor de Ossian, mas de autoria incerta), doze poemas publicados sob o nome de Macpherson em *A collection of original poems, by the rev. Mr. Blacklock and other Scotch gentlemen* (1760), uma extensa introdução e copiosas notas relatando inúmeras passagens similares em outros poemas, que, segundo o editor, eram “os verdadeiros originais” de Ossian.

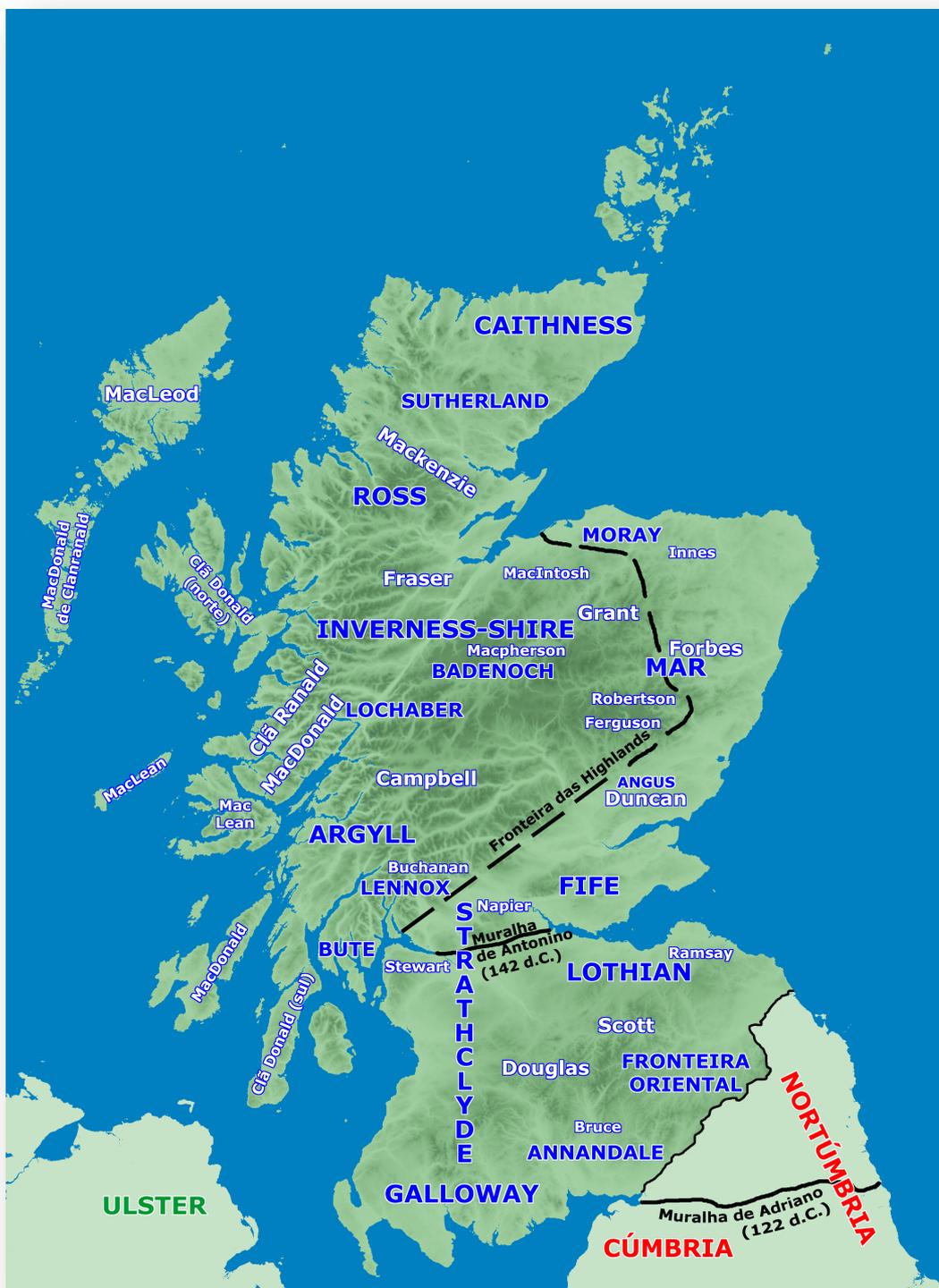
20. *The poems of Ossian, in the original Gaelic, with a literal translation into Latin by the late Robert Macfarlan, A.M. Together with a dissertation on the authenticity of the poems, by Sir John Sinclair, bart. And a translation from the Italian of the abbé Cesarotti's Dissertation on the controversy respecting the authenticity of Ossian, with notes and a supplemental essay, by John M'Arthur, LL.D. Published under the sanction of the Highland Society of London (Londres, 1807).*

- Publicado em Londres em 1807, o texto gaélico, ou pelo menos a maior parte dele, era de autoria do próprio Macpherson. Acredita-se que ele se dedicou a essa versão desde as publicações de #7 e #8 e que as modificações textuais em #9 e #12 foram feitas para adequar melhor os poemas ingleses à versão gaélica.

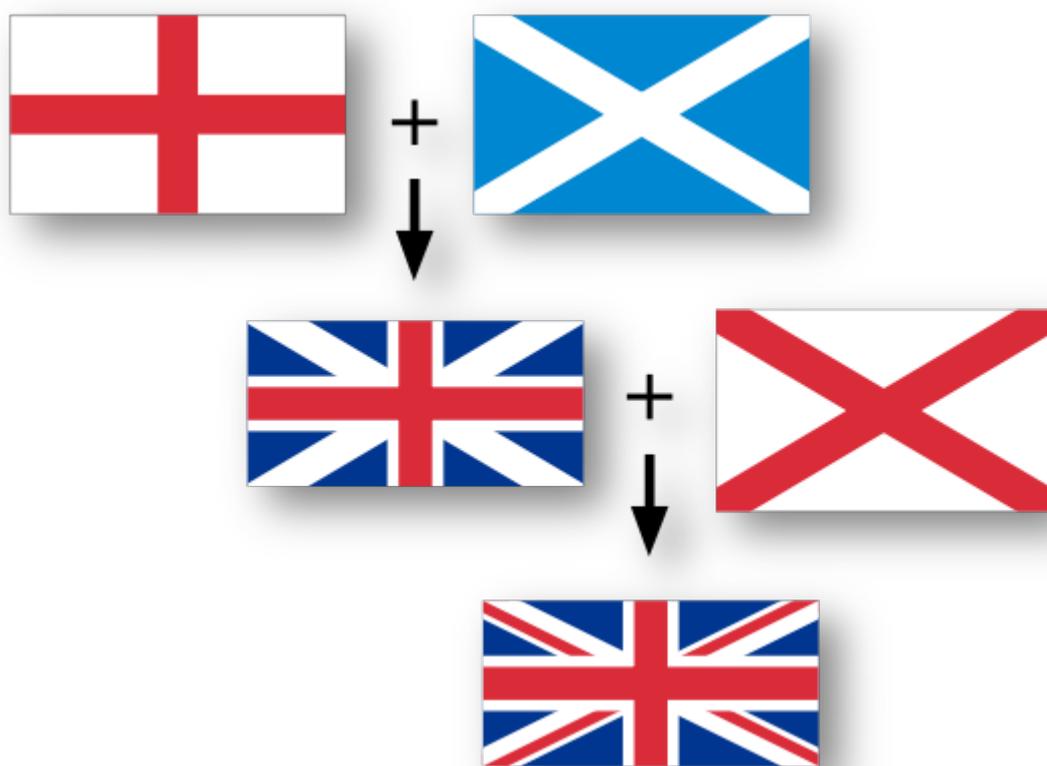
## Ilustrações



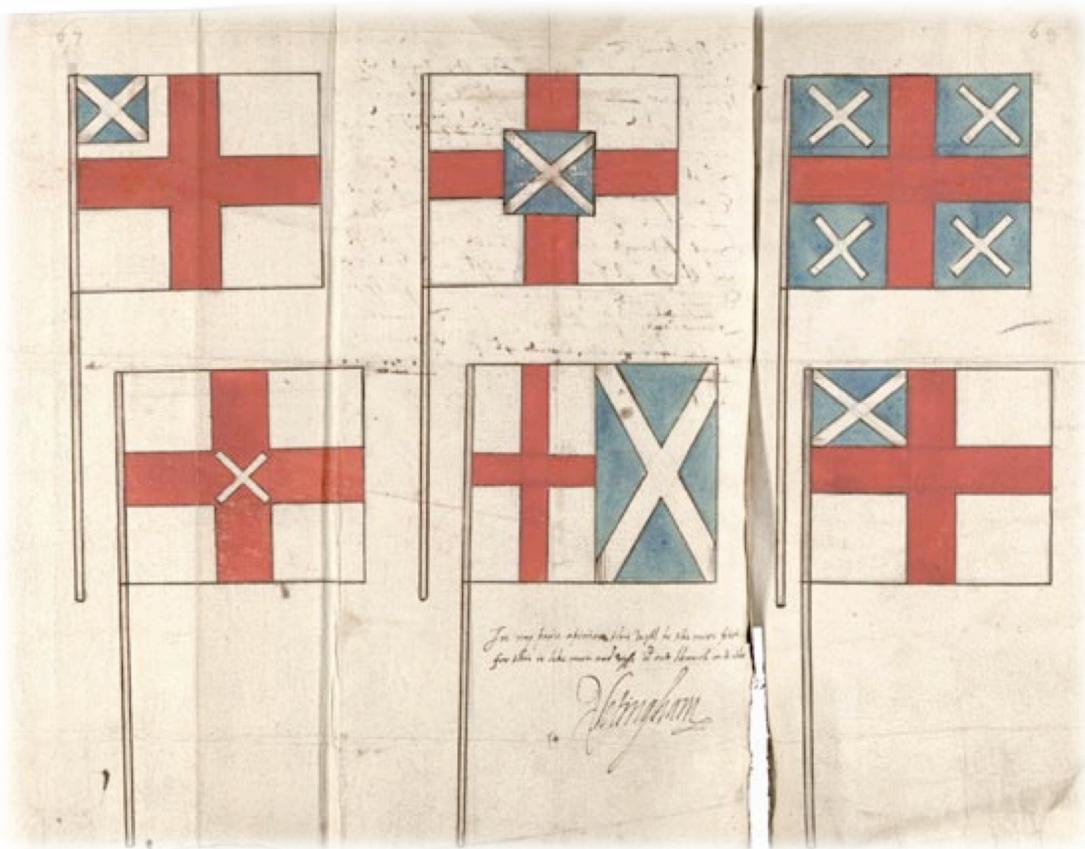
**Figura 1:** mapa geográfico da Escócia, com alguns dos topônimos citados no texto.



**Figura 2:** principais famílias (em branco) e condados (em azul) da Escócia, com as muralhas romanas e a ‘fronteira’ das Highlands destacadas em preto.



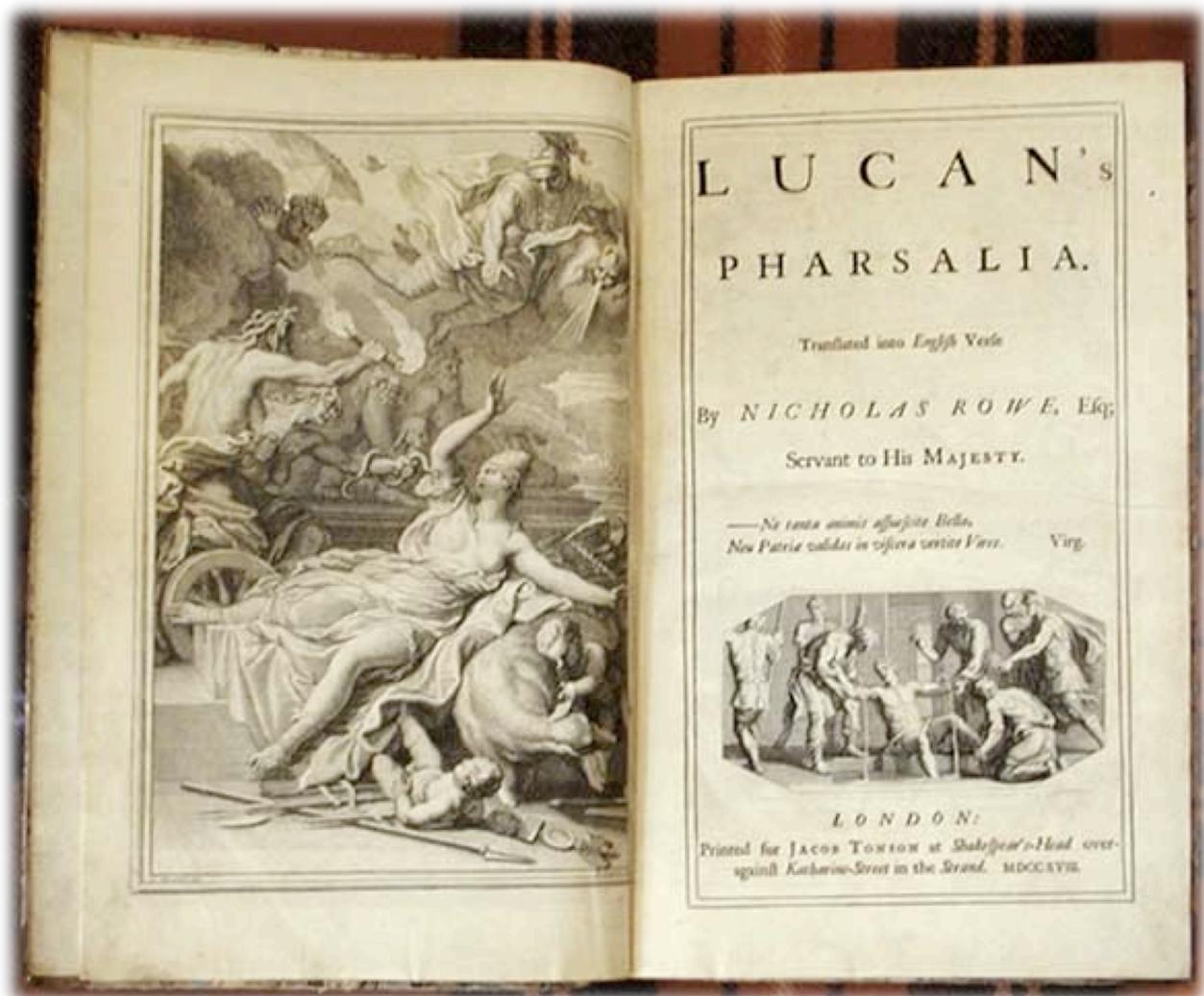
**Figura 3:** no alto: bandeiras da *Inglaterra* (cruz de são Jorge) e da *Escócia* (cruz de santo André); no meio: bandeiras da *Grã-Bretanha* (1606-1634, 1707-1800) e da *Irlanda* (cruz de são Patrício); abaixo: bandeira do *Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda* (1801-hoje).



**Figura 4:** propostas alternativas para a bandeira da Grã-Bretanha (1606).



**Figura 5:** *James Macpherson*. Gravura anônima, a partir de pintura atribuída a sir Joshua Reynolds. Scottish National Portrait Gallery (Edimburgo).



**Figura 7:** edição da *Guerra Civil (Farsália)*, de Lucano, por Nicholas Rowe (1719).

# F I N G A L,

A N

## ANCIENT EPIC POEM,

In S I X B O O K S :

Together with several other POEMS, composed by  
**OSSIAN the Son of FINGAL.**

Translated from the GALIC LANGUAGE,

By JAMES MACPHERSON.

*Fortia facta patrum.*

VIRGIL.

THE SECOND EDITION.

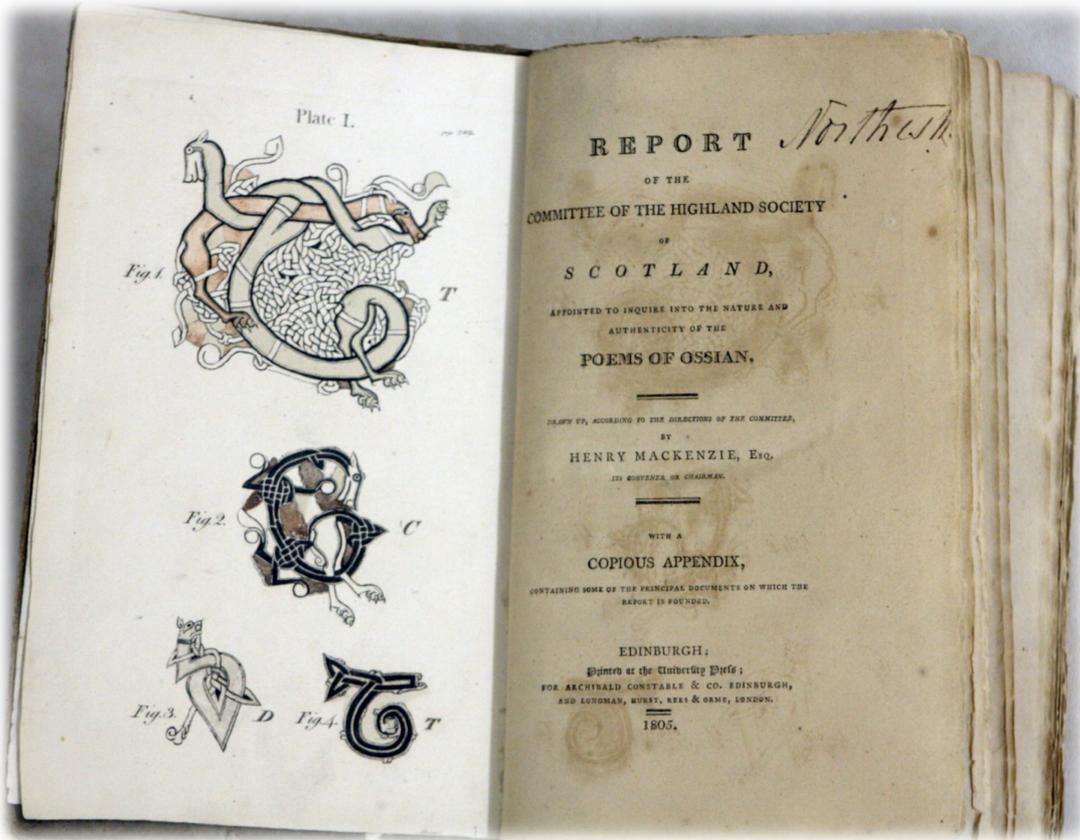
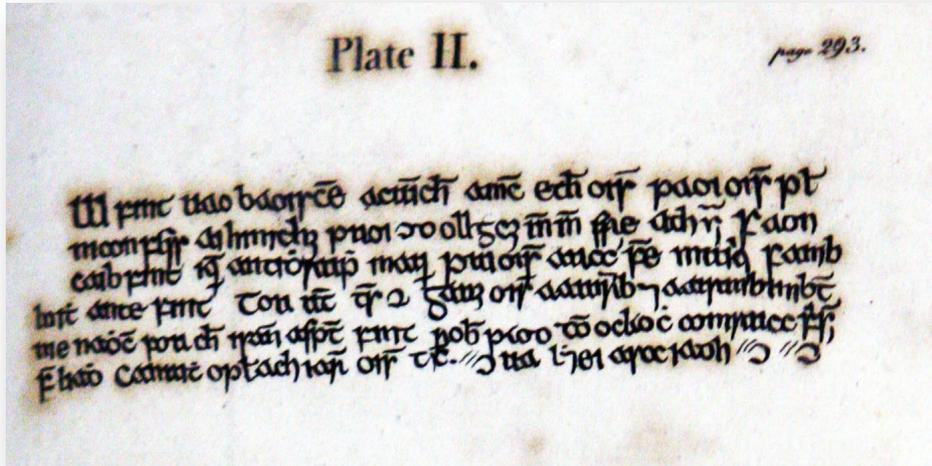


L O N D O N ;

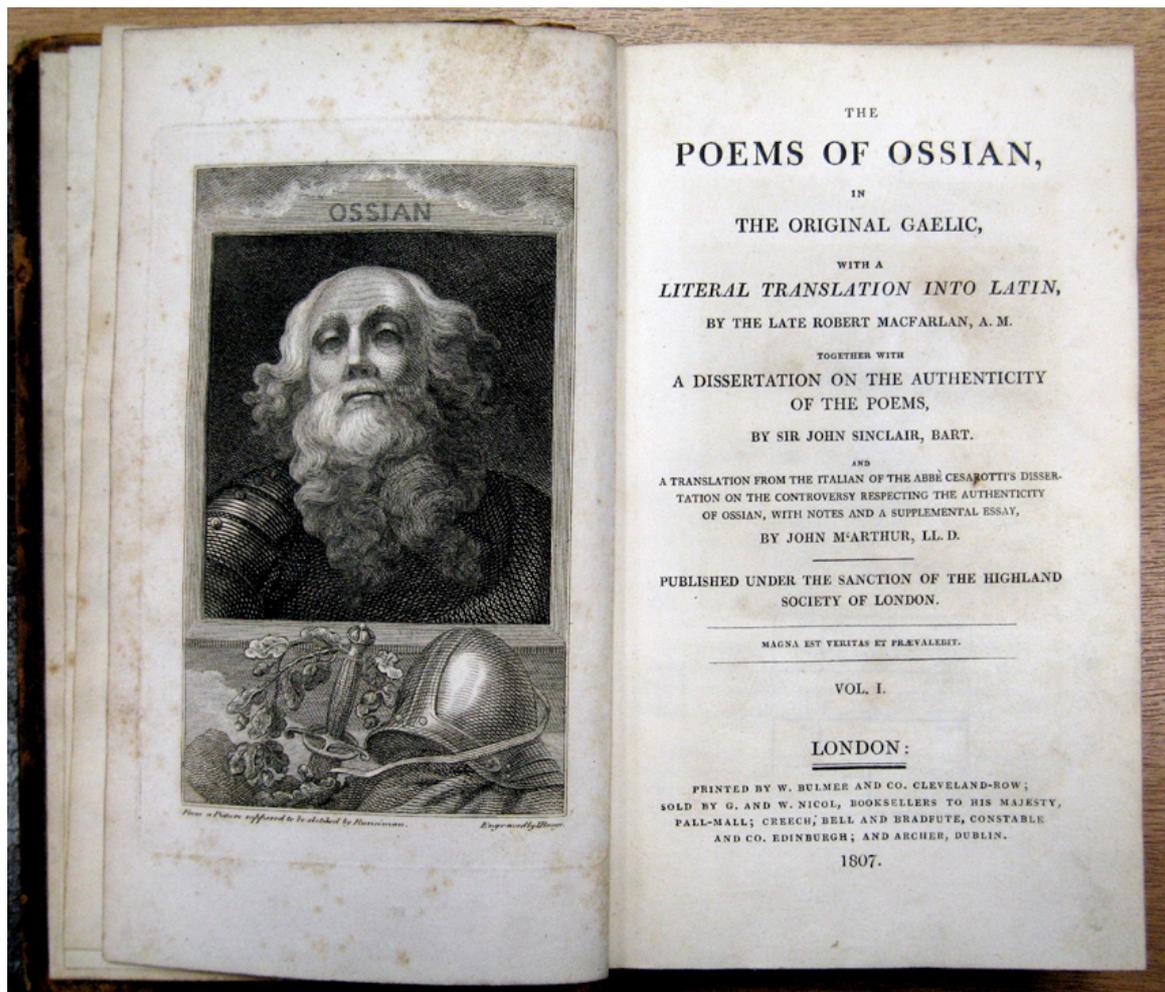
Printed for T. BECKET and P. A. De HONDT, in the Strand.

M DCC LXII.

**Figura 6:** folha de rosto de *Fingal*.



**Figura 8:** exemplos de escrita e caracteres gálicos, retirados do relatório da *Highland Society of Scotland* sobre a autenticidade dos poemas de Ossian (1805).



**Figura 9:** edição de Ossian em gaélico (1807), com gravura atribuída a Alexander Runciman.

## I. A questão ossiânica

*Pilatos lhe disse: “o que é a verdade?” E tendo dito isso, saiu de novo e foi ao encontro dos judeus e lhes disse: “Nenhuma culpa encontro nele”.*

João, XVIII, v. 38.

Provavelmente, a única vez que algum historiador brasileiro leu algo sobre James Macpherson em português foi no segundo capítulo do livro organizado pelo historiador-celebridade Eric Hobsbawm, *A invenção das tradições*.<sup>1</sup> Ali, no artigo sobre os *kilts* e *tartans* das Terras Altas da Escócia, por Hugh Trevor-Roper, barão Dacre de Glanton, encontramos:

James Macpherson recolheu baladas irlandesas na Escócia, escreveu um poema ‘épico’ no qual o cenário já não era o irlandês, mas o escocês, e depois descartou as baladas genuínas como composições posteriores, cópias de ‘Ossian’ - e também a literatura irlandesa real, a que elas pertenciam, como se fosse um simples reflexo.<sup>2</sup>

Supõe-se que Trevor-Roper tenha sido um especialista em falsificações. Lendo-o, fica realmente difícil não se admirar com o “absoluto descaramento” desse “fanfarrão ganancioso” que, “com uma determinação impiedosa”, roubou poemas para “adquirir fortuna e poder”, os reescreveu e acusou os verdadeiros originais de cópias.<sup>3</sup>

A opinião de lorde Dacre, no entanto, não é mais que a continuação de uma tradição secular de críticas a Macpherson e ‘seu’ Ossian, cuja voz mais conhecida - e, provavelmente, a mais decisiva - foi a de Samuel Johnson, o mais importante homem de letras da Inglaterra no século XVIII:

Imagino que minha opinião sobre os poemas de Ossian já foi descoberta. Acredito que nunca existiram em outra forma que não seja a que vimos. O editor, ou autor [Macpherson], nunca poderia

---

<sup>1</sup> Para as referências completas, ver a bibliografia no final do texto.

<sup>2</sup> Hugh TREVOR-ROPER, *A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands)* da Escócia, p. 27.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, pp. 27, 51.

apresentar o original; nem poderia ele ser apresentado por nenhum outro.<sup>4</sup>

Quaisquer que fossem os méritos e defeitos da opinião do Dr. Johnson e de seus seguidores, a falsidade dos poemas de Ossian e o mau-caráter de seu editor/autor se tornaram verdade estabelecida, relegando ambos ao desprezo de grande parte da história e crítica literárias. Apenas a partir da publicação de *The Gælic sources of Macpherson's 'Ossian'*, de Derick S. Thomson (1952), a opinião acadêmica começou a ser revista e, mais de trinta anos depois, *The sublime savage*, de Fiona Stafford (1988), e *James Macpherson*, biografia crítica por Paul J. deGatigno (1989), foram as primeiras obras que questionaram o veredicto de ‘falsificação’ dado aos poemas de Ossian. Essas pesquisas, no entanto, ainda não se refletiram na maior parte da história literária ‘oficial’, disponível ao grande público.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Samuel JOHNSON, *A journey to the western islands of Scotland* (1775), p. 107. As traduções, exceto quando indicadas, são minhas; quando se tratar de poemas, o original será dado em nota.

<sup>5</sup> Como podemos constatar em uma rápida passada d’olhos em alguns manuais. Anthony BURGESS, o celebrado autor de *Laranja mecânica*, faz rápida menção a Macpherson em seu clássico guia *A literatura inglesa* (1958), chamando os poemas de “fabricação literária” e Ossian de “bardo gaélico fictício” (p. 180); *A critical history of English literature* (1960), do escocês David DAICHES, cita os poemas apenas como influência de Robert Burns (p. 817), ignorando-os ao falar da formação literária de Walter Scott, por exemplo (p. 831). Mais recente, *The Oxford companion to English literature* (2000), editado por Margaret DRABBLE, é quase uma exceção, relatando a controvérsia em torno dos poemas e ressaltando que “a imensa popularidade da poesia sobreviveu à exposição de suas origens” (p. 628), mas *English literature in context*, editado por Paul POPLAWSKI para a Universidade de Cambridge em 2008, que se propõe ser “um recurso e uma ferramenta de referência essencial para todos os estudantes de literatura inglesa”, reserva apenas uma linha para Macpherson e novamente chama Ossian de “poeta gaélico imaginário” (p. 332).

No Brasil, depois de causar furor no século XIX, os poemas de Ossian não têm sido objeto de grandes preocupações entre literatos e acadêmicos. No já longínquo ano de 1958, o crítico literário Eugênio Gomes publicou, nos jornais *Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, duas conferências proferidas na

Se hoje é quase um desconhecido, James Macpherson “fez algum alarde em sua época, tanto no mundo literário quanto no político”.<sup>6</sup> Irrompeu na cena literária em dezembro de 1761 como tradutor de um poema épico composto por um bardo gaélico do século III, Ossian, filho de Fingal, rei de Morven (costa ocidental da Escócia) e o herói que dava nome à epopéia. A publicação foi um sucesso instantâneo e outro épico, *Temora*, foi publicado pouco depois (março de 1763), com igual sucesso.

Macpherson voltou-se, então, para a política, tornando-se secretário do governador da Flórida. Alguns anos depois, de volta a Londres, supervisionou os jornais do governo, traduziu a *Iliada* homérica em prosa ‘à moda de Ossian’ e escreveu história e panfletos políticos, coroando sua trajetória com a eleição para o parlamento britânico por Camelford, na Cornualha (sudeste da Inglaterra).

Mas as acusações chegaram de mãos dadas com o sucesso e, quase simultaneamente à publicação dos poemas, surgiram as primeiras dúvidas sobre sua autenticidade. Existira um bardo chamado Ossian na Escócia antiga? Seus poemas sobreviveram? Macpherson teria acesso a esses poemas? Teria traduzido-os fielmente? Mesmo hoje, algumas dessas perguntas não têm respostas simples.

---

Faculdade de Filosofia da URGs sobre a influência do bardo no Brasil e em José de Alencar. Vinte e cinco anos se passaram até que o filólogo José Paulo Paes publicasse, no suplemento dominical de cultura da *Folha de São Paulo*, um artigo intitulado *Ossian, ou o falsário verdadeiro*, em que apresentava os polêmicos poemas ao público brasileiro. No ambiente acadêmico mais recente, pude encontrar alguns artigos e dissertações de mestrado, todos dedicados ao tema da difusão brasileira do ossianismo. Nessa linha, a professora Ofir Bergemann de AGUIAR publicou sua dissertação pela editora da UFG sob o título *Ossian no Brasil* (1999). Temos ainda, em português, o estudo *Macpherson e o Ossian em Portugal* (2001), de autoria de Maria Gabriela BUESCU, mas não consegui encontrar nenhuma referência a essa obra entre os pesquisadores brasileiros.

<sup>6</sup> A expressão é de seu obituário (*Gentleman's magazine*, 1796; *apud* Fiona STAFFORD & Howard GASKILL (ed.). *From Gaelic to romantic: ossianic translations*, p. xi).

## Poesia gaélica e a questão dos manuscritos

James Macpherson começou a colecionar antigos poemas em língua gaélica bem cedo, provavelmente desde 1756, quando retornou à sua cidade natal, Ruthven (Inverness-shire), após pouco mais de três anos nas universidades de Aberdeen e Edimburgo. Estabelecido como professor, um de seus alunos lembrava-se claramente dele “andando pela vizinhança, para anotar aqueles poemas gaélicos e canções que julgasse de maior mérito”. Alguns anos depois, sua coleção deveria ser considerável e Thomas Graham de Balgowan, primeiro barão Lynedoch, que tinha sido seu pupilo em 1759, lembrava-se de ter “visto na posse do Sr. Macpherson vários manuscritos em língua gaélica e ouvira-o falar deles repetidas vezes”.<sup>7</sup>

Embora não exista nenhuma evidência direta, Macpherson deve ter sido influenciado pela primeira tradução inglesa de um antigo poema gaélico, *Albin and the daughter of May: an old tale, translated from the Irish*, publicada por Jerome Stone na *Scots magazine*, em janeiro de 1756.<sup>8</sup> A tradução era precedida de uma carta ao editor:

Senhor, aqueles que têm um conhecimento tolerável da língua irlandesa devem saber que há várias composições poéticas, algumas de grande antigüidade, cujo mérito lhes dá direito a serem eximidas da desafortunada negligência, ou melhor, aversão, a que a ignorância tem sujeitado a enfática e venerável língua na qual elas foram compostas. [...]<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Apud Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, pp. 66-67.

<sup>8</sup> Ver *idem, ibidem*, p. 65; também Derick S. THOMSON, James Macpherson – the Gaelic dimension, p. 19.

<sup>9</sup> Apud Edward D. SNYDER, *The Celtic revival in English literature*, pp. 71-72. A referência à língua ‘irlandesa’ não deve nos enganar: o poema, cujo título original era *Bàs Fraoich* [a morte de Fraoch], fora composto em gaélico escocês. A questão é que tanto o gaélico escocês quanto o irlandês desenvolveram-se a partir de um gaélico ‘clássico’, comum à Escócia e à Irlanda. Por volta do século XVI, no entanto, o gaélico escocês passou a ser associado com o estrangeiro e chamado de

É importante perceber, portanto, que, quando Macpherson iniciou sua coleção, já existiam, não apenas na Escócia, tentativas de ‘recuperar’ as línguas celtas e sua poesia. Lewis Morris (1702-1765), por exemplo, era um ávido colecionador de antigüidades galesas; escreveu poesia e publicou livros em sua língua natal, produzindo, em inglês, uma extensa descrição antiquária dos materiais à sua disposição. Na Escócia, além de Jerome Stone, podemos encontrar vários outros que se dedicaram a examinar antigos manuscritos gaélicos e transcrever récitas poéticas, tais como Alexander Pope, ministro de Rea (em Caithness; não confundir com o poeta inglês homônimo), Alexander MacDonald, Donald MacNicol e Archibald Fletcher.<sup>10</sup>

A existência de antigos manuscritos em gaélico foi amplamente discutida nas décadas que se seguiram à publicação de *Fingal e Temora*. Samuel Johnson, por exemplo, acreditava que os manuscritos seriam os ‘originais’ dos poemas de Macpherson. Como, acreditava o Dr. Johnson, eles não existiam, Ossian era uma fraude:

O estado da questão é o seguinte. Ele [Macpherson] e o Dr. [Hugh] Blair, a quem eu considero como [alguém] enganado [por Macpherson], dizem que ele copiou os poemas de velhos manuscritos. Suas cópias, se ele as possui, e eu acredito que ele não tem nenhuma, não são nada. Onde estão os manuscritos? Eles podem ser apresentados, se existem, mas nunca foram apresentados. *De non existentibus et non aparentibus*, diz nossa lei, *eadem est ratio* [sobre o que não existe e o que não aparece, a razão é a mesma].

---

*Erse*, palavra gaélica que significa ‘irlandês’ (o último rei da Escócia que falava gaélico, Jaime IV Stewart, morreu em 1513). Ver *infra*, cap. 2, pp. 76s.

<sup>10</sup> A coleção de MacDonald foi publicada em 1751. As demais foram encontradas pelo erudito escocês John Francis Campbell (1821-1885) e publicadas em 1872 em sua obra essencial *Leabhar na Féinne [Canções dos Fiannas]: heroic Gaelic ballads collected in Scotland, chiefly from 1512 to 1871*. Ver Fiona STAFFORD, *op. cit.*, pp. 62ss. Sobre Lewis Morris e o ‘celticismo’ em Gales, ver Edward D. SNYDER, *op. cit.*, pp. 17ss.

Ninguém tem tanto crédito [a ponto de acreditarmos somente em sua palavra] quando melhores evidências poderiam ser facilmente mostradas, se ele as possuísse. Mas, até onde sabemos, a língua *Erse* não foi escrita até tardiamente, para questões religiosas. Uma nação que não pode escrever, ou uma língua que nunca foi escrita, não tem manuscritos.<sup>11</sup>

Não resta dúvida de que o Dr. Johnson estava certo em relação à antigüidade dos textos. Nenhum manuscrito ou poema encontrado por Macpherson datava do século III. Provavelmente, sua coleção era formada por baladas heróicas, compostas principalmente entre os séculos XII e XVI, atribuídas tradicionalmente a Ossian. Essas baladas foram preservadas pela tradição oral e em alguns manuscritos, dos quais o mais antigo e importante era *The book of the dean of Lismore*, compilado por Sir James MacGregor, deão da catedral de Lismore, e seu irmão Duncan, entre 1512 e 1526. Trata-se, sem dúvida, de uma coleção essencial e extensiva, pois, apesar de ser uma produção de Argyllshire, o manuscrito de Lismore contém igualmente poemas de autores escoceses e autores irlandeses, poemas apresentados a patronos escoceses e poemas apresentados a patronos irlandeses.<sup>12</sup>

Macpherson possuía, de fato, o volume de Lismore, cuja preservação lhe devemos.<sup>13</sup> Ele o expôs, junto com outros manuscritos, na loja de seu editor em 1762, e, em seguida às acusações de Johnson, na sede da *Highland society of London*. Samuel Johnson não sabia gaélico e,

---

<sup>11</sup> Carta a James Boswell, 7/fev/1775; em: James BOSWELL, *Life of Johnson*, p. 578.

<sup>12</sup> Deve-se observar que, apesar dos *corpora* de baladas da Irlanda e da Escócia serem intimamente relacionados, eles não são, de maneira nenhuma, idênticos. Com o tempo, houve uma mudança lingüística na Escócia e, enquanto os poemas mais antigos foram compostos em gaélico 'clássico', a língua dos mais recentes era o gaélico escocês popular. Ver Derick THOMSON, *An introduction to Galic poetry*, p. 100; Donald E. MEEK, *The Gælic ballads of Scotland*, *passim*, esp. pp. 26-27.

<sup>13</sup> Encontra-se, hoje, na Biblioteca Nacional da Escócia, como ADV MS 72.1.37. Para uma lista dos manuscritos de Macpherson ainda existentes, ver Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 184.

portanto, não pôde conferir pessoalmente o desafio, mas um de seus protegidos, o reverendo William Shaw, especialista em gaélico, foi e descreveu, vagamente, o que lhe pareceu ser “poesia gaélica genuína”, mas “de um mérito muito inferior a qualquer coisa que Macpherson tenha dado como amostra de Ossian”.<sup>14</sup>

Quaisquer que fossem os manuscritos gaélicos existentes no século XVIII, no entanto, sua participação na preparação dos poemas ‘ingleses’ de Ossian foi, provavelmente, secundária. Macpherson, embora falasse gaélico fluentemente e fosse dotado de um “gênio para a poesia muito superior [...] a qualquer poeta contemporâneo”, não sabia ler o *corr-litir*, a escrita gaélica utilizada nos manuscritos antigos.<sup>15</sup> Sabemos que alguns textos foram transliterados para caracteres latinos por seu parente Lachlan Macpherson de Strathmashie, ele mesmo um grande poeta gaélico, mas o próprio James Macpherson afirmava que sua principal fonte tinha sido outra:

depois de uma peregrinação de seis meses, o tradutor coletou *da tradição* e de *alguns* manuscritos todos os poemas nessa coleção.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> *An enquiry into the authenticity of the poems ascribed to Ossian* (2ª ed., 1782); *apud* Howard GASKILL, *Ossian revisited*, p. 10. William Shaw escreveu uma gramática (*An analysis of the Galic language*, 1778) e um dicionário de gaélico (*A Galic and English dictionary*, 1780), antes de publicar seu ataque a Macpherson (1ª ed., 1781). Infelizmente, suas obras eram de “um mérito muito inferior” a qualquer coisa publicada por seu protetor. Ver Thomas M. CURLEY, *Johnson’s last word on Ossian*; Richard B. SHER, *Percy, Shaw, and the Ferguson ‘cheat’*.

<sup>15</sup> A expressão entre aspas é de Malcolm Laing, editor de Ossian e ferrenho opositor de Macpherson, que acrescentou a ressalva “com a exceção de [Thomas] Gray”. *The poems of Ossian, &c* (1805), vol. II, p. 264. Sobre o uso e as dificuldades dos manuscritos gaélicos, ver Donald E. MEEK, *The Gælic ballads of Scotland*, p. 26; também Howard GASKILL, *Ossian revisited*, p. 9. Não é demais lembrar que foi apenas com a tradução da Bíblia (1767), que a escrita gaélica foi padronizada na Escócia.

<sup>16</sup> A dissertation concerning the antiquity, &c. of the poems of Ossian, the son of Fingal (1761), *The poems of Ossian and related works*, p. 51 (grifos meus).

O que Macpherson tinha, portanto, não eram poemas escritos, mas performances orais (mesmo se transcritas em algum momento), resultado de uma longa tradição de bardos e cantores populares.<sup>17</sup> Mas a própria idéia de uma tradição oral capaz de transmitir poemas por gerações também não parecia crível. O grande filósofo e historiador David Hume foi bastante explícito em relação a esse ponto:

Considere o tamanho desses poemas. [...] E foram compostos, você diz, nas *Highlands*, cerca de quinze séculos atrás; e foram fielmente transmitidos, desde então, pela tradição oral [...]? Pode ser mostrada uma balada que foi transmitida, incorrupta, pela tradição oral, por três gerações, entre os gregos, ou italianos, ou fenícios, ou egípcios?<sup>18</sup>

De fato, quando da primeira publicação dos poemas, os estudos sobre a poesia oral e suas possibilidades de transmissão ainda estavam em seus primórdios. Foi apenas em 1795 que o alemão Friedrich August Wolf, que conhecia os poemas ossiânicos desde a juventude, defendeu a idéia de que os épicos homéricos eram composições orais e apenas na década de 1930 que os americanos Milman Parry e A. B. Lord registraram performances de cantores analfabetos que sabiam de cor gigantescos poemas, praticamente iguais em todas as récitas.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Sobre a transição da poesia gaélica dos bardos eruditos e profissionais aos poetas populares, ver Derick THOMSON, *An introduction to Gaelic poetry*, caps. 1-3.

<sup>18</sup> David HUME, Of the authenticity of Ossian's poems (não-publicado), *Essays moral, political, and literary*, p. 416.

<sup>19</sup> A teoria da origem rapsódica das epopéias homéricas foi formulada pela primeira vez pelo abade d'Aubignac em suas *Conjectures académiques ou dissertation sur l'Iliade d'Homère* (escrito em 1664 e publicado postumamente em 1715). No ambiente britânico, o grande helenista inglês Richard Bentley discutiu a 'hipótese oral' em 1713, o escocês Thomas Blackwell pintou um quadro bastante vivo da récita do aedo homérico em 1735 (*An enquiry into the life and writings of Homer*) e o irlandês Robert Wood foi o primeiro a defender o analfabetismo do pai da poesia (*Essay on the original genius of Homer*, 1767). Ver Sonia LACERDA, *Metamorfoses de Homero*, pp. 52, 161, 224. Kristine Louise HAAGEN liga explicitamente, nos dois

Evidente que a transmissão perfeita, preservando todos os versos palavra por palavra, é impossível na poesia oral. Não obstante, o ideal da récita é conservador. O que é valorizado não é a capacidade de inovação, a individualidade ou a originalidade do intérprete, mas “uma história verdadeira e recontada fielmente”. Esse tradicionalismo permite a permanência de elementos narrativos por gerações. Um intérprete treinado pode, com apenas uma audição, repetir centenas de versos que ele nunca havia ouvido: a história pode ser contada de uma maneira mais ou menos floreada, o número de versos pode variar, a ordem dos acontecimentos pode mudar, canções diferentes podem ser mescladas, mas “a história básica é cuidadosamente preservada”.<sup>20</sup>

Em resumo, Ossian foi um poeta tradicional. Como o grego Homero, é impossível precisar se ‘realmente’ viveu, mas sua poesia era uma realidade, tanto nas Terras Altas escocesas quanto na Irlanda. Seus poemas foram transmitidos oralmente por uma longa cadeia de intérpretes e era essa tradição que Macpherson tinha à sua disposição, tanto em manuscritos quanto em performances por ele presenciadas.

Ao cristalizar essa antiga tradição em uma obra escrita, Macpherson modificou suas fontes, “às vezes adotando e adaptando uma trama, às vezes produzindo uma tradução frouxa de uma seqüência de versos ou estrofes”, às vezes usando nomes e incidentes gaélicos e variando-os, romantizando e adaptando os episódios à sua própria época e gosto.<sup>21</sup>

Analisemos um exemplo das ‘variantes’ de Macpherson:

---

sentidos, os estudos sobre a oralidade da poesia homérica e a controvérsia ossiânica (*Ossian and the invention of textual history*, esp. pp. 313-322).

<sup>20</sup> A.B. LORD, *The singer of tales*, pp. 29, 123. Ver também Walter J. ONG, *The presence of the word*, pp. 22-35; José BIZERRIL Neto, *Da voz ao livro*, pp. 16-39.

<sup>21</sup> Derick S. THOMSON, James Macpherson – the Gaelic dimension, p. 21. Infelizmente, não me foi possível consultar *The Gaelic sources of Macpherson’s ‘Ossian’*, também de Thomson (Edimburgo, 1952). Foi apenas nessa obra - em meados do século XX! - que as baladas gaélicas utilizadas por Macpherson foram identificadas pela primeira vez e seu método de composição analisado.

Levante-se caçador de Tara,  
vejo incontáveis navios  
preenchendo os mares tempestuosos,  
os navios dos estrangeiros.<sup>22</sup>

Esse é o início da balada gaélica *Duan a' Ghairbh mbic Stairn* [*Canção de Garbh mac Starn*], da qual a abertura do primeiro épico ossiânico é diretamente derivada. Observemos o texto de *Fingal*:

Cuchullin sentava-se ao pé do muro de Tura; sob a árvore de folhas murmurantes. – Sua lança reclinava-se na rocha musgosa. Seu escudo jazia na grama. Enquanto pensava no poderoso Carbar, um herói que matara na guerra, o sentinela do oceano veio, Moran, o filho de Fithil.

Levante-se, disse o jovem; Cuchullin, levante-se; vejo os navios de Swaran. Cuchullin, muitos são os inimigos; muitos os heróis do mar escuro.<sup>23</sup>

Vê-se que o primeiro parágrafo é quase totalmente criação de Macpherson (apenas a menção a Tara/Tura, palácio dos reis da Irlanda, é mantida). O seguinte, por sua vez, é bastante próximo dos versos ‘autênticos’. Em *Fingal*, Macpherson utilizou cerca de dezesseis baladas, adaptando-as, reordenando-as e transformando-as em um único poema, com unidade de ação, que pôde ser chamado de épico.

---

<sup>22</sup> *Apud idem, ibidem*, pp. 22-23: “Arise hound of Tara, I see countless ships filling the stormy seas, the ships of the foreigners”. ‘Hound of Tara’, literalmente ‘cão de caça de Tara’, refere-se ao herói Cù Chullain ou Cuchullin.

<sup>23</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 55: “Cuchullin sat by Tura’s wall; by the tree of the rustling leaf. – His spear leaned against the mossy rock. His shield lay by him on the grass. As he thought of the mighty Carbar, a hero whom he slew in war; the scout of the ocean came, Moran the son of Fithil. [§] Rise, said the youth, Cuchullin, rise; I see the ships of Swaran. Cuchullin, many are the foe: many the heroes of the dark-rolling sea”. A abertura de *Fingal* havia aparecido como o ‘fragmento’ XIV da primeira publicação ossiânica de Macpherson, *Fragments of ancient poetry*. Ali, não há menção a Tura e os inimigos são chefiados por Garve (Garbh), que no poema posterior foi rebatizado Swaran.

## Tradução e tradição

Esse uso ‘liberal’ do material gaélico faz dele um falsificador?

Temos que levar em conta que “atos de coleção, edição e tradução são sempre atos de interpretação e remodelagem”.<sup>24</sup> Ao traduzir a antiga tradição das *Highlands* e da Irlanda para um novo público, predominantemente inglês e *lowlander*, qualquer um teria que fazer escolhas, adaptando o material tradicional para o entendimento e apreciação de sua nova audiência. Não podemos esquecer jamais que o tradutor é sempre “um *mediador* entre dois mundos diferentes” e sua tradução não é uma questão meramente lingüística, mas, principalmente, cultural.<sup>25</sup>

Desde o início, Macpherson havia expressado a preocupação de que “nenhuma tradução dele poderia fazer justiça ao espírito e à força do original”: “além de ofendê-los por tradução”, os poemas originais “seriam muito mal recebidos pelo público, como muito diferentes das correntes modernas de idéias e de poesia moderna, *conexa* e *polida*”.<sup>26</sup>

Um dos problemas fundamentais, portanto, era a questão da unidade e coesão poéticas. Um grande poema, que pudesse rivalizar com as ‘maiores’ criações poéticas da humanidade, atrairia muito mais atenção do que a melhor das coleções de baladas. Encontramos a mesmíssima preocupação na década de 1820, na Finlândia:

Se alguém coletasse as antigas canções nacionais e fizesse com elas uma *totalidade sistemática*, seja um épico, um drama ou o que quer que seja possível, então poderia surgir um novo Homero, Ossian ou *Nibelungen Lied* e a nação finlandesa seria glorificada com o esplendor e renome de sua originalidade na

---

<sup>24</sup> John Miles FOLEY, *Macpherson's Ossian*, p. 101.

<sup>25</sup> Maria Gabriela BUESCU, *Macpherson e o Ossian em Portugal*, p. 40 (grifo meu).

<sup>26</sup> Carta de Hugh Blair a Henry Mackenzie (grifo meu); *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, p. 57.

consciência de seu próprio desenvolvimento e despertaria a admiração da presente geração e das gerações que ainda estão por vir.<sup>27</sup>

Não à toa, o método utilizado pelo médico e filólogo Elias Lönnrot (1802-1884) para a composição do *Kalevala*, o “poema épico da Finlândia”, como dizia o subtítulo de sua tradução inglesa (1888), lembrava muito o procedimento de Macpherson:

A maior parte das seqüências de linhas [versos] no *Kalevala* nunca apareceu daquele jeito na tradição oral. [...] o *Kalevala* reflete as idéias de Lönnrot sobre o épico, sua visão de mundo, seu gosto. Trabalhando com um objetivo artístico definido em mente, ele escolheu do vasto material que tinha à sua disposição as porções adequadas para o épico e descartou aquelas que eram contraditórias ou violavam o estilo. Se fosse necessário para o épico como um todo, ele desenvolvia alguns detalhes insignificantes em componentes importantes da obra.<sup>28</sup>

Lönnrot, mesmo, não fazia segredo de suas ‘interferências’ no texto:

Eu achava que tinha o direito que, segundo sua convicção, a maior parte dos cantores dá a si mesmo, ou seja, de ser capaz de ordenar as runas [poemas individuais] como elas fossem melhores, ou, nas palavras de uma runa: “eu me conjurei um conjurador, um cantor saiu de dentro de mim”. Ou seja, eu me considerava tão bom cantor quanto eles.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Carl Axel Gotlund; *apud* José BIZERRIL Neto, *Da voz ao livro*, pp. 88-89 (grifo meu).

<sup>28</sup> Felix J. Oinas, *Heroic epic and saga: an introduction to the world's great folk epics*; *apud* James PORTER, “Bring me the head of James Macpherson”, p. 397, n. 3.

<sup>29</sup> *Apud* Anneli ASPLUND, *Kalevala – the Finnish national epic*. Lönnrot chega a afirmar em seu prefácio que, mesmo se outro colecionador selecionasse variantes diferentes dos poemas e os arranjasse em outra ordem, o resultado seria tão genuíno quanto o ‘seu’ *Kalevala*. Macpherson, deve-se dizer, também não esconde

O fato é que tanto *Fingal* e *Temora* quanto o *Kalevala* não são poemas orais tradicionais, mas obras cuidadosamente compostas para traduzir poemas tradicionais e torná-los compreensíveis e agradáveis para uma audiência letrada. Autenticidade, nesse caso, se torna “um valor evanescente”.<sup>30</sup>

A própria noção de tradição pode nos ajudar a entender como as idéias de autenticidade e falsificação se relacionam com essas obras. Pois, se o senso comum interpreta a tradição como “um fato de permanência do passado no presente”, faríamos melhor pensando na tradição como “um ponto de vista que os homens do presente desenvolvem sobre o que os precedeu, uma interpretação do passado conduzida em função de critérios rigorosamente contemporâneos”.<sup>31</sup>

De fato, a tradicionalidade, entendida como fenômeno trans-histórico, ou seja, que atravessa o tempo de uma maneira cumulativa (e não simplesmente aditiva), marca “um processo de mediação”, balizado “pela cadeia das interpretações e das reinterpretações das heranças do passado.” Ela significa que

a distância temporal que nos separa do passado não é  
um intervalo morto, mas sim uma *transmissão geradora*  
*de sentido*. Antes de ser um depósito inerte, a tradição

---

suas interferências textuais. Ele, no entanto, não se apresenta ao leitor como um novo bardo, mas sim como um editor erudito que tenta recuperar a ‘forma original’ dos textos à sua disposição.

<sup>30</sup> James PORTER, *op. cit.*, p. 398. De certa maneira, é possível comparar o trabalho de Lönnrot e Macpherson ao de intelectuais como François Rabelais (1494-1553), Charles Perrault (1628-1703) ou os irmãos Grimm (1785-1863; 1786-1859), que coletaram e editaram material oriundo da cultura oral e popular, retirando histórias dos contextos em que eram contadas e adaptando-as ao gosto e aos propósitos eruditos. Evidentemente, existem enormes diferenças entre as propostas e os resultados obtidos por cada um desses homens, mas não se pode negar que há semelhanças em seus métodos.

<sup>31</sup> Gérard LENCLUD, *La tradition n’est plus ce qu’elle était...*, pp. 3, 10 (tradução de José Otávio Guimarães).

é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante.<sup>32</sup>

A formulação de Paul Ricoeur deixa bem claro que o agente no processo tradicional é o presente. Somos nós que nos debruçamos sobre os vestígios do passado e buscamos aquilo que tem sentido para nós. O passado, por sua vez, “não impõe senão os limites no interior dos quais nossas interpretações depreendem-se apenas de nosso presente”.<sup>33</sup>

Se considerarmos a tradição dessa maneira, veremos que a questão da mudança e da conservação, ou, “das taxas relativas de transformação e de preservação” é uma falsa questão. Pois toda mudança, por mais revolucionária que possa parecer, se dá sobre um fundo de continuidades; toda permanência traz em seu bojo variações. Ou, em outras palavras,

todos os objetos culturais, qualificados contudo de tradicionais pelos etnólogos, sofrem transformações. [...] mesmo que se possa verificar que ela trai a verdade do passado, a tradição não permaneceria menos tradição. Sua força não se mede pela régua da exatidão no exercício da reconstituição histórica. Ela diz o ‘verdadeiro’ mesmo quando diz o falso [...]. Sua verdade não é, para retomar uma distinção clássica, do tipo correspondência (*adequatio*), mas do tipo coerência.<sup>34</sup>

Portanto, a ‘veracidade’ ou ‘autenticidade’ de uma tradição depende de sua coerência com o presente, que interpreta, e não é dada pela

---

<sup>32</sup> Paul RICŒUR, *Tempo e narrativa; tomo III*, pp. 377, 379 (grifo do autor). Ver também *tomo II*, p. 26.

<sup>33</sup> J. Pouillon, Tradition: transmission ou reconstruction; *apud* Gérard LENCLUD, *op. cit.*, p. 11 (tradução de José Otávio Guimarães).

<sup>34</sup> Gérard LENCLUD, *loc. cit.* (tradução de José Otávio Guimarães).

adequação ao passado, que meramente fornece os materiais interpretados. Desse ponto de vista, dificilmente uma obra baseada na tradição poderia ser tão ‘coerente’, tão ‘verdadeira’ e tão ‘autêntica’, quanto os poemas de Ossian publicados por James Macpherson.<sup>35</sup>

## Recepção

*Fragments of ancient poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse language* [Fragmentos de poesia antiga coletados nas Terras Altas da Escócia e traduzidos da língua gaélica ou Erse] foi publicado em junho de 1760. Tratava-se de um pequeno panfleto, completamente anônimo, com quinze curtos poemas. Não obstante, “toda a Escócia levantou-se com entusiasmo pelo refinamento natural desse bardo que lembrava as guerras de Fingal”.<sup>36</sup> Em setembro, os fragmentos V e XII saíram no parisiense *Journal étranger*, traduzidos por Turgot. Uma segunda edição escocesa, que incluía mais um poema, foi publicada em outubro. Em janeiro e dezembro do ano seguinte, o mesmo *Journal étranger* trouxe mais cinco traduções (frags. I-III e VI-VII), por Suard e Diderot.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Devido a suas ressonâncias políticas, a questão da autenticidade foi muito mais importante na Grã-Bretanha do que na Europa, que se concentrou, principalmente, na qualidade literária dos textos. Goethe e Cesarotti, por exemplo, dois dos mais importantes tradutores de Ossian para a Europa, tinham plena consciência do trabalho de ‘colagem’ realizado pelo editor (Ver Derick S. THOMSON, James Macpherson – the Gaelic dimension, p. 24).

<sup>36</sup> David Hume, carta a sir David Dalrymple de Newhailes, 16/ago/1760; *apud* Paul J. DEGATEGNO, *James Macpherson*, p. 29.

<sup>37</sup> Para uma lista das críticas, adaptações, imitações e traduções ossiânicas na Europa, ver Paul BARNABY, Timeline: European reception of Ossian. Anne Robert Jacques Turgot, barão de Laune (1727-1781), foi lingüista e economista, ministro da marinha e ‘controlador geral das finanças’ sob o reinado de Luís XVI. Publicou uma tradução em prosa da *Eneida* elogiada por Voltaire e escreveu o verbete ‘etimologia’ na *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert. Jean-Baptiste-Antoine Suard (1733-1817) era o editor do *Journal étranger* e traduziu David Hume para o francês. Denis Diderot (1713-1784) dispensa apresentações.

Em dezembro de 1761, *Fingal, an ancient epic poem, in six books; together with several other poems, composed by Ossian, the son of Fingal* [*Fingal, um antigo poema épico em seis livros; com vários outros poemas compostos por Ossian, o filho de Fingal*] foi publicado em Londres. Enquanto os fragmentos compunham um volume quase humilde, com os poemas precedidos apenas de um breve prefácio anônimo (escrito por Hugh Blair), *Fingal*, publicado em um belo volume *in quarto*, tinha todo o formato de um texto erudito, acompanhado por uma dissertação sobre a época do poeta e notas explicativas escritas pelo tradutor, cujo nome aparecia em maiúsculas vermelhas na folha de rosto, logo acima da epígrafe de Virgílio e de uma gravura representando o velho bardo.

Em março de 1763, Macpherson publicou um segundo épico, *Temora, an ancient epic poem, in eight books; together with several other poems, composed by Ossian, the son of Fingal* [*Temora, um antigo poema épico em oito livros; com vários outros poemas compostos por Ossian, o filho de Fingal*]. O sucesso continuou. As traduções se seguiram: holandês (1762 e 1763), alemão (1762, 1763, 1764, 1766, 1767 e a primeira tradução completa de toda a poesia ossiânica em 1768-1769), italiano (todo o *Fingal* já em 1763), sueco (1765), latim (1769)...

Em 1771, Johann Wolfgang von Goethe escreveu a seu amigo Johann Gottfried Herder, que havia lhe apresentado Ossian, enviando-lhe traduções de sete ‘fragmentos’ e de *Canções de Selma*, um dos poemas do volume de *Fingal*. Três anos depois, um dos romances fundadores do romantismo alemão, *Die Leiden des jungen Werthers* [*Os sofrimentos do jovem Werther*] trazia páginas e páginas de traduções ossiânicas em sua cena climática (a despedida de Werther e Carlota). Segundo o protagonista, “Ossian suplantou Homero em meu coração”.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Johann Wolfgang von GÖTTE, *Werther*, livro segundo, 12/outubro, p 107. Cerca de 7% do romance são compostos por traduções do inglês de Macpherson (ver F.J. LAMPORT, Goethe, Ossian, and Werther). No Brasil, ler o romance de Goethe ainda é a maneira mais fácil de ter acesso a Ossian.

Anne-Louis Girodet-Trioson pintou, em 1802, um grandioso óleo, *L'Apothéose des héros français morts pour la patrie pendant la guerre de la liberté* [A apoteose dos heróis franceses mortos pela pátria durante a guerra da liberdade], que mostrava Napoleão Bonaparte chegando ao paraíso e sendo recebido por Ossian. O general corso, que lera a tradução italiana de Melchiorre Cesarotti (*Fingal*, em 1763, e uma edição completa dez anos depois), mantinha sempre uma cópia de Ossian consigo. Segundo ele, os poemas ossiânicos continham “os mais puros e encorajadores princípios e exemplos de verdadeira honra, coragem e disciplina; e todas as virtudes heróicas que possam existir”.<sup>39</sup>

Diversos músicos encontraram inspiração nas paisagens escocesas cantadas por Ossian. *Ossian, ou les bardes* [Ossian, ou os bardos], por exemplo, uma ópera em cinco atos, estreou em Paris em julho de 1804 com a presença do imperador. Foi na Alemanha, no entanto, que o bardo escocês encontrou o terreno musical mais fértil. Johannes Brahms e Franz Schubert compuseram *Lieder* (cantos tradicionais alemães) baseados em temas ossiânicos e Felix Mendelssohn compôs um poema sinfônico (1830), ainda hoje muito apreciado, que se intitulava *Die Fingals-Höhle* [A caverna de Fingal], também conhecido pelo nome mais ‘neutro’ de *Die Hebriden* [As Hébridas]. O grande Ludwig von Beethoven, se não produziu nada diretamente relacionado ao bardo, afirmou em uma carta: “esses dois poetas [Goethe e Schiller] são meus favoritos, assim como são Ossian e Homero”.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> *Apud* Fiona STAFFORD, Introduction, p. vi. O escocês Alexander Runciman foi o primeiro a enfrentar o desafio de pintar Ossian, em Roma em 1772. Sua tela, no entanto, foi destruída por um incêndio em 1899. Entre as principais obras ainda existentes podemos contar os *Ossian* do dinamarquês Nicolai Abilgaard (1782) e do alemão Philipp Otto Runge (1804-1805) e as telas dos franceses François-Pascal-Simon, barão Gérard (*Ossian évoque les fantômes au son de la harpe sur les bords du Lora* [Ossian evoca os espíritos ao som da harpa às margens do Lora], 1801), e Jean Auguste Dominique Ingres (*Le rêve d'Ossian* [O sonho de Ossian], 1813). Ver Murdo MACDONALD, *Ossian and art*.

<sup>40</sup> *Apud* Christopher SMITH, *Ossian in music*, p. 386.

Em resumo, “Ossian varreu toda a Europa como um vagalhão”.<sup>41</sup> Seu impacto pode ter sido descrito como algo súbito e violento, mas não se tratou de uma voga momentânea. Mais de meio século depois da primeira publicação dos poemas (e mais de dez anos após a ‘revelação’ de suas ‘verdadeiras’ origens), um importante crítico inglês ainda classificava o bardo escocês como autor de uma das “principais obras de poesia do mundo em diferentes períodos da história”;<sup>42</sup> cinquenta anos depois, ainda se publicava na Alemanha uma tradução “do original gaélico”, acompanhada de uma dissertação sobre a autenticidade dos poemas. O início do século XX viu traduções expressionistas na Alemanha (1917 e 1924) e publicações para uso escolar na Itália (1935) e, mais de duzentos anos depois de *Fingal*, Jorge Luis Borges ainda elogiava Ossian e ensinava que “todo o movimento romântico é inconcebível, impensável, sem James Macpherson”.<sup>43</sup>

De fato, Samuel Taylor Coleridge e lord Byron, dois dos maiores nomes do romantismo inglês, escreveram imitações de Ossian em sua juventude e várias de suas obras posteriores apresentam ecos do bardo escocês. William Blake foi outro que encontrou em Ossian um modelo alternativo de poesia, mais apropriado à sua própria expressão poética. Até mesmo Wordsworth, apesar de alguns comentários desabonadores, foi influenciado pelo bardo escocês - poemas como *Glen Almain* [O vale estreito] ou *Written on a blank leaf of Macpherson’s Ossian* [Escrito em uma folha em branco do Ossian de Macpherson] não deixam dúvidas a esse respeito. François-René de Chateaubriand, pai

---

<sup>41</sup> Paul J. DE GATEGNO, *James Macpherson*, p. 112. Apenas em língua inglesa, foram publicadas, durante a vida de Macpherson, nada menos que dezesseis edições completas dos poemas ossiânicos. Dessas, cinco foram publicadas na Alemanha, uma em Paris, uma na Irlanda, uma nos EUA e uma na Austrália. Além disso, foram publicadas seis edições dos fragmentos (uma na Irlanda), quatro de *Fingal* (uma na Irlanda e uma na Suécia) e duas de *Temora*. Ver Edward D. SNYDER, *The Celtic revival in English literature*, pp. 76-77.

<sup>42</sup> William HAZLITT, *Lectures on the English poets* (1818), I, p. 24.

<sup>43</sup> *Curso de literatura inglesa*, p. 156.

do romantismo francês, também foi seduzido pelos ares escoceses e, exilado na Inglaterra, atestou a popularidade de Ossian:

O sucesso dos poemas de Ossian na Inglaterra fez nascer uma multidão de imitadores de Macpherson. De todas as partes pretendia-se descobrir poesias *Erses* ou gálicas; tesouros enterrados eram descobertos, como aqueles das minas da Cornualha, esquecidos desde o tempo dos cartagineses. [...] Quando, em 1793, a Revolução me lançou na Inglaterra, eu era grande partidário do bardo escocês e tinha, a lança em punho, sustentado sua existência contra tudo e todos [...]. Li avidamente uma multidão de poemas desconhecidos na França, os quais, dados à luz por diversos autores, eram, a meus olhos, indubitavelmente do pai de Oscar.<sup>44</sup>

No Brasil, Ossian chegou, principalmente, por mediação francesa. Os poetas que se aventuraram a traduzir o bardo para português - José Bonifácio de Andrada e Silva, sob o pseudônimo de Américo Elísio (1825), Ferreira de Menezes (1863), Fagundes Varela (1865) e Francisco Otaviano de Almeida e Rosa (1872) - utilizaram com frequência as mesmas expressões encontradas nas traduções francesas.<sup>45</sup> Em 1838 estreou no Rio de Janeiro, em montagem de João Caetano, a peça *Oscar, filho de Ossian*, tragédia em cinco atos de Antoine Vincent Arnault (1796). Gonçalves de Magalhães foi o tradutor. Outros românticos, como Álvares de Azevedo, Castro Alves e José de Alencar, também tiveram sua obra tocada pelos ventos da Caledônia:

---

<sup>44</sup> Poèmes ossianiques traduits (1793), prefácio. Ver Fiona STAFFORD, 'Dangerous success': Ossian, Wordsworth, and English romantic literature, *passim*.

<sup>45</sup> Segundo MACHADO DE ASSIS, a paráfrase ossiânica de Varela "encerra os mais belos versos do poeta" (Fagundes Varela: cantos e fantasias (1866), *Obra completa*, v. III, p. 860).

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...  
Gênio e mendigo... vede... o abismo de irrisões!  
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...  
Caminha roto o Dante! E pede pão Camões.<sup>46</sup>

Portanto, se a legitimidade se dá pela adequação a sua época, não se pode acusar os poemas ossiânicos de falsificação. Ao contrário, “o gosto contemporâneo encontrou sua expressão em Ossian”.<sup>47</sup> O sucesso fenomenal dos poemas de Macpherson/Ossian revela não apenas a dificuldade de estabelecer a ‘autenticidade’ como um critério de valor, mas também sua falta de importância. Independentemente de sua ‘veracidade’, Ossian foi figura essencial no surgimento do romantismo. Se insistíssemos em chamá-lo de ‘falso’, portanto, seria “uma autêntica e original falsidade”.<sup>48</sup>

### Falsificação?

A *Enciclopédia Britânica* define ‘falsificação’ como algo “que pretende passar por ser a obra de alguém diferente de seu verdadeiro criador”; “fazer ou oferecer para venda uma obra com a intenção de enganar, normalmente atribuindo-a falsamente a um artista cujas obras alcancem altos preços”.<sup>49</sup> A questão, portanto, é de autoria. Uma falsificação é a atribuição de uma obra a alguém que não é seu autor.

O ‘autor’ é uma personagem moderna. Surge no final do século XVI, com a invenção da imprensa e o aparecimento da chamada ‘subjetividade moderna’. O surgimento dessa noção de autor constituiu “o momento crucial da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas e também na história da

---

<sup>46</sup> CASTRO ALVES, Poesia e mendicidade (1870), *Obra completa*, p. 130. Ver Ofir Bergemann de AGUIAR, *Ossian no Brasil*, *passim*.

<sup>47</sup> Kirsti SIMONSUURI, *Homer's original genius*, p. 110.

<sup>48</sup> K.K. RUTHVEN, *Faking literature*, p. 16.

<sup>49</sup> *The new Encyclopædia Britannica*, v. 4 (*micropædia*), p. 881, s.v. forgery; v. 14 (*macropædia*), p. 135, s.v. Arts, practice and profession of the.

filosofia e das ciências”.<sup>50</sup> A partir dessa individualização se formou a idéia de um texto próprio, sempre idêntico a ele mesmo, assim como a do ‘sujeito’ que lhe garante a unidade, seu autor consciente, “o organizador e a síntese” do escrito.<sup>51</sup>

O autor, portanto, representa a autoridade do escrito. Especialmente a partir do século XVIII, é essa figura quem “desempenha o papel de regulador da ficção, papel característico da era industrial e burguesa, do individualismo e da propriedade privada”.<sup>52</sup>

Deve-se ter em mente, no entanto, que o autor não é a mesma coisa que o ‘eu’ presente no texto. Como chama a atenção Roland Barthes, “quem fala” no texto? Os personagens? O indivíduo que escreveu aquelas palavras? Ninguém fala, é a resposta, pois “a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem”.<sup>53</sup> A figura do ‘autor’ veio a simbolizar para nós esse ‘eu’ textual, mas a história da literatura está repleta de muitas outras formas de produção textual, que deslocam ou dispensam o ‘testemunho autoral’, como a colaboração entre diferentes escritores, a prática do *ghost writing*, a simples ‘ausência’ de autor (o anonimato), o uso de pseudônimos e heterônimos ou o caso em que várias pessoas escrevem sob um mesmo nome comum.<sup>54</sup> A questão fundamental é que o ‘autor’ também é uma *criação* do(s) ‘escritor(es)’.

---

<sup>50</sup> Michel FOUCAULT, O que é um autor?, p. 267. Ver também Hans Ulrich GUMBRECHT, O autor como máscara, pp. 103ss.

<sup>51</sup> Roger DRAGONETTI, Poeta mendax, p. 249. Com efeito, “a instância de autor funciona como uma máscara que dissimula a instabilidade e a plurivocidade do sentido”, criando “a intenção de uma intencionalidade” (Hans Ulrich GUMBRECHT, *op. cit.*, p. 100).

<sup>52</sup> Michel FOUCAULT, *op. cit.*, p. 287, n. 13. Não à toa, a primeira lei de direitos autorais, o *Queen Anne Copyright Act*, foi decretada no início do século XVIII, entrando em vigor em 10 de abril de 1710. Ver Ian HAYWOOD, *Faking it*, p. 21.

<sup>53</sup> A morte do autor, p. 57.

<sup>54</sup> Ver K.K. RUTHVEN, *op. cit.*, cap. 4, *passim*.

Na primeira metade do século XVIII, por exemplo, Martinus Scriblerus publicou um volume de memórias (1714) e assinou alguns dos prefácios à segunda edição da *Dunciada* de Pope (1729). Mas Scriblerus não existia. Tratava-se de um pseudônimo coletivo de Alexander Pope, Jonathan Swift e seus amigos John Gay, John Arbuthnot, Henry St. John e Thomas Parnell. Ou seja, o ‘autor’ era parte do texto. Scriblerus era uma ficção.

Em inglês, a palavra ‘falsificação’ (*forgery*) tinha originalmente um sentido concreto: o produto da forja do ferreiro, ou seja, um ato significativo de criação. Foi apenas durante o Renascimento (o uso mais antigo registrado é de 1574) que a palavra passou a ser aplicada a criações mentais e, a partir de uma fissura moral no sentido, utilizada para designar usos fraudulentos da criatividade, enquanto o termo ‘ficção’ significava os aspectos positivos da invenção artística:

E, no entanto, ficção e falsificação são parentes próximas, mesmo se elas nem sempre se reconhecem. Uma falsificação ainda é uma fabricação: sua condenação é uma questão de interpretação e de lei.<sup>55</sup>

Com efeito, falsificar, em literatura, seria produzir um texto ‘falso’. Mas isso só faria sentido se pudéssemos, em contrapartida, produzir um texto ‘verdadeiro’. “Toda escritura”, no entanto, “é desvio, prisma, mediação”. É lícito, portanto, perguntar: “o que distingue o escritor do cotejador, do contrafator, do copista, do peneirador, do compilador?”<sup>56</sup>

O texto literário é um palimpsesto. O autor antigo escreveu uma ‘primeira’ vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com

---

<sup>55</sup> Ver Ian HAYWOOD, *op. cit.*, p. 6. Em português, ‘falsificação’ deriva do latim *falsus*, particípio passado de *fallo*, ‘esconder’, ‘ocultar’. A duplicidade de sentido de *forgery*, no entanto, pode ser encontrada no verbo ‘forjar’.

<sup>56</sup> Michel SCHNEIDER, *Ladrões de palavras*, p. 129. Agradeço à grande amiga Clara Etienne, a sugestão de consultar o texto de Schneider.

um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexistem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apóie sobre o já-escrito.<sup>57</sup>

Defendo, portanto, que o importante para a apreciação literária é o texto, e não quem o escreveu ou assinou. Um marco importante nesse reconhecimento do texto pelo texto é a discussão a respeito dos poemas de Ern Malley (1918-1943). Os críticos e editores Max Harris e John Reed mantiveram sua posição de que a poesia era bela, mesmo depois da revelação de que o poeta não existia e que seus poemas tinham sido escritos para ridicularizar os valores estéticos modernistas defendidos pela própria revista de Harris! Hoje, Malley é considerado um dos maiores nomes da literatura australiana e sua obra completa foi publicada e republicada diversas vezes. Caso semelhante é o de Araki Yasusada (1907-1972), fictício poeta japonês, sobrevivente de Hiroshima. Embora o editor da *American Poetry Review*, que publicou um especial sobre o poeta antes das dúvidas sobre sua existência raiarem, tenha referido-se ao caso como “um ato criminal”, diversos críticos elogiam não apenas a qualidade dos poemas, mas também a natureza conceitual da ficção que criou um autor-testemunha.<sup>58</sup>

### Poesia, historiografia e política

Não me cabe, no entanto, realizar aqui uma crítica estético-estilística ou julgar a qualidade literária dos poemas de Ossian. Creio que esse julgamento já foi feito e, como vimos, o veredicto lhes foi amplamente favorável. Durante muitos anos a erudição literária se dedicou a discutir a ‘veracidade’ e a ‘legitimidade’ dos poemas de Ossian,

---

<sup>57</sup> Michel SCHNEIDER, *op. cit.*, p. 71.

<sup>58</sup> Ver Patrick HERRON, Ruthven’s *Faking literature*, forging literature and faking forged literature; Mikhail EPSTEIN, Hyper-authorship: the case of Araki Yasusada. Agradeço ao amigo Daniel Faria, que me chamou a atenção para a existência desses casos modernos de ‘fraudes’ literárias.

tentando determinar quais partes de seu texto provinham de uma tradição gaélica ‘autêntica’ e quais haviam sido ‘inventadas’ por Macpherson. Também não me proponho seguir esse caminho. No mínimo, me faltaria o domínio necessário da língua gaélica. Recentemente, no entanto, boa parte dos estudiosos que se debruçam sobre nosso assunto estão se dedicando a discutir os intercâmbios culturais e políticos que contribuíram para o fenômeno ossiânico.<sup>59</sup> Eis a estrada que pretendo trilhar.

Se hoje podemos reconhecer a falta de importância da discussão da ‘autenticidade’, o mesmo não pode ser dito para o século XVIII. Uma pergunta que subjaz toda minha investigação, portanto, será: o que fez com que o texto dos poemas de Ossian fosse condenado como uma falsificação de Macpherson? Qual o critério de verdade utilizado para esse julgamento? De um ponto de vista mais ligado à teoria da história, o que me interessa na ‘questão ossiânica’ são as fronteiras nebulosas entre história e poesia, discurso ‘factual’ e discurso ‘ficcional’, verdade e mentira.<sup>60</sup> Com isso em mente, uma das opiniões de Samuel Johnson me chamou imediatamente a atenção:

---

<sup>59</sup> Para uma apreciação abrangente dos estudos recentes sobre Ossian e Macpherson, ver Dafydd Moore, *Enlightenment and romance*, pp. 1-11.

<sup>60</sup> Na verdade, esse é um terreno que sempre me interessou. Tanto minha monografia de graduação (*Helena, uma heroína sofisticada*, 1999) quanto minha dissertação de mestrado (*Como se deve escrever a história verdadeira: história, verdade e ficção segundo Luciano de Samósata*, 2002) foram, de vários pontos de vista, dedicadas a esses temas. Na primeira, discuti a tragédia *Helena*, de Eurípides (na qual uma fidelíssima Helena espera seu marido no Egito enquanto um fantasma feito de nuvens é levado por Páris para difamar seu nome em Tróia), como uma representação teatral da teoria lingüística do sofista Górgias que contrapunha uma verdade criada pela palavra em oposição a uma suposta ‘verdade da natureza’; na segunda, contrastei as obras de Luciano de Samósata *Como se deve escrever a história*, uma defesa pragmática da imparcialidade e da verdade na historiografia, e *História verdadeira*, um romance fantástico no qual a historiografia é ridicularizada como uma fonte de mentiras.

Vejo o *Fingal* de Macpherson como uma impostura tão grosseira como jamais o mundo teve que se ocupar. Se fosse realmente um obra antiga, uma verdadeira amostra de como os homens pensavam naquele tempo, seria uma curiosidade de primeira ordem. Como uma produção moderna, não é nada.<sup>61</sup>

Ou seja, Johnson concedia que, se Ossian fosse antigo, teria importância, mas, por ser moderno, não tinha nenhuma. Mais, se fosse um documento de como os homens pensavam nos tempos antigos, seria “de primeira ordem”. Como literatura, “não é nada”. Como já vimos, diversas pessoas nos séculos XVIII e XIX discordavam veementemente do eminente doutor em sua avaliação do valor literário de Ossian, mas me parece claro que, na discussão da autenticidade, havia um papel para a *história*: se Ossian fosse antigo, seria um documento histórico e, portanto, na opinião de Johnson, seria interessante. Sendo moderno, era ‘apenas’ literatura.

O cerne de minha investigação será, pois, o papel das idéias de história setecentistas na construção dos poemas de Ossian e na discussão sobre sua autenticidade. Que concepções da relação entre poesia e documento histórico estavam envolvidas no debate que a ‘descoberta’ de Macpherson suscitou? Tal foco implica o exame das idéias primitivistas da origem poética de Thomas Blackwell e Hugh Blair e de como elas estavam ligadas a um esquema mais amplo de ‘história natural’ ou ‘história conjectural’ (i.e., feita à base de hipóteses e não de fatos), como entendida e praticada pelos luminares escoceses do século XVIII, David Hume, Adam Smith, Lorde Kames e Adam Ferguson.

Ver-se-á, também, como o próprio James Macpherson enxergava seus poemas como história, mas uma história de tipo diferente, ‘factual’, feita à base de ‘antigüidades’. Macpherson pretendia reescrever a

---

<sup>61</sup> James BOSWELL, *Journal of a tour to the Hebrides* (1785), 22/set/1773, pp. 320-321.

história antiga dos povos gaélicos, indo de encontro, especialmente, à obra de Thomas Innes, o antiquário que, em 1729, “facilitou o ceticismo sobre toda a história antiga da Escócia e fez a reivindicação de uma história e cultura separadas parecer duvidosa a muitos”.<sup>62</sup>

Iniciaremos, no entanto, com uma vista d’olhos pela situação política da Escócia na época da primeira publicação dos poemas. A questão política se impõe porque os preconceitos nacionais tiveram participação ativa na polêmica da autenticidade e a própria posição histórico-poética de Macpherson é inseparável de seu patriotismo. Veremos que, justamente devido a esse patriotismo, era impossível a Macpherson ‘recuperar’ poemas antigos que obedecessem completamente às modernas teorias históricas de seus compatriotas. Os heróis ossiânicos, se cumpriam perfeitamente o papel político-integrativo que Macpherson esperava deles, foram repetidamente acusados de serem anacrônicos e não se conformarem aos padrões esperados para o século III. Em outras palavras, se os poemas e heróis de Ossian fossem completamente antigos, seriam apreciados como uma ‘curiosidade’ histórico-poética, mas não seriam úteis politicamente; se fossem completamente modernos, não chegariam nem a atrair a atenção dos políticos e intelectuais. Em sua tentativa de conciliar antigos e modernos, história e política, Macpherson criou uma polêmica literária que atravessou os séculos, mas falhou como ‘poeta e historiador nacional’ da Escócia.

Nossa passagem pela política não é, portanto, um tipo de ‘contextualização’, nos moldes condenados por Jacques Revel.<sup>63</sup> Trata-

---

<sup>62</sup> John MACQUEEN, *Progress and poetry*, p. 51.

<sup>63</sup> Ver *Microanálise e construção do social*, p. 27: “trata-se de uma noção que muitas vezes foi objeto de um uso cômodo e preguiçoso nas ciências sociais e especialmente na história. Uso retórico: o contexto, em geral apresentado no início do estudo, produz um efeito de realidade em torno do objeto da pesquisa. Uso argumentativo: o contexto apresenta as condições gerais nas quais uma realidade particular encontra seu lugar, mesmo que nem sempre se vá além de uma simples exposição dos dois níveis de observação. Uso interpretativo, mais

se, ao contrário, de partilhar da convicção de Fredric Jameson de que a perspectiva política não é um auxiliar opcional ou sequer um ponto de vista suplementar à interpretação da obra literária, mas sim o “horizonte absoluto de toda leitura e toda interpretação”.<sup>64</sup>

Não compartilho de todas as convicções de Jameson, como sua defesa de que “apenas o marxismo oferece uma resolução filosoficamente coerente e ideologicamente premente ao dilema do historicismo”.<sup>65</sup> Defendo, no entanto, que as dimensões política, social e histórica não se encontram desligadas de uma dimensão propriamente ‘artística’ das obras literárias (na maior parte das vezes, essas ‘dimensões’ são indistinguíveis). Portanto, só poderemos compreender algumas das opções estéticas dos autores se entendermos seus ‘constrangimentos’ político-histórico-sociais. O texto literário, por mais que projete uma “ilusão ou aparência de isolamento ou autonomia”, faz parte de um ‘todo’ historicamente determinado.<sup>66</sup>

Se uma determinada obra artística ultrapassa a dimensão político-histórico-social na qual foi criada e ganha um significado ‘perene’ tornando-se um ‘clássico’, é apenas porque diferentes épocas puderam encontrar nela algo que é significativo para elas próprias, reconfigurando as relações entre o ‘artístico’, o ‘histórico’, o ‘político’ e o ‘social’. Não é à toa que a polémica obra publicada por Macpherson em meados do século XVIII ganhou novo interesse em nosso recente *fin-de-siècle*, momento de ‘identidades fraturadas’, ‘verdades cambaleantes’ e ‘pós-modernismo’.

---

raro: extraem-se às vezes do contexto as razões gerais que permitiriam explicar situações particulares”.

<sup>64</sup> Fredric JAMESON, *O inconsciente político*, p. 15.

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 17. Para uma excelente apreciação crítica do marxismo de Jameson, ver Dominick LAPRA, *Rethinking intellectual history*, pp. 234-267

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

A exposição do artista escocês Calum Colvin, *Ossian: Fragments of ancient poetry*, é um bom exemplo desse interesse recente. Apresentada em Edimburgo (2002) e em Paris (2005), era composta de 25 fotografias, trabalhadas digitalmente, de cenários construídos pelo autor. Segundo ele, “eu estava interessado em usar o negligenciado, mas em outro tempo imensamente influente, texto de *Fragments of ancient poetry collected in the Highlands of Scotland* de James Macpherson (1736-96) como uma pista para explorar as noções gêmeas de ‘verdade’ e ‘mito’. Isso se encaixaria em uma preocupação fundamental de toda a minha obra que é o valor questionável da fotografia como documento, verdade empírica ou fato objetivo”. Bem de acordo com o espírito de seu tema, o retrato de Macpherson exposto (fig. 15) era ‘falso’, tendo sido encomendado pelo autor a um especialista em manipulação digital de fotografias.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> (Re-)making Ossian, p. 99. A exposição completa dos trabalhos de Colvin sobre Ossian pode ser vista em <http://www.calumcolvin.com/>. O catálogo, *Ossian: Fragments of ancient poetry/Bloigbean de sheann bhardachd Oisein*, foi o primeiro livro publicado em gaélico escocês pelas National Galleries of Scotland.

## II. Literatura e nação. O poema da derrota

*There's the end o' ane auld sang.*

Lorde Seafieid, último chanceler da Escócia,  
comentando a União de 1707.

*Our names may be heard in song.  
What avails it, when our strength hath ceased?*

*Fingal*, livro VI (1773).

## 1. Epopéia

Em 1765 foi publicada, em dois volumes *in octavo*, a primeira edição completa dos poemas de Ossian: *The works of Ossian, the son of Fingal, in two volumes. Translated from the Galic language by James Macpherson. The third edition. To which is subjoined a critical dissertation on the poems of Ossian. By Hugh Blair, D.D.* [As obras de Ossian, filho de Fingal, em dois volumes. Traduzidas da língua gaélica por James Macpherson. Terceira edição. À qual é apensada uma dissertação crítica sobre os poemas de Ossian, por Hugh Blair, doutor em teologia]. Tratava-se de uma edição revista, mais barata, que reunia os *in quarto* de *Fingal* (1761) e *Temora* (1763) e acrescentava a dissertação crítica escrita por Hugh Blair em 1763.<sup>1</sup> Com as setenta páginas de *Fragments of ancient poetry*, temos aí toda a produção de Macpherson relacionada ao bardo reunida. O *corpus* ossiânico consiste, portanto, de dezesseis ‘fragmentos’ poéticos, vinte poemas curtos e dois épicos.

Embora haja considerável evidência de que os fragmentos e os poemas breves foram os mais lidos, mais apreciados e mais influentes do *corpus* ossiânico, todo o projeto pairava sob a sombra das epopéias.<sup>2</sup> Já no prefácio de *Fragments of ancient poetry*, cujo título não contemplava pretensões épicas, fora anunciada a existência de “uma obra de tamanho considerável, que mereça ser chamada de poema heróico”.<sup>3</sup> De fato, fomos avisados de que três dos dezesseis poemas eram fragmentos desse épico e sua trama completa fora acuradamente esboçada – a cerca de um ano e meio da publicação de *Fingal!* Quando o volume finalmente veio à luz, anunciando a epopéia com destaque

---

<sup>1</sup> Foi a partir dessa edição de 1765 que Goethe fez suas traduções. Macpherson ainda realizaria uma última e extensa revisão para uma nova edição, publicada em 1773, que foi utilizada por Malcolm Laing como fonte de sua edição crítica de 1805. Para a história editorial de Ossian, ver o prefácio de Howard GASKILL a *The poems of Ossian and related works*, pp. xxiii-xxiv.

<sup>2</sup> Ver Dafydd MOORE, *Enlightenment and romance*, p. 17, n. 7.

<sup>3</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 6.

em seu título, uma de suas ‘escoltas’ líricas, *The war of Inis-thona*, era apontada como um episódio “em uma grande obra composta por Ossian” e o que se revelaria o primeiro livro do segundo épico era publicado como *Temora: an epic poem*.<sup>4</sup>

Desde sua publicação, houve um longo debate sobre os méritos de *Fingal* como poema épico. O romancista escocês Tobias Smollett, por exemplo, em resenha publicada no periódico *Critical review* (Edimburgo, dez. 1761-jan. 1762), julgava-o superior à *Ilíada* e à *Eneida*, atribuindo quaisquer defeitos do poema à remota época de sua composição. Em contrapartida, a resenha do galês Ralph Griffiths, publicada no *Monthly review* (Londres, 1762), usava Aristóteles para classificar *Fingal* não como uma epopéia, mas como obra de história, julgando-o falho porque o poeta não apresentava suficiente motivação para as ações. Já o filósofo e estadista irlandês Edmund Burke, escrevendo em seu *Annual register* (Londres, 1762), argumentava que a questão histórica não deveria influir no julgamento da poesia: *Fingal* não era “mais uma história daquela invasão em que se baseou, do que a *Ilíada* é a história do sítio de Tróia”. Tratava-se de um excelente poema, porém *Fingal* era incomparável à *Ilíada*, o padrão maior de excelência épica, e as semelhanças entre os dois poemas eram grandes o bastante para “levantar uma suspeita entre críticos escrupulosos de que Ossian entendia a língua grega tão bem quanto a gaélica”.<sup>5</sup>

Macpherson respondera antecipadamente às críticas, argumentando no prefácio a *Fingal* que “o quanto ele se adequa às regras da epopéia é da parte da crítica examinar. Meu único propósito é apresentá-lo ao

---

<sup>4</sup> Segundo Macpherson, a epopéia completa de Inis-thona estava perdida, mas “alguns episódios e a história do poema foram legados pela tradição”. Já os “fragmentos partidos de *Temora*”, que ele desejava desde a publicação de *Fingal*, foram conseguidos “com a ajuda de amigos” (*The poems of Ossian and related works*, p. 115, n.1; p. 227, n. 2).

<sup>5</sup> Edmund BURKE, *The annual register*, pp. 280, 281. Ver Paul J. DEGATEGNO, *James Macpherson*, pp. 35-36.

leitor como o encontrei”.<sup>6</sup> Além disso, a primeira nota a *Temora* afirmava:

O título de épico foi imposto ao poema por mim mesmo. Os termos técnicos da crítica eram totalmente desconhecidos a Ossian. Nascido em uma era distante e em um país afastado dos centros de erudição, seu conhecimento não se estendia à literatura grega e romana.<sup>7</sup>

Malcolm Laing, advogado e historiador escocês, membro do parlamento britânico (1807-1812) por sua terra natal (as ilhas Órcades), tentou mostrar que o autor dos poemas de Ossian tinha, de fato, uma sólida educação clássica. Em 1805, publicou *The poems of Ossian, &c. Containing the poetical works of James Macpherson, Esq., in prose and rhyme* [Os poemas de Ossian etc. Contendo as obras poéticas de James Macpherson, Esq., em prosa e verso], resultado de oito anos coletando e anotando “todos os símiles e quase todas as imagens poéticas” existentes nos poemas, na tentativa de “transferi-los do século terceiro para o dezoito”. Segundo ele, “essas notas não formarão um comentário supérfluo para apontar os verdadeiros originais dos quais os poemas foram derivados”:<sup>8</sup>

É suficiente observar que em Ossian há centenas de símiles e imagens poéticas que devem ser originais ou derivados da imitação. Se os poemas são autênticos, elas *devem* ser originais e sua coincidência casual com outra poesia só pode chegar a uma vaga semelhança, como aquela do Pólio de Virgílio [*Bucólicas*, IV] com as profecias de Isaías. Se os poemas, no entanto, não são autênticos, esses símiles e imagens poéticas devem ser derivados dos clássicos, da escritura e da

---

<sup>6</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 36.

<sup>7</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 227, n. 2.

<sup>8</sup> Dissertation on the supposed authenticity of Ossian’s poems, *The history of Scotland*, v. IV, p. 409.

poesia moderna com a qual a mente do autor estava previamente impregnada e, embora habilmente escondidos, podem ser distintamente traçados até sua fonte.<sup>9</sup>

A resposta de Macpherson era igualmente simples:

Se, portanto, na forma de seus poemas e em várias passagens de sua dicção, ele [Ossian] parece Homero, a similaridade deve proceder da natureza, o original do qual ambos retiraram suas idéias.<sup>10</sup>

### a. Natureza e originalidade

Com efeito, segundo as teorias poéticas em voga no século XVIII, a única originalidade possível ao ser humano era a imitação da natureza:

A mente de um homem de gênio é um campo fértil e agradável; agradável como o Elísio e fértil como o Tempe, ela goza de uma primavera perpétua. Dessa primavera, [os] originais são as mais belas flores; [as] imitações são de crescimento mais rápido, mas de florescência débil. *As imitações são de dois tipos: uma da natureza, outra de autores; à primeira chamamos originais e confinamos o termo imitação ao segundo [tipo].*<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> *The poems of Ossian &c.*, pp. vi-vii (grifo do autor).

<sup>10</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 227, n. 2.

<sup>11</sup> *Encyclopædia Britannica*, vol. II, *s.v.* 'composition', p. 250 (= Edward YOUNG, *Conjectures on original composition*, p. 9; grifo meu). Tempe era um antigo vale na Tessália, considerado um dos lugares preferidos de Apolo e das Musas.

Inicialmente planejada como uma reação conservadora à *Encyclopédie* francesa, a *Enciclopédia Britânica* acabou se tornando uma das grandes produções do Iluminismo escocês. Atribuída, segundo seu título, a 'uma sociedade de cavalheiros na Escócia', encontramos no início do primeiro volume uma lista de 'autores' que inclui as obras de Edward Young e Lorde Kaims [*sic*], os ensaios de Hume e de Voltaire, os *Principia* de Sir Isaac Newton e os *Elementos* do grego Euclides. O texto da primeira edição (1768-1771) foi redigido por William Smellie, mas, com o tempo, diversos luminares escoceses participaram de sua redação,

Esse trecho do verbete ‘composição’ da *Enciclopédia Britânica* (retirado, *verbatim*, de *Conjectures on original composition*, de Edward Young), deixa bem claro que toda composição poética era considerada imitação. Distinguiam-se, no entanto, dois tipos de imitação: a imitação da natureza, dita original, e a imitação de autores precedentes, classificada apenas como imitação. Dentre as duas,

*originais* são, e deveriam ser, os grandes *favoritos*, pois são benfeitores. Eles estendem a república das letras e adicionam uma nova província a seus domínios; os *imitadores* só produzem duplicatas do que já tínhamos, possivelmente melhor, antes.<sup>12</sup>

A norma, portanto, era ser original, imitando a natureza:

Buscai o verdadeiro belo, ele está na natureza; os gregos encontraram-no nela sem ajuda de nenhum modelo de seus antecessores; fizeti como eles, encontrai-o.<sup>13</sup>

Não apenas não havia paradoxo algum entre *imitação* e *originalidade*, como a *invenção*, também chamada de ‘gênio’, era considerada a mais importante faculdade mental para se produzir obras originais.

Gênio é propriamente a faculdade da invenção através da qual o homem é qualificado para realizar novas descobertas na ciência ou para produzir na arte obras originais.<sup>14</sup>

---

como, por exemplo, Adam Ferguson, autor do verbete ‘história’ na segunda edição (1777-1784).

<sup>12</sup> Edward YOUNG, *op. cit.*, p. 10; *Encyclopædia Britannica*, *loc. cit.* (grifos meus).

<sup>13</sup> Fr. R.-J. Pommereul, *Des institutions propres à encourager et perfectionner les beaux arts en France* (1796); *apud* François HARTOG, *Os antigos, o passado, o presente*, p. 184.

<sup>14</sup> Alexander GERARD, *An essay on genius* (1759), p. 8. Gerard (1728-1795) foi professor de filosofia natural e teologia em sua cidade natal de Aberdeen, onde ganhou um prêmio por seu *Essay on taste* (1756).

Mas apenas a invenção não era suficiente:

Embora a *invenção* seja a *mãe da poesia*, essa filha, como todas as outras, nasce nua e deve ser alimentada com cuidado, vestida com exatidão e elegância, educada com diligência, instruída com arte, melhorada pela aplicação, corrigida com severidade e polida com trabalho e tempo, antes de chegar a qualquer grande perfeição ou desenvolvimento: é certo que nenhuma outra composição requer tantos ingredientes, ou de mais diferentes tipos do que essa, ainda que, para sobressair-se em qualquer qualidade, sejam necessários tantos dons naturais e tantas melhorias de erudição e arte. Pois deve haver um *gênio universal* de grande alcance e grande elevação; deve haver uma *imaginação* ou *fantasia* vivaz, fértil em mil produções, que alcance terreno infinito, observando cada esquina e, pela luz daquele verdadeiro fogo poético, descobrindo mil corpos ou imagens no mundo e semelhanças entre eles invisíveis aos olhos comuns.<sup>15</sup>

Na Grã-Bretanha, a manifestação do gênio poético era chamada de *wit*, “uma palavra saxã que é usada para expressar o que os espanhóis e italianos denominaram *ingenio* e os franceses *esprit*, ambos do latim”.<sup>16</sup> Tratava-se, essencialmente, da capacidade de encontrar semelhanças entre objetos desconexos, criando novas imagens e metáforas. No limite, podia confundir-se com a própria imaginação.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> William TEMPLE, Of poetry (1690), *Five miscellaneous essays*, pp. 179-180 (grifos meus). Sir William Temple (1628-1699), primeiro baronete de Sheen, foi patrono de Jonathan Swift. Membro do parlamento irlandês e diplomata, levou a cabo a negociação do casamento de Guilherme de Orange e Maria Stuart. Com a Revolução Gloriosa (1688) e a ascensão de ambos ao trono britânico, Temple foi convidado a ser Secretário de Estado, posto que recusou para aproveitar as “oportunidades de tranquilidade” de sua casa de campo.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, pp. 173-174.

<sup>17</sup> Ver Enid DOBRÁNSZKY, *No tear de Palas*, pp. 48s.

Esta, por sua vez, designava uma atividade ligada às sensações, a partir das quais era a responsável por rearranjar as percepções. Essa atividade, no entanto, trazia riscos, pois a imaginação era “uma faculdade desregrada e errante, rebelde a limitações e incapaz de comedimento”,<sup>18</sup> podendo degenerar em fantasia.

Achava-se, portanto, necessário que a imaginação e o gênio fossem controladas pelo juízo e pelo bom senso (ou seja, pela razão):

Sem as forças do *wit*, toda poesia é vulgar e degenerada; sem o auxílio do juízo, é selvagem e extravagante. O verdadeiro *wit* da poesia é que tais contrários devam se encontrar para compô-la [...]. Para trabalhar esse metal em uma rara e primorosa figura, devem ser usados o fogo, o martelo, o formão e o arquivo. Deve haver um conhecimento geral tanto da natureza quanto das artes e, para resumir, são necessários gênio, juízo e aplicação.<sup>19</sup>

A poesia “selvagem e extravagante” era aquela que se deixava levar pela fantasia, afastando-se do modelo, pois a imaginação mais elevada só poderia criar por imitação da natureza:

Nós não consideramos aqui a imaginação como a faculdade que possuímos de representar os objetos [...]. Tomamos a imaginação em um sentido mais nobre e preciso, como o talento de criar imitando.<sup>20</sup>

Na origem, a questão da imitação se reporta à velha idéia grega de *mimesis*, cuja primeira formulação clássica foi a de Platão, ao banir os poetas de sua cidade ideal com base no argumento ontológico de que

---

<sup>18</sup> Samuel Johnson, *The Rambler* 125 (1751); *apud* Enid DOBRÁNSZKY, *op. cit.*, p. 23.

<sup>19</sup> William TEMPLE, *op. cit.*, p. 180. Encontramos a mesma idéia em Alexander GERARD, *loc. cit.*: o homem de gênio é aquele que, dotado de gosto, juízo e conhecimento, direciona suas capacidades mentais para a invenção.

<sup>20</sup> Jean le Rond d'Alembert, *Discours préliminaire de l'Encyclopédie* (1751); *apud* Enid A. DOBRÁNSZKY, *op. cit.*, p. 25.

as artes imitativas - poesia e pintura - são “algo três vezes distante da natureza”.<sup>21</sup> Embora com outra valoração, Aristóteles confirmou a ontologia da formulação platônica: “a epopéia, o poema trágico, bem como a comédia, o ditirambo, a música da flauta e da cítara são todas, de maneira geral, imitações”.<sup>22</sup>

É evidente que a noção setecentista de ‘imitação’ não é a mesma da Antigüidade e a própria idéia de ‘natureza’, até mesmo pela sua importância central no pensamento clássico, exibiu significativas variações de significado durante o período que nos concerne. Na 6ª edição do dicionário de Samuel Johnson, por exemplo, o verbete *nature* traz doze significados diferentes, com uma décima terceira entrada onde se lê: “dessa palavra, que ocorre tão freqüentemente, com significações tão variadas e tão difíceis de se definir, [Robert] Boyle deu uma explicação que merece ser sintetizada”. Seguem-se, então, oito diferentes definições retiradas de *A free enquiry into the [vulgarly] received notion of nature* (1686).<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> *República*, X, 597d-e. Deve-se entender, aqui, por ‘natureza’, a ‘idéia’, a ‘essência’, o ‘fundamento’ metafísico, ou seja, a ‘verdade’ (*ibidem*, 602c). Ver Gerd A. BORNHEIM, *Literatura e filosofia*, pp. 94s.

<sup>22</sup> *Poética* I, 1447 a 13-16. Deve-se observar que a idéia de ‘natureza’ não aparece explicitamente no tratado aristotélico. Não obstante, a idéia aristotélica de *mimesis* também supõe um ato de adequação entre a produção artística e ‘algo’ anterior que a guia. Ver Luiz COSTA LIMA, *Mimesis: desafio ao pensamento*, pp. 33ss; Sonia LACERDA, *Metamorfoses de Homero*, p. 217.

<sup>23</sup> *A dictionary of the English language* (1755<sup>1</sup>, 1785<sup>6</sup>), vol. 2, pp. 177-178. A dificuldade de definir a natureza provém do fato de todas suas definições terem um caráter negativo. Não sabemos o que é a natureza, sabemos apenas o que ela não é (ver Clément ROSSET, *Anti-natureza*, cap. 1; as citações seguintes se referem a essa obra).

Por um lado, a natureza se opõe ao artificial, ela é aquilo que se faz sem o homem. No fundo, trata-se de um referencial antropocêntrico, pois, é necessário que o homem tenha a capacidade de agir (realizar atos específicos) para que possamos definir a natureza como a ação que não tem a participação do homem.

Não obstante, as concepções setecentistas ecoam a diferenciação platônica entre *mimesis eikastiké*, a imitação que produz imagens semelhantes ao original, e *mimesis phantastiké*, a fantasia que produz apenas ilusões, afastadas do fundamento. O termo ‘imaginação’, ao abranger ambos os significados, diminuiu a distinção, mas levou à ênfase na necessidade de controle racional e à primazia do modelo:<sup>24</sup>

Primeiro siga a Natureza, e paute seu julgamento  
por seu justo padrão, que ainda é o mesmo;  
Natureza infalível, ainda divinamente brilhante,  
luz clara, imutável e universal,  
vida, força e beleza a todos deve conceder,  
ao mesmo tempo fonte e fim e critério da Arte.<sup>25</sup>

Se a verdadeira origem de toda arte estava na natureza, então a única poesia ‘completamente original’ era o mundo, ‘poema’ produzido pela mente divina, e a maior ‘originalidade’ que a poesia podia alcançar era a verossimilhança:

---

Podemos, também, considerar o natural como um princípio produtor de existência. Mas, na verdade, essa definição apenas opõe a natureza à idéia de acaso, construindo uma tipologia tríplice da existência: “sabe-se somente que a natureza é aquilo que resta quando em todas as coisas neutralizam-se os efeitos do artifício e do acaso” (p. 24).

Não se pode negar, no entanto, a importância do conceito. Mesmo em todas essas definições negativas – e em várias outras ainda possíveis, como natureza/sobre-natureza, natureza/espírito, natureza/história, natureza/civilização – é sempre a natureza quem ocupa um lugar fundamental: “incapaz de manifestar-se por si mesma, fornece, em compensação, um ponto de apoio necessário e eficaz a todos os temas metafísicos [...]; pois transcender não é tudo, é preciso transcender alguma coisa.” (p. 19).

<sup>24</sup> Ver Enid Abreu DOBRÁNSZKY, *op. cit.*, pp. 26ss.

<sup>25</sup> Alexander POPE, *An essay on criticism* (1711), vv. 68-73: “First follow Nature, and your judgement frame / by her just standard, which is still the same; / unerring Nature, still divinely bright, / one clear, unchanged, and universal light, / life, force, and beauty must to all impart, / at once the source, and end, and test of Art”.

Muitas viagens e largas observações pessoais têm sido o fado dos maiores poetas épicos. Vivendo dessa maneira, eles tiveram freqüentes oportunidades de se familiarizar com os *originais* de seus desenhos e ficções, cuja maior excelência, seja material ou moral, é sua semelhança com a natureza e a verdade.<sup>26</sup>

Homero fora, “sem discussão”, o maior poeta e “o gênio mais universal que o mundo já viu”.<sup>27</sup> Muito se escreveu no século XVIII tentando decifrar o ‘enigma homérico’: como explicar sua excelência incomparável? Segundo o irlandês Robert Wood, em *An essay on the original genius and writings of Homer* [Um ensaio sobre o gênio original e obra de Homero] (1775), a excelência homérica estava precisamente em sua capacidade sem igual de observação da natureza. O “gênio original” do poeta era a capacidade de responder ao mundo natural, de ‘pintar’ em palavras, sem se fiar em noções preconcebidas. Ou seja, Homero fora “o mais original de todos os poetas e o mais constante e fiel copiador da natureza”.<sup>28</sup>

Ao afirmar que o original de Ossian era a natureza, portanto, Macpherson estava alçando *Fingal* ao mesmo patamar da *Iliada* e colocando o gênio celta em um degrau superior ao romano e ao inglês, pois poetas como Virgílio e Milton deviam muito de sua excelência à educação e à imitação. Apenas Ossian e Homero eram poetas épicos naturais e qualquer semelhança entre o poema celta e outros deveria ser atribuída ao modelo comum.

---

<sup>26</sup> Thomas BLACKWELL, *An enquiry into the life and writings of Homer*, pp. 71-72 (grifo meu). Ver Sonia LACERDA, *op. cit.*, pp. 218ss.

<sup>27</sup> William TEMPLE, *op. cit.*, p. 181.

<sup>28</sup> *Apud* Kirsti SIMONSUURI, *Homer's original genius*, p. 133. A obra de Wood, embora publicada postumamente, circulava entre seus amigos já em 1767. Para as diversas concepções setecentistas da excelência homérica, ver, além da obra supracitada de Simonsuuri, Sonia LACERDA, *Metamorfoses de Homero*.

## b. Ressonâncias clássicas

A determinação de Laing em expor os débitos de Ossian para com outros autores seria fácil de entender caso Macpherson tivesse “habilmente escondido” suas leituras, mas a primeira edição de *Fingal* estava cheia de notas de rodapé que apontavam diretamente as semelhanças entre o texto do épico gaélico e os clássicos. Quase no fim do livro I de *Fingal*, por exemplo, o poeta escreveu:

Agradável é tua voz, ó Carril, disse o chefe de Erin de olhos azuis; e belas são as palavras de outros tempos. São como o calmo chuvisco da primavera, quando o sol olha para os campos e uma leve nuvem paira sobre as colinas.<sup>29</sup>

A nota de Macpherson a essa passagem observa que “Homero compara leves palavras penetrantes à queda da neve” e cita a passagem pertinente da *Iliada*, na tradução setecentista de Alexander Pope: “But when he speaks, what elocution flows!/ Like the soft fleeces of descending snows”.<sup>30</sup> Malcolm Laing, em sua edição, acrescenta a tradução de Macpherson (“his words like showers of winter snow” [suas palavras como leve nevada de inverno]) e aponta o *Cântico de Moisés* (*Deuteronomio*, XXXII, 2) como a ‘verdadeira’ fonte da passagem de Ossian: “desça como chuva minha doutrina,/ minha palavra se espalhe como orvalho,/ como chuvisco sobre a relva que viceja/ e aguaceiro sobre a grama verdejante”.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 62: “Pleasant is thy voice, O Carril, said the blue-eyed chief of Erin; and lovely are the words of other times. They are like the calm shower of spring, when the sun looks on the field, and the light cloud flies over the hills”.

<sup>30</sup> Alexander POPE, *The Iliad of Homer*, III, 222s. O poeta brasileiro Haroldo de Campos recriou assim a passagem homérica: “Mas quando a voz do peito emitia, poderosa,/ palavras como copos-de-neve no inverno,/ ninguém, nenhum mortal o igualaria.” (*Iliada de Homero*, vv. 221-223).

<sup>31</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. I, pp. 48-49; *A Bíblia de Jerusalém*, p. 320.

Outro exemplo. No livro V, lê-se:

Como uma árvore eles cresceram nas colinas; e  
caíram como o carvalho da floresta; quando ele jaz  
sobre um riacho e murcha no vento da montanha.<sup>32</sup>

Dessa vez, a nota de Macpherson apenas cita uma passagem da *Iliada*, deixando ao leitor a tarefa da comparação:

Feito alto pinho, choupo  
ou carvalho que cai sob o fio do machado  
- lenhas para navios - estende-se Sárpedon.<sup>33</sup>

Malcolm Laing repete a citação de Macpherson e acrescenta outra referência à *Iliada* de Pope (canto XVII), na qual uma árvore tombada é igualmente comparada a um guerreiro morto.<sup>34</sup>

No total, 33 notas ao texto de *Fingal* fazem referências a passagens clássicas, enquanto outras 50 se distribuem pelos demais poemas do volume. A *Iliada* é o texto mais citado (23 referências), seguido pela *Eneida*, pelo *Paraíso perdido*, de Milton, e pela Bíblia (17 referências cada).<sup>35</sup> Todo o volume de *Temora*, no entanto, não traz mais que sete

---

<sup>32</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 95: “Like a tree they grew on the hills; and they have fallen like the oak of the desert; when it lies across a stream, and withers in the wind of the mountain”.

<sup>33</sup> *Iliada de Homero*, XVI, vv. 482-484. A tradução de POPE, citada por Macpherson (n. 51), é: “...as the mountain oak/ nods to the ax, till with a groaning sound/ it sinks, and spreads its honours on the ground” (*op. cit.*, XVI, vv. 483-485).

<sup>34</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. I, p. 172, n. 20: “When lo! A whirlwind from high heaven invades/ the tender plant, and withers all its shades;/ it lies uprooted from its genial bed,/ a lovely ruin now defaced and dead./ Thus young, thus beautiful, Euphorbus lay,/ While the fierce Spartan tore his arms away.” (POPE, *op. cit.*, XVII, vv. 62-67); “até que uma rajada a desraíze/ em turbinoso impulso e sobre o solo a arroje:/ assim a Euforbo, bom-de-lança, Menelau/ despoja da armadura, após tê-lo abatido.” (*Iliada de Homero*, XVII, vv. 57-60).

<sup>35</sup> Além dessas, há duas referências à *Odisséia*, quatro às *Geórgicas* de Virgílio, mais uma a Milton (*Comus: a masque*), uma a um soneto de Edmund Spenser (1552-1599) e uma ao poeta latino Estácio (Publius Papinius Statius, 45-96 d.C.). Da *Bíblia*,

vagas referências a semelhanças genéricas entre Homero, Milton e Ossian. Além disso, todas as referências existentes no volume de *Fingal* foram retiradas na publicação da edição revista de 1773. Essa escolha talvez tenha sido ditada pelas dúvidas relativas à autenticidade dos poemas, mas certamente mostra a crescente confiança de Macpherson em seu sucesso.

Com efeito, no início do empreendimento ossiânico, Fingal, Ossian e Oscar eram nomes desconhecidos do público. Ao comparar, por exemplo, os feitos de Gaul e Ossian em *Lathmon*, um dos poemas que acompanhavam *Fingal*, à expedição de Odisseu e Diomedes no canto X da *Iliada* e ao episódio de Niso e Euríalo no nono canto da *Eneida*, Macpherson traz os heróis gaélicos para um território conhecido dos leitores. Tal comparação, ainda por cima, permitia a ele colocar os celtas em patamar superior a seus pares clássicos, pois Gaul se recusa a atacar os inimigos adormecidos e sugere que Ossian bata a lança em seu escudo para acordá-los:

Essa proposta de Gaul é muito mais nobre e mais agradável ao verdadeiro heroísmo do que o comportamento de Ulisses e Diomedes na *Iliada* ou aquele de Niso e Euríalo na *Eneida*. O que seu valor e generosidade sugeriram se tornou a base de seu sucesso. Pois o inimigo, atemorizado com o som do escudo de Ossian, que era o sinal normal para a batalha, pensou que todo o exército de Fingal tinha vindo atacá-los e fugiram na realidade de um exército, não de dois heróis, o que reconcilia a história com a probabilidade.<sup>36</sup>

Mesmo sem exaltações explícitas, os heróis gaélicos eram engrandecidos pelas semelhanças com os clássicos. Quando, na

---

são citados o *Cântico dos cânticos* (6 vezes), o segundo livro de *Samuel* (4), *Jó* e *Isaías* (2 vezes cada), *Juízes* 2, *Reis* e *Salmos* (1 referência cada).

<sup>36</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 176, n. 1; p. 179, n. 27.

abertura de *Fingal*, o batedor de Cuchullin descreve o líder dinamarquês Swaran a seu chefe, o inimigo *viking* fica mais imponente pela comparação de suas armas com as do Satã de Milton. Da mesma forma, no livro II, quando o fantasma de Crugal, um irlandês abatido por Swaran, profetiza o resultado da batalha de Cuchullin contra os *vikings*, Macpherson nos remete à aparição dos fantasmas de Pátroclo na *Iliada* e de Heitor na *Eneida*. Imediatamente, Crugal, que não aparecera no primeiro livro, se torna ‘real’ pela comparação com Pátroclo/Heitor, enquanto Swaran é novamente valorizado pelo paralelo com Heitor/Aquiles.<sup>37</sup>

Além disso, as alusões de Macpherson permitiam que ele introduzisse sutilezas sem sacrificar a ‘pureza’ e a ‘naturalidade’ de Ossian. De fato, grande parte do efeito de antigüidade da poesia ossiânica vem do paralelismo das frases, da prosa ritmada, das sentenças curtas e repetitivas, das imagens naturais. O uso de citações em notas permitia ao editor sugerir idéias refinadas sem afetar a simplicidade ‘primitiva’ da poesia, que, na época, era vista como uma excelente alternativa às elocuições afetadas dos poetas neoclássicos:

O efeito de seus aparentemente convencionais símiles épicos é assim dobrado e triplicado pelas notas de referência a Homero, Virgílio ou Milton, pois embora Ossian simplesmente compare um exército com uma tempestade ou um guerreiro com uma árvore, a comparação do editor dessas linhas com passagens dos épicos clássicos fazem o simples texto escocês reverberar outras narrativas.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Ver Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, pp. 137-139. Josef BYSVEEN, *Epic tradition and innovation in James Macpherson's Fingal*, compara detalhadamente as semelhanças entre o texto de Ossian e aquele da *Iliada*. A discussão sobre a aparição do fantasma de Crugal encontra-se nas pp. 119-121.

<sup>38</sup> Fiona STAFFORD, *Fingal and the fallen angels*, p. 168. Sigo, a partir daqui, a análise dessa autora, esp. pp. 168-171

Se as referências à *Iliada* e à *Eneida*, as maiores epopéias do Ocidente, tinham a função de familiarizar e elevar os heróis gaélicos, as referências a Milton podem revelar uma leitura mais complexa. Com efeito, já vimos que Swaran, o chefe dos invasores nórdicos, tem suas armas comparadas às de Satã:

Eu vi seu chefe, diz Moran, alto como uma pedra de gelo. Sua lança é como um abeto derrubado. Seu escudo, como a Lua nascente.<sup>39</sup>

Do ombro lhe pende  
o escudo [que enrijou têmpera etérea.  
Largo, pesado, orbicular, maciço  
e] que se assemelha à Lua <sup>40</sup>

Uma leitura apressada poderia fazer supor que esse paralelo trata, apenas, de, literalmente, ‘demonizar’ o inimigo e atribuir-lhe todo tipo de características assustadoras. Mas, poucas linhas depois, Macpherson novamente insere uma nota relacionando *Fingal* ao *Paraíso perdido*:

Que murmúrio se espalha pela montanha como as moscas do crepúsculo? Os filhos de Inis-fail avançam ou ventos sussurrantes rugem na floresta distante?<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 55: “I saw their chief, says Moran, tall as a rock of ice. His spear is like that blasted fir. His shield like the rising Moon.”

<sup>40</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 55, n. 12: “[...] His ponderous shield/ [ethereal temper, massy, large and round,/] behind him cast; the broad circumference/ hung on his shoulders like the Moon” (= John MILTON, *Paradise lost*, I, vv. 284ss). Macpherson não cita, mas Milton também compara a lança de Satã com uma pinácea: “His spear, to equal which the tallest pine/ hewn on Norwegian hills, to be the mast/ of some great ammiral, were but a wand”; “Empunha a lança (junto à qual seria/ ténue vara o pinheiro mais gigante/ que da Noruega em montes é cortado/ para mastro de altiva capitânia)” (vv. 292s; traduções portuguesas de António José de Lima Leitão).

[Eis [que um] rumor sussurra no congresso]  
como quando um minado promontório  
repressa o som dos tempestuosos ventos.<sup>42</sup>

Uma vez que os versos não são particularmente semelhantes, é à nota de Macpherson que devemos atribuir a ligação entre o exército dos irlandeses, liderado por Cuchullin, e as hostes infernais que aplaudem o demônio Mammon. O herói celta é comparado diretamente ao Satã de Milton em mais duas ocasiões:

1) quando, durante o primeiro combate entre as forças irlandesas e os invasores dinamarqueses, Cuchullin e Swaran se enfrentam, seu combate é aproximado daquele entre Satã e Morte:

Quem são esses, como duas nuvens, com suas espadas  
como raios sobre eles?<sup>43</sup>

Que duas negras nuvens pareciam,  
quando troam sobre o Cáspio  
dos Céus a artilharia disparando.<sup>44</sup>

2) novamente no livro II de *Fingal*, quando Swaran avança, Cuchullin o enfrenta e é comparado a Satã:

Mas Cuchullin postou-se diante dele como uma  
montanha, que barra as nuvens do céu.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 58: “What murmur rolls along the hill like the gathered flies of evening? The sons of Inis-fail descend, or rustling winds roar in the distant wood.”

<sup>42</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 58, n. 67: “[such murmur fill’d/ th’ Assembly] as when hollow rocks retain/ the sound of blust’ring winds.” (= John MILTON, *Paradise lost*, II, vv. 284-286; tradução portuguesa de António José de Lima Leitão).

<sup>43</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 60: “Who are these like two clouds, and their swords like lightning above them?”

<sup>44</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 60, n. 89: “as when two black clouds/ with heav’ns artillery fraught, come rattling on/ over the Caspian” (= John MILTON, *Paradise lost*, II, vv. 714ss; tradução portuguesa de António José de Lima Leitão).

Assombrado d'além, Satã assume  
quanto possui de brio e de vigor;  
imenso cresce nos sentidos todos,  
e firme em pé se tem, assemelhando  
de Atlante ou Tenerife a vasta mole.  
Sua estatura ao firmamento alcança;<sup>46</sup>

Não apenas Cuchullin, mas também Fingal, quando finalmente chega para combater os invasores, no livro IV, é aproximado do Adversário:

Levante meus estandartes, – abra-os aos ventos de  
Lena, como as chamas de cem montes.<sup>47</sup>

A bandeira imperial que no ar subida,  
qual meteoro que os ventos arrebatam,  
brilhou [...]<sup>48</sup>

São, portanto, os guerreiros celtas que Macpherson mais freqüentemente aproxima dos anjos caídos. Com isso, embora o poema descreva a vitória de Fingal e seus guerreiros, um sentimento de derrota fica subentendido pelas referências ao *Paraíso perdido*. Por mais que sejam vitoriosos nas batalhas, os celtas, como os anjos que se rebelaram, estão condenados. Esse sentimento de perdição fica bastante explícito, novamente pela mediação de uma referência a Milton, na descrição do exército de Cuchullin no livro II de *Fingal*:

---

<sup>45</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 68: “But Cuchullin stood before him like a hill, that catches the clouds of heaven.”

<sup>46</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 68, n. 41: “[...] On th’ other side Satan allarm’d,/ collecting all his might, dilated stood/ like Teneriff or Atlas unremov’d:/ his stature reacht the skie [...]” (= John MILTON, *Paradise lost*, IV, vv. 986ss; tradução portuguesa de António José de Lima Leitão).

<sup>47</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 86: “Raise my standards on high, – spread them on Lena’s wind, like the flames of an hundred hills.”

<sup>48</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 86, n. 22: “Th’ Imperial Ensign, which full high advanc’t/ shon like a meteor streaming to the wind.” (= John MILTON, *Paradise lost*, I, vv. 536s; tradução portuguesa de António José de Lima Leitão).

Eles se puseram de pé na urze, como carvalhos com todos os ramos à sua volta; quando ecoam as correntes do inverno, e suas folhas murchas sussurram no vento.<sup>49</sup>

A imagem, por si só, conjuga sentimentos de grandeza e decadência. Poderíamos, no entanto, pensar em um ciclo natural: as folhas estão murchas, mas o carvalho sobreviverá ao inverno e as folhas renascerão com a primavera (representada, talvez, pela chegada de Fingal). Porém o símile entre os guerreiros e as árvores não está sozinho, e uma nota de Macpherson o remete a Satã e seus seguidores no Inferno:

[a glória murcha,] – quais se mostram  
na selva o roble, na montanha o pinho,  
depois que os estragou do Céu o lume,  
crestada a rama inteira, mas erguidos  
com toda a corpulência nua e enorme  
muito por cima das queimadas urzes!<sup>50</sup>

A imagem, aqui, não é de um ciclo natural de regeneração da vida após o inverno, mas de árvores permanentemente destruídas pelos raios celestes. A glória dos caídos está murcha como as árvores, mas não há esperança de primavera para eles. Eles estão “para sempre condenados à sua parcela de dor”.<sup>51</sup> A referência a *Paraíso perdido* associa o símile de *Fingal* à idéia de decadência e à perdição dos guerreiros celtas.

---

<sup>49</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 66: “They stood on the heath, like oaks with all their branches round them; when they echo to the stream of frost, and their withered leaves rustle to the wind.”

<sup>50</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 66, n. 17: “[thir glory witherd.] – As when Heavens fire/ hath scath'd the forrest oaks, or mountain pines,/ with singed top their stately growth though bare/ stands on the blasted heath.” (= John MILTON, *Paradise lost*, I, vv. 612ss; tradução portuguesa de António José de Lima Leitão).

<sup>51</sup> John MILTON, *Paradise lost*, I, vv. 607s: “[...] condemn'd/ for ever now to have their lot in pain”.

O mesmo observa-se no final do poema. Nos últimos parágrafos do sexto livro, no momento mesmo em que se celebra a vitória, a atenção do leitor é desviada do sucesso de Fingal para fixar-se na situação de Ossian, o último sobrevivente de sua poderosa raça:

Sentamos, festejamos e cantamos. O espírito de Cuchullin animou-se. A força de seu braço voltou; e a satisfação brilhou em seu rosto. Ullin começou a tocar, e Carril elevou a voz. Eu, com freqüência, juntei-me aos bardos e cantei batalhas de lança. — Batalhas! em que muitas vezes eu lutara. Mas agora não luto mais. A fama de minhas ações extinguiu-se e eu me sento miserável nos túmulos de meus amigos.

Assim eles passaram a noite cantando; e trouxeram a manhã de volta com alegria. Fingal levantou-se na urze e brandiu a lança brilhante em sua mão. — Foi o primeiro a se mover para as planícies de Lena e o seguimos como uma crista de fogo. Estendam a vela, disse o rei de Morven, e peguem os ventos que sopram de Lena. — galgamos a onda com canções e avançamos, com alegria, pela espuma do oceano.<sup>52</sup>

O que parecia ser uma ode à vitória dos celtas sobre seus inimigos *vikings*, ganha um tom melancólico pela nota de Macpherson:

É aceito pelos melhores críticos que um poema épico deve terminar de maneira feliz. Essa regra, nas suas

---

<sup>52</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 104: “We sat, we feasted, and we sung. The soul of Cuchullin rose, the strength of his arm returned; and gladness brightened on his face. Ullin gave the song, and Carril raised the voice. I, often, joined the bards, and sung of battles of the spear. — Battles! where I often fought; but now I fight no more. The fame of my former actions is ceased; and I sit forlorn at the tombs of my friends. [§] Thus they passed the night in song; and brought back the morning with joy. Fingal arose on the heath, and shook his glittering spear in his hand. — He moved toward the plains of Lena, and we followed like a ridge of fire. Spread the sail, said the king of Morven, and catch the winds that pour from Lena. — We rose on the wave with songs, and rushed, with joy, through the foam of the ocean.”

circunstâncias mais materiais, é observada pelos três mais merecidamente celebrados poetas, Homero, Virgílio e Milton; no entanto, não sei como isso acontece, as conclusões de seus poemas deixam uma nódoa melancólica na mente. Um deixa seu leitor em um funeral, o outro na morte fora de hora de um herói e o terceiro nas cenas solitárias de um mundo despovoado.<sup>53</sup>

Desde o início do empreendimento ossiânico, o tom predominante nos poemas era essa melancolia. O poeta é um velho cego e alquebrado, que narra os feitos de seus familiares mortos, entre os quais seu próprio filho, Oscar:

Por que reabriste a fonte do meu sofrimento, ó filho de Alpin, perguntando como Oscar caiu? Meus olhos estão cegos de lágrimas, mas a memória brilha em meu coração. Como posso relatar a triste morte do cabeça do povo! Príncipe dos guerreiros, Oscar, meu filho, não te verei mais!<sup>54</sup>

Esse é o início do primeiro exemplar da poesia de Ossian apresentado por Macpherson a seus patrocinadores. Nele, a sensação de perda é completa. O bardo está velho. Seus parentes estão mortos. A única coisa que ele ainda possui é a memória. Não lhe resta mais nada:

---

<sup>53</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 104, n. 54. Seguem-se à nota os últimos versos da *Iliada*, da *Eneida* e de *Paraíso perdido*. Sobre a melancolia de *Ossian*, ver David QUINT, *Epic and empire*, pp. 344-348.

<sup>54</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 16 ('fragmento' VII): "Why openest thou afresh the spring of my grief, O son of Alpin, inquiring how Oscar fell? My eyes are blind with tears; but memory beams on my heart. How can I relate the mournful death of the head of the people! Prince of the warriors, Oscar, my son, shall I see thee no more!" Em *Fragments of ancient poetry* e na primeira edição de *Fingal*, o nome do filho de Ossian aparecia como Oscar. Apenas na 'terceira' edição, de 1765, o nome foi alterado para Oscar. O "filho de Alpin" é São Patrício, a quem, segundo a tradição gaélica 'genuína', Ossian contava suas histórias na velhice.

Filho do nobre Fingal, Ossian, príncipe dos homens!  
Que lágrimas marcam tuas velhas faces?

Memória, filho de Alpin, a memória fere os idosos.  
Dos tempos antigos são meus pensamentos; meus  
pensamentos estão com o nobre Fingal. A raça do rei  
retorna à minha mente e me fere com a lembrança.<sup>55</sup>

Mas nem mesmo a memória e as canções podem trazer de volta o  
passado. Sua era acabou. Não há mais esperança para o futuro:

Filho de Alpin! Os sofrimentos dos idosos são  
muitos: suas lágrimas são pelo passado. Isso  
despertou minha infelicidade, guerreiro; a memória  
fez ressurgir minha tristeza. Oscar, meu filho, era  
bravo; mas Oscar não vive mais. Ouviste minha  
tristeza, ó filho de Alpin; perdoe as lágrimas dos  
idosos.<sup>56</sup>

Segundo Macpherson, Oscar, filho de Ossian, morreu por volta dos 20  
anos, caído em batalha. A morte do jovem guerreiro, tema do  
primeiro livro de *Temora*, é o prenúncio de que o futuro não tinha  
lugar para o seu heroísmo. A idade dos heróis passara. Ossian é apenas  
a memória de uma glória extinta. A poesia de Macpherson é a história  
de um povo derrotado. Nem mesmo em *Fingal* a vitória é completa,  
pois, assim como Oscar, o filho mais novo do rei, Ryno, foi morto e a  
transitoriedade de todas as coisas é lembrada pelo pai pesaroso:

---

<sup>55</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 14 ('fragmento' VI): "Son of the noble Fingal, Oscian, Prince of men! what tears run down the cheeks of age? what shades thy mighty soul? [§] Memory, son of Alpin, memory wounds the aged. Of former times are my thoughts; my thoughts are of the noble Fingal. The race of the king return into my mind, and wound me with remembrance." Em *Fragments of ancient poetry* o nome do poeta era grafado Oscian, sendo alterado para a forma mais conhecida na publicação de *Fingal*.

<sup>56</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 15 ('fragmento' VI): "Son of Alpin! the woes of the aged are many: their tears are for the past. This raised my sorrow, warrior; memory awaked my grief. Oscar, my son was brave; but Oscar is no more. Thou hast heard my grief, O son of Alpin; forgive the tears of the aged."

Descanse, mais jovem dos meus filhos, descanse, ó  
Ryno, em Lena. Nós também deixaremos de existir;  
pois o guerreiro um dia deve tombar.<sup>57</sup>

Tanta nostalgia não passou despercebida aos primeiros comentadores dos poemas ossiânicos:

Ossian é a decadência e a velhice da poesia. Ele vive apenas na lembrança e no pesar do passado. Há uma impressão que ele passa mais completamente do que todos os outros poetas, nomeadamente, a sensação da privação, da perda de todas as coisas, de amigos, do bom nome, do país - ele não tem nem mesmo Deus em seu mundo.<sup>58</sup>

As epígrafes dos poemas, que também se referiam a textos clássicos, colaboram para acrescentar mais algumas camadas de subtextos à leitura. Em 1760, o pequeno volume de *Fragments of ancient poetry* trazia uma citação latina em sua folha de rosto:

Vos quoque qui fortes animas, belloque peremptas  
laudibus in longum vates dimittitis ævum,  
plurima securi fudistis carmina *Bardi*.

[E vós, ó *Bardos!* a quem êxtases sagrados inflamam  
a cantar vossos heróis com a lira de vosso país;  
que consagram vossa raça imortal,  
bravas almas patriotas, mortas em justa batalha;  
em segurança agora renovem a melodiosa tarefa,  
e persigam os mais nobres temas em canções  
imortais.]}<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 95: “Rest, youngest of my sons, rest, O Ryno, on Lena. We too shall be no more; for the warrior one day must fall.” Sobre a idade de Oscar ao morrer, ver a última nota ao livro VIII de *Temora* (*The poems of Ossian and related works*, p. 292, n. 23).

<sup>58</sup> William HAZLITT, *Lectures on the English poets*, p. 29.

<sup>59</sup> LUCANO, *The civil war*, I, vv. 447-449 (segundo a tradução inglesa de Nicholas ROWE, *Lucan's Pharsalia* [1719], I, vv. 784-790: “You too, ye Bards! whom sacred

Por um lado, a epígrafe eleva a poesia gaélica mediante a evocação da grandeza e importância dos bardos celtas (gauleses) nos versos de Lucano, “depois de Homero e Virgílio, o próximo grande poeta épico dos tempos antigos”.<sup>60</sup> Além disso, os bardos conquistaram a segurança, pois as legiões de César, abandonando a Gália, voltaram-se contra a própria Roma:

Agora César, marchando rápido com pressa alada,  
os picos dos Alpes gelados atravessou;  
repleto de vastos eventos e projetos  
e guerras futuras remoendo em seu pensamento.  
Perto das margens do Rubicão, estacou;  
então, vejam! enquanto perscrutava as águas rasas,  
entre os sombrios horrores da noite,  
uma visão assombrosa feriu-lhe os olhos.  
A reverenda imagem de Roma ergueu sua tremenda  
cabeça  
e triste e trêmula a forma da matrona apareceu;<sup>61</sup>

Mas, por outro lado, a epígrafe nos permite ligar os celtas, mais uma vez, a uma tradição derrotada, pois o tema do poema é a destruição da República romana na guerra entre César e Pompeu: “o sentido esmagador de um mundo em processo de desintegração, transmitido

---

raptures fire,/ to chaunt your heroes to your country's lyre;/ who consecrate, in your immortal strain,/ brave patriot souls in righteous battel slain;/ securely now the tuneful task renew,/ and noblest theams in deathless songs pursue.”) O grifo é de Macpherson.

<sup>60</sup> Hugh BLAIR, *Lectures on rhetoric and belles lettres*, vol. II, l. XLIV, p. 451.

<sup>61</sup> Nicholas ROWE, *Lucan's Pharsalia*, I, vv. 344-353: “Now Cæsar, marching swift with winged haste,/ the summits of the frozen Alps had past;/ with vast events and enterprises fraught,/ and future wars revolving in his thought./ Now near the banks of Rubicon he stood;/ when lo! as he survey'd the narrow flood,/ amidst the dusky horrors of the night,/ a wondrous vision stood contest to sight./ Her awful head Rome's reverend image rear'd,/ trembling and sad the matron form appear'd” (= Lucano, *The civil war*, I, vv. 183-186).

pela *Farsália*, também emergia em *Fragments*”.<sup>62</sup> De fato, a *Guerra civil* de Lucano era um épico sem futuro:

Em breve a grandeza do nome de Roma,  
a ouvidos incrédulos será dita [apenas] pela Fama;  
derrubadas serão as poderosas torres latinas  
e ruínas coroarão o topo de nosso monte albano.<sup>63</sup>

Nessa passagem, o texto de Lucano alude à *Eneida*, em especial à passagem na qual Anquises mostra a Enéias a glória futura de Roma, citando explicitamente Gabo e Cora: “nomes que serão famosos, mas que agora são terra sem nome” (*Eneida*, VI, v. 773-776). A operação intertextual se dá pela inversão do *topos* da poesia augustana de lamentar as cidades e terras italianas que foram arrasadas pelos romanos em sua ascensão. Ao invés de antigas cidades etruscas (e.g., Propércio, IV, 10, vv. 27-30, que lamenta a grandeza perdida de Veio), agora são as cidades romanas que, pelas armas da própria Roma, voltam à obscuridade da qual saíram.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, p. 101. Ver também David QUINT, que cita a mesma passagem de Stafford, mas considera que o tema mais importante evocado pela citação da *Farsália* é a liberdade celta (*Epic and empire*, p. 349).

<sup>63</sup> Nicholas ROWE, *Lucan's Pharsalia*, VII, vv. 585-588: “Soon shall the greatness of the Roman name,/ to unbelieving ears, be told by Fame; low shall the mighty Latian tow'rs be laid,/ and ruins crown our Alban mountain's head”.

O texto latino é ainda mais explícito: “Essa batalha [*Mars iste*] irá destruir nações ainda não nascidas [*gentes ... futuras obruet*], despojará do nascimento e levará [*erepto natale feret*] os povos das gerações futuras [*populos ævi venientis in orbem*]. Então toda a raça latina [*tunc omne latinum*] será apenas um nome lendário [*fabula nomen erit*]: ruínas cobertas de pó mal indicarão o local [*pulvere vix tectæ poterunt monstrare ruinæ*] de Gabo, Veio e Cora [*Gabios Veiosque Coramque*], os lares de Alba e os penates de Laurêncio [*Albanosque lares Laurentinosque penates*], [serão] terra vazia e abandonada [*rus vacuum*]” (LUCANO, *The civil war*, VII, vv. 389-395).

<sup>64</sup> Ver Emanuele NARDUCCI, *Lucano. Un'epica contro l'impero*, pp. 167-169.

Lucano pretendia, explicitamente, construir com sua epopéia um ‘poema romano’ (*Romana ... carmina*).<sup>65</sup> Trata-se, no entanto, de um poema romano subversivo, pois a vitória, o maior dos atributos romanos, sempre exaltado pela tradição poética latina, é rejeitada:

Mas ah! Musa minha, abstém-te do tema deplorável  
e cessa aqui tuas contas lamentáveis;  
não permitas que meus versos transmitam ao futuro  
o que fez Roma nesse dia terrível;  
em sombras e silêncio oculta seus crimes da Fama  
e poupa a vergonha de teu miserável país.<sup>66</sup>

Nesse sentido, a *Guerra civil* aparece como o épico da República perdida, o épico dos derrotados.<sup>67</sup> Apesar do elogio servil a Nero, Lucano se coloca firmemente contra a tradição imperial, que fez da *Eneida* seu poema oficial. Diversas passagens de *Guerra civil* aludem a temas e versos do poema de Virgílio, normalmente trocando seu significado de promessa otimista de um mundo ordenado pelo príncipe pelo de desespero de quem vive sob a tirania. Assim, o abandono do aparato religioso tradicional da epopéia e a recusa de introduzir os deuses como agentes no poema reforçavam o lado nefasto do principado, pois a *Eneida* fizera da ascensão de Augusto uma consequência da vontade divina.<sup>68</sup>

A ausência dos deuses é mais um aspecto que aproxima os poemas de Ossian e o épico de Lucano: “todos aqueles heróis celtas são ateus

---

<sup>65</sup> *The civil war*, I, v. 66. Ver Emanuele NARDUCCI, *op. cit.*, pp. 26-28.

<sup>66</sup> Nicholas ROWE, *Lucan's Pharsalia*, VII, vv. 797-802: “But oh! my Muse, the mournful theme forbear,/ and stay thy lamentable numbers here;/ let nor my verse to future times convey,/ what Rome committed on this dreadful day;/ in shades and silence hide her crimes from Fame;/ and spare thy miserable country's shame.” (= Lucano, *The civil war*, VII, vv. 552-556).

<sup>67</sup> Sobre a tradição dos épicos de derrota, iniciada com Lucano, ver David QUINT, *Epic and empire*, cap. 4.

<sup>68</sup> Ver Emanuele NARDUCCI, *op. cit.*, pp. 83ss; David QUINT, *op. cit.*, pp. 135ss.

mais completos do que qualquer um saído da escola de Epicuro”.<sup>69</sup> Tal questão realmente era estranha e, na dissertação que antecedia *Fingal*, Macpherson aventou uma explicação histórica, segundo a qual uma guerra civil pouco anterior à geração de Fingal havia suprimido os druidas e, por aversão a seus inimigos, os seguidores do rei recusavam-se a citar os antigos sacerdotes. Mais ainda, afirmou que a noção de honra marcial dos celtas não lhes permitia representar os deuses ajudando os heróis, pois isso seria depreciar os seus feitos.<sup>70</sup>

Paradoxalmente, a epígrafe de *Fingal* parecia inscrever Ossian justamente na tradição da qual a referência à *Farsália* o afastava. Com efeito, a folha de rosto trazia uma sucinta e poderosa linha de Virgílio: “*fortia facta patrum*” [os grandes feitos dos ancestrais].

A gravura do bardo, logo abaixo da epígrafe, aparentemente confirmava a afinidade entre *Fingal* e a gloriosa tradição greco-romana. Ossian está vestido em trajes clássicos, com uma túnica esvoaçante, provavelmente mais apropriada a climas mediterrânicos do que à fria Escócia. A comparação dos feitos dos antigos celtas com as façanhas dos heróis clássicos impõe-se à primeira vista.

Mas um atento conhecedor da *Eneida* talvez percebesse que a epígrafe encontrava-se gravada na louça da rainha de Cartago e, portanto, os feitos aos quais ela se refere não são os de Enéias e dos antepassados de Cipião e César, e sim os de seus inimigos cartagineses:

E vasos antigos, todos de ouro dourado [...],  
com relevos curiosos, nos lados dos quais se viam  
*as lutas e as figuras de homens ilustres,*  
desde seu primeiro fundador até a rainha atual.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> David HUME, Of the authenticity of Ossian’s poems, *Essays moral, political, and literary*, p. 418.

<sup>70</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 45s.

<sup>71</sup> John DRYDEN, *The Aeneid of Virgil*, I, vv. 638-642: “And antique vases, all of gold emboss’d [...]/ of curious work, where on the sides were seen/ *the fights and*

Com efeito, o volume de *Fingal* inscreve os celtas solidamente como opositores do Império Romano. Após o épico, que retrata suas batalhas contra os *vikings*, dois poemas, *Comala* e *The war of Caros*, colocam os heróis gaélicos em ação contra os imperadores latinos. No primeiro, Fingal enfrenta Caracul, chamado *son of the king of the world*, que, segundo Macpherson, seria ninguém menos que Caracala, filho do imperador Sétimo Severo (r. 193-211 d.C.) e seu sucessor (r. 211-217 d.C.). No segundo, Oscar combate o usurpador Caráusio (chamado pelos celtas de Caros), auto-declarado imperador da Bretanha e da Gália (r. 286-293 d.C.).<sup>72</sup>

Seria fácil para um leitor contemporâneo de Macpherson ligar a luta dos celtas contra a Roma imperial à situação escocesa (e, especialmente, das *Highlands* da Escócia) no século XVIII. De fato, o luxo do palácio de Dido podia enganar por algum tempo, mas todos sabiam que o futuro já o condenara: a cidade seria destruída por Cipião Emiliano, que, no momento da vitória, choraria pensando em Roma (Políbio, XXXVIII, 21-22). Do mesmo jeito, em 1707 a Escócia deixara de existir e passara a ser governada por Londres. Mais uma vez, as referências clássicas no texto de Ossian apontam para a derrota dos celtas. Sua história é grandiosa, cheia de grandes feitos e poderosos heróis, mas seu futuro era o domínio estrangeiro.

---

*figures of illustrious men, / from their first founder to the present queen.*" (grifo meu).

<sup>72</sup> Ver *The poems of Ossian and related works*, p. 47s; p. 105, n. 1; p. 110, n. 1.

## 2. Nação

**M**acpherson cita Homero e Virgílio tentando aproximá-los de Ossian e superá-los, mas sua melancolia o leva a um território mais próximo de Lucano.<sup>73</sup> É verdade que tanto os poemas escoceses quanto a *Iliada*, a *Odisséia* ou a *Eneida* se passam em um passado remoto, um tempo heróico. Nos antigos, no entanto, trata-se de um tempo arquetípico, que promovia a continuidade entre os heróis e os ouvintes. Na *Odisséia*, por exemplo, apesar de uma viagem de dez anos, Ulisses retorna para casa intocado pelo tempo, com o mesmo vigor que apresentava nos combates diante de Tróia.<sup>74</sup>

Por sua vez, os heróis gaélicos nos lembram sempre que tudo deve passar: não há futuro a não ser o túmulo. A única ligação entre o tempo de Fingal e Oscar e aquele do leitor são as lembranças de Ossian. Mas a memória do bardo, assim como a ‘elegia’ de Lucano, não tem a função de criar modelos de conduta. Sua função é apenas lembrar os caídos, não deixar que os heróis de antanho sejam esquecidos.

O presente do leitor é, de fato, bem diferente do passado heróico da Escócia. Não é mais o tempo das vitórias gaélicas, contra *vikings* ou romanos. É o tempo da Grã-Bretanha e os vitoriosos são os outros, os ingleses. Com efeito, o Ato de União de 1707, quando o reino da Escócia deixou de existir oficialmente e o parlamento de Edimburgo foi absorvido por Westminster, marcou uma ferida indelével na história escocesa. A união das coroas britânicas (1603), que transferiu o governo para Londres deixando a Escócia ‘sem rei’, e a Revolução

---

<sup>73</sup> Até mesmo a folha de rosto de *Fingal* lembrava aquela da edição de Nicholas Rowe da *Farsália* (ver *supra*, figuras 6 e 7).

<sup>74</sup> Ver Nely Maria PESSANHA, Características básicas da epopéia clássica, p. 31. O único personagem da *Odisséia* que sofre a ação do tempo é o cão, Argos, que está velho e frágil quando do retorno do seu dono.

Gloriosa (1688), quando a antiga dinastia real escocesa foi expulsa da Grã-Bretanha, também foram etapas importantes desse processo.

### a. Nação e identidade nacional

Antes de falarmos da nação escocesa, no entanto, é importante tentarmos precisar o significado dos termos ‘nação’ e seus derivados. Começamos pela etimologia, que parece evidente: ‘nação’ chegou até nós, pelo inglês médio *nacioun* e pelo francês *nation*, a partir do latim *natio*.

Em Roma, *Natio* era uma antiga deusa, “[assim] nomeada devido àqueles que nascem [*a nascentibus Natio nominata est*], pois se acredita que ela auxilia o parto das matronas” (Cícero, *De natura deorum*, livro III, 47). Desse sentido primitivo, ligado ao do verbo *nasco*, ‘nacer’, o termo passou a designar, simplesmente, um grupo de pessoas, ou, até mesmo, uma ninhada de animais.<sup>75</sup>

Mas o termo francês *nation* também era usado para traduzir o latim *gens*. Em seu sentido romano, *gens* designava o ‘conjunto de pessoas que, pelos varões, se ligavam a um antepassado comum, varão e livre’, ou seja, ‘linhagem’.<sup>76</sup> Do mesmo modo que podia indicar uma família romana, *gens* também poderia ser usada para designar tribos e povos não-romanos e a expressão mais comum para designar os não-romanos era ‘*esteræ nationes et gentes*’.

Em resumo, *natio* e *gens* serviam para designar grupos e eram, freqüentemente, sinônimas. Na língua francesa, tal sinonímia ficou

---

<sup>75</sup> E.g., Tácito, *Histórias*, livro I, 84: “Vitélío controla algumas tribos [*nationes aliquas occupavit Vitellius*]”; Cícero, *De natura deorum*, livro II, 74: “que vossa seita [de filósofos] não possui [*quo caret vestra natio*]”; Plauto, *Rudens*, ato 2, cena 2, verso 5: “a raça faminta dos homens [*famelica hominum natio*]”.

<sup>76</sup> E.g., Salústio, *Guerra de Jugurta*, 95, 3: “Sula era de uma das mais nobres linhagens patrícias [*Sulla gentis patriciæ nobilis fuit*]”; Tito Lívio, XXXVIII, 58, 2: “não em comum com toda a linhagem dos Cornélios [*non communiter modo Corneliæ gentis*], mas com sua própria família [*sed proprie familiæ suæ*]”.

preservada pelo uso concomitante dos termos *gent* e *nation* como sinônimos até o século XVII, quando o primeiro deixou de ser usado, permanecendo apenas na forma plural: “a palavra *gens*, tomada no significado de *nation*, se usava no singular há menos de um século [...], mas hoje não se usa no singular a não ser em prosa ou poesia burlesca”.<sup>77</sup> Ao traduzir o latim *gens* para o francês, o suíço Emmer de Vattel (1714-1767) explicava: “*gens* é uma velha palavra que significa *nation*; conservou-se essa velha palavra na expressão *droit de gens*, que se pode chamar também direito das nações”.<sup>78</sup>

Ligado a essas etimologias, um sentido *étnico* de ‘nação’ pode ser observado com freqüência na Idade Média, por exemplo, na língua holandesa, onde *natie* significava, essencialmente, “a totalidade dos homens que pertencem ao mesmo *stam* [clã, raça, tribo]”.<sup>79</sup> Também em francês, podemos observar na obra do poeta Jean Froissart (1337-1404): “fui levado de volta à *terra de meu nascimento* [*pays de ma nation*], no condado de Hainaut”.<sup>80</sup> Da mesma maneira, o dicionário de Alfonso de Valência, *Universal vocabulario en Latin y en Romance* (1490), registra: “se diz de nascer; dizem-se nações das gentes juntas em seus próprios parentescos e línguas”.<sup>81</sup>

No século XVII, difundido a partir da Espanha, aparece um novo sentido, *político*, para o nosso termo. Com efeito, no dicionário de Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana o española*, cuja primeira edição é de 1611, encontramos a seguinte definição: “reino ou província extensa, como a nação espanhola”. Tal definição é repetida

---

<sup>77</sup> *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et de métiers*, t. VII (1762); *apud* José Carlos CHIARAMONTE, *Metamorfoses do conceito de nação*, p. 77.

<sup>78</sup> [Christian Wolff], *Institutions du droit de la nature et de gens* (1772); *apud* José Carlos CHIARAMONTE, *loc. cit.*.

<sup>79</sup> Eric HOBBSBAWM, *Nations and nationalism since 1780*, pp. 16-17.

<sup>80</sup> *Idem, ibidem*, p. 15 (grifo meu).

<sup>81</sup> *Apud* François-Xavier GUERRA, *A nação moderna*, p. 36.

na *Parte segunda* do dicionário, impressa em 1674, e atestamos um sentido semelhante no dicionário da Real Academia Espanhola, já em 1734: “Nação. O conjunto dos habitantes de alguma província, país ou reino. Lat. *natio, gens*”. Às vésperas da Revolução Francesa, voltamos a encontrar, no *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas: francesa, latina e italiana* (1786-1793), de Esteban de Terreros y Pando: “nome coletivo que significa um povo grande, reino, Estado, etc. submetido a um mesmo príncipe ou governo”.<sup>82</sup>

Eric Hobsbawm rejeita o caráter político dessas definições, relegando-as ao que ele chama de ‘sentido antigo’, ou seja, étnico, de ‘nação’:

A característica básica da nação moderna e de tudo o que a ela está ligado é sua modernidade. [...] O *Dicionário da Real Academia Espanhola*, cujas várias edições foram pesquisadas com esse objetivo, não usa a terminologia de Estado, nação e língua no sentido moderno antes de sua edição de 1884. [...] Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino” e também “um estrangeiro”. Mas agora era dada como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também “o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo” e, portanto, o elemento de um Estado comum e supremo é central a tais definições, pelo menos no mundo ibérico.<sup>83</sup>

Considero, no entanto, que a definição de uma nacionalidade pelo pertencimento a um reino, - ou a um país, ou a uma província - só pode ser caracterizada como política. Com efeito, no Seiscentos espanhol,

---

<sup>82</sup> Para todas essas citações, ver François-Xavier GUERRA, *op. cit.*, pp. 37-38.

<sup>83</sup> *Op. cit.*, p. 14 (tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino, adaptada).

a rigor, o que faz que um grupo humano seja considerado como um povo, e como tal dotado de um caráter específico, é precisamente a dependência de um mesmo poder. [...] é o príncipe que funde numa unidade real os membros de uma república. Apenas a república com um príncipe forma um corpo e assim, da mesma forma que aparece o Estado, aparece um povo.<sup>84</sup>

O surgimento desse sentido *político* de ‘nação’ na Espanha está ligado aos filósofos e teólogos jusnaturalistas que, na época da descoberta e conquista do novo continente, se dedicaram ao problema do *ius gentium* (direito das nações, ou, dos povos). Foi na tentativa de estabelecer quais os direitos dos nativos americanos e aqueles dos conquistadores espanhóis que o dominicano Francisco de Vitória (1486-1546), por exemplo, se debruçou sobre o ‘direito das gentes’.<sup>85</sup> Assim, ele postulou que havia uma igualdade soberana perfeita entre a cristandade européia e o mundo americano, rejeitando o *ius inventionis*, i.e., o direito de descoberta dos conquistadores, pois eles não podiam ter descoberto um mundo que já tinha dono, os nativos americanos.

Segundo Vitória, “o que a razão natural estabeleceu entre todos os povos [*inter omnes gentes*] se chama *ius gentium*”.<sup>86</sup> Esse trecho era uma

---

<sup>84</sup> José Antonio Maravall, *La teoría española del Estado en el siglo XVII*; apud José Carlos CHIARAMONTE, *op. cit.*, p. 67.

<sup>85</sup> O *ius gentium* surgiu quando a república romana iniciou suas conquistas e a necessidade de um direito que regulasse as relações entre os cidadãos romanos e os ‘outros’ se impôs. Segundo essas primeiras formulações, tratava-se de uma lei derivada dos costumes dos diferentes povos e, portanto, uma manifestação de suas naturezas. Como um tipo de direito que se aplicava a várias comunidades humanas da mesma maneira, o *ius gentium* era fundamentalmente justo e universal. Posteriormente, o jurista Ulpiano, no século III de nossa era, dividiu a totalidade do direito em três partes: *ius naturale*, *ius gentium* (que, juntos, compunham o *ius universale*) e *ius civile*.

<sup>86</sup> Apud Adolfo Ayuso AUDRY, *Las aportaciones de Vitoria, Suárez, Gentili y Grocio al derecho internacional*, p. 2.

referência direta às *Institutiones* de Justiniano, manual fundamental do direito romano (534 d.C.), que, no entanto, seguindo a definição clássica do jurista Gaio (fl. 130-180 d.C.), não utilizavam a expressão *inter omnes gentes*, mas *inter homines* [entre os homens]. Tratava-se de uma mudança importantíssima, pois, dessa maneira, Vitória retirava o *ius gentium* do domínio do que hoje chamaríamos de direito privado, levando-o para o ‘direito público’: o ‘direito das gentes’ não regulava as relações entre os homens tomados como indivíduos, mas sim as relações entre os povos, homens tomados como comunidades.

Como em sua definição romana, o *ius gentium* de Vitória deveria ser baseado nas leis e nos costumes próprios a cada povo, a cada nação, donde a questão fundamental era passar de uma forma de lei interna à sociedade (*intra se*) para se formular um código capaz de regulamentar as relações entre diferentes sociedades (*inter se*), ou seja, formar um conjunto de preceitos “criados pela autoridade do mundo todo”, que pudessem servir para assegurar que existissem “regras justas e convenientes para todos os que nele vivem”.<sup>87</sup>

Além disso, Vitória postulava que o *ius gentium* era um direito positivo que emanava “do consenso comum entre todos os povos e nações [*ex communi consensu omnium gentium et nationem*]”.<sup>88</sup> Conseqüentemente, podemos definir ‘nação’ como uma comunidade regulada pelo *ius gentium*. As nações, portanto, têm por características, na visão de Vitória, costumes próprios, autoridade própria e leis próprias. Ora, uma comunidade definida por possuir *autoridade* e *leis* próprias, só pode ser uma comunidade *política*. Poderíamos, também, seguir Hannah Arendt: “a política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano”. Ou

---

<sup>87</sup> Apud Quentin SKINNER, *As fundações do pensamento político moderno*, p. 431.

<sup>88</sup> Apud Adolfo Ayuso AUDRY, *op. cit.*, p. 16, n. 4.

seja, a tentativa de se alcançar um “consenso comum entre todos” só pode ser uma discussão *política*.<sup>89</sup>

Na primeira metade do século XVIII, os jusnaturalistas protestantes foram ainda mais explícitos e associaram a nação completamente ao Estado, tornando os dois termos sinônimos: “uma nação [...] significa um Estado soberano, uma sociedade política independente”.<sup>90</sup> Podemos, também, observar a semelhança entre as definições de ‘Estado’ e ‘nação’ no texto da *Encyclopédie*:

ESTADO s.m. (direito político) termo genérico que designa uma sociedade de homens vivendo juntos sob um governo qualquer, feliz ou infeliz. Dessa maneira, pode-se definir o Estado [como] uma sociedade civil pela qual uma multidão de homens são *unidos sob a dependência de um soberano*.

NAÇÃO s.m. (história moderna) palavra coletiva da qual se faz uso para exprimir uma quantidade considerável de pessoas [*peuple*], que habita uma certa extensão de terra [*pays*], fechada em certos limites e *que obedece ao mesmo governo*.<sup>91</sup>

Também não se pode deixar de observar que essas definições são quase iguais à definição de ‘povo’ encontrada na primeira edição do

---

<sup>89</sup> Hannah Arendt, *O que é política?*, p. 21 (grifo da autora). É certamente nessas definições do *ius gentium* que se deve buscar a paternidade da definição de ‘nação’ encontrada no dicionário de Sebastián de Covarrubias. Um dos discípulos mais destacados de Vitória foi o jurista Diego de Covarrubias (1512-1577), primo da mãe do dicionarista e grande incentivador da carreira deste último. Ver Quentin SKINNER, *op. cit.*, p. 415; Jack WEINER, *El indispensable factótum Sebastián de Covarrubias Horozco*.

<sup>90</sup> Emmer de Vattel, *Le droit de gens, ou, Principes de la loi naturelle appliqués à la conduite et aux affaires des nations et des souverains* (1758); *apud* José Carlos CHIARAMONTE, *op. cit.*, p. 68.

<sup>91</sup> Tomo VI (1761); *apud* José Carlos CHIARAMONTE, *op. cit.*, p. 70; tomo XV (1765); *apud* François-Xavier GUERRA, *op. cit.*, p. 38 (grifos meus).

dicionário da Academia Francesa (1694): “s.m. Termo coletivo. Multidão de homens de um mesmo lugar [*païs*], *que vivem sob as mesmas leis*”. A mesma fonte define ‘nação’ como “s.f. Termo coletivo. Todos os habitantes de um mesmo Estado, de um mesmo lugar [*pays*], *que vivem sob as mesmas leis* e usam a mesma língua, etc.”.<sup>92</sup> Portanto, podemos afirmar que, também na França, a definição de ‘nação’ centrava-se no conceito *político* de leis e governo comuns pelo menos desde o final do século XVII.

Identidade nacional, por sua vez, tanto pode se referir às características distintivas de uma comunidade ‘nacional’ quanto ao sentimento de pertença dos indivíduos a essas comunidades.<sup>93</sup> Não se deve, no entanto, confundir uma identidade ‘nacional’ com qualquer tipo de identidade coletiva. Provavelmente desde seu início, as comunidades criaram identidades para si. Na Grécia, por exemplo, é fácil observar a reivindicação de uma identidade étnica e cultural comum, como nessa fala de um embaixador ateniense:

Era certamente um sentimento humano o temor dos  
lacedemônios de que nos entendêssemos com o

---

<sup>92</sup> Dictionnaire de l’Académie française, 1<sup>a</sup> ed. (1694), s.v. *Peuple, Nation* (grifos meus).

<sup>93</sup> Poucos conceitos foram mais utilizados nas ciências humanas do que ‘identidade’, a tal ponto que ele perdeu qualquer possibilidade de ter um sentido preciso e tornou-se o “mais puro dos clichês” (Philip Gleason, *Identifying identity: a semantic history*; *apud* John R. GILLIS (ed.), *Commemorations: the politics of national identity*, p.3). Remeto os interessados numa discussão conceitual de ‘identidade’ ao seminário *L’identité* (1974-1975), dirigido por Claude LÉVI-STRAUSS, aos artigos iniciais do supracitado livro de John R. GILLIS (1994), esp. Richard HANDLER, *Is ‘identity’ a useful cross-cultural concept?*, à entrevista de Zygmunt BAUMAN, *Identidade* (2004), e ao livro de Roberto Cardoso de OLIVEIRA, *Caminhos da identidade* (2006), entre diversas outras obras possíveis. Sobre a relação entre ‘identidade nacional’ e ‘identidade’ de maneira geral, o primeiro capítulo do livro de Anthony D. SMITH, *National identity*, é uma leitura interessante. Sobre a literatura como elemento constitutivo da identidade nacional, ver Ézio RAIMONDI, *Letteratura e identità nazionale*, e Zilá BERND, *Literatura e identidade nacional*.

bárbaro; parece porém vergonhoso que vós, bons conhecedores do pensamento dos atenienses, tenhais tido esse temor, pois não há em parte alguma tanto ouro nem qualquer território cuja grandeza supere tanto todos os outros por sua beleza e fertilidade a ponto de podermos aceitá-los sob a condição de nos aliarmos ao persa e de escravizarmos a Hélade. Muitas e fortes razões nos impediram de fazê-lo, ainda que desejássemos. Primeiro e principalmente, o incêndio e a destruição dos ornamentos e das moradas dos deuses nos compelem a vingar-nos da maneira mais completa em vez de fazermos acordos com os autores desses sacrilégios; em seguida, a unidade de todos os helenos pelo sangue e pela língua, e os templos dos deuses e os sacrifícios oferecidos em comum, e a semelhança de nossa maneira de viver, que não seria lícito aos atenienses trair. Ficai sabendo agora, se não sabeis antes, que enquanto existir um ateniense vivo, não faremos acordo algum com Xerxes.<sup>94</sup>

Não podemos, no entanto, falar dessa evidente *identidade grega* como uma identidade *nacional*. A língua única (apesar dos diferentes dialetos), as instituições religiosas comuns (os oráculos e os jogos) e a semelhança de costumes são características usuais nas definições étnicas de nação, mas fica claro que o que compelia os atenienses a lutarem contra Xerxes era a destruição de sua cidade pelos persas e não qualquer sentimento de *nacionalidade* como experimentamos hoje. Com efeito, todas essas identificações não impediram que diversas cidades helênicas se aliassem aos persas contra suas ‘irmãs’. Também nunca impediram as cidades gregas de lutarem entre si, escravizarem outros gregos ou de contratarem mercenários ‘bárbaros’ para o

---

<sup>94</sup> Heródoto, VIII, 144 (tradução de Mário da Gama Kury, p. 450). Deve-se ter em conta que, assim como todas as identidades, a etnicidade também é uma construção, ou seja, a ‘raça’ não é um fenômeno ‘natural’ (ver Jonathan M. HALL, *Ethnic identity in Greek antiquity*, pp. 182ss).

fazerem. Não apenas inexistia qualquer tipo de unidade política como, tampouco, não se falava nessa unidade como algo desejável.<sup>95</sup>

Nem sequer as conquistas dos reis macedônicos Felipe II e Alexandre III conseguiram realizar uma unificação política duradoura na Grécia. Pouco depois da morte de Alexandre, seus generais, Seleuco e Ptolomeu, conseguiram estabelecer, com sucesso, grandes monarquias burocráticas na Síria e no Egito, onde uma elite de conquistadores macedônicos e imigrantes gregos dominava a vasta maioria da população, não-grega, mas, outro general alexandrino, Antíoco, ao tentar criar o mesmo tipo de dominação na Grécia, não foi bem-sucedido, devido à resistência da população local.

Ainda assim, dificilmente poderíamos considerar os impérios selêucida e ptolomaico como nações. No contexto do mundo grego, essas formações políticas eram *dynasteiai* (domínios, senhorios), ou seja, territórios controlados por um *dynástēs* (senhor, governante), o agente de uma *dýnamis* (poder). Ptolomeu e Seleuco não eram reis ‘de’ algum lugar ou ‘de’ algum povo, pois, por onde quer que se estendesse seu poder eles mantinham seu *status* de senhores e governantes supremos.

Apenas os romanos foram capazes de submeter os gregos e impor-lhes uma unidade política, mas, na essência, os imperadores romanos não eram diferentes dos *dynástai* gregos. O nome oficial de Trajano, por exemplo, era *Cæsar Marcus Ulpius Nerva Traianus Augustus Germanicus Dacicus Parthicus optimus tribunitia potestas, XXI imperator, XIII consul, VI proconsul, pater patriæ*. Nascido *Marcus Ulpius Traianus*, recebeu os nomes *Nerva*, ao ser adotado pelo imperador, e *Cæsar Augustus*, ao assumir o trono. Por suas vitórias militares, recebeu os títulos de vencedor na Germânia (*Germanicus*), vencedor na Dácia (*Dacicus*) e vencedor na Partia (*Parthicus*), além dos títulos honoríficos de ‘o

---

<sup>95</sup> Ver M.I. FINLEY, Os gregos antigos e sua nação, *passim*, esp. pp. 127s. Também Anthony D. SMITH, *op. cit.*, pp. 1-8.

melhor' (*optimus*) e 'pai da pátria' (*pater patriæ*). Além disso, tinha poder de tribuno e foi aclamado general (*imperator*) vinte e uma vezes, cônsul, treze e procônsul, seis. Seus triunfos militares e cargos políticos estão explícitos, mas não há nenhuma menção a qualquer comunidade, política ou não, sobre a qual seu poder se aplique. De que pátria ele é pai? Sobre quem ele tem poder de tribuno? Nada é dito por seu título. Ele simplesmente é tribuno, general, cônsul... Compare-se o título oficial de Jaime I: *James the first, by the Grace of God, king of England, France and Ireland, king of Scots, defender of the faith, etc.* [Jaime I, pela graça de Deus, rei da Inglaterra, França e Irlanda, rei dos escoceses, defensor da fé, etc.]. A menção aos povos e territórios sobre o qual o monarca reina é explícita e essencial. Jaime não é apenas *rei*, ele é rei *da Inglaterra e dos escoceses*.<sup>96</sup>

A questão é que, desde cedo, Roma “não teve outro horizonte senão o mundo”. Já no ano de 76 a.C., um globo aparecia em algumas moedas republicanas; Pompeu e Augusto orgulhavam-se de ter submetido todo o ecúmeno ao poder romano; Ovídio escreveu: “a terra dos outros povos tem limites certos; a extensão de Roma é igual à cidade e ao mundo”.<sup>97</sup> Não havia espaço para a noção de um território que limitasse o poder romano: Trajano era imperador do mundo.

---

<sup>96</sup> Ver M.I. FINLEY, *op. cit.*, p. 139. O termo ‘etc.’ do título de Jaime Stuart refere-se a ‘*of the church of England and also of Ireland, in Earth, under Jesus Christ, supreme head*’ [da Igreja da Inglaterra e também da Irlanda, na terra, sob Jesus Cristo, chefe supremo]. Essa frase fazia parte do título dos reis Henrique VIII e Eduardo VI, mas foi substituída por ‘etc.’ em 1553, quando a rainha católica Mary I assumiu o trono. Mesmo com a restauração da igreja anglicana sob Elizabeth I, o termo permaneceu no título oficial dos soberanos britânicos até a ascensão da casa de Hanover, em 1714, que abandonou também a referência à França (resquício da reivindicação inglesa ao trono francês, que levou à Guerra dos Cem Anos) e acrescentou seus títulos alemães, ‘príncipe-eleitor de Hanover’ e ‘duque de Brunswick’.

<sup>97</sup> J.L. Ferrari, *L’empire romain, l’oikoumène et l’Europe*; Ovídio, *Os fastos*, II, 684: “*gentibus est aliis tellus data limite certo: romanæ spatium est Urbis et orbis idem*”; ambos *apud* François HARTOG, *Os antigos, o passado, o presente*, pp. 109, 110.

De fato, Roma jamais se preocupou com uma unificação ‘nacional’ com qualquer outro povo dominado, nem mesmo com a Grécia. Romanos e gregos sempre mantiveram suas identidades coletivas separadas e os povos da Hélade continuaram *gregos*, mesmo vivendo sob o governo e as leis romanos, mesmo quando muitos de seus cidadãos eram entusiastas das virtudes latinas. Ao mesmo tempo, os mais filelenos dos romanos jamais deixaram de se afirmar latinos. Até as línguas foram mantidas separadas e Políbio, por exemplo, escreveu a história da ascensão de Roma em seu grego natal.

O que é, portanto, uma nação? Vimos que ‘nação’, em seu sentido moderno, é uma comunidade política, mas vimos também que nem toda comunidade política é uma nação. O que, então, nos permite classificar uma comunidade como ‘nacional’? Segundo Bernard Guenée, “sem nenhuma dúvida, o primeiro indício pelo qual uma comunidade manifesta que tomou consciência de si mesma é quando atribui um nome a si própria e também ao país que habita”.<sup>98</sup>

A maior parte desses termos surgiu durante a Idade Média. O adjetivo *teutonicus*, por exemplo, apareceu no século IX para identificar uma língua e, um século depois, já era aplicado a seus falantes. O nome *Teutonia*, ou seja, o território habitado pelos *teutonici*, surgiu por volta de 1150. Do mesmo jeito, por volta do ano mil, começaram a ser registrados os termos *Polenia* (ou *Polania*) e *poloni*, derivados de *pole*,

---

<sup>98</sup> *O Ocidente nos séculos XIV e XV*, p. 96. Ver também Quentin SKINNER, *op. cit.*, p. 620: “o mais seguro indício de que uma sociedade realmente passou a dominar um novo conceito está no desenvolvimento de um novo vocabulário, em termos do qual esse conceito pode ser articulado e discutido de público”. Neil DAVIDSON cita a passagem de Skinner, mas argumenta que isso não ocorre no estudo da idéia de nação, pois “a palavra ‘nação’ existiu por centenas, se não milhares de anos antes de adquirir seu sentido atual” (*The origins of Scottish nationhood*, p. 24). Não obstante, creio que um estudo etimológico é sempre útil e, no nosso caso, examinar o contexto do surgimento dos nomes das nações modernas certamente pode ajudar a percebermos quando a consciência de pertença a essas comunidades surgiu.

‘campo’, para qualificar o reino criado por Mieszko I (935-992) e seus habitantes. Em 1114, os italianos já usavam o termo *catalani* para designar os habitantes do território controlado pelo conde de Barcelona. Já o termo *Francia*, existente desde o século IV, foi registrado na *Canção de Rolando*, a mais antiga obra da ‘literatura francesa’ (século XI), mas designava toda a região ao norte dos Alpes. Foi apenas no século XII que o termo começou a ser usado para designar o reino da França e, em junho de 1204, após a captura de Ruão (Rouen), Felipe Augusto se auto-denominou *Francie rex*. Um ano mais tarde apareceu o termo *regnum Francie*: “a França tem consciência agora que é uma pessoa. Desse momento em diante possui um nome, do mesmo modo, aliás, que quase todos os Estados do Ocidente desde o fim do século XIII.”<sup>99</sup>

Vemos, portanto, que, em vários lugares, havia *esboços* de uma consciência nacional desde a Idade Média, mas:

A lenta constituição de territórios ao acaso das conquistas e das alianças não é a gênese das nações: ela não é mais que a história tumultuada de principados ou reinos. O verdadeiro nascimento de uma nação é momento em que um punhado de indivíduos declara que ela existe e resolve prová-la.<sup>100</sup>

De fato, a memória popular parece diferenciar-se da história ‘nacionalista’ construída pela elite. Enquanto esta visa traçar uma continuidade com o passado, para justificar o presente, o tempo popular é mais local e episódico, sem a preocupação de ‘preencher lacunas’. O inglês Richard Gough, por exemplo, ao escrever uma história da vila de Myddle por volta de 1700, não fez nenhuma tentativa de conectar a história de sua vila com a das comunidades vizinhas e muito menos com a história da Inglaterra. Em sua história,

---

<sup>99</sup> Bernard GUENÉE, *op. cit.*, p. 97 (tradução adaptada).

<sup>100</sup> Anne-Marie THIESSE, *La création des identités nationales*, p. 11.

não há nenhum inglês em Myddle, apenas pessoas de Myddle que saíram da vila e foram para a Inglaterra.<sup>101</sup>

De maneira bem diferente, o parlamento inglês, ao declarar a independência da Igreja anglicana de Roma (1533), afirmou: “Este reino da Inglaterra é um império”, ou seja, ‘é soberano dentro de seus limites’.<sup>102</sup> Mas o projeto imperial de Henrique VIII só ultrapassou a realeza e construiu uma *nação* quando, a partir da segunda metade desse mesmo século XVI, escritores dos mais diversos trataram de descrever o império, exaltar os feitos de seus habitantes e desenvolver a língua inglesa como uma verdadeira linguagem literária. Obras como *Actes and monuments of these latter and perillous days* (1563), de John Foxe [mais conhecido pelo nome de *Book of martyrs*], o grande épico elisabetano de Edmund Spenser, *The ferie queene* (1590), as peças históricas de Shakespeare (nove delas datam da década de 1590) ou *The principal navigations, voiages, traffiques and discoueries of the English nation* (1598–1600), de Richard Hakluyt, ajudaram a ir além de um projeto político estatal e colaboraram na construção de uma identidade para *o povo* da Inglaterra.<sup>103</sup>

Sem dúvida nenhuma, o longo processo de formação das nações se iniciou sob o ímpeto dos Estados. Foram os reis e senhores que, pela conquista ou pelo casamento, reuniram diferentes populações sob um mesmo governo. Em seguida, pelo patrocínio de uma única língua e/ou religião, de santos padroeiros e/ou heróis, de uma etnia, de comemorações e festas, aculturaram as diferenças internas, criando um padrão ‘comum’ que pudesse servir de foco unificador para todas as populações sob seu domínio. Só podemos falar na existência de uma

---

<sup>101</sup> Ver John R. GILLIS, *Commemorations*, p. 6. No censo de 2001, havia 1142 habitantes em Myddle.

<sup>102</sup> Ver David CRESSY, *National memory in early modern England*, p. 61, n. 2; Richard HELGERSON, *Writing empire and nation*, p. 310.

<sup>103</sup> Ver, além das obras citadas na nota anterior, Carlo GINZBURG, *Nenhuma ilha é uma ilha*, cap. 2.

*nação*, no entanto, a partir do momento em que os habitantes de um Estado aceitam essa propaganda e passam, eles mesmos, a defender sua unidade e igualdade, mesmo contra o Estado e a monarquia que criaram essa igualdade em primeiro lugar.<sup>104</sup>

## b. De Alba à Grã-Bretanha

### Diversidade étnica e cultura gaélica

O nome ‘Escócia’ é derivado do latim medieval *Scotia*, que referia-se, inicialmente, a toda a terra ocupada pelos gaels (povos de língua gaélica), especialmente à Irlanda. Em 1318, um documento irlandês ainda se referia à ilha como *Scotia major* (por oposição à Escócia, chamada de *Scotia minor*). Os romanos, por sua vez, tinham quatro diferentes topônimos para designar as ilhas britânicas. A ilha que chamamos de Grã-Bretanha era denominada *Albion* e dividia-se em duas partes: a província romana da *Britannia* e o território bárbaro ao norte das muralhas, a *Caledonia*. A outra grande ilha do arquipélago, a atual Irlanda, era *Hibernia*.<sup>105</sup>

A partir do latim *Albion* surge o gaélico *Alba*, que, originalmente, designava toda a Grã-Bretanha, mas, a partir do século IX ou X, mais ou menos ao mesmo tempo em que *Britannia* se estendia para toda a ilha, passa a delimitar apenas a Escócia. A *Crônica dos reis de Alba*, compilada no final do século X, já narra exclusivamente os feitos dos reis ‘escoceses’, desde aquele que unificou os reinos dos pictos e dos

---

<sup>104</sup> Ver Eric R. WOLF, *Antropologia e poder*, pp. 199-217. É evidente que não existe um ‘nacionalismo universal’ e ao longo da história as nações se formaram de maneiras bem diversas, inclusive com diferentes ‘propostas nacionais’ entrando em choque (ver Richard G. FOX (ed.), *Nationalist ideologies*, pp. 1-14). Além disso, a partir da Revolução Francesa e da difusão do chamado ‘princípio das nacionalidades’, o processo, às vezes, se inverteu e foram os povos que passaram a exigir e criar Estados.

<sup>105</sup> Minha principal fonte para a história dos primórdios escoceses foi Murray G.H. PITTOCK, *A new history of Scotland*, pp. 20-33, 47-56.

escotos (i.e., gaels da Escócia), Kenneth I MacAlpin, o conquistador (Cináed mac Ailpín, An Ferbasach, morto em 858), até Kenneth II, o fratricida (Cináed mac Mael Coluim, An Fionnghalach, r. 971-995).

Como quase todas as nações modernas, a Escócia se desenvolveu sob o signo da mistura étnica. Os pictos, povo celta de língua britônica, foram, quase certamente, os primeiros habitantes da parte norte da Escócia. Em data incerta, gaels estabeleceram-se nas regiões de Argyll e Bute, na costa oeste das *Highlands*, e dois reinos se formaram ao sul: Strathclyde, povoado por celtas bretões, e Nortúmbria, reino dos invasores anglos (que, além do atual condado da Nortúmbria, na Inglaterra, se estendia pela região de Lothian, na Escócia). A partir do século IX, sob a pressão dos *vikings*, os escotos migraram para as terras dos pictos no leste e, por uma combinação de casamentos e conflitos políticos, os dois povos acabaram se integrando. Os noruegueses começaram a se estabelecer nas ilhas do norte e na costa de Caithness a partir do ano 800, chegando às Hébridas em meados do século. Em 867, os dinamarqueses conquistaram a Nortúmbria e muitos anglos fugiram para o norte, estabelecendo-se em terras escocesas. Os reis de Alba, então, ultrapassaram a muralha de Antonino, ocupando a região norte do antigo reino anglo e submetendo os bretões de Strathclyde (889). Muito tempo depois, o rei Davi I mac Coluim, o santo (r. 1123-1153), numa tentativa de estimular o desenvolvimento da Escócia nos moldes da Inglaterra normanda, incentivou a imigração de ingleses, flamengos e franceses, estabelecendo-os em comunidades autônomas nas cidades.

Essas são, portanto, as origens étnicas do reino da Escócia: uma mistura de povos celtas (pictos, escotos, bretões), germânicos (anglos), nórdicos (dinamarqueses, noruegueses) e continentais (principalmente normandos, mas também flamengos e franceses). Todos os grupos populacionais da Escócia são resultado dessa mistura. Mesmo na batalha de Harlaw (24 de julho de 1411), chamada pela historiografia posterior de ‘batalha das *Highlands* contra as *Lowlands*’, era impossível

separar os dois exércitos por suas origens étnicas. Ambos os líderes, o ‘celta’ MacDonald de Islay e o ‘normando’ Alexandre Stewart, conde de Mar, eram netos do rei ‘normando’ Robert II Stewart. O líder das terras baixas, além disso, era ‘celta’ por parte de mãe e primo de seu adversário. A maior parte dos territórios de Mar era falante de gaélico e um dos grandes heróis do exército das *Lowlands*, Forbes, chefiava um território na fronteira das *Highlands*, sendo considerado um chefe de clã pela historiografia.

A existência de um termo como *Albanaich*, ‘homens de Alba’, ou seja, ‘escoceses’, atestado nos *Anais do Ulster* em 909, indica que já havia uma consciência de unidade nesses tempos remotos, a despeito da grande diversidade étnica.<sup>106</sup> Tratava-se, no entanto, de um sentimento ainda incipiente e, às vezes, a origem étnica falava mais alto. O rei Edgar (r. 1097-1107), por exemplo, chamava seus súditos de ‘escotos e ingleses’ e as declarações reais posteriores foram endereçadas a ‘franceses e ingleses, escotos e Galwegians (homens de Galloway)’. Apenas no reino de Guilherme I, o Leão (Uilliam mac Eanric, r. 1165-1214), o rei passou a se dirigir a seus súditos apenas como ‘escoceses’, sem referências a suas origens étnicas. Um ‘escocês’, no entanto, ainda era somente alguém que devia homenagem ao rei da Escócia. Foi sob Alexandre III mac Alexander (r. 1249-1286), que a diferenciação entre aqueles que viviam no reino da Escócia e aqueles que deviam homenagem ao rei começou a se formar.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> O cronista inglês Henry de Huntingdon (c. 1080-1160) contou que, na Batalha do estandarte (1138), os lanceiros de Galloway (sudoeste da Escócia) avançaram contra seus inimigos ingleses gritando *Albani*, uma corruptela de *Albanaich*. Outro inglês, o antiquário elisabetano William Lambarde (1536-1601), afirmou que, quando os atacantes foram repelidos, os ingleses lhes gritaram de volta *Iry*, ou seja, ‘irlandeses’, mas tal ‘fato’ parece ser pura invenção de sua parte.

<sup>107</sup> Alexandre III não gostava de ‘senhores ausentes’, i.e., de nobres estrangeiros que possuísem terras na Escócia, e tentou comprar diversas possessões de senhores ingleses em seu reino.

As duas instituições que mais contribuíram para a unificação de todos os ‘escoceses’ foram a Igreja e a monarquia. Ambas se apoiavam e se interligavam desde seus princípios. São Columba (521-597), o evangelizador da Escócia, era descendente dos reis da Irlanda e, portanto, um gael. A partir da fundação de Iona (563), a influência do santo e de seus seguidores espalhou-se por todos os povos do norte, contribuindo bastante para a importância dos gaels e de seu reino (Dál Riata, ou, em latim, Dalriada) nos primórdios da história escocesa. Adomnán (627-704), nono abade de Iona, afirmava em sua *Vita Columbae*, que o santo havia abençoado o rei dos gaels Áedán mac Gabráin (r. c. 574-608), comparando o ato com a sagração de Saul e Davi por Samuel. Em 918, Columba já era o protetor do exército de Constantino II, rei de Alba, na batalha de Corbridge contra os *vikings* e seu bastão, Cathbuaid (‘triunfo na batalha’, em gaélico), era carregado diante das tropas. Também em 1314, na principal batalha das guerras de independência, Bannockburn, o exército marchou sob as relíquias de São Columba, padroeiro da monarquia escocesa.

A missa de ação de graças pela vitória sobre os ingleses, no entanto, foi celebrada na catedral de Santo André, o padroeiro da Escócia. Segundo a lenda, as relíquias do apóstolo foram trazidas de Constantinopla e entregues ao rei picto Angus I mac Fergus (Óengus mac Forguso, r. 729-761). Pouco depois, em batalha junto com os escotos contra os anglos, Angus declarou ter visto no céu uma nuvem na forma de uma cruz diagonal (*sautor*) e disse que Santo André os protegia e, se vencesse a batalha, faria dele seu santo padroeiro. O rei dedicou-lhe um santuário em Cennrígmonaid (antigo centro religioso picto, atual cidade de St. Andrews) e o culto do apóstolo foi usado explicitamente pela monarquia como um foco de unidade multi-étnica, celebrando-o ‘suserano de todos os povos da Escócia: pictos, escotos, dinamarqueses e noruegueses’.

Margaret Æðeling (1045-1093), esposa do rei Malcolm III Canmore (Máel Coluim mac Donnchada Cinn Moír [cabeça grande, ou, grande

chefe], r. 1054/8-1093) e rainha da Escócia, foi uma das principais incentivadoras do culto de Santo André e, em 1286, o símbolo do santo já fazia parte do selo dos Guardiões do Reino. Completando a união entre a Igreja e a monarquia, a própria rainha Margaret foi canonizada em 1250 pelo papa Inocêncio IV (r. 1243-1254), tornando-se a santa padroeira da Escócia.

A partir da promoção da Igreja e da monarquia escocesas, por volta de 1100 a ‘língua geral’ da Escócia já era o gaélico, com a exceção do sudeste (Lothian e a fronteira oriental), onde a maioria da população falava o *Inglis*, uma língua derivada do inglês médio, e das costas e ilhas do norte (Caithness, Órcades e Shetland), onde predominava a herança escandinava.<sup>108</sup> A partir do século XII, no entanto, a corte real mudou-se para Edimburgo e, embora a língua de prestígio da corte e da aristocracia continuasse a ser o gaélico, a língua comum na capital do reino era o *Inglis*. O incentivo da monarquia aumentou a imigração de normandos do sul e tornou-se uma vantagem econômica considerável para os falantes de gaélico ter o conhecimento da língua angla. O gaélico ainda era *Scotice*, a língua dos escoceses, em 1400, mas um século depois a tendência a chamá-lo de *Erse* (‘irlandês’) tinha começado. Por ironia, foi o *Inglis*, uma língua ânglica, que passou a ser chamado de *Scots*, nome pelo qual é até hoje identificado. Em 1513, o último rei da Escócia que falava gaélico, Jaime IV Stewart, morreu e a Reforma tratou de completar a identificação da língua com o estrangeiro irlandês.

É importante observar, no entanto, que essa ‘longa retirada do gaélico’ não foi realizada por conflitos. Ao contrário, há fortes evidências de

---

<sup>108</sup> Até 1156, as Hébridas e a ilha de Man faziam parte do reino da Noruega e só foram incorporadas à Escócia pelo tratado de Perth, em 1266. As Órcades e as Shetlands permaneceram sob a coroa norueguesa até 1468, quando foram incorporadas à Escócia como garantia do dote da princesa Margaret, noiva de Jaime III Stewart. Nessas, o *norm*, um dialeto derivado do nórdico antigo, existiu até o século dezessete, sobrevivendo em algumas das Shetlands até o Oitocentos.

bilingüismo e diversas palavras gaélicas foram incorporadas pelo *Scots* (assim como alguns termos nórdicos). A literatura gaélica desse período, que forma uma das maiores coleções de toda a literatura medieval, influenciou fortemente as formas literárias anglófonas e a cultura gaélica, de maneira geral, continuou formando o substrato da cultura escocesa mesmo depois do abandono da língua dos gael.

Além disso, sobre a herança gaélica formou-se a base de uma retórica de ancestralidade única. Em 1320, na *Declaração de Arbroath*, por exemplo, a história da Escócia era igualada à história dos escotos, enquanto a contribuição dos demais grupos étnicos era marginalizada:

Sabemos, e nas crônicas e livros dos antigos encontramos, que, entre outras nações famosas, a nossa, os *Scots* [*nostra ... Scottorum nacio*], foi agraciada com difundido renome. Eles viajaram da Grande Cítia pelo Mar Tirreno e pelos Pilares de Hércules e viveram por longo tempo na Espanha entre as tribos mais selvagens, mas em nenhum lugar foram subjugados por outra raça, por mais bárbara que fosse. Então vieram, mil e duzentos anos depois que o povo de Israel cruzou o Mar Vermelho, para seu lar no Ocidente, onde vivem ainda hoje. Os bretões, eles primeiro expulsaram; os pictos, destruíram completamente; e, embora com freqüência assolados pelos noruegueses, pelos dinamarqueses e pelos ingleses, tomaram posse daquele lar com muitas vitórias e esforços incontáveis; e, como os historiadores dos tempos antigos testemunham, o mantiveram livre de qualquer servidão desde então. No seu reino reinaram cento e treze reis de seu próprio sangue real, a linhagem não interrompida [por] nenhum estrangeiro.<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> *The declaration of Arbroath*, §2. A palavra inglesa *Scots*, usada como adjetivo pátrio, pode denotar igualmente os escoceses e os antigos escotos. A palavra *Scottish* é quase sinônima, mas refere-se apenas aos escoceses modernos.

Além disso, a *Declaração de Arbroath* foi usada como base para várias reivindicações posteriores de uma ‘nacionalidade’ escocesa, pois, depois de exaltar os feitos da ‘nação’ escocesa e elogiar o rei Robert de Bruce, os barões e bispos signatários da carta avisam:

A ele [o rei], como o homem por quem a salvação foi forjada em nosso povo, estamos ligados tanto pela lei quanto por seus méritos para que nossa liberdade possa ainda ser mantida, e a ele, aconteça o que acontecer, nós apoiamos. [§] No entanto, se desistir do que começou e concordar em sujeitar-nos ou nosso reino ao rei da Inglaterra ou aos ingleses, nós nos empenharemos imediatamente em expulsá-lo como nosso inimigo e subversor de seus próprios direitos e dos nossos, e fazer outro que possa nos defender o nosso rei; pois, enquanto cem de nós permanecerem vivos, nunca iremos sob quaisquer condições nos sujeitar ao domínio inglês. Na verdade, não é por glória ou riquezas ou honras que estamos lutando, mas apenas pela liberdade [*set propter libertatem solummodo*], que nenhum homem honesto pode abandonar a não ser com a própria vida.<sup>110</sup>

Não se trata, no entanto, de uma declaração de ‘soberania popular’, como alguns historiadores tentaram ressaltar, mas apenas de uma ‘declaração de independência’ da *nobreza* escocesa. Embora trate-se de uma missiva endereçada ao papa, esse trecho dirige-se a dois outros personagens: os reis da Escócia e da Inglaterra. Ao rei inglês, os barões avisam que não adianta substituir Robert de Bruce por um rei mais ‘maleável’, pois a aristocracia continuaria a resistir-lhe; ao rei escocês, o recado é que os senhores não admitiriam concessões que pudessem prejudicar seus interesses.<sup>111</sup> Paradoxalmente, a defesa da

---

<sup>110</sup> *The declaration of Arbroath*, §§5-6.

<sup>111</sup> O que nos permite traçar um paralelo entre a *Declaração de Arbroath* e a *Magna Carta* inglesa. Ver Neil Davidson, *The origins of Scottish nationhood*, pp. 49-50.

‘soberania popular’ na Escócia aparece apenas na obra erudita do humanista George Buchanan (1506-1582).

### História como argumento político

Buchanan foi, em prosa e verso, o maior latinista do *Cinquecento* europeu. Nascido um *highlander* em Lennox e educado inicialmente na Universidade de St. Andrews, onde foi aluno do importante filósofo político John Mair, seguiu seu professor à Universidade de Paris (foi eleito ‘curador da nação germânica’ dessa universidade em 1529) e passou a maior parte de sua vida no exterior. Tutor de diversos nobres, professor de latim em Paris, Bordeaux (onde Michel de Montaigne foi seu aluno e admirador) e Coimbra, Buchanan foi chamado por seus contemporâneos *princeps poetarum sui sæculi*, ‘príncipe dos poetas de sua época’.<sup>112</sup>

Em 1561, ele aceitou o convite da rainha Mary Stuart para retornar com ela à Escócia.<sup>113</sup> Internacionalmente famoso e com cinquenta e seis anos, achava que era hora de aproveitar seus anos restantes com conforto em seu país natal. Calma e tranqüilidade, no entanto, era tudo o que não existia na Escócia nesse momento, pois o país encontrava-se dividido pela Reforma.

Já em 1525, o Parlamento aprovara uma lei proibindo a importação de livros que pudessem trazer ‘doutrinas luteranas’ à Escócia e, em 1528, Patrick Hamilton tornou-se o primeiro mártir protestante escocês, ao ser executado diante da capela de São Salvador, em St. Andrews. A nova fé, no entanto, já havia sido abraçada pelo povo e por parte

---

<sup>112</sup> Para a vida de Buchanan, ver Hugh TREVOR-ROPER, *The invention of Scotland*, pp. 33ss; e William FERGUSON, *The identity of the Scottish nation*, pp. 79ss.

<sup>113</sup> Proclamada *Queen of Scots* aos sete dias de vida (14 de dezembro de 1542), Mary foi criada em Paris desde os cinco anos, onde casou-se com Francisco II de Valois e tornou-se rainha da França aos dezesseis anos de idade (foi ela quem trocou o sobrenome de família do escocês *Stewart* para o afrancesado *Stuart*). Com a morte de seu marido, em 5 de dezembro de 1560, Mary retornou à Escócia.

importante da nobreza escocesa e novas execuções foram proibidas pelo Parlamento devido ao interesse suscitado pelo caso de Hamilton.

Com a ascensão da protestante Elizabeth I ao trono inglês (1558), as esperanças reformistas se intensificaram no norte. A coroa escocesa, no entanto, era controlada pelos católicos franceses e, só depois de várias revoltas (de nobres e populares), de uma invasão inglesa e da morte da regente Marie de Guise (11 de junho de 1560), franceses e ingleses assinaram o tratado de Edimburgo, comprometendo-se a retirar suas tropas da Escócia. O Parlamento se reuniu imediatamente e, em agosto de 1560, reformou oficialmente a Igreja escocesa.

Foi nesse ambiente que a rainha católica Mary Stuart, filha de Marie de Guise, chegou à Escócia. Apesar de acusada pelo reformador John Knox de freqüentar a Missa, dançar, vestir-se de maneira extravagante e várias outras ofensas, reais e imaginárias, a rainha garantiu a lealdade da aristocracia protestante ao tomar como principal conselheiro o mais eminente dentre eles, seu irmão ilegítimo James Stewart, que recebeu dela o título de conde de Moray. Buchanan reuniu-se à ela em 1562 e tornou-se seu tutor, abraçando a fé calvinista e pressagiando uma era de sofisticada e culta coexistência entre as religiões cristãs.<sup>114</sup>

Em 1565, para felicidade de seu tutor, a rainha casou-se com Henry Stuart, lorde Darnley, primeiro duque de Albany e filho do conde de Lennox, região onde Buchanan nascera. O novo 'rei', no entanto, era católico e Moray e os demais nobres protestantes se afastaram da corte. Darnley foi assassinado em 1567, mas, o que deveria ser a salvação da rainha, só piorou sua situação, pois Mary casou-se em seguida com o principal suspeito do assassinato. A aristocracia se dividiu e, após uma breve guerra civil, os protestantes vitoriosos

---

<sup>114</sup> Buchanan celebrou essa coexistência dedicando suas importantes paráfrases latinas dos *Salmos de Davi* à rainha (escritas em Portugal em 1551), ao mesmo tempo em que reimprimia seus antigos poemas anti-franciscanos (escritos em 1539) e dedicava-os a Moray (ver Hugh TREVOR-ROPER, *op. cit.*, pp. 42s).

obrigaram a rainha a abdicar em favor de seu filho, Jaime VI, de apenas um ano de idade.<sup>115</sup>

A deposição de Mary Stuart causou um grande debate quanto à questão do direito de súditos destituírem um príncipe legítimo. O principal pensador a responder positivamente foi justamente George Buchanan. Toda sua lealdade à coroa havia desaparecido com o assassinato do herdeiro do chefe de seu clã, e ele se ligou completamente a Moray, tornando-se o ‘arauto da revolução’: projetou insígnias e moedas para o novo regime, foi o principal acusador da ex-rainha diante das cortes inglesas e, por fim, tornou-se preceptor do novo rei, James VI, que, com seus ensinamentos, tornou-se o maior erudito a ocupar um trono na Grã-Bretanha.

A fundamentação teórica do direito de deposição dos reis foi desenvolvida por Buchanan em seu influente *De jure regni apud scotos* (*O direito do reino entre os escoceses*, que circulava em manuscrito desde 1568), uma das obras fundamentais para a articulação de “uma teoria plenamente populista e secularizada do direito de resistir”.<sup>116</sup> O diálogo se inicia pela descrição da condição original dos homens que, seguindo as idéias estóicas de Cícero e opondo-se à escolástica aristotélica, vivem como animais, sem lei nem sociedade:

---

<sup>115</sup> Mary Stuart refugiou-se na Inglaterra, onde passou dezenove anos presa por ordens da rainha Elizabeth I. Em 8 de fevereiro de 1587, foi executada em Londres, sob a acusação de conspirar para assassinar a rainha inglesa e ocupar seu trono (os testamentos dos reis Henrique VIII e Eduardo VI declaravam Mary e Elizabeth Tudor ilegítimas e, portanto, como bisneta de Henrique VII, Mary Stuart podia reivindicar a coroa da Inglaterra com muita legitimidade).

Baseado no julgamento e execução da rainha dos escoceses, o grande escritor alemão Friedrich Schiller escreveu *Maria Stuart*, uma peça em cinco atos apresentada pela primeira vez em Weimar em 1800. Nosso velho conhecido Malcolm LAING (ver *supra*, cap. 1, pp. 33ss) escreveu uma extensa dissertação, que ocupa os dois primeiros volumes de sua *The history of Scotland* (1804), sobre o envolvimento da rainha no assassinato de Darnley.

<sup>116</sup> Quentin SKINNER, *As fundações do pensamento político moderno*, p. 608.

Eles não tinham nem tribunais nem juízes, encontravam abrigo em cavernas escuras no alto das montanhas, [onde] cada homem governava sua própria casa, sua esposa e seus filhos: não havia ócio para desenvolver uma comunidade.<sup>117</sup>

A função dessa descrição era afirmar que as sociedades políticas não são diretamente ordenadas por Deus, mas emergem a partir de ações exclusivamente humanas. Isso permitia que Buchanan abandonasse a teologia e argumentasse em termos exclusivamente políticos (mesmo os calvinistas mais radicais legitimavam a resistência popular na necessidade de defesa da fé). Assim, afirmou que, quando os homens instituem um governante, isso se faz por meio de um contrato direto, sem intermediários, no qual um dos ‘signatários’ é o governante e o outro “todo o corpo do povo”. Mais importante, ao “conferir a autoridade política” sobre o governante escolhido, o povo não alienava sua soberania original, como afirmavam os escolásticos. Ao contrário,

uma vez que o povo como um todo cria seu governante, é possível, em qualquer época, “que o povo se livre de todo *imperium*” que possa ter imposto a si mesmo, pois “tudo o que é feito por uma determinada autoridade pode ser desfeito pela mesma autoridade”.<sup>118</sup>

O mais interessante para nós, no entanto, não é a argumentação política de Buchanan. O mais importante é observar que, na condução de seu argumento, ele se voltou para a ‘antiga constituição escocesa’, afirmando que a *história* do reino da Escócia exemplificava os princípios gerais do governo e da sociedade como expostos por Cícero e que a deposição de Mary Stuart tinha precedentes em seu país:<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> *The powers of the crown in Scotland*, cap. 4.

<sup>118</sup> Quentin SKINNER, *op. cit.*, p. 612.

<sup>119</sup> Ver J.H. BURNS, *George Buchanan and the anti-monarchomachs*, p. 5. Devo ao amigo Daniel Faria a sugestão de consultar o texto de Burns.

Não é menos sabido que muitos reis escoceses foram cruéis e corruptos no cumprimento de suas funções e foram repreendidos por seus súditos. Alguns foram condenados a prisão perpétua; do resto, alguns foram exilados, outros mortos, e nenhuma investigação dos assassinos jamais foi ordenada, nem seus filhos e família responsabilizados em seu lugar.

Aqueles, no entanto, que feriram bons reis foram punidos mais severamente do que qualquer outro criminoso [...]. Os nobres puniram o assassinato de Jaime I [r. 1406-1437] - que deixou como herdeiro seu filho de seis anos de idade - com a maior severidade, matando, com novas e engenhosas torturas, homens das mais ilustres famílias, ricos e do mais alto *status*. Por outro lado, quem chorou - nem pergunto quem vingou - a morte daquele homem especialmente cruel e infame, Jaime III [r. 1460-1488]? Quando, no entanto, seu filho Jaime IV foi assassinado [1513], ser suspeito do crime era expor-se à pena de morte.<sup>120</sup>

Tratava-se, realmente, de um argumento genial. A deposição de Mary Stuart era válida, pois era legítimo ao povo romper os laços que, por sua própria vontade, o haviam ligado aos reis. Mas, para que os príncipes europeus não se sentissem ameaçados e resolvessem interferir na questão escocesa, Buchanan explicava que se tratava de um direito tipicamente escocês. Era legítimo derrubar os maus príncipes, porque a Escócia *sempre o fizera assim*.

O problema é que o único caso recente em que um príncipe fora condenado por seus barões era o de Jaime III. E, mesmo assim, Jaime não havia sido julgado ou deposto por parlamento ou assembléia, mas assassinado após derrota em batalha. Buchanan explicou que o Parlamento se reuniu após a batalha, condenou formalmente o tirano e eximiu os assassinos de culpa, pois eles haviam agido de acordo com o desejo do reino. Faltavam mais e melhores exemplos.

---

<sup>120</sup> *The powers of the crown in Scotland*, cap. 33. Ver Quentin SKINNER, *op. cit.*, p. 613.

Buchanan os encontrou na história de outro humanista, Hector Boece (1465-1536). A *Scotorum historia a prima gentis origine* de Boece tinha sido publicada em latim em 1527 e tornara-se um “grande evento cultural” na Escócia, sendo rapidamente traduzida em prosa e verso vernáculo (1536). Segundo ela, os gaels escoceses

eram um *Kulturvolk* que, nos séculos anteriores a Cristo, preservaram, primeiro na Espanha, depois na Irlanda e finalmente na Escócia, a sabedoria do Egito e a literatura e a filosofia da Grécia. Com efeito, pouco depois de seu estabelecimento na Escócia, Ptolomeu III, rei do Egito, o segundo fundador da grande biblioteca de Alexandria, havia enviado uma embaixada a seu primo escocês, trazendo, entre outras coisas, as obras de Aristóteles, que os polidos nativos logo leram no original grego.<sup>121</sup>

Mais importante para Buchanan, Boece narrou os inícios da história escocesa, desde a fundação da monarquia, em 330 a.C., sob o rei Fergus, filho de Ferquhard. Essa idéia não era uma novidade criada por Boece, pois já a encontramos na *Declaração de Arbroath* (1320) e na crônica de John de Fordun (c. 1320-1384). Nenhum dos dois, no entanto, lista os reis. A carta ao papa limitava-se a afirmar que a fundação da monarquia ocorrera “mil e duzentos anos depois que o povo de Israel atravessou o Mar Vermelho”, enquanto Fordun dizia:

Do primeiro rei deste país, Fergus, filho de Ferchard [Fergus I mac Ferquhard], até esse rei Fergus, filho de Erth [Fergus II mac Erc], inclusive, reinaram, nesta ilha, quarenta e cinco reis da mesma nação e raça; mas nos abstermos, por enquanto, de especificar as datas de seus respectivos reinados uma vez que não as encontramos completas.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Hugh TREVOR-ROPER, *op. cit.*, pp. 24-25.

<sup>122</sup> *The declaration of Arbroath*, §2; *Chronica gentis Scotorum*, apud William FERGUSON, *The identity of the Scottish nation*, p. 44.

Boece não se absteve de nada. Diminuindo o número de reis de Fordun para quarenta, abrangendo vinte e duas gerações, ele contou detalhadamente a vida e o reinado de cada soberano divididos, quase alternadamente, em um grupo de monarcas benignos e admiráveis e em outro de monstros brutais, cruéis e violentos. O autor afirmou que sua fonte para as biografias reais foi a história de Veremundo, arqui-diácono de St. Andrews durante o século XI, convenientemente desaparecida após sua consulta. Trata-se, no entanto, de relatos convencionais no estilo *speculum principis*, ou seja, relatos morais que oferecem exemplos aos governantes.<sup>123</sup>

Evidentemente, os maus reis eram um tesouro para Buchanan. Com a exceção de Jaime III, todos os exemplos de sua teoria política são retirados dos quarenta primeiros reis da Escócia da história de Boece. É interessante observar como o sentido da história é invertido. Em Boece, os reis são parte de uma reivindicação de antigüidade da monarquia, uma história que reforça a identidade monárquica do reino, ao exaltar os feitos dos gaels e, por extensão, de seus ‘sucessores’ modernos. Em Buchanan, no entanto, a ênfase é passada para o povo escocês. É ele quem, por meio de seus ‘representantes’ nobres, aprova ou condena os atos reais. A história do reino, portanto, deixa de ser a história dos reis e passa a ser a prova empírica da soberania do povo escocês.

### Escócia e Inglaterra

Um elemento fundamental na construção da identidade é a diferença. Um povo só toma consciência de quem é ao perceber que não é o outro. O ‘outro’ da Escócia, é claro, não podia ser senão seu poderoso vizinho do sul, a Inglaterra.

---

<sup>123</sup> Ver William FERGUSON, *op. cit.*, pp. 64ss; Colin KIDD, *Subverting Scotland's past*, pp. 18ss; Hugh TREVOR-ROPER, *op. cit.*, pp. 25ss.

A rivalidade entre os dois reinos da britânicos foi intensa desde, pelo menos, o século X, quando os anglo-saxões conquistaram o reino dinamarquês de Jórdvik (York) e tornaram-se vizinhos da Escócia. O rei Constantino II (Constantín mac Áeda, r. 900-943), reconhecendo a superioridade militar dos recém-chegados, submeteu-se a Æðelstan (r. 924-939), rei da Inglaterra, reconhecendo-o como “pai e senhor”. Não obstante a submissão, Constantino realizou diversas expedições militares em território inglês e, em 934, para mantê-lo sob controle, o rei inglês invadiu a Escócia, avançando até o castelo de Dunottar, menos de 30 km ao sul de Aberdeen. Constantino submeteu-se novamente, mas, três anos depois, invadiu a Inglaterra aliado aos dinamarqueses, aos *vikings* de Dublin e aos celtas de Strathclyde e da ilha de Man. Vitorioso em Brunanburgh, Æðelstan automeou-se *basileús*, rei da *Britannia*, ao invés do título mais comum de *bretwalda*, chefe supremo, senhor.

Malcolm III (Máel Coluim mac Donnchada, r. 1054/8-1093), chamado Canmore (Cinn Moír, ‘cabeça grande’, ou, ‘grande chefe’), é outro bom exemplo das rivalidades medievais. Exilado depois da morte de seu pai nas mãos de Macbeth (Mac Bethad mac Findlaích, r. 1040-1057), invadiu a Escócia em 1054 ao lado de um exército inglês liderado pelo conde da Nortúmbria. Com a morte do afilhado e sucessor de Macbeth, Lulach (r. 1057-1058), Malcolm tornou-se rei dos escoceses e um persistente saqueador do norte da Inglaterra. Mais tarde casou-se com Margaret Æðeling, sobrinha de Eduardo, o confessor, penúltimo rei anglo-saxão da Inglaterra, e passou a reivindicar seu trono, recentemente ocupado por Guilherme I, o conquistador. Derrotado pelo rei normando, submeteu-se aos ingleses em 1072, 1079 e novamente em 1091. Em mais uma expedição de saque à Nortúmbria, o rei Malcolm III e seu primogênito morreram em 1093 na batalha de Alnwick. A Escócia, no entanto, com seu relevo inóspito, era particularmente difícil de submeter militarmente de maneira permanente e, mesmo com a guerra civil que sucedeu a morte do rei, de seu herdeiro e de sua rainha (Margaret foi canonizada em

1250, tornando-se a santa padroeira da Escócia), os ingleses preferiram reforçar sua fronteira norte construindo fortalezas em Carlisle e Newcastle a tentar invadir a Escócia e interferir na sucessão.<sup>124</sup>

O auge da rivalidade anglo-escocesa, no entanto, só se deu nos séculos XIII e XIV. O rei dos escoceses, Alexandre III mac Alexander (r. 1249-1286), morreu sem deixar herdeiros masculinos e sua neta Margaret, a herdeira aparente (filha do rei da Noruega e prometida em casamento a Eduardo de Cærnavon, filho de Eduardo I Plantageneta, rei da Inglaterra), morreu enquanto atravessava o Mar do Norte para ser coroada. Sem nenhum herdeiro evidente para a coroa escocesa, Eduardo I, antes mesmo de se iniciar a disputa, declarou-se *Lord Paramount of Scotland* e exigiu o reconhecimento de sua soberania de todos os candidatos a rei. Os guardiões do reino aceitaram as condições ‘durante a duração da competição’. Com isso, o rei inglês escolheu John de Balliol e presenteou vários nobres escoceses com terras na Inglaterra, fazendo deles seus vassalos. Além disso, Eduardo manteve o direito de intervir nas cortes escocesas, exigindo a presença do rei da Escócia no parlamento inglês em casos de apelações, como ocorreu em 1293. No ano seguinte, Eduardo forçou Balliol a acompanhá-lo em sua guerra contra a França. Tais interferências eram excessivas para muitos escoceses e, em outubro de 1295, um conselho de bispos e nobres concluiu uma aliança defensiva com a França, que foi o início da tradicional *Auld Alliance* [Velha Aliança] entre os dois países.

A política externa independente não foi bem vista por Eduardo I e ele invadiu o reino do norte, depondo John I e estabelecendo-se como suserano dos escoceses. Em 1297, William Wallace e Andrew de Moray iniciaram a resistência aos ingleses, que culminaria na grande vitória de Stirling Bridge (11 de setembro) e na indicação de Wallace

---

<sup>124</sup> Ver Murray G.H. PITTOCK, *A new history of Scotland*, pp. 33ss.

para Guardião do Reino. Capturado em 1305, o herói escocês foi enforcado por traição, apesar de não ser súdito do rei inglês.

O jovem Robert de Bruce, neto do principal adversário de John Balliol à coroa, tornou-se, então, Guardião do Reino e, após o assassinato de seus principais rivais, tomou a coroa para si (1306). Eduardo I invadiu novamente a Escócia, mas morreu a caminho (1307) e os escoceses retomaram a maior parte do país.<sup>125</sup> O papa Clemente V (r. 1305-1314) chegou a excomungar o rei escocês, mas a vitória de Bannockburn (1314) garantiu a independência *de facto* do reino setentrional.

Por fim, em 6 de abril de 1320, a Comunidade do Reino (os nobres e bispos da Escócia) enviou ao novo papa, João XXII (r. 1316-1334), a *Declaração de Arbroath*, um documento que defendia a independência ancestral da Escócia. O papa deu sua benção à sagração de Robert I e o parlamento da Escócia, reunião da Comunidade do Reino com os representantes das cidades, reuniu-se pela primeira vez em 1326. Dois anos depois, o rei inglês Eduardo III Plantageneta assinou o tratado de Northampton, reconhecendo a independência dos escoceses.<sup>126</sup>

Apesar do reconhecimento inglês, a guerra continuou, pois, com a morte de Robert I (1329), Eduardo III financiou outra invasão da Escócia, em favor de Eduardo de Balliol, filho do deposto rei John I. As campanhas militares foram bem-sucedidas e os dois Eduardos conseguiram conquistar todo o leste e sul da Escócia, coroando Balliol rei dos escoceses em 1332. Sem muito apoio local, no entanto, o novo monarca acabou perdendo o controle de quase todo o território conquistado pelos exércitos ingleses e, em 1338, seu reino reduzia-se à cidade de Perth. Com o início da Guerra dos Cem Anos (1337), a

---

<sup>125</sup> O rei foi enterrado na abadia de Westminster, sob a inscrição *Hic est Edwardus primus Scottorum malleus*, “aqui jaz Eduardo I, martelo dos escoceses”.

<sup>126</sup> Ver Murray G.H. PITTOCK, *op. cit.*, pp. 70-88, 95ss.

Inglaterra perdeu parte de seu interesse na política escocesa e Davi II de Bruce conseguiu reassumir seu trono em 1341.<sup>127</sup>

Foi apenas em 1502 que os reis Jaime IV Stewart e Henrique VII Tudor assinaram o Tratado da Paz Perpétua entre os dois reinos e, como parte do tratado, Jaime IV casou-se com Margaret Tudor, a filha mais velha do rei inglês. Logo em 1513, no entanto, a Inglaterra atacou a França e, pelos termos da *Auld Alliance*, os escoceses invadiram o vizinho sendo derrotados na batalha de Flodden, onde Jaime IV morreu. O tratado de 1502, no entanto, teve conseqüências permanentes na relação entre os dois reinos, pois o bisneto de Jaime Stewart e Margaret Tudor foi Jaime Stuart, coroado Jaime VI, rei dos escoceses e Jaime I, rei da Inglaterra e da Irlanda.

### O fim de uma velha canção

A união com a Inglaterra só passou a ser uma política interessante para os escoceses devido à precedência da Reforma no reino do sul. Mais importante, a coroa, firmemente aliada aos católicos franceses, era o principal baluarte do papismo na Escócia, enquanto a Reforma inglesa havia sido comandada pelo rei.<sup>128</sup> Com isso, era natural que os

---

<sup>127</sup> Davi II morreu em 1371, sem herdeiros, e foi sucedido pelo sobrinho Robert II Stewart, cuja descendência reinaria até a extinção do reino da Escócia, em 1707.

<sup>128</sup> Pelo primeiro *Ato de Supremacia* (1534), Henrique VIII Tudor, que desejava divorciar-se de sua segunda esposa, foi declarado 'o único chefe na terra da Igreja da Inglaterra'. Para garantir a nova situação, o rei dissolveu os mosteiros e confiscou as terras da Igreja, vendendo-as a vários nobres, que, com isso, passaram a ser favoráveis à idéia da 'supremacia real'. Seu filho, Eduardo VI, foi criado como protestante, mas, com sua morte precoce após poucos anos de reinado, quem assumiu o trono foi sua meia-irmã mais velha, Mary I, católica radical, que rejeitou o *Ato de Supremacia*, nomeou um cardeal romano como arcebispo de Canterbury e casou-se com Felipe II da Espanha. No processo de restauração do catolicismo, a rainha ordenou a execução de quase trezentos 'hereges' protestantes, o que lhe valeu o apelido de 'Bloody Mary'. Por duas vezes Mary aparentou estar grávida de um herdeiro, mas, na verdade, tratava-se de um câncer, que a matou aos 42 anos. Sua meia-irmã, Elizabeth I, assumiu o trono e restaurou o protestantismo através do segundo *Ato de supremacia* (1559),

protestantes escoceses vissem na Inglaterra a única possibilidade de salvação de seu reino. Mesmo do lado inglês, encontramos a idéia de que a união com a Escócia seria “a coisa mais natural e lucrativa”, mas era “vítima de obstáculos impostos pelo papa”.<sup>129</sup>

Com a morte da rainha Elizabeth I Tudor, sem herdeiros, em 24 de março de 1603, o rei dos escoceses, Jaime VI Stuart, foi proclamado rei da Inglaterra e da Irlanda, primeiro do nome. Sua ascensão ao trono, nesse contexto de lutas religiosas na Grã-Bretanha, foi imbuída de grande significado, pois a Inglaterra e a Escócia eram retratadas como os reinos de Israel e Judá: “farei deles uma só nação na terra [...] e um só rei será rei de todos eles; e nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos”.<sup>130</sup> Assim, teólogos protestantes, como o escocês John Napier de Merchiston, pressagiaram o fim da Igreja católica, imaginando Roma empalada nos sete chifres da besta mencionados no *Apocalipse*: Escócia, Inglaterra, Hungria, Suécia, Dinamarca, França e Espanha.<sup>131</sup>

Não obstante a Reforma e a União das Coroas, os dois países e suas igrejas nacionais continuaram separados por mais de um século, pois a Kirk escocesa, fundada sob os auspícios de John Knox, discípulo de Calvino, era de orientação presbiteriana, enquanto a igreja anglicana

---

intitulando-se ‘governadora suprema da Igreja da Inglaterra’ e exigindo que todos os postulantes a cargos públicos prestassem um juramento ao monarca como chefe do Estado e da Igreja.

<sup>129</sup> Roger Ascham, *Toxophilus, the Schole of Shootynge* (1545); *apud* Christopher HILL, *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*, p. 382.

<sup>130</sup> Ezequiel XXXVII, v. 22, citado em *A treatise about the union of England and Scotland* [1604, anônimo] e Robert Pont, *Of the union of Britayne* [1604]; *apud* Christopher HILL, *op. cit.*, p. 381.

<sup>131</sup> Ver Colin KIDD, *Subverting Scotland's past*, p. 21. Napier (1550-1617), era teólogo, astrólogo, astrônomo, físico e matemático. Hoje, é principalmente lembrado como inventor dos logaritmos, chamados de ‘neperianos’ em sua homenagem, e utilizados como ferramenta para calcular a data do fim do mundo, fixada por ele em 1688 ou 1700.

seguia a doutrina episcopal. Apenas em um breve período durante a Guerra Civil (1642-1651) as duas igrejas foram unificadas, quando, em 1643, ameaçado pelo desembarque de tropas irlandesas católicas, o parlamento inglês, na ‘Liga solene’ [*Solemn League and Covenant for reformation and defence of religion, the honour and happiness of the king, and the peace and safety of the three kingdoms of Scotland, England, and Ireland*], comprometeu-se com o estabelecimento do presbiterianismo nos três reinos britânicos e com a união política entre a Escócia e a Inglaterra. No mesmo ano, foi formado o ‘Comitê para ambos os reinos’, a primeira instituição executiva anglo-escocesa.<sup>132</sup>

Para os escoceses, a Liga deveria ter sido o prenúncio de uma cruzada protestante no continente, mas, para os ingleses, tratou-se apenas de uma aliança militar contra o rei ‘escocês’ Carlos I. Insatisfeitos com seu envolvimento no que viam como ‘problemas internos da Inglaterra’, os partidários da aliança se voltaram contra o Parlamento e apoiaram Carlos Stuart com a condição de que o rei estabelecesse o presbiterianismo na Inglaterra e desse aos escoceses “participação total nos privilégios comerciais de seus súditos ingleses”, o que incluía uma “união completa dos reinos”.<sup>133</sup>

Essas tentativas de união teriam vida curta, pois, com a execução de Carlos I em Londres (30 de janeiro de 1649), a Inglaterra acabou se transformando em uma república puritana, enquanto Carlos II foi imediatamente apontado rei na Escócia (5 de fevereiro de 1649). Cromwell reforçou a separação ao proibir a bandeira da Grã Bretanha, referência à união pessoal das coroas sob a monarquia Stuart.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> Ver Murray G.H. PITTOCK, *op. cit.*, p. 182.

<sup>133</sup> *Idem, ibidem*, p. 183. Ver também Christopher HILL, *op. cit.*, p. 389.

<sup>134</sup> Ver *supra*, figuras 3 e 4. Durante o governo de Cromwell e seu filho, a bandeira da Grã-Bretanha foi substituída pela bandeira da *Commonwealth of England*, dividida heraldicamente em quatro partes, com as cruces de São Jorge, primeiro e quarto, e Santo André, segundo e terceiro.

Mesmo após a restauração dos Stuart no trono inglês (1660), a questão da união não voltou imediatamente à baila. Ao contrário, o rei Carlos II (r. 1649/60-1685) e seu irmão Jaime (r. 1685-1689) procuraram criar uma base de poder fora de Londres, beneficiando a Escócia em detrimento da Inglaterra. Para isso, Jaime Stuart, duque de Albany e York, se estabeleceu em Edimburgo, encorajando a vida artística e profissional da cidade e criando instituições como o Colégio Real de Medicina e a Biblioteca dos Advogados (que posteriormente se tornaria a Biblioteca Nacional da Escócia).

Carlos II, embora apresentasse simpatias católicas, era protestante. Seu irmão, no entanto, havia se convertido ao catolicismo durante sua estadia na França e muitos membros da igreja Anglicana e da Kirk escocesa temiam uma tentativa de restauração do papismo se Jaime Stuart cingisse a coroa. Entre 1679 e 1681, o parlamento inglês chegou a debater seriamente sua exclusão da linha de sucessão ao trono.

As preocupações pareciam ter fundamento, pois, pouco depois de sua coroação (6 de fevereiro de 1685), o rei Jaime (sétimo do nome na Escócia, Jaime II da Inglaterra e da Irlanda) ofereceu ao parlamento escocês liberdade de comércio com a Inglaterra em troca da suspensão das penalidades legais contra os católicos. No ano seguinte, publicou em Edimburgo a *Declaration for the liberty of conscience*, cancelando as leis contra hereges católicos e protestantes.<sup>135</sup> Além disso, o rei empregou diversos católicos em altas posições nas universidades e no exército e removeu o bispo anglicano de Londres, conhecido por sua posição anti-católica. Quando o Parlamento manifestou-se contrário às políticas reais, o rei ordenou sua postergação. A crise chegou ao ápice quando, em 10 de junho de 1688,

---

<sup>135</sup> Seu irmão Carlos, que se converteu ao catolicismo em seu leito de morte, havia emitido uma lei semelhante em 1672, a *Royal Declaration of Indulgence*, retirada pouco depois por pressão do Parlamento que, em seu lugar, emitiu o primeiro *Test Act* (1673), declarando obrigatória a fé anglicana para todos os funcionários do Estado inglês.

nasceu o primeiro filho homem do monarca. Até então, a herdeira do trono era sua filha Mary, uma protestante. A perspectiva de outro rei católico levou alguns membros do Parlamento, tanto *Tories* quanto *Whigs*, a convidar Guilherme de Orange, genro e sobrinho do rei, a derrubá-lo.

Quando Guilherme chegou à Inglaterra, o sucesso foi total. Diversos partidários do rei mudaram de lado (incluindo a outra princesa real, Anne Stuart) e Jaime fugiu para a França em 23 de dezembro. Mary II e Guilherme III foram apontados soberanos conjuntos pelo parlamento inglês em 13 de fevereiro de 1689 e pelo parlamento escocês em 11 de abril do mesmo ano (Mary II e Guilherme II).

Poucos dias depois, John Graham de Claverhouse, primeiro visconde de Dundee, com o apoio de menos de 50 homens, iniciou uma campanha militar pela restauração do trono Stuart. Três meses depois, já à frente de um contingente considerável, derrotou o exército governista no passo de Killiecrankie (Escócia central), mas foi ferido na batalha e não sobreviveu. Sem seu líder militar, os jacobitas, como eram chamados os partidários de Jaime VII, se retiraram para as Terras Altas e foram derrotados definitivamente em 1691. Em homenagem a Dundee, Archibald Pitcairne (1652-1713), poeta, médico e professor escocês, compôs o seguinte epitáfio:

Último dos escoceses, apenas tua vida  
poderia ter mantido a liberdade de tua pátria:  
com tua morte a Escócia tem um novo povo;  
com tua morte, novos deuses.  
Tu não podes sobreviver a ela, nem ela a ti.  
Portanto, Caledônia, agora um nome vazio, adeus.  
E a ti, adeus, mais forte líder de uma nação antiga,  
último dos escoceses e último dos Graham, adeus.<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> Apud John MACQUEEN, *Progress and poetry*, p. 1: “*Ultime Scotorum, potuit quo sospite solo/ libertas patriæ salva fuisse tuæ:/ te moriente, novos accepit Scotia cives,/ accepitque novos, te moriente, deos./ Illa tibi superesse negat, tu non potes illi:/ ergo*

O tema desse breve poema dedicado a Dundee, no entanto, é a própria Escócia. O visconde é explicitamente ligado à velha tradição escocesa de luta pela liberdade, pois o “último dos Graham” teve como antepassados James Graham, primeiro marquês de Montrose, comandante do exército realista durante a guerra civil inglesa, Sir John de Graham, braço-direito de William Wallace na primeira guerra de independência, e o mítico Grim (Graham), o caledônio, que atacara a muralha de Antonino (conhecida pelos antigos escoceses como ‘dique de Grim’), derrotando e expulsando aqueles primeiros invasores da Escócia, os romanos.<sup>137</sup> A morte desse Graham moderno marcou, para boa parte dos escoceses, o fim de sua antiga pátria e abriu caminho para o domínio estrangeiro. Apesar de recorrerem às armas em outras ocasiões (1715 e 1745), jamais um soberano da casa de Stuart, que reinava na Escócia desde Robert II (r. 1371-1390), voltaria a ocupar um trono na Grã-Bretanha.<sup>138</sup>

---

*Caledoniae nomen inane vale:/ tuque vale gentis priscae fortissime ductor,/ ultime Scotorum, atque ultime Grame, vale!*” Uma das canções populares mais tradicionais da Escócia, *Bonnie Dundee* [Belo Dundee], também homenageia o líder militar jacobita. A letra foi baseada em um poema de Sir Walter Scott, escrito em 1830, e a música, até hoje, é a marcha oficial de alguns regimentos do exército canadense.

<sup>137</sup> O grande poeta inglês John Dryden escreveu uma bela paráfrase do poema de Pitcairne que, se captura perfeitamente o sentimento de perda e o classicismo do epitáfio, deixa de lado essas referências à história escocesa: “Oh last and best of Scots! who didst maintain/ thy country’s freedom from a foreign reign;/ new people fill the land, now thou art gone,/ new gods the temples, and new kings the throne./ Scotland and thee did each in other live,/ nor wou’dst thou her, nor cou’d she thee survive./ Farewell! who living didst support the State,/ and couldst not fall but with thy country’s fate.” (*Apud* John MACQUEEN, *op. cit.*, p. 2). Sobre o jacobitismo do poeta inglês, ver Murray G.H. PITTOCK, *Poetry and jacobite politics*.

<sup>138</sup> É verdade que os sucessores diretos de Jaime Stuart foram suas filhas, as rainhas Mary II (r. 1689-1694, co-monarca com Guilherme de Orange, que, após a morte da esposa, continuou reinando sozinho) e Anne I (r. 1702-1714), mas seus reinados viram o poder *de facto* ser controlado pelos ministros ingleses da coroa. A rainha Anne chegou a afirmar que os escoceses eram “um povo estranho” e, em seu

A partir daí, a oposição entre ingleses e escoceses só fez crescer. Em 1698, a Companhia de Comércio da Escócia para a África e as Índias enviou uma expedição para fundar uma colônia em Darién, no atual Panamá. Apesar do apoio maciço de comerciantes ingleses, setores do

---

primeiro discurso no parlamento, declarou que seu coração era “completamente inglês”.

Um escocês só voltaria a ocupar uma posição de poder na Grã-Bretanha em 1762, já sob o reinado ‘germânico’ de Jorge III de Hanover, com a ascensão de John Stuart, terceiro conde de Bute, ao cargo de Primeiro Ministro. Sob a tutela de Bute, Jorge III retomou o projeto integracionista de Jaime I e, em seu primeiro discurso público, declarou: “nascido e educado neste país, orgulho-me do nome de Grã-Bretanha”. A identidade *britânica*, no entanto, só ganhou apoio popular mais amplo durante a Grande Guerra de 1914-1918, com a oposição conjunta de ingleses e escoceses aos alemães. Mesmo assim, o processo de integração identitária anglo-escocesa está muito longe de completar-se. Em 1991, o *Political quarterly* publicou uma coleção dedicada à identidade nacional da Grã-Bretanha e a questão não poderia ser colocada de maneira mais clara: quantas nações existem no Reino Unido? Existe a nação britânica, ou diferentes nações, inglesa, escocesa, galesa e norte-irlandesa? A resposta parece ser: “temos múltiplas identidades [...]”. Somos um Estado sem uma nação; somos nações sem Estados” (*The Guardian*: two editorials, p. 168; ver também Hugh KEARNEY, *Four nations or one?*).

Um exemplo ainda mais recente pode ser observado na questão da participação de uma equipe de futebol britânica nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012 (os quatro membros do Reino Unido, Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte, são filiados à FIFA diretamente e, portanto, participam de todas as competições de futebol separadamente). O técnico escocês, Sir Alex Ferguson, primeiro escolhido para chefiar a equipe, recusou o cargo dizendo que “não seria prático; Escócia, Irlanda do Norte, Gales, mesmo a Inglaterra, todas têm suas próprias identidades” (*Ferguson dismisses idea of GB 2012 Olympic team*).

O problema, para os escoceses (assim como para os galeses e norte-irlandeses), é a possibilidade de absorção pela Inglaterra. Para evitar que o vizinho mais forte domine, é necessário marcar as diferenças e, portanto, o que poderia parecer uma questão menor, a existência de uma seleção de futebol própria em Gales ou na Escócia, se torna uma forma de expressão de identidade nacional que não pode ser suprimida. A hierarquização das identidades fica clara quando percebemos que, hoje, a maior parte dos escoceses se vê com uma identidade dupla, britânica (ou seja, favorável à manutenção do Reino Unido) e escocesa, enquanto para os ingleses, ser britânico “é, simplesmente, ser inglês” (Bernard CRICK, *The English and the British*, p. 97).

governo de Londres não viram com bons olhos o empreendimento e o rei Guilherme III proibiu seus súditos ingleses de negociar ou investir na colônia escocesa. Tentativas de levantar dinheiro na Holanda e na Alemanha também fracassaram e a colônia acabou não sobrevivendo à hostilidade do clima e dos espanhóis. O dinheiro perdido em Darién e a fome resultante de sete anos de colheitas fracassadas, conhecidos no norte como *King William's ill years*, levaram a Escócia a enfrentar algo próximo de um “Armageddon econômico”.<sup>139</sup>

Pouco depois do fracasso de Darién, que os escoceses, até certo ponto corretamente, imputaram à oposição ativa dos ingleses, o parlamento de Edimburgo recusou-se a ratificar o *Act of settlement* (1701), que excluía os católicos da linha de sucessão do trono inglês, e reservou o direito de determinar a sucessão escocesa separadamente. Em 1703, Edimburgo aprovou o estabelecimento de uma política externa independente e, no ano seguinte, a Escócia assinou um tratado comercial com a França. Em resposta, o parlamento de Westminster editou o *Alien Act* (1705), negando aos escoceses o direito de moradia e comércio na Inglaterra. Com essas atitudes, a paz intra-britânica ficou ameaçada e, sem outra alternativa visível, iniciaram-se negociações para a união definitiva dos dois reinos.<sup>140</sup>

Ratificado em 16 de janeiro de 1707, o *Act of Union* encerrou a independência ancestral da Escócia. Surgia o reino da Grã Bretanha, com capital em Londres. Em 25 de março de 1707, uma terça-feira, o parlamento escocês encerrou suas atividades. A Escócia obteve o direito de eleger 16 pares (para a Câmara dos Lordes) e 45 membros (para a Câmara dos Comuns) para o novo Parlamento do reino da

---

<sup>139</sup> Murray G.H. PITTOCK, *A new history of Scotland*, p. 196. Ver também Colin KIDD, *op. cit.*, p. 33; G.M. TREVELYAN, *Illustrated English social history*; vol. 3: *the eighteenth century*, pp. 240-243.

<sup>140</sup> Ver Murray G.H. PITTOCK, *op. cit.*, pp. 198-199.

Grã-Bretanha, com sede em Westminster.<sup>141</sup> Quando finalmente ocorreu, a união não foi a realização da promessa divina esperada pelos protestantes, nem a criação da comunidade econômica desejada pelos comerciantes, mas uma quase anexação da Escócia por seu poderoso vizinho inglês.

---

<sup>141</sup> Para efeito de comparação, apenas o pequeno condado da Cornualha elegia 44 membros para a Câmara dos Comuns. No total, a Inglaterra elegia 486 comuns.

### 3. Scotica carmina

Quando uma sociedade perde sua liberdade política, ela busca outras maneiras de expressar sua identidade.<sup>142</sup> Para a nobreza escocesa, por exemplo, uma identidade pós-União significava manter os ingleses longe dos cargos políticos relacionados à Escócia e aproveitar ao máximo as oportunidades econômicas na Inglaterra e nas colônias. Nas palavras de Samuel Johnson:

Quando o poder do nascimento e da posição acaba, nenhuma esperança permanece a não ser o predomínio do dinheiro. [...] Os chefes, despojados de suas prerrogativas [políticas], necessariamente voltaram seus pensamentos para a melhoria de suas receitas e esperaram mais renda, uma vez que recebiam menos homenagens.<sup>143</sup>

Os duques de Argyll, por exemplo, assumiram a vanguarda da mudança econômica e social nas Terras Altas, construindo vilas, canais e portos, incentivando indústrias e encorajando projetos de reassentamento para *highlanders* empobrecidos. Sua nova residência, em Inveraray, logo se tornou a capital da mudança e da ‘melhoria’ (*improvement*) nas *Highlands*. Cinquenta anos após a União, impulsionada pelas mudanças sociais e pelo comércio com as colônias inglesas, a situação da Escócia melhorara muito e pode-se dizer que 1707 livrou-a da “prisão da pobreza em que ela residira por eras”: ao final do Setecentos, a população aumentara 62,5%, enquanto a renda dos impostos internos elevava-se 43 vezes!<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> Ver Hugh TREVOR-ROPER, *The invention of Scotland*, p. 75.

<sup>143</sup> *A journey to the western islands of Scotland*, Ostig in Sky, p. 85.

<sup>144</sup> Ver Eric CREGEEN, The changing role of the house of Argyll, *passim*; Murray G.H. PITTOCK, *A new history of Scotland*, p. 224; G.M. TREVELYAN, *Illustrated English social history*, vol. 3, pp. 259-274.

Mas essas melhorias não se deram sem conflitos e, mesmo depois de testemunhar todo o progresso econômico, ao final do século Robert Burns ainda protestava:

...até a hora final  
eu farei essa declaração:  
comprados e vendidos pelo ouro inglês -  
que bando de patifes em uma nação!<sup>145</sup>

A tensão foi tanta e tamanha que David Daiches, historiador e crítico literário, classificou a experiência do século XVIII escocês como um ‘paradoxo cultural’:

A longo prazo a União produziu forças que trabalharam conscientemente para a melhoria da agricultura e da indústria na Escócia, mas essas forças estavam ligadas a elementos que pareciam ao mesmo tempo militar contra uma cultura nacional.<sup>146</sup>

Sem dúvida, grande parte do crescimento econômico foi obtida por iniciativa do governo de Londres ou pela incorporação de práticas e políticas inglesas. Além disso, as transformações sócio-econômicas acarretaram grandes movimentos populacionais, o que engendrou uma ‘miscigenação cultural’ que ameaçava as características tipicamente escocesas, como podemos ver nesse relato do final do século:

Os preconceitos nacionais estão gradualmente perdendo espaço dos dois lados e a língua, a roupa e os costumes dos ingleses começam a ganhar ascendência. Em resumo, não parece distante a era

---

<sup>145</sup> *The complete works*, pp. 258-259: “...till my last hour,/ I’ll mak’ this declaration;/ We’re bought and sold for English gold –/ Such a parcel of rogues in a nation.” (tradução de Bruno de Sá FERREIRA, *A construção do nacionalismo*).

<sup>146</sup> *The paradox of Scottish culture: the eighteenth-century experience*, pp. 10-11.

feliz em que *ingleses* e *escoceses* serão, em todos os sentidos da palavra, UMA NAÇÃO.<sup>147</sup>

A maior parte dos intelectuais escoceses encarava essa situação com aparente ambigüidade.

Por um lado, viam com aprovação a rápida aproximação entre a Escócia e a Inglaterra, que trazia riqueza e oportunidades para escoceses talentosos: “a Escócia é apenas um lugar limitado”, escreveu o arquiteto Robert Adam, um dos maiores do século, em 1755; para suas aspirações era necessário “um cenário maior, mais abrangente, mais glorificante, ou seja, uma vida inglesa”.<sup>148</sup>

Também os poetas partilhavam desse entusiasmo e Allan Ramsay, em *The prospect of plenty* (1720), por exemplo, era um verdadeiro profeta do sucesso comercial e da melhoria urbana e rural. James Thomson (1700-1748), o primeiro ‘poeta newtoniano’ escocês, foi autor da letra de *Rule, Britannia!*, canção ufanista que celebrava a Grã-Bretanha unificada. Seu amigo Tobias Smollett (1721-1771) passou quase toda a vida adulta em Londres e no estrangeiro, sendo normalmente considerado um romancista inglês que nasceu próximo a Glasgow, no distrito de Lennox.<sup>149</sup>

Diversos *Scots* abraçaram a União com entusiasmo e viam toda a ilha como um único país, do qual a Escócia era a parte norte: “Londres é a capital do meu país”, afirmou David Hume. Faziam, assim, um esforço ativo para integrar-se e seus compatriotas à Inglaterra, especialmente no terreno da língua, pois, como Alexander Carlyle, influente pastor de Inveresk (Lothian), observou, “para todo homem criado na

---

<sup>147</sup> Robert Heron (1797), *apud* Neil DAVIDSON, *The origins of Scottish nationhood*, p. 96 (grifos do autor).

<sup>148</sup> *Apud* Janet Adam SMITH, *Some eighteenth-century ideas of Scotland*, p. 108.

<sup>149</sup> Ver John MACQUEEN, *Progress and poetry*, cap. III, pp. 55ss. Não se deve confundir o poeta Allan Ramsay (1684-1758) com seu filho homônimo (1713-1784), um dos maiores retratistas da Europa setecentista.

Escócia, a língua inglesa é, em alguns aspectos, uma língua estrangeira, de cujas palavras e frases ele não entende o valor e a força precisa”.<sup>150</sup>

A *Select Society*, um dos principais clubes iluministas de Edimburgo, propôs ‘importar’ professores de inglês para instruir seus membros na maneira correta de se expressar. Nas terras baixas do nordeste, James Beattie, professor de filosofia moral na Universidade de Aberdeen, compilou um dicionário de expressões nativas, *Scoticisms* (1787), para promover o uso correto da língua inglesa, ‘corrigir’ as impropriedades da expressão escocesa e, ao mesmo tempo, criticar o domínio lingüístico dos luminares de Edimburgo.<sup>151</sup>

Na mesma linha, os escoceses foram os primeiros a oferecer cursos universitários voltados para a análise da literatura em língua inglesa. De fato, as *Lectures on rhetoric and belles lettres*, proferidas por Adam Smith em Edimburgo (1748-1751) e na Universidade de Glasgow (1751-1763) e por Hugh Blair na Universidade de Edimburgo (1762-1783), em suas tentativas de criar uma teoria crítica da composição textual, foram os primeiros cursos universitários a fazer uma análise sistemática do discurso escrito a partir de um *corpus* que incluía lado a lado a literatura clássica e autores ingleses modernos, como Jonathan Swift (1667-1745), Shaftesbury (1671-1713) e Joseph Addison (1672-1719). Com isso, além de etapa fundamental na criação de um cânone para a literatura inglesa, a retórica escocesa ajudou a difundir a ‘correta’ expressão lingüística da Inglaterra no norte da Grã-Bretanha.<sup>152</sup>

Ao mesmo tempo em que os *literati* celebravam a ‘melhoria’ e buscavam integrar-se à Grã-Bretanha, no entanto, a Escócia ainda era sua pátria. Os poemas de Allan Ramsay, por exemplo, celebravam as

---

<sup>150</sup> *Apud* Janet Adam SMITH, *op. cit.*, p. 108 (Hume), p. 110 (Carlyle).

<sup>151</sup> Ver David HEWITT, James Beattie and the languages of Scotland, pp. 255ss; também Janet Adam SMITH, *op. cit.*, p. 111.

<sup>152</sup> Ver Ian DUNCAN, Adam Smith, Samuel Johnson and the institutions of English; Rajit S. DOSANJH, The ‘eloquence of the Bar’: Hugh Blair’s lectures.

mudanças e louvavam o futuro em *Scots*, a língua do sul da Escócia, e, contra o neoclassicismo inglês, o poeta enaltecia a poesia dos antigos escoceses. Mesmo Tobias Smollett, com todas suas experiências inglesas, sempre retratou a sociedade londrina do ponto de vista de um estrangeiro, sem economizar elogios para as cidades, universidades e, principalmente, paisagens de seu país natal:

Tudo aqui é romântico além da imaginação. Essa região é justamente chamada Arcádia escocesa e não duvido de que possa rivalizar com a Arcádia em tudo, a não ser no clima - tenho certeza de que a supera em verdura, bosques e águas.<sup>153</sup>

Além disso, aos olhos escoceses, os ingleses não colaboravam com a União. Com o início da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), o parlamento britânico aprovou uma lei que criava uma milícia permanente para a defesa do reino, mas a regra não valia para a Escócia, que continuava sob as regras do *Act of Proscription*, lei de 1746 que baniu o porte de armas no norte da ilha.<sup>154</sup> Entre 1758 e 1760, o almirante francês François Thurot comandou expedições contra o comércio no mar da Irlanda, capturando navios escoceses e chegando a atacar Islay, nas Hébridas, e ocupar Carrickfergus, no Ulster. Navios carregando a bandeira britânica derrotaram Thurot ao largo da ilha de Man em 28 de fevereiro de 1760, mas o episódio deixou claro para os escoceses que a defesa de suas casas passara a depender inteiramente do governo de Londres, onde a xenofobia era grande e aumentaria ainda mais com a ascensão de John Stuart, terceiro conde de Bute, ao cargo de Primeiro-Ministro, em 1762. Tobias Smollett, sempre tentando promover a União, tomou a defesa de Bute em seu periódico

---

<sup>153</sup> *The expedition of Humphry Clinker* (1771); apud John MACQUEEN, *op. cit.*, p. 70.

<sup>154</sup> Além de proibir o uso de armas, o ato, editado após a rebelião jacobita de 1745, reservava o uso do *kilt* e do *tartan*, a chamada *Highland dress*, para os regimentos do exército real recrutados nas Terras Altas.

*The Briton*, mas os ingleses não viam com bons olhos a idéia da integração e David Hume reclamava abertamente do preconceito:

Alguns me odeiam porque não sou um *Tory*, alguns porque não sou um *Whig*, alguns porque não sou cristão e todos porque sou escocês. Você pode falar a sério da minha permanência como inglês? Sou, ou você é, um inglês? Eles nos permitirão sê-lo?<sup>155</sup>

A questão da formação de uma milícia escocesa levantou a opinião pública e vários panfletos, petições e reuniões públicas tentaram convencer o governo central da necessidade de defesas eficazes no norte da Grã-Bretanha. Para espicaçar (*to poke up*) o sentimento público, foi fundado em Edimburgo o *Poker Club*, que tinha entre seus fundadores vários dos principais patrocinadores de Macpherson.<sup>156</sup>

Hume podia declarar com orgulho ser “um cidadão do mundo”, mas o patriotismo era uma questão importante para todos os intelectuais escoceses, que o viam como uma virtude altruísta, essencial para a manutenção da liberdade e para a melhoria constante da sociedade:

Nenhuma fonte de prazer é mais plena que o patriotismo, quando ele é a paixão governante: ele triunfa sobre todos os motivos egoístas e é um firme suporte de todas as virtudes. [...] Patriotismo é, ao mesmo tempo, o grande baluarte da liberdade civil; incompatível com o despotismo, por um lado, e com a licenciosidade por outro. Enquanto o governo despótico da família Tudor subsistiu, os ingleses

---

<sup>155</sup> David Hume, *apud* Janet Adam SMITH, *op. cit.*, p. 109. Sobre Smollett, ver Leith DAVIS, *Acts of Union*, cap. 2 e pp. 75-76; também John MACQUEEN, *op. cit.*, pp. 59ss. Para um apanhado dos preconceitos ingleses em relação aos escoceses, ver Murray G.H. PITTOCK, *Celtic identity and the British image*, pp. 25-29.

<sup>156</sup> A necessidade da milícia era baseada também na desconfiança geral da época contra os exércitos regulares e no sentimento de que o cidadão livre era o melhor guardião da liberdade de seu país. Ver N.T. PHILLIPSON, *Scottish public opinion and the Union*, p. 141.

eram muito deprimidos para ter qualquer afeição por seu país. Mas quando as manufaturas e o comércio começaram a florescer, no final do reinado de Elizabeth, um espírito nacional irrompeu e o patriotismo emergiu. Essa mudança de disposição foi talvez a principal causa, embora não a mais visível, das lutas nacionais pela liberdade, freqüentes durante o reino da família Stewart [sic] e que resultaram em um governo livre na Revolução.<sup>157</sup>

Ou seja, o patriotismo era visto como uma necessidade para a contínua melhoria da sociedade e não entrava em choque com a defesa da União ou com uma atitude cosmopolita. O próprio ‘cidadão do mundo’, David Hume, estava sempre pronto a exaltar, até mesmo em excesso, as qualidades de seus compatriotas:

Não é estranho que, em uma época na qual perdemos nossos príncipes, nossos parlamentos, nosso governo independente, mesmo a presença de nossa principal nobreza, somos infelizes em nosso sotaque e pronúncia, falamos um dialeto muito corrompido da língua que usamos; não é estranho, eu digo, que, nessas circunstâncias, sejamos realmente o povo mais distinto pela literatura na Europa?<sup>158</sup>

#### a. Literatura nacional

O estabelecimento de uma literatura nacional era parte fundamental dos projetos patrióticos escoceses. Em 1755, os *literati* da capital fundaram a *Edinburgh Review*, periódico cujo objetivo era fomentar a literatura e tornar a Escócia “célebre por suas letras”.<sup>159</sup> Ao mesmo tempo, Allan Ramsay lutava para preservar a obra de antigos poetas

---

<sup>157</sup> Lorde KAMES, *Sketches of the history of man* (1774), livro II, esboço VII, pp. 417-418. Ver também Alexander BROADIE, *The Scottish enlightenment*, pp. 94ss.

<sup>158</sup> *Apud* Janet Adam SMITH, *op. cit.*, p. 110.

<sup>159</sup> Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, p. 114.

escoceses em sua coleção *The ever green* (1724). Seu interesse por essas antigüidades poéticas não tinha nada de antiquário. Ao contrário, ele acreditava que um bom poeta era um importante servidor de seu país e, por meio de sua coleção e seus poemas, em *Scots* e usando métricas tradicionais, afirmava que “a Escócia, para ser ela mesma, deve ter sua própria literatura”:

... Isso me incita  
a refletir  
sobre os dias eruditos de Gawn Dunkell;  
nosso país sabia então contar uma história,  
a Europa não tinha mais talento  
para o verso ou a prosa;  
nossos reis eram eles mesmos poetas,  
corajosos e espirituosos.<sup>160</sup>

Os escoceses não eram os únicos a cultivar sua literatura nacional durante o século XVIII. Foi então que Shakespeare foi elevado a ‘poeta nacional’ da Inglaterra. Diversas coleções críticas de suas obras foram publicadas e grandes nomes das letras, como Pope e o Dr. Johnson, as editaram. Em 1741, sua estátua foi erguida na abadia de Westminster e o ‘culto’ chegou ao auge com o grande Jubileu ‘celebrado’ por Garrick em Stratford-on-Avon em 1769. Em resumo, a “idolatria” por aquele “gênio gigantesco” passou a ser “inculcada desde a infância como o primeiro dever de um inglês”.<sup>161</sup> Essa idolatria não

---

<sup>160</sup> ‘Familiar epistles between lieutenant William Hamilton and Allan Ramsay’, resposta I; *apud* Janet Adam SMITH, *op. cit.*, p. 116: “... This provokes/ me to reflect/ on the lear’d days of Gawn Dunkell,/ our country then a tale cou’d tell,/ Europe had nane mair snack and snell/ at verse or prose;/ our kings were poets too themself,/ bauld and jocose.”

Gawn Dunkell é Gavin Douglas (c. 1474-1522), bispo de Dunkeld e tradutor de Virgílio. Ramsay, que assim como Macpherson com freqüência ‘melhorava’ e ‘corrigeia’ os antigos poemas por ele coletados, incluiu uma composição própria, ‘The vision’, em sua “coleção de poemas escoceses escritos antes de 1600”.

<sup>161</sup> Edward Gibbon, *Memoirs*; *apud* Hugh TREVOR-ROPER, *The invention of Scotland*, p. 75.

se restringia a Shakespeare e Milton foi igualmente exaltado como um dos maiores nomes do reino. Seu passado republicano foi esquecido e sua obra erigida em clássico nacional, acima de qualquer lealdade partidária. A maior delas, *Paraíso perdido*, o grande épico da queda da humanidade, foi editada e anotada (como uma nova *Ilíada*) pelo maior dos eruditos clássicos, Richard Bentley. Vários outros mestres da língua inglesa foram celebrados e diversas antologias literárias vieram à luz. Foi como introdução a uma dessas, que Samuel Johnson escreveu sua ilustre série de biografias (*Lives of the most eminent English poets*, 1779-1781).

A rivalidade anglo-escocesa e o desejo de grandeza literária explicam o desafio lançado por um dos espectadores da tragédia *Douglas*, drama de John Home apresentado em Edimburgo em 1756: “*whaur’s yer Wullie Shakespeare noo?*” [onde está seu William Shakespeare agora?].<sup>162</sup> A cidade estava radiante com o sucesso da peça, composta por um escocês e ambientada no passado da Escócia. Infelizmente, apesar da admiração do grande poeta Thomas Gray, o sucesso não se repetiu em Londres e o *arbiter elegantiarum* inglês, Samuel Johnson, desafiava seus interlocutores a apontar dez bons versos em toda a peça: “eles não precisam estar em seqüência”.<sup>163</sup>

Se John Home não se mostrou um rival à altura de Shakespeare, talvez fosse possível encontrar um poeta que ombreasse com Milton. Um candidato foi William Wilkie, que escreveu, em 1757, *The Epigoniad*, um épico sobre os descendentes (*epígonois*) dos sete heróis que lutaram contra Tebas.<sup>164</sup> O tom de seu poema, evidentemente derivado das traduções homéricas de Pope, e o cenário grego limitavam seu alcance

---

<sup>162</sup> Alexander BROADIE, *op. cit.*, p. 151; Hugh TREVOR-ROPER, *op. cit.*, p. 77.

<sup>163</sup> James BOSWELL, *Journal of a tour to the Hebrides* (1785), p. 404.

<sup>164</sup> A ambientação do poema na Antigüidade respondia a uma preocupação setecentista com a veracidade histórica, pois, como não havia relatos acurados do passado, o poeta poderia libertar sua imaginação de quaisquer amarras. Ver Fiona STAFFORD, *op. cit.*, pp. 99-100, 114.

como épico nacional, mas Wilkie, “inspirado pelo verdadeiro gênio da Grécia”, foi imediatamente exaltado como o ‘Homero escocês’.<sup>165</sup>

No ano seguinte, um jovem de 22 anos, James Macpherson, publicou outro poema épico, *The highlander*, cujo herói era o filho perdido de um rei da Escócia que, no decorrer do poema, obtinha o trono por seus próprios méritos e não apenas pelo nascimento. O tema encaixava-se perfeitamente nas necessidades patrióticas, mas a publicação foi recebida com total indiferença tanto pelos círculos intelectuais escoceses quanto pelo público em geral.

Com a dificuldade de encontrar um autor contemporâneo de gênio, alguns escoceses foram buscar a resposta em outro lugar e o passado gaélico da Escócia parecia ser um terreno fértil o suficiente para germinar todo tipo de poesia. Um dos principais nomes que se envolveram nessa busca foi justamente o autor de *Douglas*, John Home, e o resultado de suas pesquisas o levou diretamente a Ossian.

Desde 1749, pelo menos, Home já se mostrara intrigado pelas tradições poéticas do norte da Escócia, tendo discutido o assunto com seu amigo inglês, William Collins (1721-1759), que, estimulado pelas conversas, escreveu *An ode on the popular superstitions of the Highlands of Scotland* (1750). Seu interesse aumentou com a publicação, na *Scots magazine* (janeiro de 1756), de *Albin and the daughter of May*, tradução de um antigo poema gaélico (*Bàs Fraoich*) por Jerome Stone, e por muito tempo ele buscou “uma pessoa que pudesse inteirá-lo da antiga poesia das *Highlands*, da qual ele tanto ouvira”.<sup>166</sup>

Uma das pessoas que Home procurou foi Adam Ferguson, professor de filosofia moral na Universidade de Edimburgo. Nativo das Terras

---

<sup>165</sup> David HUME, Letter to the authors of the *Critical Review* concerning the *Epigoniad* of Wilkie (1759), *Essays moral, political, and literary*, p. 433.

<sup>166</sup> Carta de Alexander Carlyle a Wm. MacDonald; *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, p. 66.

Altas, “quase fora da região onde o gaélico começa a ser a língua comum”, Ferguson repetiu-lhe um poema que conhecia e que Home achou “muito bonito”. Provavelmente, tratava-se de um velho poema anotado em sua juventude, como ele mesmo nos conta:

por volta do ano de 1740, ouvi John Fleming, um alfaiate, que à maneira da região trabalhava com seus *journeymen* na casa de meu pai, repetir, em uma espécie de métrica harmoniosa, linhagens heróicas relacionadas à chegada de uma hoste e uma batalha subsequente com um combate singular entre dois chefes. Eu as escrevi e mantive por algum tempo, mas não mais as possuía quando as publicações do senhor Macpherson apareceram. Não tive dúvida, no entanto, em reconhecer a mesma passagem na chegada de Swaran e no combate singular com Cuchullin, na tradução de Macpherson de *Fingal*.<sup>167</sup>

Quase certamente, foi Adam Ferguson quem indicou Macpherson a John Home. Os dois *highlanders* provavelmente se encontraram quando o editor de Ossian, então tutor do jovem Thomas Graham de Balgowan, futuro barão Lynedoch, acompanhou seu pupilo em uma visita ao pai de Ferguson em Perthshire. Em 1759, na estação de águas de Moffat, Home, feliz por conhecer “um nativo das remotas *Highlands*”, pediu a Macpherson informações sobre a poesia gaélica e ouviu que seu interlocutor possuía diversos exemplares da dita, como o dramaturgo conta em seu próprio relato:

Quando o Sr. Home desejou vê-los, o Sr. Macpherson perguntou se ele entendia o gaélico. “Nem uma palavra.”

– “Então, como posso mostrá-los?”

– “Muito fácil”, disse o Sr. Home, “traduza um dos poemas que pense ser bom, e imagino que serei capaz

---

<sup>167</sup> Carta a Henry Mackenzie; *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, p. 63.

de formar alguma opinião sobre o gênio e o caráter da poesia gaélica”.

O Sr. Macpherson declinou a tarefa, dizendo que sua tradução daria uma idéia muito imperfeita do original. O Sr. Home, com alguma dificuldade, persuadiu-o a tentar e em um dia ou dois ele lhe trouxe o poema sobre a morte de Oscar, com o qual o Sr. Home ficou tão satisfeito que, em alguns dias, dois ou três mais lhe foram trazidos, os quais o Sr. Home levou a Edimburgo e mostrou ao Dr. Blair, ao Dr. Ferguson, ao Dr. Robertson e a lorde Elibank, que não ficaram menos satisfeitos do que ele havia ficado. Em menos de um ano, o Sr. Home levou as traduções que o Sr. Macpherson havia lhe dado a Londres, onde elas foram igualmente admiradas.<sup>168</sup>

Ainda em Moffat, Home mostrou as produções de Macpherson a Alexander Carlyle, que ficou “perfeitamente surpreendido pelo gênio poético mostrado. Concordamos que era uma descoberta preciosa e que, assim que possível, deveria ser apresentada ao mundo”.<sup>169</sup> Pouco tempo depois, os grandes antiquários ingleses Thomas Gray e Horace Walpole tinham em mãos cópias da poesia trazida à luz pelo obscuro *highlander* de Badenoch e também renderam-se a ela:

Se você viu Stonehewer, ele provavelmente lhe falou de minha velha poesia escocesa (ou melhor, irlandesa). Fiquei louco com ela. Dizem ser traduções (literais e em prosa) da língua *Erse*, feitas por um tal Macpherson [...] Fiquei tão impressionado, tão *extasié* [em francês no original] com sua beleza infinita, que escrevi à Escócia para fazer mil pesquisas [...] [ou]

---

<sup>168</sup> Nota de John Home a Henry Mackenzie; *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, p. 69.

<sup>169</sup> Carta de Alexander Carlyle a Wm. MacDonald; *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, p. 66.

esse homem é o verdadeiro Demônio da Poesia, ou iluminou um tesouro escondido por eras.<sup>170</sup>

Dentre todos os intelectuais atraídos pela poesia das *Highlands*, o mais entusiasmado foi o reverendo Hugh Blair. Embora ainda não fosse *Regius professor* de retórica e belas-letas (o cargo só seria criado em 1762), Blair era um homem eminente, titular da catedral de Santo Egídio, a *High Kirk* de Edimburgo, e seus sermões e aulas públicas atraíam um grande número de interessados. Desejoso de ver mais exemplares da antiga poesia gaélica e publicá-los, Blair mandou chamar o *highlander* a Edimburgo.

A imagem comum de Macpherson é a de um trapaceiro ardiloso, que resolveu fazer fortuna por meio de um embuste literário e não permitiu que nada o detivesse. Depois do sucesso avassalador de Ossian, é fácil esquecer que ser tradutor, em meados do século XVIII, da ‘primitiva’ e desprezada poesia gaélica, dificilmente parecia um caminho para a glória e, assim como já fizera com John Home, Macpherson recusou-se a produzir mais traduções para Hugh Blair. A que devemos essa relutância? Não deve se tratar de um possível medo de ter sua ‘fraude’ detectada, pois Macpherson sabia que Home conhecia Ferguson e sabia que este conhecia a língua e a poesia gaélicas. Portanto, qualquer embuste apresentado a Home, seria detectado por Ferguson e sua carreira estaria terminada antes mesmo de começar. A questão, provavelmente, é que Macpherson queria impressionar os importantes intelectuais de Edimburgo como poeta e ‘erudito clássico’ e, depois do fracasso de *The highlander*, seu orgulho deveria estar em pânico com a possibilidade de aparecer para o mundo apenas como tradutor. Com efeito, mais tarde, o próprio Macpherson, já famoso, reclamou de sua posição:

Aqueles que são capazes de transferir a poesia antiga para uma língua moderna, seriam mais bem

---

<sup>170</sup> Carta de 20/jun/1760; *apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 96.

empregados em produzir originais próprios, se não fosse pela desprezível inveja e mesquinha que despreza o gênio contemporâneo. Minha primeira publicação foi puramente acidental. Se eu tivesse encontrado menos aprovação, minhas ocupações posteriores teriam sido mais lucrativas. No mínimo, poderia continuar a ter sido um simplório [*stupid*], sem ser rotulado com a imbecilidade [*dulness*].<sup>171</sup>

Mas o *highlander* acabou aquiescendo à insistência de Blair e *Fragments of ancient poetry* foi publicado em 1760 e aclamado por todos. Quinze ou dezesseis breves poemas, no entanto, jamais poderiam rivalizar com Shakespeare ou Milton: não havia dúvida que os fragmentos eram uma descoberta valiosíssima na busca pela literatura escocesa, mas tratava-se apenas de um achado superficial; para encontrar a verdadeira riqueza, era preciso explorar mais a mina:

Acredita-se que, por uma pesquisa cuidadosa, muitos outros rastros do gênio antigo, não menos valiosos que os aqui dados ao mundo, possam ser encontrados no mesmo local onde esses foram coletados. Em particular, há razão para esperar que uma obra de tamanho considerável e que mereça ser considerada um poema heróico possa ser recuperada.<sup>172</sup>

Não resta dúvida de que a produção de Ossian deve ser creditada a Macpherson, mas não podemos ignorar ou deixar de lado a participação de Blair e seus amigos de Edimburgo. Estes forneceram não apenas os meios (e.g., o financiamento das viagens às *Highlands* em 1760 e 1761), mas, principalmente, os fundamentos intelectuais do projeto, a um tal ponto que “temos razão para ser pessimistas em relação à possibilidade de alguma vez desenredar os princípios

---

<sup>171</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 214, n. 38. Ver também Fiona STAFFORD, *op. cit.*, pp. 79-80.

<sup>172</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 6.

estéticos de Hume e Blair da fantasia de Macpherson”.<sup>173</sup> O próprio relato de Blair é esclarecedor:

Os *Fragmentos*, quando publicados, chamaram muita atenção e despertaram, entre todas as pessoas de letras e gosto, um intenso desejo de recuperar, se possível, todos aqueles consideráveis vestígios da poesia gaélica que, dizia-se, ainda existiam nas *Highlands*. Quando falava-se com o Sr. Macpherson sobre o assunto, e várias pessoas instigaram-no a encarregar-se da busca, ele mostrava extrema má vontade em empenhar-se nela, falando tanto de sua descrença em relação ao sucesso e à aprovação do público, quanto da dificuldade e custo de uma tal busca pelas remotas *Highlands*. Finalmente, para encorajá-lo, um encontro foi arranjado em um jantar [...]. Lembro-me bem que, quando as pessoas estavam prestes a ir embora, o Sr. Macpherson acompanhou-me à porta e me disse que, a partir do espírito do encontro, ele pela primeira vez cogitava a esperança de que a empreitada *à qual eu tantas vezes o tinha incitado* poderia ser realizada com sucesso; que, até então, ele imaginava que [a possibilidade da existência de um épico gaélico nas *Highlands*] era apenas *uma idéia romântica que eu tinha passado a ele*.<sup>174</sup>

Ao voltar das Terras Altas, Macpherson trabalhou bastante próximo a Blair e lia para ele no jantar as passagens que tinha traduzido durante o dia. A velocidade com que o projeto foi concluído (um poema épico de dezenove mil palavras, diversos outros poemas, uma dissertação erudita e várias notas em menos de quatro meses) também sugere que o editor não trabalhou sozinho. Já havia tempo que o círculo

---

<sup>173</sup> David RAYNOR, *Ossian and Hume*, p. 161; também Dafydd MOORE, *Enlightenment and romance in Macpherson's Ossian*, pp. 22ss.

<sup>174</sup> Carta de Hugh Blair a Henry Mackenzie (grifos meus); *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice IV, pp. 58-59.

intelectual de Edimburgo tentava instalar um autor escocês lado a lado com os grandes mestres da literatura universal e Blair não deixaria passar essa chance.

Outro motivo para a popularidade de Ossian entre os intelectuais escoceses foi o fato de os poemas virem à luz na mesma época da campanha londrina contra lorde Bute. Tanto o volume de *Temora* (1763), quanto a edição de 1765 (*The works of Ossian*), são dedicados ao conde, mas certamente seu envolvimento com as publicações de Macpherson é anterior. Em junho de 1761, John Home acompanhou Macpherson às *Highlands* e enviou uma carta ao influente ministro escocês, seu patrono, na qual deixava claro que Bute já conhecia “o jovem bardo *highlander*” a quem ele acompanhava. Além disso, os comedidos agradecimentos que introduzem a primeira edição de *Fingal* (dezembro de 1761) terminam com a seguinte referência:

Profundamente consciente da generosidade de uma certa nobre pessoa, o tradutor ainda evita nomeá-lo, pois sua posição e mérito elevados o alçaram acima do panegírico de alguém tão pouco conhecido.<sup>175</sup>

Pouco depois da publicação de *Fingal*, a polêmica entre escoceses e ingleses sobre o ministério de Bute chegou ao auge, quando o radical inglês John Wilkes lançou o periódico *The north Briton* (junho de 1762). Nele, Wilkes jogava com os medos dos leitores londrinos, fingindo ser um escocês que conspira para ‘conquistar’ a Grã-Bretanha:

Embora seja um norte-britânico, tentarei escrever em inglês puro e evitar os inúmeros escoticismos que abundam em *The Briton* [o periódico de Tobias Smollett que promovia a integração]; então, como as pessoas são capazes de erro, ele pode ser tomado por um escocês e eu passarei por um inglês.

---

<sup>175</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 33; ver Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 134; também Leith DAVIS, *Acts of Union*, pp. 80-81.

Bute, é claro, era um dos alvos preferidos:

Não consigo esconder a alegria que sinto como norte-britânico e congratulo de coração meu caro compatriota por ter afinal realizado o grande, difícil e universal objeto de todos os nossos desejos, colocar um escocês na chefia do tesouro inglês.<sup>176</sup>

A referência era ao dinheiro que Bute destinara às *Highlands* e às quatro mil libras empregadas na construção de uma ponte sobre o rio Tweed (fronteira entre a Inglaterra e a Escócia), o que, aos olhos dos xenófobos ingleses, aumentaria o tráfego de escoceses para seu país. Atacado em todas as frentes, Bute renunciou em abril de 1763 e, na dedicatória de *The works of Ossian*, Macpherson comentaria:

Não faço reflexões sobre esta era, mas há um grande débito da fama para com o conde de Bute, que posteriormente será amplamente pago; há também uma parcela de reputação pendente em relação a Ossian, que tempos menos preconceituosos podem compensar. Essa similaridade entre o estadista e o poeta dá propriedade a essa dedicatória [...].<sup>177</sup>

O tempo e a fama, no entanto, foram cruéis com ambos e é irônico que a boa vontade e o patronato de um dos homens mais poderosos da Grã-Bretanha, o que fora uma benção para o pobre e desconhecido *highlander* em 1761, tenha acabado atraindo sobre Macpherson a pena daqueles que desejavam atacar o impopular ministro. De fato, muitas das primeiras críticas aos poemas ossiânicos foram motivadas pelos preconceitos e pela política, como observou Hume: “os ingleses ficaram muitíssimo afeiçoados a ele [*Fingal*] no início, mas tendo ouvido que era [obra de um] escocês, tornaram-se invejosos e

---

<sup>176</sup> Ambos *apud* Leith DAVIS, *op. cit.*, p. 76.

<sup>177</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 41.

silenciosos”.<sup>178</sup> John Wilkes, por exemplo, não perdeu a chance de atacar Ossian como exemplo da infiltração escocesa na Inglaterra:

Fico feliz em ver que os ingleses não são mais tão frugais e mesquinhos conosco, tanto em dinheiro quanto em elogios, como costumavam ser. Certamente estamos ficando na moda. O mais rude de nossos bardos é admirado; e conheço algumas cabeças que deixaram de lado Shakespeare e tomaram *Fingal*, deliciados com a variedade de caracteres e riqueza de imagens.<sup>179</sup>

Além da polêmica contra Bute, outra razão patriótica para o apoio dos intelectuais escoceses a Macpherson era a percepção de que a poesia de Ossian apresentava uma visão romântica e cavalheiresca da Escócia e de seus antigos habitantes que poderia ser usada como arma na campanha por uma milícia escocesa.<sup>180</sup>

### b. Nação natural

A idéia da Escócia, e principalmente das *Highlands*, como “o lar da simplicidade e do romance” estava bem estabelecida na Grã-Bretanha por volta da metade do século XVIII.<sup>181</sup> O poeta inglês William Collins, por exemplo, traçava em suas obras uma distinção entre uma verdade externa, científica e filosófica, que satisfazia o intelecto e que, ao menos por implicação, pertencia à Inglaterra de Locke e Newton, e uma verdade interna, natural, que, em um sentido científico ou filosófico, podia mesmo não ser verdadeira, mas convencia a imaginação e à qual as grandes produções literárias deram uma

---

<sup>178</sup> *Apud* David RAYNOR, *Ossian and Hume*, p. 148; também Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 166.

<sup>179</sup> *Apud* Fiona STAFFORD, *loc cit.*; também Leith DAVIS, *op. cit.*, p. 81.

<sup>180</sup> Ver Leith DAVIS, *op. cit.*, p. 80; Fiona STAFFORD, *op. cit.*, pp. 74, 114.

<sup>181</sup> Ver John MACQUEEN, *op. cit.*, p. 67.

autoridade igual àquela da verdade científica. Para ele, o lar dessa ‘verdade natural’ era a Escócia:

[...] Viçoso para aquele solo te voltas, onde todo vale  
compelirá o poeta e exigirá sua canção;  
a ti esses assuntos copiosos nunca faltarão:  
não precisarás mais que levar o lápis à mão  
e pintar o que todos de tua terra genial acreditam. [...]

[Para] Lá, o próprio Shakespeare, com guirlandas coroado,  
transpôs àquelas plagas encantadas sua fantasia fulgurante  
na hora contemplativa; suas caprichosas irmãs encontrou,  
e com seus terrores vestiu a cena mágica.

Por elas cantou, quando, em meio a seus desígnios ousados,  
diante do escocês, angustiado e horrorizado!,  
os reis sombrios da fadada linhagem de Banquo  
pela caverna escura em cintilante cortejo passaram. [...]

Em cenas como essas, que, mesmo ousando afastar-se  
da verdade sóbria, ainda continuam verdadeiras à natureza  
e suscitam novo deleite à imaginação,  
a musa heróica empregou a arte de seu Tasso!<sup>182</sup>

---

<sup>182</sup> William COLLINS, An ode on the popular superstitions of the Highlands of Scotland, considered as the subject of poetry, *The poetical works of William Collins*, pp. 93ss, vv. 13-21, 176-183, 189-192: “Fresh to that soil thou turn’st, where every vale/ Shall prompt the poet, and his song demand;/ To thee thy copious subjects ne’er shall fail;/ Thou need’st but take thy pencil to thy hand,/ And paint what all believe, who own thy genial land. [...]/ There, Shakespeare’s self, with every garland crown’d,/ Flew to those fairy climes his fancy sheen,/ In musing hour; his wayward sisters found,/ And with their terrors drest the magic scene./ From them he sung, when, ‘mid his bold design,/ Before the Scot, afflicted, and aghast!/ The shadowy kings of Banquo’s fated line/ Through the dark cave in gleamy pageant pass’d. [...]/ In scenes like these, which, daring to depart/ From sober truth, are still to Nature true,/ And call forth fresh delight to Fancy’s view,/ Th’ heroic muse employ’d her Tasso’s art!”

Banquo é um personagem semi-histórico do *Macbeth* de Shakespeare, do qual, acreditava-se, descendia a linhagem real da Escócia (e conseqüentemente, a da Grã-Bretanha). Na cena citada por Collins, Macbeth e Banquo encontram três feiticeiras que profetizam seus futuros: Macbeth se tornaria rei, mas seriam os descendentes de Banquo que o sucederiam.

A idéia de um parentesco do natural com a Escócia e com a literatura escocesa aparece também no prefácio de Allan Ramsay a *The ever green*. Contraposta à poesia escocesa, louvada como simples e natural, a poesia neoclássica, típica da Inglaterra augustana, parecia apenas um engenhoso artifício:

Tenho observado que leitores do melhor e mais elaborado discernimento freqüentemente reclamam de nossas obras modernas como cheias de confeitos afetados e refinamentos estudados, que eles trocariam com alegria pela força de pensamento e simplicidade de estilo naturais que nossos antepassados praticavam. Para esses, espero, a seguinte coleção de poemas não será desagradável.

Quando esses bons velhos bardos escreveram, não havíamos ainda feito uso de enfeites importados em nossas roupas, nem de bordados estrangeiros em nossas obras. Sua poesia é o produto de seu próprio país, não [algo] furtado e estragado em longo transporte: suas imagens são nativas e suas paisagens, domésticas; [foram] copiadas desses campos e prados que todos os dias contemplamos.

A manhã nasce (na descrição do poeta) como no horizonte escocês. Não somos levados até a Grécia ou a Itália para uma sombra, um riacho ou uma brisa.<sup>183</sup>

Desde seu início, a poesia ossiânica de Macpherson fora fiel a essas associações e voltara-se para a expressão do sentimento natural:

É noite; e estou sozinha, desconsolada na colina das tempestades. O vento é ouvido na montanha. A torrente guincha pela rocha abaixo. Nenhuma choupana me protege da chuva; desconsolada na colina dos ventos.

---

<sup>183</sup> Allan RAMSAY, *The ever green, being a collection of Scots poems, wrote by the ingenious before 1600* (1724), pp. vii-viii. Ver John MACQUEEN, *Progress and poetry*, p. 69.

Ergue-te, lua! detrás de tuas nuvens; estrelas da noite, apareçam! Guie-me, alguma luz, ao lugar onde meu amor descansa do labor da caça! seu arco por perto, desarmado; seus cães ofegantes em torno dele. Mas aqui devo sentar sozinha, perto das rochas da torrente musgosa. A torrente e o vento rugem; nem consigo ouvir a voz de meu amor.<sup>184</sup>

As principais ocupações de Ossian e seus heróis eram o amor, a guerra, as canções e a caça. Todas essas atividades ‘naturais’ eram perseguidas com uma “melancolia exuberante” e um refinamento que não se permitia nenhuma urbanidade:<sup>185</sup>

Carril, eleva tua voz e conta os feitos de outros tempos. Manda a noite embora com uma canção; dá[-nos] a alegria do luto. Pois muitos heróis e donzelas amorosas se foram em Inis-fail. E encantadoras são as canções de pesar ouvidas nas rochas de Albion, quando o som da caça cessou e as torrentes do Cona respondem à voz de Ossian.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 21: “It is night; and I am alone, forlorn on the hill of storms. The wind is heard in the mountain. The torrent shrieks down the rock. No hut receives me from the rain; forlorn on the hill of winds. [§] Rise, moon! from behind thy clouds; stars of the night, appear! Lead me, some light, to the place where my love rests from the toil of the chase! his bow near him, unstrung; his dogs panting around him. But here I must sit alone, by the rock of the mossy stream. The stream and the wind roar; nor can I hear the voice of my love.”

Esse fragmento foi depois republicado, com alterações, como parte de *Songs of Selma* no volume de *Fingal, The poems of Ossian and related works*, pp. 166ss.

<sup>185</sup> Ver John MACQUEEN, *op. cit.*, p. 89.

<sup>186</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 61: “...Carril, raise thy voice on high, and tell the deeds of other times. Send thou the night away in song; and give the joy of grief. For many heroes and maids of love have moved on Innis-fail [nome poético, em gaélico, para a Irlanda]. And lovely are the songs of woe that are heard on Albion’s rocks; when the noise of the chase is over, and the streams of Cona answer to the voice of Ossian.”

O homem natural retratado por Macpherson é a imagem perfeita da honestidade e da pureza de sentimentos. Os guerreiros gaels, supostos antepassados dos *highlanders* setecentistas - gente hospitaleira, simples e generosa -, apresentam apenas sentimentos nobres, piedosos e incorruptos:

Rei da raça de Morven, disse o chefe das ondas de Lochlin, nunca irá Swaran lutar contigo, primeiro dentre mil heróis! Vi-te nos salões de Starno, e eras pouco mais velho do que eu. — quando, pensei, levantarei a lança como o nobre Fingal? [...]

Mas muitos navios de Lochlin perderam seus jovens em Lena. Toma-os, ó rei de Morven, e sê amigo de Swaran. [...]

Nenhum navio, respondeu o rei, Fingal tomará, nem terra de muitas colinas. O ermo é suficiente para mim, com os seus cervos e suas florestas. Sobe novamente em tuas ondas, ó nobre amigo de Agandecca. Abre tuas velas brancas ao raio de luz da manhã e retorna aos grandes salões de Gormal.

Abençoada seja tua alma, ó rei das conchas, disse Swaran do escudo castanho. Na paz, és a brisa da primavera. Na guerra, a tempestade da montanha. Toma minha mão em amizade, ó nobre rei de Morven.<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 101: “King of the race of Morven, said the chief of the waves of Lochlin; never will Swaran fight with thee, first of a thousand heroes! I saw thee in the halls of Starno, and few were the years beyond my own. — When shall I, said I to my soul, lift the spear like the noble Fingal? [...] [§] But many of the ships of Lochlin have lost their youths on Lena. Take these, thou king of Morven, and be the friend of Swaran. [...] [§] Nor ship, replied the king, shall Fingal take, nor land of many hills. The desert is enough to me with all its deer and woods. Rise on thy waves again, thou noble friend of Agandecca. Spread thy white sails to the beam of the morning, and return to the echoing hills of Gormal. [§] Blest be thy soul, thou king of shells, said Swaran of the dark-brown shield. In peace thou art the gale of spring. In war the mountain-storm. Take now my hand in friendship, thou noble king of Morven”.

Com Ossian, a Escócia finalmente triunfava sobre a Inglaterra: enquanto Fingal e Oscar lutavam nobremente contra os vikings ou contra os romanos, os ingleses ainda eram apenas gangues de invasores escandinavos ou germânicos.

Por isso, o passado representado nos poemas de Ossian precisava ser um lugar povoado apenas por nobres guerreiros, o que nos ajuda, novamente, a explicar as intervenções do editor nos textos gaélicos. Macpherson se aproveitou de uma idéia bastante difundida em sua época nas *Highlands*: a convicção de que os poemas de Ossian haviam sido distorcidos por uma tradição de bardos incompetentes, que alteraram a pureza e a nobreza do ‘original’. Assim, as fadas e os gigantes, comuns nas baladas populares, tinham que ser extirpados do texto, o que fazia com que os poemas ossiânicos publicados não aparecessem, de maneira nenhuma, como uma tradução acurada da poesia recitada pelas *Highlands* no século XVIII, mas, sim, como uma *reconstrução* da ‘pura’ poesia do século terceiro:

Algo, sem dúvida, foi acrescentado, e muito subtraído; e isto era necessário para fazer justiça ao velho bardo, a quem seus sucessores pensaram inúmeros ornamentos grotescos e extravagantes.<sup>188</sup>

Se a Escócia era o lar da natureza e da simplicidade, o resto da ilha, por implicação e contraste, era habitado por pessoas viciadas pela civilização. De acordo com a poetisa e ensaísta Anne Grant, cujo

---

Dos nomes citados nesse trecho, Starno, antigo rei de Lochlin (nome gaélico da Dinamarca), é pai de Swaran e Agandecca, falecida noiva de Fingal, Gormal é o local de seu palácio e Lena, a região onde escoceses e escandinavos se enfrentaram durante o épico.

<sup>188</sup> Anne Grant, *Poems on several subjects* (1803); *apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 83. Os *vikings*, no entanto, apesar de serem óbvias adições posteriores, foram mantidos, pois colaboravam com a idéia de Fingal como herói ‘nacional’, defendendo a Grã-Bretanha dos invasores estrangeiros.

marido era ministro de Laggan, em Badenoch, a gente local definia um *lowlander* como

alguém que não tem nem ouvido para a música, nem gosto para a poesia; não tem nenhum orgulho de seus ancestrais, coração para o afeto, nem alma para a honra. Alguém que só pensa em seu próprio conforto e conveniência; que anseia mais pela ausência de um mal positivo do que pela presença de um bem relativo [...] em resumo [...] um caráter frio, egoísta e formal.<sup>189</sup>

Essa distinção também aparecia explicitamente nas primeiras produções de Macpherson. Muitos anos antes de *Ossian*, ele escreveu um poema em dez cantos, que Malcolm Laing publicou e intitulou *The hunter*, cujo protagonista é a própria imagem da simplicidade:

Lá vivia um jovem e Donald era seu nome.  
Perseguir o cervo veloz [era] seu sumo objetivo;  
uma arma, uma manta, um cão, suas humildes posses;  
com elas três vezes feliz, pois não desejava mais.<sup>190</sup>

Mas Donald mata um gamo pertencente à filha do rei das fadas e, como punição, o pai dela extrai “o humor negro da ambição” de um cortesão de Edimburgo e o derrama sobre o caçador:

Aos olhos de Donald desvanecem as cenas felizes:  
as brutas rochas lamacentas, as colinas e planícies  
não o deliciam mais; nenhuma caça, nenhuma ave,  
nenhuma cabra ou gado alegam sua alma aflita;  
a choupana é odiosa e os campos de milho  
encolhem e não prometem qualquer ganho.<sup>191</sup>

---

<sup>189</sup> *Essays on the superstitions of the Highlands of Scotland* (1811), vol. I; *apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 7.

<sup>190</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. II, p. 465: “There lived a youth, and Donald was his name./ To chace the flying stag his highest aim;/ a gun, a plaid, a dog, his humble store;/ in these thrice happy, as he wants no more.” (canto I, vv. 5-8).

O caçador, então, abandona as Terras Altas onde nasceu e se dirige a Edimburgo, em busca de riquezas. De um certo modo, o poema pode ser lido como uma crítica aos escoceses que adotam modos ingleses e, descontentes com seus modos de vida tradicionais, partem para regiões mais ricas. Na capital, Donald testemunha uma batalha contra invasores saxões e, apesar da vitória escocesa, o poema profetiza:

[...] uma raça, hábil na política,  
brotará do tronco saxão e maquinará  
para transformar suas armas de aço em ouro fundido.  
[...] A bela liberdade perderá seus encantos  
e os escoceses tremerão à vista das armas.<sup>192</sup>

Se o perigo era real o bastante nas *Highlands*, parecia já haver consumido as Terras Baixas:

Sobre as rochas encontra-se uma cidade de altas  
torres, sem muros,  
e de seu sítio nomeou-se a colina de Edin,  
outrora a orgulhosa sede da realeza e do Estado,  
de reis, heróis e de tudo o que é grande;  
mas esses se foram e os únicos habitantes de Edin  
são janotas, amanuenses e prostitutas inglesadas.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. II, p. 471: “In Donald’s eye now fade the blissful scenes:/ the rough brow’d rocks, the sloping hills and plains,/ delight no more; no chace, no winged fowl,/ no goat, no cattle, cheer the troubled soul;/ the hut is hateful, and the fields of corn/ contract their bounds, and promise no return.” (canto II, vv. 1-6).

<sup>192</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. II, p. 487: “...a race, deep-versed in policies,/ shall sprout from Saxon trunk, and schemes unfold,/ to change their steely points to fusil gold; [...] Fair liberty to them shall loose her charms,/ and Scots shall tremble at the sight of arms.” (canto IV, vv. 182-184, 187-188).

<sup>193</sup> *The poems of Ossian &c.*, vol. II, p. 469: “On rocks a city stands, high-tower’d, unwall’d,/ and from its scite the hill of Edin call’d,/ once the proud seat of royalty and state,/ of kings, of heroes, and of all that’s great;/ but these are flown, and Edin’s only stores/ are fops, and scriveners, and English’d whores.” (canto II, vv. 137-142).

Não à toa, na dissertação que precedia *Fingal*, os antigos escoceses eram comparados aos germanos e frequentemente opostos aos romanos. Nenhum intelectual setecentista deixaria de lembrar-se de Tácito e, assim como o historiador latino usou os puros germanos para criticar os corrompidos romanos, os generosos gaels de Macpherson poderiam ser contrastados com os materialistas ingleses e *lowlanders*:

Se pudéssemos, com segurança, nos conceder a agradável suposição de que Fingal viveu e de que Ossian cantou, o impressionante contraste da situação e dos costumes das nações poderia entreter uma mente filosófica. O paralelo traria poucas vantagens para o povo mais civilizado, se comparássemos a rígida vingança de Severo com a generosa clemência de Fingal; a tímida e brutal crueldade de Caracala com a bravura, a ternura, o gênio elegante de Ossian; os chefes mercenários que, por medo ou interesse, serviram sob o estandarte imperial com os guerreiros livres que tomaram armas sob o comando do rei de Morven; se, numa palavra, contemplássemos os ignorantes caledônios, brilhando com as quentes virtudes da natureza, e os degenerados romanos, poluídos com os vícios inferiores da riqueza e da escravidão.<sup>194</sup>

A função ideológica da idéia de natureza, portanto, era desdobrada e reforçada em uma eminente função de ordem moral. Entendida como um jogo de forças espontâneo e inocente, antecedente à degradação do artifício, a natureza era orientada para idéias de autenticidade, de primitividade, de ‘pureza’ anterior à ‘poluição’ da civilização.<sup>195</sup> Em todos os casos, a verdadeira virtude estava com os ‘bárbaros’, mas os dominadores romanos e ingleses tinham a seu lado a história, que preservava sua fama:

---

<sup>194</sup> *History of the decline and fall of the Roman Empire*, vol. I, cap. 6, pp. 134-135.

<sup>195</sup> Ver Clément ROSSET, *Anti-natureza*, p. 23.

nenhuma dignidade de caráter, nenhuma grandeza de espírito, pode resgatar o príncipe do esquecimento que deve envolver seu povo inculto e analfabeto. Fingal morreu esquecido na Caledônia, na mesma época em que Heliogábalo empregava historiadores em Roma.<sup>196</sup>

Mas os textos de Macpherson não devem ser lidos apenas como uma elegia radical da Escócia e da natureza. O *highlander* de Badenoch, como bom escocês setecentista, partilhava o ‘paradoxo’ de amar profundamente seu país e desejar uma vida mais ‘agitada’ entre os ingleses: “odeio John Bull, mas adoro suas filhas”.<sup>197</sup>

A crítica aos ingleses e aos *lowlanders*, portanto, é mitigada. Em *The hunter*, logo ficamos sabendo que o protagonista era, na verdade, filho do rei de Edimburgo e, portanto, nascido nas Terras Baixas. Para completar a ambigüidade do poema, o narrador ocupa um espaço indeterminado entre as Terras Altas e as Terras Baixas, entre o mundo das fadas e o mundo dos homens, e a versificação utilizada é a mais tradicional da poesia neoclássica inglesa, os dísticos heróicos de Pope e Dryden. Mais tarde, ao mesmo tempo em que os poemas de Ossian celebravam o heroísmo gaélico, deixavam claro que se tratava de um valor vencido, antigo, que não tinha lugar no mundo contemporâneo: a era do homem natural passara; não havia mais lugar para o antigo meio de vida escocês.

Dessa maneira, podemos entender Macpherson como participante do movimento de integração da Escócia na Grã-Bretanha, pois, pela

---

<sup>196</sup> *An introduction to the history of Great Britain and Ireland*, pp. 201-202. Sexto Vário Ávito Bassiano, chamado de Heliogábalo (ou Elagábalo), reinou em Roma de 218 a 222 d.C.. Sua reputação de excentricidade, decadência e fanatismo religioso fez dele um dos imperadores mais vilificados pelos historiadores posteriores.

<sup>197</sup> *Apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 181. John Bull, embora tenha sido criado em 1712 para personificar toda a Grã Bretanha, nunca foi bem aceito na Escócia ou em Gales, onde até hoje é visto como encarnação apenas da Inglaterra.

primeira vez, os escoceses que não habitavam a Gàidhealtachd, i.e., a região de prevalência da cultura gaélica, sentiam-se à vontade para se identificar com aqueles ‘estrangeiros’ das *Highlands*, até então vistos como ‘bárbaros incivilizados’. Também os ingleses eram bem-vindos nessa integração, pois, quando Ossian cantava seus companheiros em luta contra os romanos, era como se toda a Grã-Bretanha se unisse contra os invasores: não havia ali nenhuma distinção entre ingleses e escoceses, *lowlanders* e *highlanders*. Até mesmo a língua dos poemas era o mais puro inglês de Londres, transformando Fingal e seus guerreiros em ancestrais aceitáveis para qualquer britânico:

Os poemas de Ossian eram falsificações [*forgeries*] em um sentido diferente daquele normalmente aplicado a eles: forjaram [*forged*] uma identidade comum para leitores *highlanders*, *lowlanders* e ingleses igualmente, silenciando nesse processo a voz existente da Escócia gaélica.<sup>198</sup>

De fato, a popularidade das produções ossiânicas ajudou a eclipsar o renascimento setecentista da língua e da poesia gaélicas, especialmente sob a pena de Alasdair mac Mhaighstir Alasdair (Alexander MacDonald), que, ao contrário do unionismo de Macpherson, escrevia uma poesia abertamente jacobita, pregando mesmo a separação entre as *Highlands* e as *Lowlands*.

Assim que *Fingal* foi publicado, o jovem *highlander* tornou-se uma figura conhecida no alto círculo social de Londres e, em 1763, provavelmente por intermédio de lorde Bute, primeiro-ministro escocês de sua majestade Jorge III, conseguiu um posto de secretário do governador da Flórida. A partir daí, ele só se dedicaria a Ossian esporadicamente, pois o centro de sua vida passara a ser a política britânica: tornou-se panfletista oficial do governo do primeiro-ministro Frederick North (1770-1782) e chegou a membro do

---

<sup>198</sup> Leith DAVIS, *op. cit.*, p. 77.

Parlamento, eleito por um condado inglês, Camelford (Cornualha), em 1780. Dois panfletos de sua autoria, *The rights of Great Britain asserted against the claims of America* (1776) e *A short history of opposition, during the last session of Parliament* (1779), estiveram entre os textos políticos mais lidos da década de 1770 e sua situação no governo londrino era tão prestigiosa que ele obteve acesso a vários documentos privados de diversas autoridades para escrever *Original papers, containing the secret history of Great Britain, from the Restoration to the accession of the house of Hanover* e sua *History of Great Britain* (ambas de 1775), uma continuação da *História da Inglaterra* de Hume.

Não obstante, a paixão do *highlander* pelo norte continuou a mesma e, assim que obteve dinheiro para tanto, comprou terrenos em Badenoch, perto de sua cidade natal, construindo ali uma casa onde viveu os últimos anos de sua vida. De volta às *Highlands*, Macpherson foi muito popular, tanto pelas festas promovidas, quanto pelos empregos muito bem remunerados que oferecia aos locais. Quando morreu, em 1796, seu velório parecia o de um chefe de clã, com elegias cantadas em gaélico, mas, fiel aos paradoxos do século, o editor de Ossian deixou instruções para ser enterrado na abadia de Westminster, onde seu corpo jaz até hoje.

### III. Literatura e história. O poema das origens

*I believe this is the historical age and this is the historical nation.*

David Hume, em carta a seu editor (1770).

*But what renders 'Temora' infinitely more valuable than  
'Fingal', is the light it throws on the history of the times.*

James Macpherson, *A dissertation  
[concerning the poems of Ossian]* (1762).

#### 4. História ‘conjçetural’

**S**e a Escócia era o lar da ‘verdade natural’ e Ossian o ‘poeta nacional’ da ‘nação natural’, Samuel Johnson mais uma vez ia contra os escoceses ao afirmar: “Shakespeare é, acima de todos os escritores [...], o poeta da natureza”. O que dava ao bardo de Avon tal condição? Decerto, não se tratava de nenhuma aproximação entre a Inglaterra e o mundo natural. Ao contrário, segundo Johnson, o inglês era o poeta da natureza por ser aquele “que apresenta a seus leitores um espelho fiel dos costumes e da vida”.<sup>1</sup>

Nessas breves afirmações, já nos deparamos com dois conceitos basais para entendermos o pensamento crítico do Dr. Johnson: ‘natureza’ e ‘costumes’. Em princípio, eles parecem se opor como o genérico e o específico e foi assim que ele os identificou no prefácio à sua edição das obras de Shakespeare (1765): ‘natureza universal’ (*general nature*) e ‘costumes particulares’ (*particular manners*). Nessa concepção, os ‘costumes’ consistem em hábitos socialmente determinados e pessoalmente cultivados, gestos, maneirismos, características de linguagem, excentricidades e assim por diante. Destacam pessoas particulares e as fazem ‘de sua época’ ou ‘de seu lugar’. Em parte, trata-se de uma divisão entre superfícies e profundidades: como as coisas e as pessoas parecem ser (os ‘costumes’) e como elas realmente são (sua ‘natureza’). Mas, ao mesmo tempo, é uma distinção entre coisas temporárias e permanentes. Enquanto a natureza é eterna e imutável, a lei, a língua, os hábitos, a sociedade, se alteram com a passagem do tempo e, nesse sentido, pertencem aos ‘costumes’.<sup>2</sup>

Mas, para Johnson, o que constituía boa poesia não era a representação dos hábitos temporários ou superficiais. Ao contrário,

---

<sup>1</sup> Samuel JOHNSON, *Prefácio a Shakespeare*, p. 37.

<sup>2</sup> Ver Philip SMALLWOOD, *Shakespeare: Johnson’s poet of nature*, pp. 148-149.

nada pode agradar a muitos, tampouco durante muito tempo, senão as *representações legítimas da natureza universal*. Os costumes particulares podem ser conhecidos por poucos e, portanto, apenas poucos podem julgar quão fiéis são suas imitações. É possível que as composições irregulares da inventiva extravagante encantem por algum tempo, graças àquela novidade para a qual nos impele o tédio da vida, mas os prazeres de uma admiração repentina logo se exaurem e o espírito somente consegue repousar *na solidez da verdade*.<sup>3</sup>

Para alcançar essa verdade da natureza, o poeta, por mais que deva ter um conhecimento extensivo dos hábitos e costumes de sua época, não pode se ater às trivialidades e deve generalizar sempre:

O assunto de um poeta [...] é examinar, não o individual, mas a espécie; observar propriedades gerais e grandes aparências; ele não enumera as linhas de uma tulipa ou descreve os diferentes tons de verdura de uma floresta. Deve exibir em seus retratos da natureza características conspícuas e admiráveis, para evocar o original em todas as mentes.<sup>4</sup>

Generalizar, ou seja, a capacidade de encontrar semelhanças entre diferentes objetos, era a qualidade que permitia ao poeta se livrar do acidental e encontrar o universal, fim de toda a poesia. Segundo Johnson, era a excelência na arte de universalizar que fazia a grandeza de Shakespeare:

Suas personagens não se alteram segundo os hábitos de lugares específicos, desconhecidos pelo resto do mundo, [...] ou profissões peculiares que se manifestam apenas em poucos, ou segundo os produtos de hábitos transitórios ou opiniões

---

<sup>3</sup> Samuel JOHNSON, *Prefácio a Shakespeare*, p. 37 (grifos meus).

<sup>4</sup> Samuel JOHNSON, *Rasselas; a tale* (1759), cap. X, pp. 34-35.

temporárias: elas são a legítima prole da humanidade comum [...]. Nas obras dos outros poetas, uma personagem quase sempre é um indivíduo; nas de Shakespeare, geralmente é uma espécie.<sup>5</sup>

Ou seja, sob a variedade de situações específicas, as personagens de Shakespeare nos apresentam a humanidade, o universal, algo a ser reconhecido em qualquer época ou lugar:

Dennis e Rymer julgam que seus romanos não são suficientemente romanos e Voltaire acusa seus reis de não serem inteiramente majestosos. [...] Mas em Shakespeare, a natureza sempre predomina sobre o accidental e, se preserva o que há de essencial no caráter, descuida de distinções postiças e adventícias. Sua história requer romanos ou reis, mas ele pensa apenas em homens.<sup>6</sup>

Mas, segundo Johnson, Shakespeare era o “poeta da natureza” exatamente por sua habilidade em refletir “os costumes e a vida”. Assim, não podemos simplesmente vincular os ‘costumes’ ao ‘particular’ e opô-los a uma natureza ‘universal’, pois é *por meio dos costumes* que a natureza é revelada. Nesse sentido, ‘costumes’ são os hábitos, detalhes de comportamento, gestos e fala encontrados nas sociedades passadas que, no entanto, permanecem atemporalmente humanos e, por conseguinte, são reconhecíveis em qualquer época e lugar: “o poeta deve ser versado nos costumes e hábitos dos homens, na medida em que estes espelham os princípios e aspirações *imutáveis* dos seres humanos”.<sup>7</sup> Esses costumes encontram-se em todos os tempos e não são culturalmente específicos, ou, nas palavras que o

---

<sup>5</sup> Samuel JOHNSON, *Prefácio a Shakespeare*, p. 37.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 40 (tradução adaptada). John Dennis (1657-1734) e Thomas Rymer (c. 1643-1713) foram importantes críticos ingleses.

<sup>7</sup> Enid Abreu DOBRÁNSKY, *Dr. Johnson, ou uma revisitação da ética da leitura*, p. 13.

próprio Johnson usou em sua *Vida de Butler*, eles são “co-extensivos com a raça do homem”.<sup>8</sup>

Em suma, para Johnson, a boa poesia deve ser universal. Nela, o costume se submete à natureza e o temporário, ao universal: o bom poeta é “um ser superior ao tempo e ao espaço”.<sup>9</sup>

#### a. História e poesia

Mas, enquanto Johnson fundamentava sua explicação da qualidade de Shakespeare na noção de natureza, o escocês Thomas Blackwell, em seu *Enquiry into the life and writings of Homer* (1735), explicara a excelência homérica precisamente pelos costumes de sua época.

Na década de 1750, Blackwell era o helenista mais importante das ilhas britânicas, uma das principais figuras intelectuais da cidade de Aberdeen e reitor do Marischal College, onde Macpherson estudou entre 1754 e 1755. O jovem *highlander* iniciou seus estudos em 1752 no King’s College, na velha Aberdeen, mas por motivos financeiros mudou-se no terceiro ano para o Marischal College, na cidade nova. De qualquer modo, a influência do grande helenista pairava sobre toda a cidade e a maior parte dos tutores de Macpherson em seus anos de King’s College, entre eles Thomas Reid, foi aluna de Blackwell.

Além de suas óbvias qualificações intelectuais, Blackwell era admirado por seus estudantes devido a sua determinação em fazer da educação uma atividade prazerosa. Ele via uma separação entre a erudição e a vida prática que, segundo ele, acarretava grande dano a ambas. Esforçava-se, portanto, para que sua obra e aulas não parecessem áridas, aconselhando vividamente a seus alunos que não se confinassem nos livros e educassem igualmente o corpo e as mãos. Para Macpherson, recém-chegado das Terras Altas, onde os principais

---

<sup>8</sup> *Apud* Philip SMALLWOOD, *op. cit.*, pp. 148-149.

<sup>9</sup> Samuel JOHNSON, *Rasselas; a tale*, cap. X, p. 35.

meios de subsistência eram a caça, a pesca e a agricultura e as atividades de lazer mais comuns, passeios pelas montanhas ou nadar nos rios e lagos, tal entusiasmo pela vida ativa deve ter parecido estranho. Certamente seria de se esperar que um helenista de Aberdeen recomendasse a dedicação aos livros, e não às atividades físicas, mas, ao mesmo tempo em que causava estranhamento, esse entusiasmo de Blackwell deve ter sido vital para levar Macpherson a valorizar ainda mais o estilo de vida das *Highlands*.<sup>10</sup>

Não à toa, a figura de Homero pintada por Blackwell em seu *Enquiry* era a de um homem de ação, um bardo pobre que, obrigado a vagar pela Grécia para se sustentar, adquirira vasta gama de experiências e, com isso, ampliara seu gênio. A teoria poética do helenista escocês era essencialmente *empírica* e não deixava muito espaço para a imaginação:

A *faculdade de fabricar* ou *imaginar*, por mais rica e inventiva que seja, depois de um esforço ou dois recua sobre si mesma e, se não encontra um estoque de originais [ou seja, uma experiência real da vida e dos costumes], cai na repetição das mesmas personagens com uma uniformidade tediosa ou produz [personagens] falsas, que luzem e se mostram, mas por alguma característica desvirtuada acabam por trair sua dessemelhança com a verdade.<sup>11</sup>

Ou seja, as experiências de Homero, seu contato com os costumes de seu tempo e a maneira como ele os entendeu e representou, explicavam sua grandeza. Segundo Blackwell, foram a religião, a

---

<sup>10</sup> Ver Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, pp. 28ss.

<sup>11</sup> Thomas BLACKWELL, *An enquiry into the life and writings of Homer*, seção XII, pp. 304-305 (grifos do autor). Minha análise das teorias de Blackwell baseia-se, em geral, em Sonia LACERDA, *Metamorfoses de Homero*, parte II, cap. 3, pp. 155-231. A maior parte das traduções do *Enquiry* foi extraída dessa mesma obra, motivo pelo qual inverterei o procedimento usado até aqui e assinalarei apenas as minhas traduções da obra do helenista escocês.

linguagem e o modo de vida do aedo as características que mais contribuíram para formar o gênio inigualável do pai da poesia:

Devemos lembrar que *mentes juvenis* inclinam-se a receber impressões tão fortes das circunstâncias do país onde nasceram e se criaram, que mutuamente contraem uma semelhança com tais circunstâncias e trazem as marcas da vida pela qual passaram. [...] Desse ponto de vista, as circunstâncias que podemos razoavelmente pensar ter o maior efeito sobre nós podem ser resumidas nas seguintes: primeiro, o *estado do país* onde uma pessoa nasceu e se criou, no qual eu incluo os *costumes* comuns dos habitantes, sua *constituição* civil e religiosa, com suas *causas* e *conseqüências*. Seus *costumes* são encontrados na maneira *ordinária* de viver, como calham de ser polidas ou bárbaras, luxuosas ou simples. Em seguida, os *costumes do tempo*, ou as disposições predominantes e as profissões em voga. Essas duas são públicas e têm efeito comum em toda uma geração. De uma natureza mais reservada é, primeiro, a *educação privada* e, depois dessa, o *modo* de vida *particular* que escolhemos e perseguimos, com nossas *fortunas*.<sup>12</sup>

Com isso, Blackwell rejeitava o dístico de poeta divino, que por séculos fora suficiente para justificar a superioridade do autor da *Iliada*: “os poemas homéricos são composições humanas, inspiradas por nenhum outro poder além de suas próprias faculdades naturais e [d]as oportunidades de sua educação”. Por “faculdades naturais”, devemos entender as capacidades intelectuais do aedo e as circunstâncias particulares de sua vida (e.g., sua pobreza, que o obrigou a tornar-se um aedo itinerante). Já aquilo que o helenista escocês chamou de “as oportunidades de sua educação” - ou, em outra ocasião, as “vantagens públicas” de Homero - designava os costumes e o estado da Grécia em seu tempo. Nenhuma das duas causas

---

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, seção I, pp. 11-12 (grifos do autor; tradução minha).

separadas poderia explicar o fenômeno homérico. Apenas a *conjunção dessas duas características* forneceu o “concurso de causas naturais” que “conspirou para produzir e cultivar esse vasto gênio e lhe deu para exercício o mais nobre campo que jamais tocou a um poeta”.<sup>13</sup>

Ou seja, as circunstâncias do contexto histórico de Homero foram fundamentais para explicar o surgimento desse gigante poético na Antigüidade grega. Se o mesmo indivíduo tivesse vivido em outra época, não teria sido capaz de produzir a *Ilíada* e a *Odisséia*. Como resposta à sua ‘questão homérica’, portanto, Blackwell buscou recriar o período que produzira os poemas fundadores da literatura ocidental. A investigação do *Enquiry*, assim, diferenciava-se em um ponto fundamental da obra de Samuel Johnson sobre Shakespeare. Enquanto o inglês debruçou-se sobre as obras de seu bardo para retirar dali os argumentos de sua avaliação *literária*, o escocês abandonou os poemas homéricos e concentrou-se na reconstrução *histórica* do tempo dos aedos, “esse mundo fugidio que permanece um quebra-cabeça filológico e arqueológico para a erudição helênica de nossos dias”.<sup>14</sup>

Entendendo por ‘conjuntura’ o conjunto de circunstâncias de um determinado período histórico, Blackwell respondia assim à antiga questão de por que os “grandes mestres de cada profissão e ciência

---

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, seção I, p. 4. Ver também Kirsti SIMONSUURI, *Homer's original genius*, p. 106.

<sup>14</sup> Sonia LACERDA, *op. cit.*, p. 160. Deve-se levar em conta, no entanto, que são precisamente os poemas homéricos a principal fonte da reconstituição histórica do *Enquiry* (ver *idem, ibidem*, pp. 180ss). Cabe, mais uma vez, ressaltar que as “faculdades naturais” do poeta também eram vistas como essenciais para a excelência de suas composições, pois apenas as mentes mais fracas poderiam ser entendidas completamente como produtos de sua cultura e educação. Isso explicava porque a Grécia arcaica não foi uma utopia épica, na qual todos os indivíduos eram poetas do nível de Homero: “um ambiente benéfico pode ser uma necessidade, mas não é a única condição prévia do gênio [...]. Ele [Blackwell] via ‘um gênio elevado e universal’ como uma qualidade que é possuída [apenas] por alguns raros indivíduos e [que] tem um elemento de mistério em si” (Kirsti SIMONSUURI, *op. cit.*, p. 107).

sempre surgem no mesmo período de tempo e são do mesmo feitio e modelo”.<sup>15</sup> Segundo ele, “certos tipos de ciência e um modo particular de abordá-la são *peculiares* a cada época. Ambos são o efeito da conjuntura”. Ou seja,

são apenas os *diferentes períodos*, naturalmente sucedendo-se pela progressão dos costumes, que podem *esclarecer* a sucessão do espírito [*wit*] e da literatura. [...] pois eles constituem *causas* fixas e uniformes e *nunca falham em produzir seus efeitos*, se nenhuma violência externa sustar sua operação.<sup>16</sup>

A pertinência de tal instrumento teórico era reforçada pela enumeração das diversas figuras lendárias da tradição helênica que foram contemporâneas do poeta da *Iliada* e semelhantes a ele na expressão poética: Orfeu, Museu e Hesíodo, apenas para citar os mais conhecidos. E o helenista não deixa de sublinhar que a “semelhança surpreendente” entre todas as produções remotas da Hélade - os “velhos oráculos”, os “fragmentos de Orfeu”, os “hinos antigos” (presumivelmente, os chamados ‘hinos homéricos’) - e os “versos de Homero e Hesíodo” era a maior prova do “poder que os costumes e o caráter público exercem sobre a poesia”.<sup>17</sup>

Apesar de sua ênfase no condicionamento temporal, não podemos ‘modernizar’ Blackwell e vê-lo como um historicista *avant la lettre*. Diversos pensadores setecentistas reconheciam e aceitavam o requisito básico do historicismo, i.e., a idéia de que todas as atividades humanas são *históricas*, ou seja, condicionadas por seu tempo e espaço, mas a grande maioria observava os tempos idos a partir de um ponto de vista privilegiado, aceitando sem hesitação os valores morais e estéticos de sua própria época e aplicando-os igualmente ao passado e

<sup>15</sup> M. Veleio Patérculo, *História romana*, livro I; *apud* Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção VI, p. 74.

<sup>16</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção VI, pp. 73, 76-77 (grifos e tradução meus).

<sup>17</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção VI, p. 72.

ao presente. Apenas a partir do reconhecimento de que os valores humanos e a própria ‘natureza’ do homem também eram dependentes das circunstâncias da história, seria possível ao historiador perceber-se como parte do processo histórico e reconhecer a impossibilidade de um ponto de vista exterior ao fluxo temporal: só então alcançar-se-ia o historicismo e “a noção de relativismo cultural”.<sup>18</sup>

Dos pensadores setecentistas, apenas Vico alcançou essa percepção. Com efeito, em sua *Scienza nuova* (1744), o napolitano afirmou que “a natureza das coisas nada mais é que o nascimento dessas [coisas] em determinado tempo e de determinado modo”, ou seja, o “modo de ser das coisas criadas” é determinado “no tempo, por seu processo de constituição”. Mesmo assim, deve-se observar que, se Vico entendia a natureza como histórica, isso não ocorria “no sentido historicista”; ele afirmava apenas que “ao desvendar os começos das nações e da humanidade, se desvenda [...] seu princípio de inteligibilidade”.<sup>19</sup> Além disso, por mais que Vico tenha historizado a natureza humana, trata-se de um pensador praticamente desconhecido em seu próprio século:

Em muitos sentidos, ele pode ser considerado como o precursor de um novo modo de pensamento histórico, embora tenha morrido na obscuridade, sem a honra de ter sido esquecido, já que não fora nem mesmo reconhecido enquanto estava vivo.<sup>20</sup>

Na Grã-Bretanha, quem chegou mais próximo da idéia da historicidade da natureza foi o escocês Adam Ferguson, que, logo no início de seu *Essay on the history of civil society* (1767), negou a noção de ‘estado de natureza’. Segundo ele, embora os filósofos distingam artifício e natureza, “a arte é ela mesma natural ao homem. Ele é, em certa medida, o artífice de sua própria disposição [*frame*]”. Se,

---

<sup>18</sup> Joseph M. LEVINE, *Humanism and history*, pp. 191ss.

<sup>19</sup> Sonia LACERDA, *op. cit.*, p. 244.

<sup>20</sup> Margaret Mary RUBEL, *Savage and barbarian*, p. 7.

portanto, nos perguntarmos onde se encontra o estado de natureza, a resposta pode ser “ele está aqui”, pois “aonde esse ser ativo [o homem] estiver empregando seus talentos e intervindo nos assuntos à sua volta, todas as situações serão igualmente naturais”.<sup>21</sup>

Não obstante, o *Essay* de Ferguson, ao traçar a história ‘natural’ da humanidade, baseava-se nos valores de seu próprio tempo para identificar as etapas da ‘evolução’ do homem. É complicado, portanto, rotular qualquer pensador setecentista como ‘historicista’. As palavras do ensaísta inglês Jonathan Richardson nos dão uma noção do quanto, ao mesmo tempo, o século XVIII aproximou-se e afastou-se da idéia da historicidade da natureza humana:

[Dos costumes da humanidade], ter-se-á a impressão de que a espécie concordou tão pouco em sua opinião do que é certo e errado, que *quase* nos levaria a duvidar se eles [os costumes] têm algum ponto fixo na própria natureza das coisas e *quase* [nos levaria a pensar se] não dependeriam apenas da conveniência acidental e das várias circunstâncias do tempo e do espaço [...]. Que critério poderíamos ter? E quem seria o juiz?

Mas o mesmo homem que exprimia essas dúvidas, logo em seguida, reafirmava sua crença na universalidade da natureza humana.<sup>22</sup>

Voltando ao *Enquiry* e à poesia, Blackwell afirmou que os aspectos da ‘conjuntura’ que respondem pelos traços específicos da poesia são três: “depois dos originais de que uma língua deriva e do período crítico de sua duração, ela [poesia] é afetada principalmente pela religião do país e pelos costumes do tempo”.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Adam FERGUSON, *Essay on the history of civil society*, parte I, seção I, pp. 10, 12.

<sup>22</sup> Jonathan RICHARDSON, *Richardsoniana* (1776), pp. 2, 35 (grifos meus). Ver Joseph M. LEVINE, *op. cit.*, pp. 192s.

<sup>23</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção IV, p. 49.

Da língua dependia a expressão de sentimentos e idéias, expressão que deveria ser apaixonada e metafórica, de acordo com o que prescrevia o clássico tratado *Sobre o sublime*. Segundo Blackwell, o grego falado no tempo de Homero se encontrava em condições ideais para a composição épica, devido à sua coloração emotiva e à ausência de artifícios e sutilezas: “Uma língua totalmente polida, no sentido moderno”, sentenciou, “não descerá à simplicidade de maneiras absolutamente necessária na poesia épica”.<sup>24</sup>

O essencial da religião grega, para Blackwell, era sua forma alegórica. Dessa maneira, ‘religião’ não parecia se diferenciar de ‘mitologia’ e sua principal função era fornecer as crenças, os saberes e o “repertório de temas, imagens e símbolos” cantados pelos poetas.<sup>25</sup>

Quanto aos costumes, eram os usos e comportamentos da realidade cotidiana que forneciam os ‘originais’ a serem imitados pelo grande poeta. Outro aspecto importante era o estado geral do mundo público: a simplicidade, as guerras, as paixões, em suma, o ambiente heróico da Grécia nascente: “o maravilhoso e o assombroso são o nervo do estilo épico. Mas que coisas maravilhosas acontecem em um Estado bem ordenado?”<sup>26</sup>

Segundo a reconstrução do *Enquiry*, naquele tempo o governo e as leis estavam ainda em formação e seus primeiros esboços não iam além de medidas simples para restringir a violência e regradar os costumes. Não havia lugar para os vícios do ócio e da riqueza, ignoravam-se o luxo e os prazeres refinados e as únicas artes reconhecidas eram as da guerra e dos ofícios utilitários, reservando-se um lugar especial nas galerias da fama aos homens bravos e possuidores de virtudes públicas. Tudo isso compunha um clima de nobreza e heroísmo que era altamente

---

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, seção V, p. 59.

<sup>25</sup> Sonia LACERDA, *op. cit.*, pp. 196, 199. Ver também Jean STAROBINSKI, *Le mythe au XVIII<sup>e</sup> siècle*, esp. pp. 976-979.

<sup>26</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção II, p. 26.

conveniente à expressão épica. Na verdade, segundo o helenista escocês, todas as vezes na história da humanidade em que o governo afrouxou seu controle sobre a sociedade e as paixões individuais afloraram, a poesia épica alcançou seus pontos mais altos:

Foi quando a Grécia ainda não estava estabelecida, quando a violência prevalecia em muitos lugares, entre a confusão das tribos errantes, que *Homero* produziu seu poema imortal. E foi quando a Itália estava dilacerada, quando os pequenos Estados aliavam-se uns contra os outros [...], que *Dante* retirou-se de seu país e fez a mais forte mistura [*draught*] de homens e suas paixões que existe nos registros da poesia moderna. O autor da *Eneida* viveu em uma era de desordem e ruína pública. Ele viu a senhora do mundo por duas vezes tornar-se presa de um poder sem leis [...]. E ainda, meu senhor, foi quando a infeliz Grã-Bretanha foi arrastada a todas as calamidades da ira civil que nosso alentado poema nasceu. É verdade que o *Paraíso perdido* tem pouco a ver com nossos costumes atuais [...]. E no entanto ele em toda parte traz analogias com os assuntos dos homens e seu autor (que testemunhara o progresso de nossa miséria) o embelezou com todas as excelentes imagens que suas viagens, erudição e experiência lhe forneceram.<sup>27</sup>

Homero, portanto, viera ao mundo no momento certo, “quando os costumes, a religião e a língua gregos estavam em seu ponto mais apropriado à poesia”.<sup>28</sup> Os costumes, porque eram simples e nobres, e porque a instabilidade de uma ordem pública incipiente oferecia ao olhar do poeta a mais variada e emocionante gama de situações. A religião, porque seu aspecto mais influente e característico, a alegoria, se encontrava no auge do vigor, antes do desgaste causado pelo uso

---

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, seção V, pp. 65-66 (grifos e tradução meus).

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, seção VI, p. 72.

excessivo. A língua, enfim, porque conservava em grau suficiente sua “coloração original” vivaz e metafórica, e sobretudo porque, livre de afetações e subterfúgios, traduzia francamente os sentimentos e as paixões. Em suma, conclui Blackwell,

tivesse ele nascido muito antes, nada teria visto além de nudez e barbárie; tivesse vindo muito mais tarde, teria caído em tempos de diplomacia e paz amplas ou de guerra generalizada, quando as paixões privadas se acham sepultadas pela ordem pública e pela disciplina estabelecida.<sup>29</sup>

Foi o vínculo explicitado por Blackwell entre a excelência épica da *Iliada* e da *Odisséia* e a rusticidade de um período remoto da história que abriu caminho às teorias ‘primitivistas’ do gênio poético ‘natural’, que seriam tão influentes na composição dos poemas de Ossian por Macpherson. De fato, desde o final do século XVII, o interesse pela poesia popular, pela epopéia grega, pela arte ‘gótica’ e, em seguida, pela poesia tradicional gaélica foi crescente na Grã-Bretanha, espelhando uma orientação cada vez mais definida do gosto literário (e também da erudição filológica e antiquarista) para o passado distante e valorizando-se os espécimes e gêneros poéticos que se supunha retratarem um estado da humanidade remoto e perdido.

Em sua origem, tal interesse pode ser traçado à *Querelle des anciens et des modernes* e às publicações francesas de Charles Perrault (*Les contes de ma mère l'oye* [Os contos da mamãe ganso], 1697) e Antoine Houdar de La Motte (*Fables nouvelles*, 1719). As idéias de ‘poesia popular’, ‘gênio instintivo’ e ‘epopéia espontânea’ só puderam excitar a imaginação setecentista devido ao desgaste da influência da cultura greco-latina e à busca de uma alternativa para os clássicos da Antigüidade. Na Inglaterra, foram periódicos como o conceituado *Spectator* que primeiro se interessaram pela literatura tradicional do povo simples:

---

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, seção II, p. 35.

Não conheço nada que mostre melhor a perfeição essencial e inerente da simplicidade de pensamento [...] do que isso: que os primeiros [dentre os autores abaixo] agradam todos os tipos de palatos, enquanto os segundos, apenas aqueles que formaram um gosto artificial errado [...]. Homero, Virgílio ou Milton, desde que a língua de seus poemas seja compreendida, agradarão um leitor simples de bom senso, que não apreciaria nem compreenderia um epigrama de Marcial ou um poema de [Abraham] Cowley. Ao contrário, uma canção ou balada ordinária, que seja o encanto das pessoas comuns, não pode deixar de agradar todos os leitores que não sejam inadequados para o entretenimento por sua afetação ou ignorância. E a razão é simples: as mesmas pinturas da natureza que parecem atraentes ao leitor mais ordinário parecerão bonitas ao mais refinado. [§] A velha canção de *Chevy chase* é a balada favorita do povo da Inglaterra e Ben Johnson costumava dizer que ele preferia ter sido autor dela do que de todas as suas obras.<sup>30</sup>

Deve-se ressaltar, no entanto, que as teorias de Blackwell não têm a flexibilidade de um conceito como ‘primitivismo’. Não se trata, no *Enquiry*, de uma idealização da simplicidade e do selvagem, nem, tampouco, da tese de que a poesia viceja melhor em solos incultos. Ao contrário, trata-se, mais uma vez, de um efeito da conjuntura. O helenista discute exclusivamente a poesia épica, limitando-se a sustentar que a cada conjuntura histórica, corresponde uma forma particular de poesia e de saberes. Do mesmo modo que os costumes da Grécia homérica propiciavam a expressão épica, o teatro de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes não poderia existir em outro contexto que não o da Atenas democrática e os confortos da vida polida do século dezoito se prestavam melhor à composição de

---

<sup>30</sup> *The spectator*, n° 70, 21/maio/1711, pp. 114-115. Ver Kirsti SIMONSUURI, *op. cit.*, pp. 108-109, esp. n. 1.

sátiras e pastorais. Uma vez que o bom poeta deveria imitar a ‘natureza’, entendida como a conjuntura na qual ele viveu, um autor de uma época polida só poderia ter êxito em assuntos refinados.<sup>31</sup>

### b. Natureza e história

A definição precisa das circunstâncias históricas ideais para o apogeu da epopeia e todo o desenvolvimento da noção de conjuntura baseavam-se no conceito de “progressão dos costumes”:

Existe, meu senhor, uma coisa muito árdua de descrever, ainda que tenha ocorrido em todas as épocas e nações. Raros povos conseguem observá-la e, em conseqüência, não se inventaram termos para exprimir uma percepção extraída das mais amplas perspectivas dos negócios humanos. Pode-se denominá-la *progressão dos costumes*, e depende principalmente de nossas *fortunas*.<sup>32</sup>

Não há dúvida de que, por trás dessa idéia, se insinua um movimento ascendente na história da humanidade que leva da barbárie à vida civilizada. Mas a relação explícita de dependência da ‘progressão dos costumes’ para com a idéia de ‘fortuna’ nos impede de identificar completamente ‘progressão’ com ‘progresso’: “se está implícito em Blackwell um esboço do que chamamos de progresso, a esse esboço parecem estranhos o caráter de necessidade e o desenvolvimento linear”.<sup>33</sup> De fato, a noção de ‘progressão dos costumes’ não esquematiza uma sucessão *necessária* de estados sociais e, se a transição de uma conjuntura a outra pode ser ‘natural’, como “quando os agricultores nativos de um país avançam, *por desígnio e ordem*, de um estado de ignorância e barbárie para o de riqueza e poder”, o ritmo das mudanças também pode ser regido por fenômenos casuais, quase

<sup>31</sup> Ver Sonia LACERDA, *op. cit.*, pp. 186-187.

<sup>32</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção II, p. 13 (grifos meus).

<sup>33</sup> Sonia LACERDA, *op. cit.*, p. 169.

aleatórios, como “quando uma invasão ou conquista modifica por completo a face das coisas”.<sup>34</sup>

Além do mais, não se pode deixar de observar que não há, no *Enquiry*, qualquer pretensão de traçar ou identificar leis gerais de transformação das sociedades. Por mais que a investigação da ‘questão homérica’ envolvesse uma teoria da “ascensão das artes e do progresso das línguas e do saber”, o único objetivo da obra era mostrar a dependência das composições poéticas em relação à época e às circunstâncias de sua produção. Não obstante, a resposta a essa questão literária foi histórica. A Grécia homérica fora o momento em que as ‘curvas’ de progressão da língua, da religião e dos modos de vida convergiram para criar uma conjuntura favorável ao surgimento do gênio épico.

Ainda assim, podemos dizer que a história ensaiada por Blackwell no *Enquiry* era do mesmo tipo da que, mais tarde, Adam Smith, Lorde Kames e Adam Ferguson chamariam de ‘história natural’. Basta observar que, em suas *Letters concerning mythology*, Blackwell critica a historiografia tradicional como algo que se limitava a ensinar “que rei reinou em tal época e que batalhas se travaram”, assuntos que não passavam de “intrigas insignificantes na tragicomédia do mundo”, e propõe em seu lugar uma “história moral e filosófica”. Para ser “útil” e “instrutiva”, a história deveria, a seu ver, “relatar em que simplicidade os homens começaram, por que degraus saíram desse modo de vida [...] e, em seguida, que novas formas e modificações se superpuseram pela invenção das artes, quais pela religião e quais pela superstição”.<sup>35</sup>

É possível, portanto, ver Thomas Blackwell como um *precursor* da chamada ‘história natural do homem’ escocesa. De fato, seu conceito de ‘progressão dos costumes’ remete à imagem de um

---

<sup>34</sup> Thomas BLACKWELL, *op. cit.*, seção II, p. 14 (grifo meu).

<sup>35</sup> Sonia LACERDA, *op. cit.*, pp. 173-174. Ver também Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, pp. 34ss.

aperfeiçoamento gradual, dividido em fases (que o helenista nomeou ‘conjunturas’) e, bem de acordo com isso, ele aplicava o adjetivo ‘natural’ ao encadeamento dos períodos. Mesmo a ênfase em uma variável tão aleatória como a ‘fortuna’, que deveria apagar qualquer idéia de um sentido para o desenrolar do processo histórico, não deve nos tirar do caminho correto, pois o resumo da história grega descrito por Blackwell tem um sentido claro:

Os alternados avanços e recuos, correspondentes às viradas da fortuna, em seu conjunto configuram o trânsito da desordem tribal à disciplina política, da escassez de recursos à riqueza das cidades, da existência rústica aos requintes da vida urbana; em suma, da barbárie à civilização.<sup>36</sup>

No entanto, nunca é demais lembrar, a progressão delineada por Blackwell cobre apenas uma pequena parte da história helênica e, portanto, não pode ser tomada como uma interpretação universal da história. Foram apenas os teóricos da segunda metade do século, especialmente Henry Home (Lorde Kames, 1696-1782), Adam Smith (1723-1790), Adam Ferguson (1723-1816) e John Millar (1735-1801), que levaram as idéias do helenista adiante e desenvolveram uma modalidade de história dedicada a traçar “a trajetória ideal (ou típica) da humanidade - ou de alguns de seus aspectos, como linguagem, artes, governo, religião, etc. -, desde um estado inicial, qualificado de ‘rude’ ou equivalente, até a condição civilizada”.<sup>37</sup>

As obras fundamentais desse tipo de história foram *An essay on the history of civil society* [Um ensaio sobre a história da sociedade civil], de Adam Ferguson (1767), *The origin of the distinction of ranks* [A origem da distinção das classes], de Millar (1771), *Sketches on the history of man* [Esboços sobre a história do homem], de Lorde Kames (1774) e, com um

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 178. Natural, tanto aqui quanto nos autores de ‘histórias naturais’, tem o sentido de ‘necessário’, por oposição a aleatório ou acidental.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p. 177.

estatuto um pouco peculiar, a *História natural da religião*, de David Hume (1757).<sup>38</sup>

Obra que dá nome a todo um conjunto de histórias, a *História natural da religião* de Hume ocupa um lugar à parte no *corpus* do filósofo. Ao discutir o “fundamento racional” e a “origem na natureza humana” da religião, o escocês não procedeu empiricamente. Ao contrário, utilizou um *método dedutivo* para traçar o *dever* religioso da humanidade em uma sucessão *necessária* de etapas. Os ‘fatos’ empíricos das religiões ‘reais’ aparecem apenas como exemplos, destinados a reforçar a reconstrução conjectural do “aprimoramento da sociedade humana desde seus mais primitivos começos até um estado de maior perfeição”.<sup>39</sup> Desse ponto de vista, a *História natural* não é uma história ‘real’, no sentido em que Hume usa essa expressão para qualificar a obra de Tucídides. Também não se trata de uma ‘gênese’, ou seja, da reconstituição de um processo hipotético que ignora os fatos e é deduzido exclusivamente a partir da natureza humana. Ao contrário, em quase todas as passagens de sua investigação, Hume acumula exemplos ‘factuais’ que apóiem sua tese:

É um fato incontestável que aproximadamente mil e setecentos anos atrás toda a humanidade era politeísta. Os princípios incertos e céticos de alguns filósofos, ou o monoteísmo, que não era inteiramente puro, de uma ou duas nações, não constituem objeções dignas de ser consideradas. Vejamos então o *claro testemunho da história*.<sup>40</sup>

Nem história ‘factual’, nem reconstituição ‘genética’, a ‘história natural do homem’ escocesa visava retrazar a trajetória que uma nação ‘típica’ deve seguir ‘naturalmente’ se circunstâncias extraordinárias

---

<sup>38</sup> Ver Bertrand BINOCHE, *Les trois sources des philosophies de l'histoire*, pp. 79s.

<sup>39</sup> David HUME, *História natural da religião*, introdução, p. 21.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, seção I, p. 23. Ver Bertrand BINOCHE, *op. cit.*, pp. 96ss.

não interferirem. É apenas nesse sentido que podemos incluir Adam Smith nesse grupo de historiadores. Não resta dúvida de que, em um sentido importante, ele nunca escreveu uma história. Mas, de outro ponto de vista, suas aulas na universidade de Glasgow freqüentemente tomaram a forma de ‘histórias naturais’, traçando os desdobramentos, por exemplo, da linguagem e da justiça através dos tempos, como podemos ver nos relatos discentes de seus cursos de retórica (1762-1763) e jurisprudência (1762-1763, 1766). Assim, Adam Smith, mesmo sem ter sido um historiador ‘de ofício’, colaborou para ampliar nosso entendimento da historiografia “como arqueologia do passado, como estudo do processo de mudança social e como macro-narrativa”.<sup>41</sup>

Tomemos um exemplo, retirado de suas aulas de retórica. Logo no início do curso, Smith se aventura a conjecturar sobre a “origem e o progresso da linguagem”. Tratava-se precisamente de desenvolver uma história do surgimento da linguagem a partir do estado de natureza:

Dois selvagens, que se encontram e passam a habitar o mesmo lugar, em breve se aventurariam a usar sinais para indicar aqueles objetos com os quais conviviam mais freqüentemente e com os quais mais se preocupavam. A caverna na qual moravam, a árvore da qual eles obtinham alimento ou a fonte de onde bebiam em breve seriam distinguidas por nomes particulares, pois teriam ocasiões freqüentes de fazer seus pensamentos sobre essas coisas conhecidos um ao outro e iriam, por consenso mútuo, concordar em certos sinais pelos quais isso seria conseguido.

Depois, quando encontrassem outras árvores, cavernas e fontes sobre as quais teriam oportunidade de conversar, naturalmente dariam a elas o mesmo nome que antes tinham dado aos outros objetos do mesmo tipo. A associação de idéias entre as cavernas,

---

<sup>41</sup> J.G.A. POCKOCK, *Narratives of civil government*, p. 309.

árvores etc. e as palavras pelas quais eles as teriam indicado, naturalmente sugeriria que as coisas do mesmo tipo deveriam ser indicadas pelas mesmas palavras.<sup>42</sup>

A partir daí, tendo ‘resolvido’ a questão da formação dos substantivos, Smith discutia como poderiam ter se formado as preposições e os adjetivos, as flexões de gênero e número, os verbos e assim por diante. Tratava-se, portanto, de uma história baseada não em fatos, mas em conjecturas, em possibilidades, em experimentos de pensamento. Dugald Stewart, três anos após a morte de Smith, já chamava esse tipo de metodologia histórica de ‘história teórica’ ou ‘conjectural’, uma expressão que, segundo o próprio, “corresponde proximamente em seu sentido àquela de ‘história natural’, como empregada pelo Sr. Hume, e ao que alguns autores franceses chamaram *histoire raisonnée*”. Segundo ele,

ao examinar a história da humanidade, assim como examinamos os fenômenos do mundo material, quando não podemos traçar o processo pelo qual um evento *foi* produzido, é freqüentemente importante mostrar como ele *poderia ter sido* produzido por causas naturais. Assim, no caso que sugeriu essas observações [a dissertação sobre a origem da linguagem publicada por Adam Smith], embora seja impossível determinar com certeza os passos pelos quais qualquer linguagem particular foi formada, se pudermos demonstrar, a partir dos princípios gerais da natureza humana, como todas as suas variadas partes podem ter gradualmente surgido, a mente não apenas se satisfaz até certo ponto, como detemos aquela filosofia indolente que refere a um milagre

---

<sup>42</sup>

Adam SMITH, *Lectures on rhetoric and belles lettres*, aula 3, p. 9.

quaisquer aparições, tanto no mundo natural quanto no mundo moral, que ela é incapaz de explicar.<sup>43</sup>

Não se trata, portanto, de ignorar os fatos, mas, sim, de raciocinar com a conjectura quando eles não são conhecidos. É a ausência de documentação que, em princípio, confere legitimidade à reconstituição, necessariamente fictícia, das origens. Mas, mesmo que duas diferentes histórias se contradissem, ou se uma documentação recém-descoberta porventura viesse a contestar a história construída a partir da conjectura, isso não teria importância:

Que elas [as histórias conjecturais] tenham acontecido ou não, é com freqüência uma questão de somenos consequência. Na maior parte dos casos é mais importante apurar o progresso mais simples do que aquele que é mais adequado aos fatos; pois, paradoxal como essa proposição possa parecer, é certamente verdadeiro que o progresso real não é sempre o mais natural. Ele pode ter sido formado por acidentes particulares, que não são prováveis de acontecer de novo e que não podem ser considerados como parte de qualquer prescrição que a natureza fez para o melhoramento da raça.<sup>44</sup>

Ou seja, a história natural é um *constructo* que procedia por *abstração* e, no fim das contas, não importa se o curso histórico seguiu *realmente* por aquele caminho ‘direto’ ou desviou-se devido ao acaso e à fortuna (lembremo-nos das invasões e conquistas aventadas por Blackwell). O importante era traçar um caminho *teórico*, pelo qual a humanidade *poderia* ter se desenvolvido. Era apenas assim que a história poderia

---

<sup>43</sup> Dugald STEWART, Account of the life and writings of Adam Smith, seção II, p. 293 (grifos do autor).

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, seção II, p. 296.

permitir aos filósofos deduzir os princípios e o sentido geral do desenvolvimento dos homens.<sup>45</sup>

E qual era, segundo o século dezoito, o caminho típico do desenvolvimento da humanidade? Adam Ferguson respondeu: “não apenas o indivíduo avança da infância para a maturidade, mas a própria espécie [avança] da rudeza à civilização”.<sup>46</sup>

É sintomático que Ferguson tenha empregado aqui, pela primeira vez em inglês com esse sentido, o termo ‘civilização’ [*civilisation*], ao invés de ‘refinamento’ [*refinement*], pois isso inscrevia a ‘sociedade civil’ no processo que leva da ‘rudeza’ à ‘polidez’, afastando-a do sentido de simples oposição a um ‘estado de natureza’: “o adjetivo ‘civil’ não é compreensível em Ferguson a não ser por referência ao processo da ‘civilização’. A sociedade civil é [para ele] a sociedade humana na medida em que se civiliza. E, o que é igualmente decisivo, se civiliza *gradualmente*”.<sup>47</sup> Comparemos com a formulação de Dugald Stewart:

Quando, numa época como a que vivemos, comparamos nossos talentos intelectuais, nossas opiniões, nossos costumes e instituições com aquelas que prevalecem entre as tribos rudes, não pode deixar de nos ocorrer uma questão interessante, por quais *passos graduais* a transição realizou-se dos primeiros esforços simples da natureza não cultivada a um estado de coisas tão maravilhosamente artificial e complicado.<sup>48</sup>

De maneira geral, as etapas do desenvolvimento gradual da humanidade eram definidas como três:

---

<sup>45</sup> Ver Bertrand BINOCHE, *op. cit.*, pp. 114ss.

<sup>46</sup> Adam FERGUSON, *Essay on the history of civil society*, parte I, seção I, p. 1.

<sup>47</sup> Bertrand BINOCHE, *op. cit.*, p. 103 (grifo do autor).

<sup>48</sup> Dugald STEWART, *op. cit.*, seção II, p. 292 (grifo meu).

O primeiro estágio era caracterizado como o período da simplicidade original. Esse era seguido eventualmente pelo segundo, que testemunhava a dissolução total dos valores primordiais. Era um período *necessário*, sem o qual o terceiro estágio, a civilização, não poderia surgir.<sup>49</sup>

Uma das vezes em que essa classificação foi mais bem explicitada e suas características mais bem definidas foi a dissertação com a qual James Macpherson precedeu seu segundo épico ossiânico, *Temora*:

Há três estádios na sociedade humana. O primeiro é resultado da consangüinidade e da afeição natural dos membros de uma família uns pelos outros. O segundo começa quando a propriedade é estabelecida e os homens se associam para defesa mútua contra as invasões e as injustiças dos vizinhos. A humanidade se submete, no terceiro, a certas leis e à obediência ao governo, ao qual eles confiam a segurança de suas pessoas e propriedades. Como o primeiro é formado na natureza, então, é claro, é o mais nobre e desinteressado. Os homens, no último, têm tempo livre para cultivar a mente e restaurá-la, pela reflexão, a uma dignidade primeva de sentimentos. O estágio intermediário é a região da completa barbárie e ignorância.<sup>50</sup>

O primeiro estágio, portanto, era o do homem ‘natural’, o ‘selvagem’, habitante das selvas e das cavernas. Em seguida, os homens conheciam a propriedade privada e, vivendo sob governos despóticos e inseguros, tornavam-se ‘bárbaros’ em uma espécie de ‘limbo’ entre a natureza e a civilização. Apenas com o refinamento da terceira etapa era possível à humanidade recuperar a dignidade da natureza, mantendo as ‘melhorias’ introduzidas pela barbárie, como a política e a economia.

---

<sup>49</sup> Margaret Mary RUBEL, *Savage and barbarian*, pp. 33-34 (grifo da autora).

<sup>50</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 211.

É interessante observar que, se o bárbaro era um personagem antigo, o selvagem é uma invenção moderna. Foi apenas quando os europeus, “que acreditavam que sua pré-história era apenas aquela dos clãs patriarcais de pastores” ou dos nômades das estepes, cruzaram os mares e depararam-se com povos cuja principal forma de subsistência eram a caça e a coleta que surgiu a noção de que havia uma etapa anterior à barbárie no desenvolvimento da humanidade.<sup>51</sup>

Inicialmente, ‘selvagem’ e ‘bárbaro’ eram termos intercambiáveis. Ambos referiam-se a seres aos quais faltavam algumas das características do ser humano. Os gregos, por exemplo, reconheciam a existência de bárbaros orientais, como os persas, que eram ‘civilizados’, mas não livres, e de bárbaros nórdicos, como os citas, ‘naturalmente livres’, mas desprovidos das artes da civilização. Ao lado desses, no entanto, havia espaço para seres inclassificáveis, quase pré-humanos, como, por exemplo, os ciclopes da *Odisséia*: Polifemo não conhecia estrutura social de espécie nenhuma, sendo um solitário; além disso, tratava-se de um antropófago, característica que se tornaria a quintessência da selvageria, mas, como condiz ao imaginário europeu pré-1492, o filho de Possêidon não era caçador ou coletor, e sim pastor de ovelhas.<sup>52</sup>

A imagem do ser pré-social, portanto, do habitante das selvas e das cavernas, já fora concebida muito antes de Colombo. A idéia da selvageria foi, sem dúvida, inventada no Velho Mundo, mas o selvagem só foi *encontrado* no Novo. Ao contrário dos inúmeros relatos de encontros com povos pastoris e saqueadores de gado, que tanto contribuíram para formar a imagem européia dos ‘bárbaros’ - muitas vezes, mas não exclusivamente, na fronteira gaélica -, não há nenhum testemunho de encontros europeus com civilizações de caçadores/

---

<sup>51</sup> Ver J.G.A. POCKOCK, *Barbarians, savages, and empires*, p. 3.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, pp. 158-159.

coletores antes da exploração das Américas, como o próprio Adam Smith testemunha:

As nações mais bárbaras, seja da África ou das Índias Orientais, eram pastoris; mesmo os hotentotes [grupo étnico do sudoeste da África] o eram. Mas os nativos de todas as partes da América, com a exceção do México e do Peru, eram apenas caçadores; e a diferença é muito grande entre o número de pastores e aquele de caçadores que a mesma extensão de território fértil pode manter.<sup>53</sup>

Com as viagens ao Novo Mundo, surgiu a questão de qualificar seus habitantes e encaixá-los nos esquemas preconcebidos de classificação dos seres. Em um primeiro momento, o recurso aos antigos assegurou os pontos de referência necessários para a domesticação do desconhecido e o próprio Colombo, em suas viagens, encontrou sereias e buscou informações sobre as amazonas.<sup>54</sup>

A partir dos esquemas classificatórios do mundo antigo, era possível enquadrar todas as culturas do Novo Mundo como 'bárbaras', pois mesmo os urbanos incas e astecas eram estranhos que desconheciam Cristo, o que os colocava em um patamar inferior aos europeus. Mas alguns povos ficavam aquém dessa classificação, por falarem o que não parecia uma língua articulada, vagarem sem moradia fixa, comerem os alimentos crus e adotarem práticas tão anômalas aos olhos dos europeus, que lhes pareciam costumes 'não-naturais', como a sodomia, o canibalismo e o incesto. Eis aí os ciclopes do imaginário antigo, verdadeiros seres 'pré-humanos'. Nesse ponto, os americanos foram identificados com os homens do hipotético 'estado de natureza'.

---

<sup>53</sup> Adam SMITH, *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, livro IV, cap. VII, parte III, p. 491 [vol. II].

<sup>54</sup> Ver François HARTOG, *Os antigos, o passado e o presente*, pp. 130ss.

Contribuiu para isso a consideração da propriedade privada como um direito fundamental do homem na sociedade civil, pois a existência de um período da história em que a propriedade não existia - uma época não descrita na história bíblica ou mitológica, embora capaz de ser aproximada de momentos de ambas - era uma ferramenta eficaz para explicar o momento da apropriação. Não admira que essas explicações tenham se desenvolvido na mesma época em que franceses e ingleses começaram a disputar espaço com os espanhóis no Novo Mundo e Locke, que promovia a colonização da atual região da Carolina, foi um dos primeiros a descrever um estado de natureza 'progressivo', no qual os homens inicialmente viviam daquilo que a terra lhes dava: "o cervo pertence ao índio que o matou", "embora antes, ele fosse um direito comum a todos".<sup>55</sup> Apenas a partir da aplicação de trabalho aos recursos naturais é possível se falar em propriedade.

A questão da propriedade privada, portanto, era vista como uma etapa fundamental no desenvolvimento da humanidade. Era ela que diferenciava os homens 'naturais', quase pré-humanos, daqueles que, afastados das virtudes primordiais, já demonstravam alguns valores sociais, mas ainda erravam entre a natureza e a civilização.

Adam Smith, ampliando o tradicional esquema de três estádios, dividiu as fases da humanidade em quatro, seguindo um padrão de atividade econômica. Segundo ele, os homens foram sucessivamente 1) caçadores/coletores, 2) pastores, 3) agricultores e, finalmente, 4) comerciantes.<sup>56</sup> Tradicionalmente, os pastores dividiam com os caçadores o estágio da selvageria, mas, segundo Smith, foi a domesticação dos animais e não a posse da terra que introduziu pela

---

<sup>55</sup> John LOCKE, *Second treatise of government*, cap. I, V, §30, p. 20. Ver J.G.A. POCCOCK, *op. cit.*, pp. 161-163, 168.

<sup>56</sup> Adam SMITH, *Lectures on jurisprudence*, 24/dec./1762, p. 14. Tal discussão também aparece em *The wealth of nations* (e.g., livro V, cap. I, parte I, pp. 47ss [vol. III]). Ver J.G.A. POCCOCK, *Narratives of civil government*, pp. 315ss; Margaret Mary RUBEL, *op. cit.*, p. 42.

primeira vez na história da humanidade a propriedade e suas conseqüências: o governo, a guerra e as distinções de classe.<sup>57</sup>

De todo modo, o sentido geral do desenvolvimento era consensual: inicialmente, a humanidade vivia em um ‘estado de natureza’ identificado solidamente com a era dos caçadores. A partir dos conflitos em torno da propriedade, houve a desarticulação da simplicidade ‘natural’ da sociedade primeva, o que levou, após longo progresso dos costumes, à civilização e ao refinamento, estágio representado pela segurança das leis e pelo comércio. A propriedade privada fora, portanto, o grande diferencial entre os dois primeiros estádios da história:

Das nações que vivem nessas, ou em qualquer outra das partes menos cultivadas da terra, algumas confiam sua subsistência principalmente à caça, pesca ou aos produtos naturais do solo. Elas dão pouca atenção à propriedade e raramente a qualquer início de subordinação ou governo. Outras, possuidoras [do conhecimento] das ervas e dependendo para seu aprovisionamento de pastos, sabem o que é serem pobres e ricas. Elas conhecem as relações entre patronos e clientes, servos e mestres e pelas medidas da fortuna determinam seu estatuto. Essa distinção deve criar uma diferença material de caráter e pode fornecer duas categorias separadas, sob as quais considerar a história da humanidade em seu estado mais rude: aquela do selvagem, que ainda não conhece a propriedade e a do bárbaro, para quem ela

---

<sup>57</sup> Todos os ‘avanços’ da civilização eram vistos como conseqüência da apropriação. Ver, e.g., John Logan, *Elements of the philosophy of history* (1781): “[uma vez] a propriedade estabelecida e a indústria posta em ação, o terreno para a subordinação e o governo está assentado” (*apud* Margaret Mary RUBEL, *op. cit.*, pp. 44-45).

é, embora não apurada pelas leis, um importante objeto de cuidado e desejo.<sup>58</sup>

Foi, portanto, a introdução do conceito de propriedade privada no imaginário da humanidade que destruiu o hipotético sistema sócio-econômico de divisão igualitária dos produtos do trabalho por todos os membros do grupo social, dando início a uma nova ordem, onde os indivíduos passaram a ser classificados por suas posses. Os conflitos entre esses nascentes estratos sociais não demoraram a aparecer: “os indivíduos tendo agora encontrado interesses separados, as ligações da sociedade tornaram-se menos firmes e as desordens domésticas mais freqüentes”.<sup>59</sup> Ou seja, entre as benesses da natureza e da civilização, os males da barbárie:

Platão localiza a justiça e a felicidade em meio aos primeiros homens, quando existiu *a era de ouro* - se ela jamais existiu. Mas, quando uma nação, tornando-se populosa, começa a criar rebanhos e manadas, muda-se para terras apropriadas e não fica satisfeita sem luxos acima [do razoável], o egoísmo e o orgulho ganham terreno e se tornam paixões prevalentes e indomáveis. As causas de discórdia se multiplicam, uma abertura é dada à avareza e ao ressentimento e, entre as pessoas ainda não perfeitamente submetidas ao governo, as paixões anti-sociais assolam e ameaçam a total dissolução da sociedade.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Adam FERGUSON, *op. cit.*, parte II, seção II, pp. 133-134. Ver Margaret Mary RUBEL, *op. cit.*, pp. 43s.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, parte II, seção III, p. 160.

<sup>60</sup> Lorde KAMES, *Sketches of the history of man*, livro II, esboço I, p. 362. Ver também *ibidem*, livro I, esboço II, p. 71: “O apetite pela propriedade, em sua natureza uma grande benção, degenera, reconheço, em uma grande maldição quando ultrapassa os limites da moderação. Antes do dinheiro ser introduzido, os desejos raramente eram imoderados, porque necessidades simples eram seus únicos objetos. Mas o dinheiro é uma espécie de propriedade, de uso extensivo o suficiente para inflamar o desejo. O dinheiro impele os homens a serem laboriosos e as belas

### e. Poesia e natureza

Quando os poemas de Ossian foram publicados, diversos intelectuais ficaram encantados ao encontrarem em suas páginas evidências históricas que comprovavam suas teorias. Ossian foi recebido como um triunfo estético-patriótico, mas também como um conjunto de poemas históricos, que poderiam iluminar as condições de vida durante o período da selvageria. E mais, se as imagens dos nativos americanos pintadas pelos viajantes europeus não traziam nada que pudesse localizá-los em uma “era de ouro”, os guerreiros ossiânicos brilhavam “com as quentes virtudes da natureza”.<sup>61</sup>

Nas composições de Ossian, que descrevem os costumes de um povo familiar com o pastoreio, há com freqüência um grau de ternura e delicadeza de sentimentos que dificilmente poderia ser igualado nas mais refinadas produções de uma era civilizada. Alguma concessão, sem dúvida, deve ser feita à elevação de um poeta possuído por um gênio e sensibilidade incomuns, mas, ao mesmo tempo, é provável que a verdadeira história de seus compatriotas seja a base dos eventos relatados.<sup>62</sup>

Ou seja, a elevação de sentimentos nos poemas de Ossian era, apesar de embelezada por um poeta de gênio, vista como uma representação

---

produções do trabalho e da arte, despertando a imaginação, excitam um desejo violento por grandes casas, bons jardins e por todas as coisas alegres e esplêndidas. O habitual quer multiplicidade; luxúria e sensualidade ganham terreno e o desejo de propriedade se torna obstinado e deve ser satisfeito, mesmo a custo da justiça e da honra”.

<sup>61</sup> Edward GIBBON, *The history of the decline and fall of the roman empire*, vol. I, cap. VI, pp. 134-135.

<sup>62</sup> John MILLAR, *The origin of the distinction of ranks*, cap. I, seção III, pp. 59-60.

fiel dos sentimentos e dos costumes típicos das mais antigas eras da história da humanidade.<sup>63</sup>

Macpherson aproveitou-se dessas teorias para criar sua própria “era de ouro” nas *Highlands*. Suas dissertações são bem claras a esse respeito. Em primeiro lugar, em *Fingal*, ele tratava de localizar Ossian no período da selvageria:

O estilo dessas composições é tão diferente de outros poemas e as idéias tão restritas ao *mais antigo estágio da humanidade*, que se pensou que eles não teriam variedade suficiente para agradar a uma época polida.<sup>64</sup>

Em seguida, já em *Temora*, fixava explicitamente uma relação entre os *highlanders* da Escócia e as virtudes ‘naturais’ derivadas da rudeza:

As mais nobres paixões da mente nunca brotaram mais livres e desenfreadas do que nessas épocas [...]. O modo de vida irregular e as atividades viris [...] são altamente favoráveis a uma força de espírito desconhecida em tempos polidos. [...] Um Estado não estabelecido e as convulsões que o acompanham são o campo próprio para um caráter exaltado [...]. Lá, o mérito sempre é mais elevado, [pois] nenhum evento fortuito pode elevar o medroso e o inferior ao poder. [...] Assim são os habitantes das montanhas da Escócia. [...]. Sua língua é pura e original e seus costumes são os de uma raça antiga e pura de homens. [...] Por viverem em um território bom apenas para a pastagem, eles escaparam daquela labuta e daqueles assuntos que absorvem a atenção de um povo comercial. Sua distração consiste em ouvir ou repetir suas canções e tradições.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Ver Margaret Mary RUBEL, *op. cit.*, p. 50.

<sup>64</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 50 (grifo meu).

<sup>65</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 205s.

Segundo Macpherson, os povos celtas da Escócia deixaram o estádio ‘natural’ para entrar na barbárie por volta do século quinto, quando se iniciou o processo de decadência do heroísmo ossiânico.<sup>66</sup> Mesmo assim, os habitantes das *Highlands*, por seu isolamento do mundo ‘civilizado’ e por não terem se misturado com os ‘bárbaros’ saxões, mantiveram as virtudes naturais de seus antepassados lendários:

Nesse tipo rural de magnificência, os chefes das *Highlands* viveram por muitas eras. Distantes da sede do governo e seguros pela inacessibilidade de seu país, eram livres e independentes. Como tinham pouca comunicação com estrangeiros, os costumes de seus ancestrais permaneceram entre eles e sua língua manteve sua pureza original.<sup>67</sup>

A comparação da ‘selvagem’ poesia ossiânica com a poesia de povos ‘bárbaros’ só poderia trazer glória ao bardo gaélico e seu povo, mesmo entre aqueles que ainda consideravam Homero o maior dos poetas:

Não é suficiente ser ignorante e bárbaro para criar grande poesia. Sem dúvida Ossian não conhecia as regras de Aristóteles, assim como Homero também não as conhecia. Mas ambos conheciam a natureza, vividamente a experimentaram e a retrataram com entusiasmo. E embora a diferença de costumes e linguagem tenha dado ao poeta grego uma grande superioridade sobre o bardo escocês, não se pode, nos parece, deixar de reconhecer uma grande similaridade de gênio entre eles. Mas que diferença entre os costumes retratados por Ossian e aqueles apresentados pelos poetas galeses! Coragem unida a humanidade, amor, amizade e finalmente o mais puro heroísmo do cavalheirismo são encontrados entre os antigos escoceses, enquanto encontramos entre os galeses uma nação belicosa, feroz e supersticiosa,

---

<sup>66</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 211.

<sup>67</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 213.

cujos costumes são mais simples do que crus. A ignorância de um povo selvagem é favorável à poesia, pois ela permite mais abertura, energia e força à imaginação e paixões. Mas os poetas galeses, depravados pela superstição monástica e [pelo] pedantismo que dominavam sua época já possuíam um estilo artificial corrompido pelo mau gosto e pelos preconceitos.<sup>68</sup>

Hugh Blair, em sua *Critical dissertation on the poems of Ossian*, também exaltou, por contraste com a barbárie da poesia gótica, a elevação de sentimentos encontrada no texto de Macpherson:

Nosso assunto nos leva a investigar os antigos vestígios poéticos, não tanto do oriente ou dos gregos e romanos, mas das nações do norte, para descobrir se a poesia gótica tem alguma semelhança com a celta ou gálica que vamos considerar. [...segue-se a análise de uma canção fúnebre atribuída a Ragnarr Loðbrók, rei semi-lendário da Dinamarca e da Suécia entre os séculos VIII e IX...] Essa é a poesia que poderíamos esperar de uma nação bárbara. Ela exala um espírito altamente feroz. É selvagem, áspera e irregular, mas ao mesmo tempo animada e forte. O estilo, no original, cheio de inversões e [...] altamente metafórico e figurado. [§] Mas quando abrimos as obras de Ossian, uma cena bem diferente se apresenta. Lá encontramos o fogo e o entusiasmo das eras mais antigas, combinados com um grau impressionante de regularidade e arte. Encontramos a ternura, e mesmo a delicadeza de sentimentos, prevalecendo amplamente sobre a fúria e a barbárie. Nossos corações derretem com os sentimentos mais suaves e ao mesmo tempo elevados com as mais altas idéias de magnanimidade, generosidade e heroísmo verdadeiro. Quando passamos da poesia de Lodbrog

---

<sup>68</sup> *Gazette littéraire*, resenha a Evan Evans, *Specimens of the poetry of the antient Welsh bards* (novembro de 1764); *apud* David RAYNOR, *Ossian and Hume*, p. 157.

[sic] para aquela de Ossian, é como passar de um deserto selvagem para uma terra fértil e cultivada.<sup>69</sup>

Não obstante, não havia dúvida para Blair que os poemas de Ossian eram representações de uma era não-polida e não-cultivada:

Ao longo dos poemas de Ossian, claramente nos encontramos no primeiro período da sociedade, durante o qual a caça era a principal atividade dos homens e o principal meio de obter sua subsistência. A criação de animais não era inteiramente desconhecida, pois encontramos referências à divisão do rebanho no caso de um divórcio; mas as alusões ao gado não são muitas e não encontramos traços da agricultura. Nenhuma cidade parece ter sido construída nos territórios de Fingal. Nenhuma arte é mencionada, a não ser a navegação e a metalurgia. Tudo nos apresenta os costumes mais simples e não cultivados.<sup>70</sup>

Com tanta sublimidade de sentimento, além de ser um documento histórico da era da selvageria, Ossian ilustrava de maneira bastante positiva o passado escocês, que, com isso, ombreava - e, com freqüência, ultrapassava - a glória clássica da Grécia. O que fazia com que diversos leitores preferissem *Fingal* à *Ilíada* era precisamente a percepção de que Ossian representava uma era mais antiga e mais primitiva - e, portanto, mais virtuosa e original - do que a de Homero.<sup>71</sup> Enquanto o bardo gaélico pintava a 'pura' era da natureza, o grego era típico da barbárie que a seguiu:

A época fabulosa e heróica da Grécia constitui o que temos chamado do estádio bárbaro da sociedade [...]. Tribos independentes, sem morada fixa, um chefe que obtém seu poder da espada [...], riqueza que

---

<sup>69</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 347-349.

<sup>70</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 353.

<sup>71</sup> Ver Kirsti SIMONSUURI, *Homer's original genius*, p. 114.

consiste em manadas e rebanhos, expedições militares por glória e pilhagem, [...] desordem geral da sociedade [...] compõem esse período. Tácito, em seu tratado sobre os costumes dos germanos nos dá a teoria; os poemas de Homero, o exemplo mais perfeito.<sup>72</sup>

Não parecia haver dúvidas de que os heróis homéricos haviam avançado muito além do estágio da selvageria. Adam Ferguson, por exemplo, classificou a Grécia homérica sob a rubrica das “nações rudes sob a impressão da propriedade”.<sup>73</sup>

Não obstante, Macpherson reconhecia a “grande similaridade de gênio” entre Homero e Ossian e imaginava o pai da poesia vivendo em um ambiente semelhante ao de seu bardo gaélico.

Escolhi o tempo todo comparar Ossian com Homero, ao invés de com Virgílio, por uma razão óbvia. Há uma correspondência muito mais próxima entre a época e os costumes dos dois primeiros poetas. Ambos escreveram em um período primevo da sociedade, ambos são originais, ambos são distintos pela simplicidade, sublimidade e fogo.<sup>74</sup>

Ecoando Blair (o trecho citado acima é de sua *Critical dissertation on the poems of Ossian*) e, sem dúvida, influenciado por seu antigo professor, Thomas Blackwell, o tradutor de Ossian dava grande valor à simplicidade do poeta grego e o problema era que os tradutores de Homero, até então, haviam produzido simples paráfrases que, visando traduzir o ‘espírito’ de Homero, deixavam de lado as peculiaridades de sua poesia e dicção. Com isso, as traduções da *Ilíada* e da *Odisséia*

---

<sup>72</sup> John Logan, *Elements of the philosophy of history* (1781); *apud* Margaret Mary RUBEL, *op. cit.*, p. 54.

<sup>73</sup> Adam FERGUSON, *op. cit.*, parte II, seção III, p. 152.

<sup>74</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 390.

perdiam aquelas que Macpherson considerava as melhores características homéricas:

Em sublimidade de expressão e de linguagem ele pode ser igualado. Em simplicidade e naturalidade, é difícil ascender à sua esfera. Em exuberância de imagens, ele não é inimitável; mas em eloquência e precisão ele, até aqui, é insuperável.<sup>75</sup>

Em resumo, “ao limpá-lo de suas características antigas, eles o transformaram em um janota moderno”.<sup>76</sup> Tentando devolver Homero à sua simplicidade ‘original’, Macpherson modificou bastante o texto, abandonando o hexâmetro e traduzindo a língua grega em expressões inglesas de um “nível cultural análogo”, com o objetivo de “fazê-lo falar inglês com sua própria digna simplicidade e energia”.<sup>77</sup> A *Ilíada* de Macpherson trazia as mesmas frases curtas e expressões altissonantes usadas por ele em Ossian:

A ira do filho de Peleu, — ó deusa do canto, revele! A ira mortal de Aquiles: para a Grécia fonte de tantos pesares! Que povoou as regiões da morte, — com sombras de heróis precocemente mortos. Enquanto pálidos aguardam ao longo da costa, [são] dilacerados pelas bestas e aves de rapina: mas tal foi a vontade de Júpiter! Comece os versos com a origem da ira, — entre Aquiles e o soberano de homens.<sup>78</sup>

Dessa vez, o *highlander* não conseguiu impressionar o público setecentista.

---

<sup>75</sup> *The Iliad of Homer. Translated by James Macpherson*, prefácio, p. xi.

<sup>76</sup> *Ibidem*, prefácio, p. xvi.

<sup>77</sup> *Ibidem*, prefácio, p. xx. Ver Kirsti SIMONSUURI, *op. cit.*, pp. 112-113.

<sup>78</sup> *Ibidem*, livro I, p. 1.

## 5. História ‘factual’

James Macpherson certamente via no valor histórico dos poemas de Ossian algo a ser levado em consideração, mas, para ele, as composições ossiânicas não se limitavam a ser um documento histórico dos primórdios da humanidade de maneira geral. Tratavam-se de testemunhos que poderiam iluminar decisivamente o passado de seu próprio povo, os gaels das *Highlands* escocesas.

Tal uso da poesia como narrativa *quasi*-factual dos acontecimentos do passado só se tornou possível a partir da descoberta do Novo Mundo. De fato, o encontro com os nativos americanos marcou uma etapa fundamental na história da recepção das tradições dos povos ditos ‘primitivos’. O espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, por exemplo, em sua *Historia general de las Indias* (1535), observou que, mesmo não sabendo escrever, os índios “conservavam uma memória das coisas passadas”, que era transmitida por meio de cantos e danças baseados nas vidas de seus chefes. Ele definiu essas práticas como “uma espécie de história” e as comparou a antigas danças etruscas registradas por Tito Lívio.<sup>79</sup> Poucos anos depois, Jacques Amyot, o tradutor de Plutarco, se valeu dessas mesmas práticas indígenas para justificar a antigüidade e a nobreza da história:

Não quero, portanto, discutir a excelência e a dignidade da coisa em si, uma vez que não apenas ela é mais antiga que qualquer outra espécie de escrita que jamais existiu no mundo, mas também teve curso entre os homens antes mesmo que se estabelecesse o uso das letras, de modo que os vivos pudessem deixar a seus sucessores a memória das coisas passadas em canções que forçavam seus filhos a aprender de cor, como se pôde ver em nossos tempos entre os bárbaros habitantes das terras novas das Índias Ocidentais, que, sem nenhum conhecimento das

---

<sup>79</sup> Ver Carlo GINZBURG, *Nenbuma ilba é uma ilba*, p. 49.

letras, tinham ciência de acontecimentos de oitocentos anos antes.<sup>80</sup>

Partindo da fase mais antiga da história romana, François Bauduin, professor na Universidade de Arras, em sua *De institutione historiae universæ et eius cum iurisprudencia coniunctione* (1561), fez um relato mais amplo dessas práticas. Aproximando uma observação de Cícero a respeito de antigos cantos (*carmina*) de louvor às ações dos homens famosos de duas passagens de Tácito sobre as canções dos germanos - “celebram em antigas canções, pois entre eles é o único gênero de memórias e anais” (*Germânia*, 2, 3) e “[Armínio] é cantado ainda hoje entre os povos bárbaros, esse desconhecido dos anais dos gregos, que estimam apenas seus próprios assuntos” (*Anais*, 2, 88, 4) -, prosseguiu recordando a descrição de Carlos Magno a transcrever e memorizar “*barbara et antiquissima carmina*” que contavam feitos e proezas guerreiras dos antigos soberanos; e concluiu: “recordarei um outro exemplo, não menos nobre”, aquele das populações indígenas recém-descobertas, que transmitem a memória do passado servindo-se de cantos (*cantiones*) misturados a danças (*choros*).<sup>81</sup>

Do século XVI e do contexto dos descobrimentos, a idéia foi incorporada ao consenso intelectual e Adam Ferguson, por exemplo, escreveu:

Toda tribo de bárbaros tem suas rimas ardentes ou históricas, que contêm a superstição, o entusiasmo e a admiração pela glória que, nos estádios primordiais da humanidade, estão encerradas no peito dos homens.<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> *La vie des hommes illustres grecs et romains, comparées l'une avec l'autre par Plutarque de Charonee* [1553]; *apud* Carlo GINZBURG, *op. cit.*, p. 50, n. 13.

<sup>81</sup> Ver Carlo GINZBURG, *op. cit.*, pp. 51-52.

<sup>82</sup> Adam FERGUSON, *Essay on the history of civil society*, parte III, seção VIII, p. 282.

Adam Smith iniciou categoricamente sua ‘história dos historiadores’ afirmando que “os poetas foram os primeiros historiadores”, mas foi outro escocês, Hugh Blair, quem provavelmente melhor resumiu a questão: “*por essa tradição oral de baladas nacionais, foram transmitidos todo o conhecimento histórico e toda a instrução das primeiras eras*”.<sup>83</sup>

Ao realçar o papel histórico que tinham as antigas canções celtas, Macpherson seguia a mesma idéia. E o *highlander* ainda aproveitou para destacar toda uma série de outros povos antigos que, do mesmo modo, registravam seus assuntos por meio da poesia:

Os descendentes dos celtas que habitavam a Grã-Bretanha e suas ilhas não eram singulares nesse método de preservar os mais preciosos monumentos de sua nação. As antigas leis dos gregos eram expressas em verso e transmitidas pela tradição. Os espartanos, depois de um longo tempo, ficaram tão habituados com esse costume, que não permitiam que suas leis fossem escritas. As ações dos grandes homens e os panegíricos dos reis e dos heróis se preservavam dessa mesma maneira. Todos os monumentos históricos dos antigos germanos estavam compreendidos em suas antigas canções, que [...] intencionavam perpetuar os grandes eventos de sua nação, cuidadosamente entretecidos nelas. Essas espécies de composições não eram escritas, mas transmitidas pela tradição oral.<sup>84</sup>

Para Macpherson, as teorias sobre os povos ‘primitivos’ eram uma benção dupla. Por um lado, a idealização do *estado de natureza* como uma *era de ouro* na qual os homens tinham tão poucos desejos que não havia necessidade de regulá-los, lhe permitia defender a Escócia

---

<sup>83</sup> Adam SMITH, *Conferências sobre retórica & belas-letas*, 19ª conferência, p. 245; Hugh BLAIR, *Lectures on rhetoric and belles letters*, vol. II, aula XXXVIII, p. 317 (grifos meus).

<sup>84</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 49-50.

ossiânica e as *Highlands* setecentistas como o *habitat* de homens *naturalmente justos*. De outro ponto de vista, o fato de a poesia ser o principal ‘documento histórico’ das eras remotas da humanidade, possibilitava-lhe reescrever a história *factual* do passado escocês por meio de Ossian, corrigindo todos os erros cometidos por mal-intencionados historiadores e antiquários. Foi o que ele se aventurou a fazer com o segundo épico ossiânico.

#### a. ‘*Temora*’ e a origem dos gaéls

*Temora* relata uma segunda expedição de Fingal à Irlanda para vingar a morte de seu parente distante, Cormac, o legítimo rei, que, após a morte de seu protetor, Cuchullin, fora deposto por um usurpador, Cairbar. O termo ‘*Temora*’ vem do gaélico *Temair*, normalmente traduzido como ‘Tara’, nome da tradicional ‘colina dos reis’ no condado de Meath (Irlanda central) e o poema, portanto, gira em torno das disputas pelo trono irlandês.

O primeiro livro, que fora antecipado no volume de *Fingal*, começa, de maneira quase idêntica ao primeiro épico, com o anúncio da chegada de uma frota à Irlanda. Dessa vez, no entanto, é Fingal quem chega para defender os direitos de seus familiares. Ao receber a notícia da chegada dos escoceses, o usurpador Cairbar convoca seus combatentes e convida o melhor dos guerreiros gaélicos, Oscar, o filho de Ossian, para um banquete, onde espera conseguir um pretexto para matá-lo. O festim e a desavença desejada acontecem, Cairbar e Oscar lutam e ambos caem feridos de morte. Ouvindo os sons da luta, Fingal avança com seus guerreiros, o exército dos usurpadores se retira e o rei envia o corpo de seu neto à Escócia para ser enterrado em sua terra natal.

Essa primeira parte da ação é baseada em uma antiga balada gaélica, *Cath Gabhra* [*A batalha de Gabra*], presente na coleção quinhentista do deão de Lismore. O resto do poema de *Temora*, no entanto, se era

baseado em baladas pré-existentes, até hoje elas não foram identificadas pela erudição gaélica. O próprio editor admitira que

quando aquela coleção [*Fingal*] foi impressa, pouco mais do que a abertura do presente poema [*Temora*] chegara a minhas mãos. O segundo livro, em particular, estava muito imperfeito e confuso.<sup>85</sup>

A história do poema, que há muito eu conhecia, me permitiu restaurar os membros partidos da peça na ordem na qual eles agora aparecem. Para a facilidade do leitor, eu o dividi em livros, como fizera antes com o poema de *Fingal*.<sup>86</sup>

Ou seja, segundo o próprio Macpherson, a maior parte do épico é uma reconstrução baseada em alguns fragmentos e “na história do poema”, como a conhecia o editor (preservada, supõe-se, pela tradição).

Um sério problema para a composição de *Temora* era que, em *A batalha de Gabra*, Fingal não participava da ação e, ao final da balada, apresentava-se destruído pela morte de seus entes queridos:

Fionn [nome gaélico de Fingal] não teve alegria ou paz desde aquela hora até a noite de sua morte: depois daquela luta, ele não se sentiria melhor nem se tivesse conquistado o trono do mundo. Desde aquela batalha, eu [Ossian] não fechei meus olhos para dormir: não se passou uma hora, noite ou dia que eu não tenha suspirado os maiores lamentos.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 227, n. 2.

<sup>86</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 215.

<sup>87</sup> *Apud* John MACQUEEN, *Temora and legendary history*, p. 77: “Fionn had no joy or peace from that hour to the night of his death: after that fight he had thought himself none the richer though he had won the kingship of the world. Since that battle, I have not closed my eyes in sleep: there has been no hour, night or day, but I have heaved a sigh full great”.

Além da ausência de seu maior herói, o resultado da balada não condizia com um poema heróico. Assim, o desenrolar de *Temora* parece ter sido uma criação do próprio tradutor para envolver Fingal diretamente nos combates e apresentar sua última batalha, complementando *Fingal* como a *Odisséia* completava a *Ilíada*. Para isso, dois personagens recebem novos papéis, fundamentais: Cathmor, irmão do usurpador Cairbar, será o antagonista do herói escocês, e Fillan, irmão mais novo de Ossian, que, ao morrer pelas mãos de Cathmor, levará finalmente Fingal à batalha e lhe fornecerá um cenário que lhe permitirá ser, mais uma vez, vitorioso e magnânimo:

Filhos de Morven, espalhem o festim; mandem a noite embora com canções. Brilhastes comigo e a escura tempestade passou. Meu povo são as rochas batidas pelo vento, das quais eu abro minhas asas quando me arrojto até o renome e o capturo no campo [de batalha]. — Ossian, tu tens a lança de Fingal. Não é o bastão de um garoto com o qual ele espalha o cardo, jovem caminhante do campo. — Não. É a lança dos poderosos, com a qual eles esticam suas mãos para a morte. Olhe para seus pais, meu filho; eles são tremendos feixes de luz. — Com a manhã, leve Ferad-artho aos salões ecoantes de Temora. Lembre-o dos reis de Erin; as imponentes formas de antigamente. — Não deixe os caídos serem esquecidos, [pois] eles foram poderosos no campo [de batalha]. Deixe Carril derramar sua canção, para que os reis possam regozijar-se em sua névoa. — Amanhã eu abrirei minhas velas para os muros sombreados de Selma, onde o caudaloso Duthula serpenteia pela morada das corças. — <sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 292: “Sons of Morven, spread the feast; send the night away on song. Ye have shone around me, and the dark storm is past. My people are the windy rocks, from which I spread my eagle-wings, when I rush forth to renown, and seize it on its field. — Ossian, thou hast the spear of Fingal: it is not the staff of a boy with which he strews the thistle round, young

Mas, segundo Macpherson, “o que faz *Temora* infinitamente mais valioso do que *Fingal* é a luz que lança sobre a história da época”.<sup>89</sup> Com efeito, o poema relata o conflito entre dois povos, os gaels ou caledônios, representados por Fingal e seus guerreiros, e os firbolgs ou belgas da Grã-Bretanha, representados pelo usurpador Cairbar e seu irmão Cathmor. Segundo o *Lebor Gabála Éirenn* [*Livro das invasões da Irlanda*, século XII], e o posterior *Foras Feasa ar Éirinn* [literalmente, *Fundação do conhecimento na Irlanda*, normalmente traduzido como *História da Irlanda*], de Geoffrey Keating (c. 1570-c. 1650), os gaels e os firbolgs seriam povos que colonizaram a ilha, os firbolgs chegando primeiro e sendo derrotados e submetidos pelos gaels.<sup>90</sup>

A história relatada em *Temora*, no entanto, é bem diferente. Segundo a dissertação que precede o poema, os primeiros habitantes das ilhas britânicas foram celtas emigrados da Gália, dos quais os primeiros receberam o nome de caledônios, do celta *caël-don*, ‘celtas das montanhas’ (ou seja, *highlanders*). Com o passar dos tempos, os caledônios dividiram-se em dois povos, os pictos, agricultores que habitavam o leste do país (donde o nome celta *cruithnich*, ‘comedores

---

wanderer of the field. — No: it is the lance of the mighty, with which they stretched forth their hands to death. Look to thy fathers, my son; they are awful beams. — With morning lead Ferad-artho forth to the echoing halls of Temora. Remind him of the kings of Erin; the stately forms of old. — Let not the fallen be forgot, they were might in the field. Let Carril pour his song, that the kings may rejoice in their mist. — Tomorrow I spread my sails to Selma’s shaded walls; where streamy Duthula winds through the seats of roes. — ”

<sup>89</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 215.

<sup>90</sup> John MACQUEEN, *op. cit.*, p. 69. Os belgas eram um grupo de tribos celtas que viviam no nordeste da Gália e, de lá, passaram às ilhas britânicas, inicialmente como saqueadores. Após a conquista romana, foram absorvidos e desapareceram, não tendo nenhuma relação étnica com os atuais habitantes da Bélgica. Os *firbolgs* são personagem de vários relatos irlandeses, mas sua ligação com os belgas, embora provável, não é comprovada pela erudição e arqueologia modernas.

de cereais'), e os escotos (*Scots*), caçadores nômades que vagavam pelas montanhas ocidentais, de onde *scuite*, 'povo errante' em celta.<sup>91</sup>

Os escotos, por viverem em uma costa cheia de reentrâncias, logo adquiriram grande domínio da navegação e atravessaram o mar, colonizando o norte da Irlanda. Segundo Macpherson,

a vizinhança das duas ilhas [e] a exata equivalência dos antigos habitantes de ambas do ponto de vista de costumes e linguagem são provas suficientes, mesmo se não tivéssemos o testemunho de autores de veracidade indubitável [Diodoro da Sicília é citado], para confirmar [que os escotos colonizaram a Irlanda a partir da Escócia].<sup>92</sup>

As evidências que apontam para a colonização da Irlanda a partir da Escócia aparecem no segundo livro de *Temora*. Nele, Ossian conta a seu irmão, Fillan, a história do primeiro rei da Irlanda:

Conar era o irmão de Trathal [avô de Fingal], primeiro dos homens mortais. Suas batalhas travavam-se em todas as costas. Mil correntes lavavam o sangue de seus inimigos. Sua fama enchia a verde Erin, como uma brisa amena. As nações se reuniram em Ullin [Ulster] e abençoaram o rei, o rei da raça de seus pais, da terra das corças [a Escócia].<sup>93</sup>

Conar e Trathal, segundo a genealogia de *Temora*, eram filhos de Trenmor, "o mais renomado nome da antigüidade", que "foi o primeiro a unir as tribos caledônias e comandá-las como chefe contra

---

<sup>91</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 207s.

<sup>92</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 209.

<sup>93</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 238: "Conar was the brother of Trathal, first of mortal men. His battles were on every coast. A thousand streams rolled down the blood of his foes. His fame filled green Erin, like a pleasant gale. The nations gathered in Ullin, and they blessed the king; the king of the race of their fathers, from the land of hinds".

as incursões romanas”.<sup>94</sup> A linhagem real da Irlanda, portanto, descendia dos reis da costa ocidental da Escócia (Morven).

Depois de delinear sua ascendência, a história de Conar continua:

Os chefes do sul [i.e., das tribos dos firbolgs] se reuniram na escuridão de seu orgulho. Na terrível caverna de Moma, conjuraram suas palavras secretas [...]. — Porque deveria Conar reinar, o filho das correntes de Morven?

Eles avançaram, como as torrentes do ermo, com o rugido de suas cem tribos. Conar era uma rocha diante deles: quebrados, rolavam por seus lados. Mas retornavam sempre e os filhos de Ullin caíram. O rei permaneceu entre os túmulos de seus guerreiros e curvou sombriamente sua triste face. Sua alma estava recolhida; [e] ele marcou o lugar onde iria cair, quando Trathal veio em força, o chefe da nublada Morven.<sup>95</sup>

A ação delineada em *Temora*, portanto, é uma recorrência de uma antiga guerra, quando os firbolgs, que dominavam o sul da Irlanda, se levantaram contra os gaels, senhores do norte da ilha e do título de grande rei da Irlanda. Em ambas as situações, os firbolgs eram “a nação mais poderosa” e os gaels teriam se submetido a eles, se não

---

<sup>94</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 238, n. 15.

<sup>95</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 238: “The chiefs of the south were gathered, in the darkness of their pride. In the horrid cave of Moma, they mixed their secret words [...]. — Why should Conar reign, the son of streamy Morven? [§] They came forth, like the streams of the desert, with the roar of their hundred tribes. Conar was a rock before them: broken they rolled on every side. But often they returned, and the sons of Ullin fell. The king stood, among the tombs of his warriors, and darkly bent his mournful face. His soul was rolled into itself; he marked the place, where he was to fall; when Trathal came, in his strength, the chief of cloudy Morven”.

Moma é uma variante de Muma, antigo nome do Munster, o mais austral dos condados irlandeses (n. 18).

fosse a providencial “ajuda de sua terra natal”, primeiro sob a forma de Trathal e, posteriormente, sob a de seu neto, Fingal.<sup>96</sup>

Pela genealogia de Macpherson, o fundador dos gaels, o primeiro a ter atravessado o mar para as ilhas britânicas, foi Conmor das espadas (Cuanmór nan lan), mas apenas a partir de Trenmor os registros passaram a ser confiáveis. O poderoso gael teve dois filhos, Trathal, rei de Morven na Escócia, e Conar, rei da Irlanda. O filho e sucessor de Trathal foi Colgar, pai de Fingal e avô de Ossian. Depois de Conar, reinaram na Irlanda seu filho Cormac (I), seu neto, Cairbar (I) e seu bisneto, Artho. Este, por sua vez, teve dois filhos: Cormac (II) e Ferad-artho. O primeiro, ainda criança, sucedeu seu pai - é durante seu reino que se passa a ação de *Fingal* -, mas, após a morte de seu protetor, Cuchullin, foi assassinado e seu trono ocupado pelo firbolg Cairbar (II). É aí que se inicia a história de *Temora*. Ao final do poema, com a derrota dos firbolgs nas mãos de Fingal, os gaels são restabelecidos no trono irlandês com Ferad-artho.

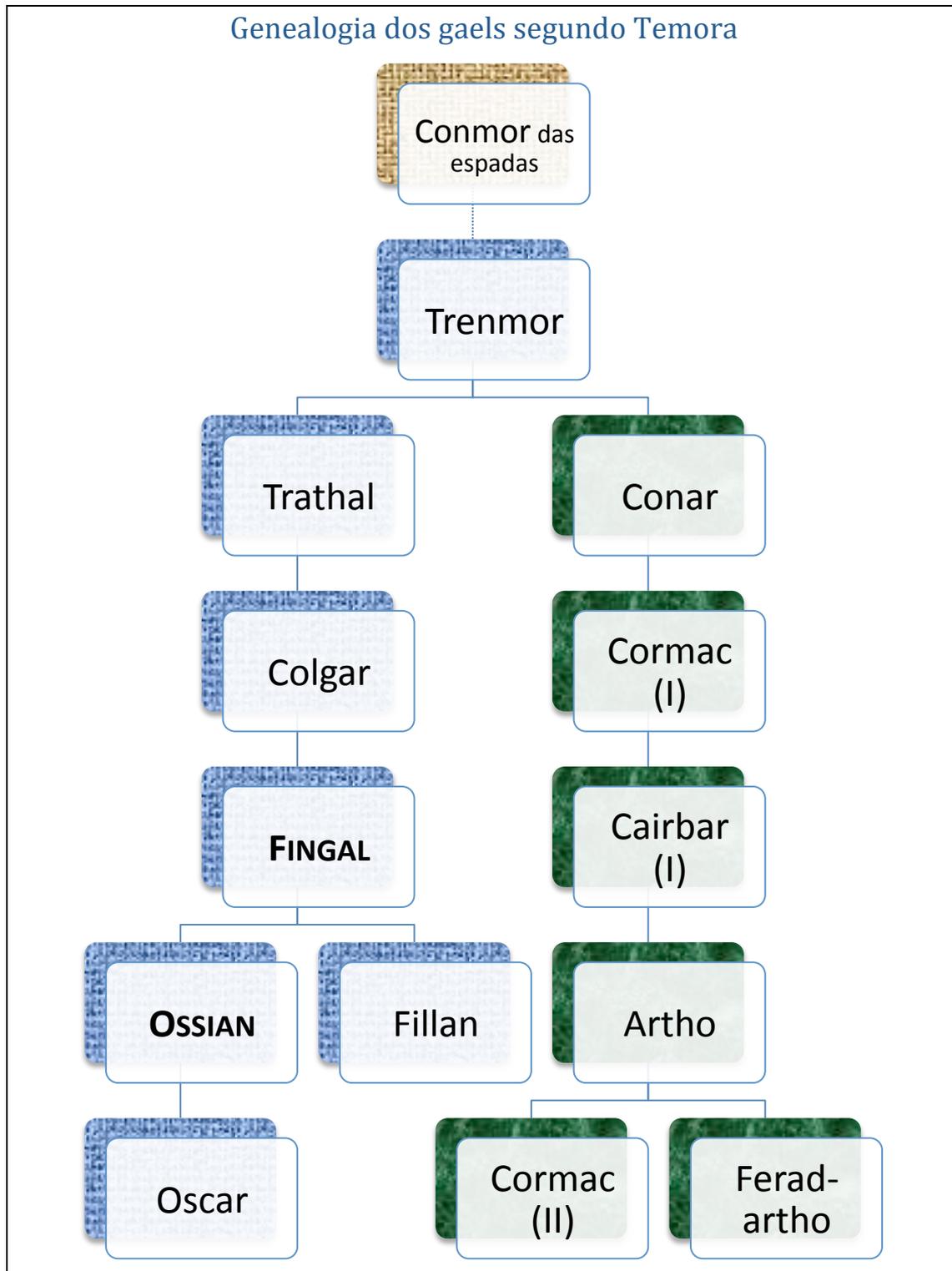
A história delineada no poema ossiânico não corresponde muito bem àquela encontrada nas baladas gaélicas e nas crônicas irlandesas. Os nomes de Trathal e Colgar, por exemplo, não aparecem em nenhuma fonte tradicional e Finn (nome gaélico de Fingal) é filho de Cumall e neto de Trenmor. Além disso, na linhagem real irlandesa, há apenas um Cormac (mac Airt) e um Cairbar (Cairpre Lifechair), ambos descendentes - neto e bisneto - e sucessores do grande Conn das cem batalhas.

Outra discrepância significativa: *A batalha de Gabra* conta a história da *destruição* dos fiannas nas mãos de Cairpre Lifechair, o *legítimo* rei da Irlanda, morto por Oscar em combate pessoal. Mais ainda, o rei é lembrado de que seu antepassado, Artt mac Cuinn (Artho), “caiu pela deslealdade dos fiannas”, o que implica que a família de Fingal já havia sido responsável pela morte de outros reis da Irlanda. Para evitar essa

---

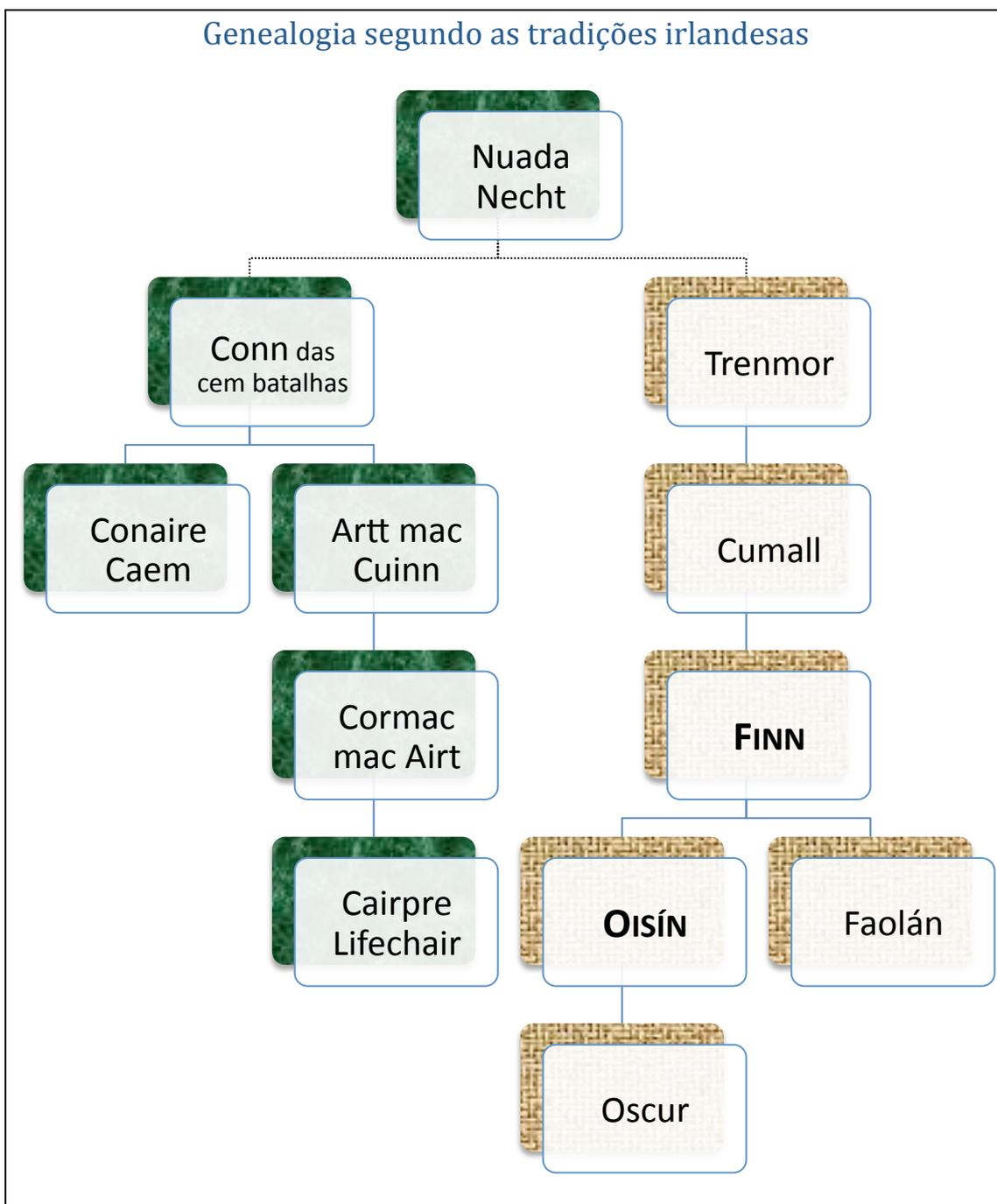
<sup>96</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 238, n. 17.

ignomínia, Macpherson modificou as tradições, fazendo do oponente de Oscar um membro de outra tribo que havia assassinado o legítimo rei e usurpado seu trono.<sup>97</sup>



<sup>97</sup> Ver John MACQUEEN, *op. cit.*, pp. 70s.

## Genealogia segundo as tradições irlandesas



Mas a maior desarmonia entre Ossian e suas possíveis fontes gaélicas é a presença, em *Fingal*, de Cuchullin, que, segundo as tradições irlandesas, vivera dois séculos antes de Finn. Porque, então, aparece nos épicos ossiânicos como coevo ao rei de Morven? Provavelmente, trata-se da necessidade de marcar a Escócia como lar dos gaels, pois, embora o Conar de *Temora* ocupe nas genealogias um lugar similar ao de Conaire Caem (Conar, o belo), o centésimo rei da Irlanda em Tara, Macpherson deseja identificá-lo com um nome muito mais ilustre:

Conaire Mór, 86° rei, cujos feitos formam o cerne da balada *Togail Bruidne Da Derga* [A destruição da estalagem de Da Derga]. Como, tradicionalmente, as façanhas de Cuchullin ocorreram pouco depois da morte do ‘grande’ Conar em Da Derga, incluí-lo em *Fingal* era uma boa maneira de reorganizar as genealogias. Além disso, nas listas reais escocesas, também aparecia um Conaire Mór (15° rei a partir de Fergus I), o que permitia ao *highlander*, mais uma vez, mesclar as casas reais irlandesas e escocesas:

É altamente provável, embora os cronistas irlandeses não concordem com Ossian em outras [questões] particulares, que o Conar aqui mencionado seja o mesmo que seu *Conar-mór*, i.e., *Conar, o grande*, que eles [os cronistas] localizam no século primeiro.<sup>98</sup>

De qualquer modo, a questão histórica central em *Temora* é localizar a origem dos gaels na Escócia e reafirmar a senioridade dos escoceses em relação a seus vizinhos irlandeses. No esquema ossiânico, Fingal não é mais um chefe militar - uma espécie de Robin Hood irlandês -, como aparece nas baladas gaélicas, mas o rei da costa ocidental da Escócia, descendente sênior dos primeiros guerreiros gaels que conquistaram a Escócia, de onde partiram para colonizar a Irlanda:

Dos assuntos da Escócia, é certo, nada pode ser dito com certeza antes do reinado de Fergus, filho de Erc, que viveu no século quinto. A verdadeira história da Irlanda começa um pouco depois desse período. Sir James Ware [1594-1666], que era infatigável em suas pesquisas sobre as antigüidades de seu país, rejeita como mera ficção e romance sem propósito tudo o que está relatado sobre os antigos irlandeses antes do tempo de são Patrício [† 493] e do reino de Leogaire [Laoghaire mac Niall Noigíallach, † 480].<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 237, n. 13 (grifo do autor). Ver John MACQUEEN, *op. cit.*, pp. 74-76.

<sup>99</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 210.

## b. Antiquários e historiadores

Não é preciso muito para ressaltar as diferenças entre o uso histórico que Macpherson fez de ‘seus’ poemas ossiânicos daqueles empreendidos pelos expoentes da ‘história natural’. Enquanto Millar, Ferguson e Kames, por exemplo, aproveitaram passagens de *Fingal* e *Temora* como *exemplos* de seus esquemas conjecturais, Macpherson fazia das obras de Ossian o testemunho factual do passado escocês.

Os ‘especialistas do antigo’, dedicados a esse tipo de reconstrução factual, eram chamados de ‘antiquários’. Sua origem remonta ao século XVI, quando surgiu na Europa um novo tipo de interesse pelo passado e colecionadores das mais diversas origens começaram a preservar pedaços do mundo antigo:

Nos últimos dias do papa Eugênio IV [r. 1431-1447], dois de seus súditos, o erudito Poggio e um amigo, subiram a colina do Capitólio, se instalaram entre as ruínas de colunas e templos e, daquele local alto, observaram o largo e variado aspecto da desolação [...]: “A colina do Capitólio, onde agora nos sentamos, foi originalmente a sede do império romano, a cidadela da terra, o terror dos reis; renomada pelos passos de tantos triunfos, enriquecida pelos despojos e tributos de tantas nações. Esse espetáculo do mundo, como está caído! Quão mudado! Quão destruído! O caminho da vitória está destruído por vinhas e os bancos dos senadores escondidos por um monte de estrume. [...]” Essas relíquias foram minuciosamente descritas por Poggio.<sup>100</sup>

Os antiquários surgiram dessa paixão pela Antigüidade clássica que ressurgiu na Europa durante o Renascimento e se tornou a espinha

---

<sup>100</sup> Edward GIBBON, *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, vol. VIII, cap. 71, pp. 331-332.

dorsal da educação e da cultura européias: “foi o humanismo que o criou, o alimentou e, também, [...] paradoxalmente, o limitou”.<sup>101</sup> Colecionadores ávidos de tudo o que podia se relacionar com a Antigüidade, os antiquários se debruçaram de modo igualmente ávido sobre as inscrições, moedas e estátuas que lhes caíram nas mãos. Foi o estudo comparado dessas diferentes fontes não-literárias, somado a uma boa dose de ceticismo herdado, em grande parte, de Sexto Empírico, publicado em latim por Henricus Stephanus (Henry Estienne) em 1562, que transformou esses colecionadores diletantes em críticos da história e colaborou para a criação da noção moderna de ‘fato histórico’.<sup>102</sup>

É importante observar que os antiquários não eram historiadores. No século XVI, a história constituía aquilo que hoje chamaríamos de um ‘gênero literário’. Era uma narrativa ornamentada, repleta de exemplos morais, cronologicamente ordenada, que procurava explicar ou ilustrar uma determinada questão. Seus mestres eram os antigos, Tácito e Tito Lívio, principalmente - e quem poderia ultrapassá-los? Embora tenha se tornado uma tradição recente desmerecê-los por não serem críticos de suas fontes ou por ‘não buscarem a verdade’, os grandes mestres da história quinhentista, como os escoceses Hector Boece (1465-1536) e George Buchanan (1506-1582), por exemplo, não pretendiam mais que contar uma bela história moral.<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> Joseph M. LEVINE, *Humanism and history*, p. 73.

<sup>102</sup> Ver Arnaldo MOMIGLIANO, *As raízes clássicas da historiografia moderna*, pp. 89s; François Furet, *A oficina da história*, pp. 109ss.

<sup>103</sup> Ver, por exemplo, William FERGUSON, *The identity of the Scottish nation*, p. 89: “sua [de Buchanan] pior falha como historiador era que, como Hector Boece, sua principal preocupação era com a forma literária, ao invés de com a pesquisa extensiva, como a pesquisa é normalmente entendida hoje”. Esse argumento é ridículo, pois se resume a ‘a pior falha de Buchanan e Boece é serem historiadores do século XVI’.

Os antiquários, ao contrário, escreviam de uma maneira sistemática, arrolando exaustivamente todos os itens relacionados a um determinado assunto e citando copiosamente suas fontes.<sup>104</sup> Não pretendiam recontar as histórias antigas, mas apenas preservar o que pudessem do passado antes que o tempo o destruísse. Como escreveu o erudito Tillemont (1637-1698), o método antiquário é “como apresentar peças de um processo; [...]. É mais a matéria da história do que a própria história”.<sup>105</sup>

Foi o estudo comparado dos diferentes materiais disponíveis aos antiquários, enquanto os historiadores trabalhavam apenas com as fontes literárias tradicionais, que fez a força de sua crítica dos ‘fatos’ históricos. Com base em inscrições numismáticas, tumulares e monumentais, o italiano Lorenzo Valla (1406-1457) recenseou os múltiplos barbarismos, anacronismos e erros lingüísticos da ‘Doação de Constantino’, documento no qual se baseava a autoridade secular do papa. Valla concluiu, então, que não se tratava de um documento da época do primeiro imperador cristão, mas de uma falsificação posterior. *De falso credita et ementita Constantini donatione declamatio* (publicada em 1517, sessenta anos após a morte de seu autor) é uma

---

<sup>104</sup> Ver Arnaldo MOMIGLIANO, *Studies in historiography*, p. 3. Uma das principais regras da história nessa época era justamente excluir qualquer referência às fontes. Étienne Pasquier, autor de *Recherches de la France* (1560), ao fazer circular entre seus amigos o manuscrito de sua obra foi muito criticado por indicar as fontes que citava: “seria verdadeiramente necessário que confirmasse, de cada vez, ‘o seu dizer por meio de algum autor antigo’? Se se tratava de dar autoridade e credibilidade à sua obra, o tempo encarregar-se-ia disso por si só; afinal de contas, as obras dos antigos não se embaraçavam com citações e todavia a sua autoridade afirmara-se com o tempo” (Paul VEYNE, *Acreditaram os gregos em seus mitos?*, p. 19). Dois séculos depois, Voltaire ainda exclamava: “para o inferno os detalhes! A posteridade os despreza; eles são uma espécie de verme que destrói grandes obras”. O *philosophe* tratava suas fontes com uma falta de deferência deliberada e desprezava a “estéril ciência dos fatos e das datas” (*apud* Anthony GRAFTON, *As origens trágicas da erudição*, p. 86).

<sup>105</sup> *Apud* François FURET, *A oficina da história*, p. 112. Nessa distinção, Tillemont está repetindo a observação de Cícero sobre os comentários de César.

obra fundamental para marcar a mudança na noção de verdade que a tradição erudita dos antiquários ajudou a realizar. Mas, deve-se observar, Valla não ‘revelou’ uma ‘essência’ enganosa no documento papal. Ao contrário, a ‘doação imperial’ era um documento perfeitamente verdadeiro na Idade Média. Foi a *mudança nos critérios de verdade* que a *transformou* em uma falsificação.

Da Antigüidade clássica, o interesse antiquário ampliou-se e alcançou as origens dos povos e nações. No contexto dessa valorização ‘nacionalista’, surgiu outro importante marco na história da erudição antiquária: a obra do beneditino Jean Mabillon (1632-1707), *De re diplomatica*. Confrontado com a acusação de que os documentos merovíngios depositados na abadia de Saint-Dennis não eram autênticos, Mabillon se dedicou a demarcar regras e procedimentos que permitissem aos eruditos distinguir, autenticar e classificar as cartas, títulos, moedas e demais materiais antigos à sua disposição. O método de Mabillon, a ‘diplomática’, colaborou para inscrever a história como uma ‘disciplina do conhecimento’, afastando-a da literatura. Trezentos anos depois, Marc Bloch, o fundador da revista dos *Annales*, escreveu:

Nesse ano - 1681, ano da publicação do *De re diplomatica*, uma grande data, na verdade, na história do espírito humano - a crítica de documentos foi definitivamente fundada.<sup>106</sup>

Na Grã Bretanha, a história da crítica antiquária tem, pelo menos, dois monumentos importantes. O primeiro é *Dissertation upon the epistles of Phalaris* [*Dissertação sobre as epístolas de Faláris*, 1699], do teólogo inglês Richard Bentley (1662-1742). Faláris foi um tirano de Agrigento, na Sicília, no século VI a.C. ao qual se atribuíam diversas cartas sobre artes e filosofia. Bentley, por sua vez, foi um erudito excepcional, ao qual se credita, entre outros sucessos, a descoberta da

---

<sup>106</sup> Marc BLOCH, *Apologia da história*, p. 90.

letra grega arcaica *digama*. Os métodos críticos utilizados por ele em sua dissertação, um dos primeiros textos de erudição clássica escrito em uma língua moderna, se tornaram padrão na análise crítica dos textos da Antigüidade.<sup>107</sup>

O outro marco é *A critical essay on the ancient inhabitants of the northern parts of Britain or Scotland* [Um ensaio crítico sobre os antigos habitantes da parte norte da Grã Bretanha ou Escócia, 1729], do escocês Thomas Innes.

Innes nasceu em Drumgask, Aberdeenshire, na fronteira das Terras Altas. Foi educado principalmente em Paris, onde se ordenou em 1691. Passou a ensinar no Scots College da capital francesa, onde permaneceu praticamente a vida inteira, chegando a vice-diretor. A maior parte de seus estudos, portanto, foi conduzida no continente, onde ele teve acesso às últimas novidades na metodologia antiquária e a bibliotecas e arquivos bem fornidos e bem cuidados. Mas o clérigo também visitou sua terra natal a fim de coletar material, tanto para seu *Critical essay*, quanto para uma projetada obra sobre a história eclesiástica da Escócia antiga (que seria publicada apenas em 1853).

Para nossa discussão, a importância de Innes se dá em sua demolição da ‘antiga constituição escocesa’. “Eu tenho”, escreveu ele, “me empenhado em esclarecer o estado antigo de nosso país, em separar o que parece fabuloso e sem base do que parece mais certo”.<sup>108</sup> O que lhe parecia “fabuloso e sem base” era precisamente a pedra angular da ‘antiga constituição’ de Boece e Buchanan: o estabelecimento da monarquia na Escócia mais de trezentos anos antes de Cristo, sob Fergus I mac Ferquhard.

---

<sup>107</sup> A polêmica gerada pela discussão a respeito das epístolas de Faláris foi um dos episódios satirizados por Jonathan Swift em sua magnífica *The battle of the books* (1704), que deu nome à *Querelle des anciens et des modernes* nas ilhas britânicas.

<sup>108</sup> Thomas INNES, *A critical essay*, prefácio, p. 19. Sobre a antiga constituição escocesa, ver *supra*, pp. 82ss.

Certamente Innes não foi o primeiro erudito a denunciar o disparate dessa história, mas foi o primeiro escocês a fazê-lo abertamente. Some-se a isso o uso do método ‘diplomático’ de Mabillon, então uma novidade recente, e sua hábil denúncia dos motivos políticos subjacentes à historiografia quinhentista e será fácil perceber porque o *Essay* alcançou tamanha importância e causou tanta polêmica. Com efeito, a análise do sacerdote escocês “facilitou o ceticismo sobre toda a história antiga da Escócia e fez a reivindicação de uma história e cultura separadas [para a Escócia] parecer duvidosa a muitos”.<sup>109</sup>

Dentre as fontes coletadas na Escócia, Innes percebeu que as genealogias reais produzidas até o século XII apontavam Fergus como primeiro rei da Escócia em Albany. Mas tratava-se de Fergus, filho de Erc, que vivera no século V. Algumas das listas consultadas por Innes estendiam-se pelo passado, organizando a genealogia da casa real por séculos. Dentre os nomes mais antigos, apareciam Fergus mac Ferquhard e várias outras personagens que seriam incorporadas nas listas de reis de Boece e Buchanan. Mas as antigas nominatas eram unânimes em apontar Fergus mac Erc como primeiro rei.<sup>110</sup> Ele concluiu, portanto, que a história da origem da monarquia em Fergus mac Ferquhard tinha sido desenvolvida no contexto da onda de patriotismo causada pelas guerras de independência contra a Inglaterra.<sup>111</sup>

Com efeito, a delegação enviada ao papa Clemente V para defender a independência da Escócia diante das reivindicações de Eduardo I usou como argumento a antigüidade do reino, embora nenhum nome ou data tenha sido apontado como origem da monarquia escocesa. A

---

<sup>109</sup> John MACQUEEN, *Progress and poetry*, p. 51.

<sup>110</sup> Ver Thomas INNES, *op. cit.*, apêndice, *passim*; esp. p. 410; IV, p. 418; V, p. 421; VI, p. 428; VII, p. 433. Também Colin KIDD, *Subverting Scotland's past*, p. 102.

<sup>111</sup> Ver *supra*, pp. 87ss.

mesma reivindicação aparece na Declaração de Arbroath, em 1320, mas novamente sem nenhuma especificação nominal ou temporal.

Apenas na segunda metade do século XIV, na crônica de John de Fordun († c. 1384), os elementos dispersos da identidade escocesa foram agregados em uma narrativa coesa.<sup>112</sup> O cronista conhecia muito bem as reivindicações de antigüidade da monarquia. Conhecia, igualmente, a crença popular de que a monarquia se iniciara com o rei Fergus, pois as linhagens reais eram tradicionalmente recitadas pelos bardos na coroação dos monarcas. Segundo Innes, ao examinar as antigas genealogias, Fordun encontrou o nome de Fergus mac Ferquhard e, desejando fundamentar a reivindicação de antigüidade da monarquia, simplesmente apontou-o como primeiro rei dos gaels na Escócia. Para harmonizar sua história com as nominatas tradicionais, Fordun estabeleceu um interregno, durante o qual os escotos teriam sido provisoriamente expulsos pelos romanos, seguido da ‘restauração’ da monarquia sob Fergus mac Erc.

Uma questão que poderia contradizer as conclusões de Innes sobre o fundamento político da historicidade de Fergus mac Ferquhard era a afirmação de Boece de que sua narrativa da vida de ‘Fergus I’ e dos quarenta monarcas que reinaram entre ele e ‘Fergus II’ fora baseada na crônica de Veremundo, arqui-diácono de St. Andrews no século XI e, portanto, de que as evidências do reinado de Fergus I eram anteriores às guerras de independência e à crônica de Fordun.

O erudito, no entanto, observou que a grafia dos nomes nas listas mudava consistentemente. Provavelmente se tratava de erros dos escribas, monges das Terras Baixas que sabiam muito latim, mas pouquíssimo ou nenhum gaélico. Assim, Innes mostrou que o nome gaélico ‘Forco’ era grafado ‘Forgo’ nos manuscritos dos séculos XII e XIII, ‘Fergus’ nas crônicas do século XV e, finalmente, latinizava-se como ‘Fergusius’ na obra de Boece. Do mesmo modo, o gaélico ‘Erc’

---

<sup>112</sup> Ver Colin KIDD, *op. cit.*, p. 18; William FERGUSON, *op. cit.*, p. 43.

fora copiado como ‘Eirc’ ou ‘Erch’ nos séculos XII e XIII, ‘Erth’ nos séculos XV e XVI e grafado como ‘Erthus’ por Bøece. O padrão era semelhante para os demais nomes. Portanto, como o humanista usava as grafias mais recentes, sua fonte não era do século XI, mas muito posterior.<sup>113</sup>

Além da análise nominal, Innes realizou igualmente uma análise genealógica da questão e descobriu que Bøece havia alterado as nominatas: ele apontava vinte e duas gerações de reis entre os dois Fergus, enquanto as listas reais apresentavam trinta e três gerações. Innes argumenta que Bøece deve ter achado que trinta e três gerações em setecentos e trinta anos era demais e, portanto, emendara as listas, transformando nomes que apareciam separados por ‘mac’ ou ‘*fili*’ em irmãos. Havia ainda outra incoerência. Fordun escrevera que 45 reis reinaram antes de Fergus mac Erc, enquanto na *Declaração de Arbroath*, mais antiga, havia cinquenta e seis reis. Em Bøece e Buchanan, o número caía para 40. Aliás, segundo Innes, a história dos primórdios da Escócia como escrita por Buchanan era “um mero resumo daquela de Bøece, da qual Buchanan teve apenas que omitir as histórias fabulosas para dar-lhe [...] mais crédito”.<sup>114</sup>

Para corroborar ainda mais a idéia de que o reinado de Fergus mac Ferquhard era apenas uma fabulação iniciada no século XIV, Innes mostrou que era possível encontrar outros autores, contemporâneos de Fordun, o alegado ‘inventor’ da história escocesa, que ignoravam a existência desse rei. Com efeito, a *Orygynale cronymkil of Scotland* [*Crônica original da Escócia*], em versos, de Andrew Wyntoun (c. 1350 - 1420), apontava Fergus mac Erc como o primeiro rei da Escócia. Wyntoun também acreditava na antigüidade da monarquia escocesa, mas sua explicação era diferente: as doze gerações que, segundo as listas reais, separavam Fergus mac Erc de Kenneth mac Alpin,

---

<sup>113</sup> Ver Thomas INNES, *op. cit.*, livro II, cap. III, artigo II, seção IV, tabela I.

<sup>114</sup> Thomas INNES, *op. cit.*, livro II, cap. III, artigo V, seção IV, p. 209.

unificador dos reinos dos escotos e dos pictos, transformaram-se em doze séculos em sua crônica. Com isso, os escotos, de origem gaélica, seriam o primeiro povo a habitar Alba, em prejuízo dos pictos.

A confirmação de que os deserdados pictos foram, de fato, os habitantes ‘originais’ da Escócia, foi outra importante contribuição e a principal fraqueza do ensaio de Innes. Segundo ele, o primeiro registro do nome ‘picto’ (possivelmente derivado do latim *picti*, ‘pintados’) foi feito em 297 d.C., pelo orador Eumênio. Até então, os pictos eram chamados de ‘caledônios’, nome usado pelos romanos para identificar as tribos que ocupavam a parte norte da Grã-Bretanha. Tácito diz que os caledônios eram germânicos, mas Innes, corretamente, discorda:

Não precisamos ir longe para encontrar a origem dos caledônios ou de sua língua, tendo já mostrado que é muito mais natural, e melhor suportado pela autoridade, pensar que os caledônios eram parte dos bretões do sul e que ambos tinham sua origem nas costas da Gália e, em consequência, a língua dos caledônios deve ter sido originalmente a mesma dos bretões do sul.<sup>115</sup>

No entanto, ao mesmo tempo em que reabilita os pictos, Innes tenta ir além. Para ele, “não temos necessidade de recorrer aos escotos, que vieram da Irlanda, para manter quer a antigüidade da linhagem de nossos reis além de qualquer monarquia hoje existente, quer o antigo

---

<sup>115</sup> Thomas INNES, *op. cit.*, livro I, cap. III, artigo IV, p. 58. Nesse ponto, e apenas nesse ponto, Innes concorda com George Buchanan. Em um brilhante trabalho de erudição, o humanista buscara nas obras clássicas menções de povos que pintassem seus corpos e, com isso, encontrara a origem dos pictos nos *cotini* citados por Tácito: eram, originalmente, uma tribo gaulesa (i.e. celta) da Europa central. Até hoje, essa é a tese mais aceita para a origem desse povo desaparecido. Baseando-se em outras fontes antigas, Buchanan usou a forma latina *gothuni* para denominá-los, o que fez alguns comentadores, que confundiram *gothuni* com *gothones* (a palavra latina usual para identificar os godos), acusarem-no de tentar germanizar os pictos. (ver William FERGUSON, *op. cit.*, p. 91).

estabelecimento de habitantes na Grã Bretanha”.<sup>116</sup> Depois de expor com habilidade as raízes fabulosas da antigüidade gaélica, o antiquário tentou nos impingir outra antigüidade, tão fabulosa quanto. Mesmo a origem da família real dos Stuart, segundo ele, estava nos pictos.

### e. Macpherson historiador

A erudição do influente *Essay* de Innes foi extraordinariamente destrutiva para a auto-estima escocesa. Diversos escoceses se arregimentaram contra o erudito católico e escreveram obras que visavam recuperar a reivindicação escocesa de uma história própria. Deve-se observar, no entanto, que o sacerdote era tão defensor da antigüidade escocesa e tão crítico da redução de seu país ao *status* de ‘colônia cultural’ da Irlanda quanto qualquer outro bom patriota escocês, mas, ao mesmo tempo em que sua obra foi assaz bem sucedida em destruir as reivindicações de antigüidade da monarquia gaélica, ela foi um fracasso na tentativa de substituir a auto-imagem da Escócia gaélica por uma identidade derivada dos pictos.

Evidentemente, Macpherson não poderia concordar com uma análise que não apenas situava a origem dos gaels na Irlanda, mas também localizava as origens da própria Escócia nos pictos. Desde o início, portanto, o nosso *highlander* alistou-se nas hostes que se reuniram contra Innes:

Esse regicida furioso empenhou-se em fazer as pazes com seus compatriotas dando-lhes quarenta grandes monarcas pictos para [substituir] a longa lista de pequenos príncipes de Jarghael [Argyll, i.e., Dalriada], da qual ele os privou.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Thomas INNES, *op. cit.*, livro I, cap. III, artigo IX, p. 105.

<sup>117</sup> James Macpherson, prefácio a: John Macpherson de Sleat, *Critical dissertations on the origin, antiquities, languages, government, manners, and religion of the ancient Caledonians, their posterity, the Picts, and the British and Irish Scots*; apud William FERGUSON, *op. cit.*, p. 212.

De uma maneira geral, mesmo os proponentes de uma ‘exclusividade gaélica’ para a Escócia reconheciam a excelência da análise de Innes e não houve nenhuma tentativa séria de contestá-lo em seu próprio campo, o exame de antigos documentos pela erudição diplomática. Com isso, a discussão acabou deslocada para o terreno da lingüística.

Nesse âmbito, as principais influências sobre as idéias históricas do nosso *highlander* foram as obras do reverendo David Malcolme e do poeta e erudito Jerome Stone.

Malcolme, baseando-se na obra dos lingüistas Paul Pezron e Edward Lhuyd, foi um dos primeiros a utilizar a linguagem como argumento contra Innes. No entanto, a história antiga de Malcolme diferia da de Macpherson, pois ele aceitava a historicidade da antiga linhagem de Fergus mac Ferquhard, rejeitada na dissertação que antecedia *Temora*:

Dos assuntos da Escócia, é certo, nada pode ser dito com certeza antes do reinado de Fergus, filho de Erc, que viveu no século quinto. [...] A respeito do período de mais de um século que se passa entre Fingal e o reino de Fergus, filho de Erc ou Arcath, a tradição é obscura e contraditória. Alguns traçam a família de Fergus até um filho de Fingal do mesmo nome [...]. Esse Fergus, dizem algumas tradições, foi pai de Congal, cujo filho era Arcath, o pai de Fergus, propriamente chamado de primeiro rei dos *Scots*.<sup>118</sup>

Stone, que também acreditava na veracidade dos antigos reis escoceses, desenvolveu os argumentos lingüísticos de Malcolme, alegando que a simplicidade da língua gaélica e a qualidade onomatopaica de suas palavras - o que indicava a proximidade do gaélico com o ‘som natural’ - explicavam a habilidade dos analfabetos *highlanders* para produzir música e poesia de grande qualidade. Stone

---

<sup>118</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 210-211.

reafirmava ainda o amor pela liberdade dos *highlanders*, única razão da preservação da língua gaélica de uma forma pura.<sup>119</sup>

A principal obra histórica de Macpherson a respeito dos celtas é sua *Introduction to the history of Great Britain and Ireland* (1771). Nela, o editor de Ossian mescla habilidosamente a metodologia da história ‘conjectural’ com aquela da erudição antiquária, encaixando os ‘fatos’ obtidos pela erudição em um quadro geral do estado antigo da sociedade humana típico das ‘histórias naturais’ escocesas.

A preocupação inicial era ressaltar a obscuridade dos princípios das nações britânicas:

As nações do norte, cujo caráter é em muitos respeitos singular, eram notáveis por sua aversão ao estudo das letras. [...] Eles não consideraram que esse preconceito era um inimigo fatal da fama que buscavam com tanto empenho no campo [de batalha]. Façanhas dignas de serem lembradas eram realizadas em vão, quando o único meio certo de transmiti-las à posteridade era desencorajado e desprezado.<sup>120</sup>

Assim, sem a possibilidade do recurso à historiografia, o método utilizado para “dissipar as sombras que cobrem as antiguidades das nações britânicas” foi a comparação dos dados empíricos da “história preservada em Ossian” com as antigüidades escocesas e irlandesas,

---

<sup>119</sup> Paul Pezron, *Antiquité de la nation et de la langue des celtes* (1703); Edward Lhuyd, *Archaeologia Britannica: an account of the languages, histories and customs of Great Britain* (1707); David Malcolme, *An essay on the antiquities of Great Britain and Ireland* (1738), reeditada como *Letters, essays and other tracts illustrating the antiquities of Great Britain and Ireland* (1744). Ver Colin KIDD, *op. cit.*, pp. 224-226; William FERGUSON, *op. cit.*, cap. 10, *passim*.

<sup>120</sup> *An introduction to the history of Great Britain and Ireland*, pp. 1-2.

“examinando ambos pelo teste dos autores romanos”.<sup>121</sup> A partir daí, Macpherson rejeitou igualmente as obras de importantes antiquários irlandeses e as dos historiadores tradicionais da Escócia, pois “os defeitos dos autores estrangeiros, com respeito aos antigos habitantes do norte da Grã-Bretanha, não eram minorados por nenhum monumento autêntico próprio”.<sup>122</sup>

Nenhum escritor começou seus relatos de um período mais antigo do que os historiadores da nação escocesa. Sem registros, e mesmo sem a própria tradição, eles dão uma longa lista de reis antigos e detalham seus reinos com exatidão escrupulosa. Poder-se-ia naturalmente supor que, não tendo anais autênticos, eles poderiam, ao menos, recorrer às tradições de seu país e esmiuçá-las em um sistema regular de história. Nenhum dos dois recursos eles parecem ter usado. Nascidos nas terras baixas, e estranhos à antiga língua da nação, se contentaram em copiar uns dos outros e retomar as mesmas ficções em novas cores e roupagens.<sup>123</sup>

John de Fordun foi apontado como o iniciador dessa tradição fraudulenta: “destituído dos anais da Escócia, ele recorreu à Irlanda, que, de acordo com os erros vulgares da época, era vista como o lar original dos escotos”, mas seus sucessores não fizeram mais do que seguir seus erros. Mesmo o grande George Buchanan, apesar de elogiado pela elegância e vigor de seu estilo, também era rejeitado:

Cego por preconceitos políticos, parecia mais ansioso em usar as ficções de seus predecessores para seus próprios propósitos do que em detectar suas

---

<sup>121</sup> *An introduction to the history of Great Britain and Ireland*, p. 5; *The poems of Ossian and related works*, p. 211.

<sup>122</sup> *An introduction to the history of Great Britain and Ireland*, p. 43.

<sup>123</sup> *The poems of Ossian and related works*, p. 206.

deturpações ou em investigar a verdade entre as trevas que foram lançadas ao redor delas.<sup>124</sup>

Uma importante fonte apontada por Macpherson no prefácio a sua *Introduction* era a obra do reverendo Dr. John Macpherson de Sleat (na ilha de Skye), *Critical dissertations on the origin, antiquities, languages, government, manners and religion of the ancient Caledonians, their posterity, the Picts, and the British and Irish Scots* (1768). Ambos se conheciam desde a primeira viagem do jovem James às *Highlands* a fim de coletar poemas para o que se tornaria *Fingal*. O reverendo recebeu o colecionador em sua casa, dando-lhe inúmeros papéis relativos aos celtas e regalando-o com histórias a respeito do último descendente da família de bardos MacMhuirich, que viajara pelas ilhas trinta anos antes, recitando poemas heróicos a partir de um velho manuscrito.<sup>125</sup>

As duas obras, com efeito, apresentavam conclusões bastante semelhantes e é possível que a publicação póstuma do reverendo de Sleat tenha sido ‘embelezada’ pela pena do tradutor de Ossian.<sup>126</sup> Ambas defendiam uma ‘progressão’ da liberdade nas ilhas britânicas - a chamada interpretação *Whig* da história -, mas afirmavam que sua origem era celta, e não gótica. A obra do Dr. Macpherson, inclusive, criticava severamente os grandes historiadores escoceses William Robertson e David Hume por não conhecerem a língua gaélica e, conseqüentemente, negligenciarem o passado celta da Escócia em suas interpretações históricas.<sup>127</sup>

---

<sup>124</sup> *The poems of Ossian and related works*, pp. 206-207.

<sup>125</sup> Carta de John Macpherson de Sleat a Hugh Blair; *apud* Henry MACKENZIE (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland*, apêndice I, p. 10.

<sup>126</sup> Ver Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, pp. 152-153

<sup>127</sup> *An introduction to the history of Great Britain and Ireland*, pp. 232s. Sobre a obra de John Macpherson, ver Colin KIDD, *op. cit.*, pp. 235-237; William FERGUSON, *op. cit.*, pp. 211-213. Sobre a interpretação *Whig* da história, ver Michael FRY, *The Whig interpretation of Scottish history*; Colin KIDD, *op. cit.*; Dafydd MOORE, James Macpherson and ‘Celtic Whiggism’.

Assim como ocorreu com os poemas de Ossian, as opiniões históricas de Macpherson encontraram uma boa acolhida em sua época, antes de sucumbirem à ojeriza que caracteriza quase tudo o que se escreveu sobre ele nos últimos duzentos anos.<sup>128</sup> Edward Gibbon, por exemplo, foi um dos que aprovaram e utilizaram a obra histórica dos Macphersons:

Nos escuros e duvidosos caminhos das antigüidades caledônias, escolhi para meus guias dois eruditos e talentosos *highlanders*, a quem seu nascimento e educação qualificou peculiarmente para a tarefa. Vide *Critical dissertations on the origin, antiquities, etc., of the Caledonians*, do Dr. John Macpherson, Londres, 1768, e *Introduction to the history of Great Britain and Ireland*, de James Macpherson, Esq., Londres, 1773. O Dr. Macpherson era ministro na ilha de Skye e é uma circunstância honrosa para essa era que uma obra repleta de erudição e crítica possa ter sido composta na mais remota das Hébridias.<sup>129</sup>

Além da aprovação de Gibbon, lorde Kames e Adam Smith foram outros que ‘saquearam’ os poemas ossiânicos em busca de testemunhos históricos dos costumes antigos. Para resumir a questão

---

<sup>128</sup> Ver, por exemplo, Hugh TREVOR-HOPER, *A invenção das tradições*, p. 27: “o absoluto descaramento dos Macphersons acaba por suscitar admiração. James Macpherson recolheu baladas irlandesas na Escócia, escreveu um poema ‘épico’ no qual o cenário já não era o irlandês, mas o escocês, e depois descartou as baladas genuínas como composições posteriores, cópias de ‘Ossian’ [...]. Depois o ministro de Sleat escreveu um *Ensaio crítico* que fornecia o contexto necessário ao ‘Homero celta’ ‘descoberto’ por seu homônimo [...]. Para arrematar, o próprio James Macpherson, baseado no trabalho do ministro, escreveu uma *Introdução à história da Grã Bretanha e da Irlanda* (1771) como se fosse uma obra ‘independente’, reafirmando as idéias do ministro”. Supõe-se que Trevor-Hoper entendesse de falsificações, mas como espero ter mostrado nesse capítulo, a relação entre os dois Macphersons e suas fontes gaélicas não é nem de longe a impostura descarada que tanto parece tê-lo horrorizado.

<sup>129</sup> Edward GIBBON, *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, vol. III, cap. 25, p. 210, nota.

em poucas palavras, Ossian foi considerado por alguns uma bem-vinda fonte ‘etnográfica’, por muitos dos filósofos morais escoceses, uma valiosa contribuição para a recuperação da virtude e da auto-estima do antigo reino do norte e por alguns antiquários como uma solução histórica aos problemas criados pelo ceticismo de Innes.<sup>130</sup>

---

<sup>130</sup> Colin KIDD, *op. cit.*, p. 228.

## IV. Highlands: natureza e história

*My heart is in the Highlands, my heart is not here,  
my heart is in the Highlands, a-chasing the deer;  
a-chasing the wild deer, and following the roe,  
my heart is in the Highlands, wherever I go.*

Robert Burns, *My heart is in the Highlands* (1787-1796).

Um importante motivo para Macpherson dedicar tanta energia à defesa dos gaels e dos *highlanders* foram as transformações nas Terras Altas escocesas durante todo o século XVIII.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que a divisão entre Terras Altas e Terras Baixas (*Lowlands*) não é uma questão geográfica, mas uma criação cultural que pode ser datada: “nenhuma das palavras aparece nos testemunhos literários anteriores a 1300”.<sup>1</sup> O que mais contribuiu para essa criação foi a ‘retirada’ da língua gaélica do resto da Escócia, sua concentração nas regiões montanhosas norte-ocidentais e a persistência do catolicismo (graças, em parte, a franciscanos irlandeses que celebravam missas em gaélico).<sup>2</sup> Com efeito, as *Highlands* são até hoje entendidas como sinônimo de Ghàidhealtachd, i.e. a área onde a língua e a cultura gaélicas prevalecem.

O isolamento da região levou à visão de que seus habitantes eram ‘bárbaros’, preconceito comum no Setecentos: “suas noções [dos *highlanders*] de virtude e vício são muito diferentes daquelas das partes mais civilizadas da humanidade”.<sup>3</sup> Esse isolamento não era função apenas de dificuldades geográficas. A questão da língua era central e, nas palavras de um ato administrativo de 1616, o gaélico era “uma das principais e mais importantes causas da continuidade da barbárie e da incivilidade entre os habitantes das ilhas e das Terras Altas”.<sup>4</sup> Segundo um documento da SSPCK (Sociedade na Escócia para a propagação do conhecimento cristão),

---

<sup>1</sup> Charles WITHERS, *The historical creation of the Scottish Highlands*, p. 144.

<sup>2</sup> Ver *supra*, cap. 2, pp. 76s.

<sup>3</sup> *Apud* Charles WITHERS, *op. cit.*, p. 145 (o comentário é de 1724). Quando James Fennimore Cooper escreveu *O último dos moicanos*, em 1826, seu modelo para os índios americanos foi a caracterização dos *highlanders* feita por Sir Walter Scott (ver Murray G.H. PITTOCK, *Celtic identity and the British image*, pp. 25-26).

<sup>4</sup> *Apud* Charles WITHERS, *loc. cit.*.

nada pode ser mais efetivo para reduzir esses lugares à ordem e fazê-los úteis à comunidade do que ensinar-lhes seu dever para com Deus, o Rei e o País e extirpar sua língua irlandesa; e isso tem sido a causa da Sociedade até onde podemos, pois todos os escolares são ensinados em inglês.<sup>5</sup>

Desde o início do século dezessete, portanto, a região passou a ser o foco de políticas que visavam a seu ‘desenvolvimento’. Esses projetos continuaram por todo o século e se intensificaram com a Revolução Gloriosa, quando o novo governo de Guilherme III de Orange procurou eliminar qualquer oposição à sua autoridade e tratou as Terras Altas como um alvo preferencial. Em 1692, por exemplo, vários membros do clã MacDonald de Glencoe foram mortos. Oficialmente descartado como um episódio de rivalidade entre clãs, o massacre de Glencoe foi, na verdade, um ato político do governo britânico (a justificativa era que os MacDonalds teriam demorado a prestar juramento ao novo rei), concebido pelo secretário de Estado da Escócia, autorizado pelo monarca e executado por um regimento do exército britânico, escolhido para a tarefa exatamente porque o fato de seu comandante, Robert Campbell, ser um rival dos MacDonalds de Glencoe ajudaria a mascarar o envolvimento do governo no caso.

A reincidência das rebeliões jacobitas (1715 e 1745) só piorou as coisas. Em 1716, como resposta ao primeiro desses levantes, o Parlamento aprovou o *Ato de desarmamento*, que baniu o porte de armas em toda a Escócia.<sup>6</sup> Continuando seu projeto de ‘desenvolvimento’, o governo central enviou o general George Wade para executar um grande programa de melhoramentos nas comunicações com as Terras Altas.

---

<sup>5</sup> *Apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 16. O documento data de 7 de junho de 1716 e foi precisamente nas escolas paroquiais que o ensino de inglês se tornou comum nas *Highlands*.

<sup>6</sup> Nesse caso, a percepção de que *todos* os escoceses eram desleais foi prevalente, o que gerou forte reação contrária da parte dos *lowlanders*. Para os preconceitos ingleses em relação à Escócia, ver Murray G.H. PITTOCK, *op. cit.*, pp. 25-29.

Entre 1725 e 1737, Wade construiu mais de 400 km de estradas, 40 pontes e quatro grandes fortes (Fort George, Fort Augustus e Fort William, todos no Grande Glen, e Ruthven, nos montes Grampianos) onde ficariam concentradas guarnições do exército britânico. Wade também criou, a partir de membros da aristocracia local fiéis a Londres, uma milícia permanente, nomeada *Highland watches*, cuja função era policiar a região.

O ano de 1745 viu a última tentativa de restaurar um Stuart no trono escocês. O príncipe Charles Edward Stuart, neto de Jaime II e VII, desembarcou nas terras altas para lutar pelos direitos de seu pai, James Francis Edward Stuart, chamado 'o velho pretendente'. Ao chegar, os líderes da região disseram ao jovem príncipe para 'ir para casa', ao que ele respondeu: "eu vim para casa". Meses de recrutamento e persuasão depois, o exército do 'rei Jaime VIII', sob o mote "prosperidade para a Escócia e não à União", marchou para o sul e ocupou Edimburgo no final de agosto. Quando o exército chegou a Derby, nas *Midlands* inglesas, houve pânico em Londres e o Banco da Inglaterra chegou a tomar medidas emergenciais para evitar que seus clientes limpassem seus cofres. Mas o apoio dos descontentes ingleses não se materializou, e, com as forças governistas se aproximando, o exército se retirou para as *Highlands*. A batalha de Culloden, a 16 de abril de 1746, definitivamente encerrou a idéia dos Stuart de voltarem a ser reis e o sonho escocês de recuperar sua independência.

James Macpherson, que havia nascido em Ruthven em 27 de outubro de 1736, tinha dez anos incompletos na época de Culloden e total capacidade de se lembrar das cenas que testemunhou. Em fevereiro daquele ano, o exército jacobita se apoderou da fortaleza de sua cidade natal e a incendiou. Depois, as tropas que fugiam do desastre de Culloden se reuniram na cidade, antes de se dispersarem pelas *Highlands*.

Deve-se ressaltar que, apesar da propaganda, tanto inglesa quanto escocesa, nenhum dos levantes jacobitas se limitou às *Highlands* ou, sequer, foi mais apoiado nas Terras Altas do que no resto da Escócia. De fato, dos homens que lutaram com o *bonnie prince Charlie* em 1745, apenas pouco mais de um terço eram *highlanders*.<sup>7</sup> Os *lowlanders*, no entanto, desejavam se distanciar da causa perdida, não obstante sua participação, e apoiaram a repressão do governo central aos ‘estrangeiros’ e ‘bárbaros’ do norte. Com efeito,

a seqüência imediata do ‘quarenta e cinco’ foi marcada pelo terrorismo de Estado sistemático, caracterizado por uma intenção genocida que beirava a limpeza étnica, pelo banditismo como uma forma de protesto social e pela alienação cultural, uma vez que os chefes e a *gentry* abandonavam suas obrigações tradicionais como protetores e benfeitores para perseguirem suas aspirações comerciais como proprietários.<sup>8</sup>

Ainda em Culloden, após a batalha, o exército britânico assassinou todos os sobreviventes e feridos escoceses, enquanto os destacamentos do exército francês que lutaram por Jaime foram bem-tratados e enviados de volta à França. Em uma quebra gritante do tratado de União de 1707, que preservava os sistemas judicial, educacional e a Igreja escoceses, os prisioneiros jacobitas foram enviados à Inglaterra para serem julgados e condenados por traição.

Atos de violência se seguiram. Mesmo após os chefes de clã terem se rendido, suas casas eram queimadas e suas posses roubadas pelos soldados. Allan Macpherson de Blairgowrie, primo em terceiro grau de James Macpherson e quatro anos mais novo que esse, relata que

---

<sup>7</sup> Ver Murray G.H. PITTOCK, *The myth of the jacobite clans*.

<sup>8</sup> Allan Macinnes, *Clanship, commerce, and the house of Stuart, 1603-1788*; apud Murray G.H. PITTOCK, *A new history of Scotland*, p. 212. A política de repressão, embora não tenha sido uma novidade de 1745, intensificou-se bastante nessa ocasião.

uma de suas mais antigas memórias era a de jogar pedras nas tropas que incendiavam a casa do chefe de seu clã, Ewan Macpherson de Cluny.<sup>9</sup> As tropas governamentais basearam-se em Ruthven e passaram os próximos nove anos procurando Cluny, agora um fora-da-lei escondendo-se em suas próprias terras. Seis anos depois, sem notícias do fugitivo, ao invés de abandonarem as buscas,

[eles] redobram a vigilância e colocaram um destacamento de soldados em quase todas as cidades das paróquias de Laggan e Kingussie – uma medida que lembrava tão fortemente aquela tomada antes do massacre de Glencoe que induzia algumas pessoas mais tímidas a deixarem o país.<sup>10</sup>

Nos anos seguintes à batalha, o Parlamento aprovou as chamadas ‘leis do Rei’, destinadas a destruir o poder dos clãs nas Terras Altas. O *Ato de abolição das jurisdições hereditárias* acabava com os privilégios legais dos chefes de clãs, cancelando os direitos de barões e xerifes aplicarem a pena de morte e subordinando seus poderes judiciais ao sistema legal da coroa. Outro, o *Ato de abolição das posses* eliminava o controle que os nobres locais tinham sobre o serviço militar. Essas duas medidas levaram a uma total desarticulação do sistema tradicional dos clãs e permitiram a introdução de ‘melhorias’ econômicas de base inglesa. As infames *Highland clearances*, iniciadas em 1762, levaram a uma emigração em massa que fez das Terras Altas escocesas uma das regiões de menor densidade populacional em toda a Europa hoje.

---

<sup>9</sup> Allan Macpherson, John Macpherson, William Charles Macpherson, *Soldiering in India 1764-1787*; apud Fiona STAFFORD, *The sublime savage*, p. 19. Cluny era primo em primeiro grau do pai de James Macpherson.

<sup>10</sup> *An account of the escapes of Cluny of the '45 after the Battle of Culloden as narrated in a letter by his son, col. Duncan Macpherson of Cluny* (9 de junho de 1817); apud Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 19.

Outra importante medida foi o *Ato de Proscrição*, que entrou em vigor em 1º de agosto de 1746 reforçando a proibição do uso de armas pelos *highlanders* e proibindo o uso do *kilt* e do *tartan*; apenas os regimentos do exército britânico recrutados nas Terras Altas teriam permissão para usar a chamada *Highland dress*.

O exército, aliás, foi uma ferramenta importante da política britânica de submissão das Terras Altas. A aptidão tradicional dos *highlanders* para a guerra foi explorada por Londres e o recrutamento foi intenso na região nos anos posteriores aos levantes jacobitas:

O objetivo manifesto era transportar jacobitas potenciais para os campos de batalha estrangeiros, onde eles poderiam ser abatidos lutando contra os franceses, ao invés de deixá-los conspirar subversões em casa.<sup>11</sup>

A política foi bem sucedida. Na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), por exemplo, os escoceses tiveram 32% de seus contingentes mortos e feridos, enquanto as baixas entre os soldados anglo-americanos não chegaram a 9%.

Em 1751, o ensino do gaélico foi oficialmente proibido pelo governo de Londres. A política de destruição da cultura gaélica foi tão efetiva no caso da língua, que o ‘declínio’ do gaélico continua até hoje. Apenas nos últimos dez anos, segundo o censo de 2001, houve uma diminuição de cerca de 11% no número de falantes da antiga língua escocesa. Hoje, nenhuma paróquia civil na Escócia continental apresenta uma taxa de falantes de gaélico maior que 25%.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> James Michael Hill, *Celtic warfare, 1595-1763*; *apud* Murray G.H. PITTOCK, *op. cit.*, p. 213. Ver também Linda COLEY, *Britons: forging the nation 1707-1837*, p. 103.

<sup>12</sup> O último bastião da língua gaélica na Escócia são as ilhas Hébridas exteriores, onde cerca de 61% da população ainda falam correntemente a língua. Ver *Scotland's census 2001 – Gaelic report*.

Embora a rebelião de 1745 nunca tenha ameaçado seriamente o controle de Londres sobre as ilhas britânicas e a Escócia, a repressão que a ela se seguiu foi, com certeza, um evento que mudou de modo fundamental a sociedade das Terras Altas e, conseqüentemente, marcou fortemente a vida de todos os *highlanders*. Um testemunho contemporâneo é bastante ilustrativo da violência das mudanças impostas por Londres:

Assassinatos, incêndios, violações, saques! Um exército de demônios saído do inferno, com o próprio Lúcifer no comando! Barbáries nunca antes conhecidas - sem distinção de sexo ou idade -, crueldades nunca antes nomeadas entre pessoas que professam ou simulam a fé cristã; e tudo isso não apenas com impunidade, mas sob ordens.<sup>13</sup>

Não admira que Macpherson desejasse modificar os preconceitos tradicionais em relação a seus compatriotas e representá-los como heróis caídos. Certamente os acontecimentos pós-Culloden foram um importante motivo para a representação ossiânica dos gaels como 'heróis naturais'. Apesar do sucesso inicial, no último quartel do Setecentos alguns comentadores já criticavam essa imagem como algo impossível historicamente:

Os costumes são uma prova ainda mais impressionante de sua falta de autenticidade. Não vemos nada além da generosidade afetada e da cortesia do cavalheirismo, que eram totalmente desconhecidas não apenas de todos os povos selvagens, mas de todas as nações não treinadas nesses modos artificiais de pensamento.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> John Macpherson de Strathmashie; *apud* Fiona STAFFORD, *op. cit.*, p. 18.

<sup>14</sup> David HUME, Of the authenticity of Ossian's poems, *Essays moral, political, and literary*, vol. II, p. 417.

Outra questão importante levantada é a deferência dos guerreiros ossiânicos para com as mulheres:

A cortesia e extrema delicadeza para com as mulheres que são encontradas nessas produções são, se possível, ainda mais contrárias aos costumes dos bárbaros. Entre todas as nações rudes, a força e a coragem são as virtudes predominantes e a inferioridade das mulheres nesse particular as faz objeto de desprezo, não de deferência e consideração.<sup>15</sup>

O estado das artes e a quantidade de seres passíveis de sustento em uma época tão remota também são levantados como argumento contra os poemas editados por Macpherson:

Sabemos que as casas, [...] até a conquista romana, eram nada além de choupanas erigidas nos bosques, mas uma grandiosa edificação de pedra é mencionada por Ossian [...]. Os caledônios, assim como os irlandeses, não possuíam navios que não fossem canoas de peles (*currachs*); e no entanto eles são representados navegando em grandes expedições militares das Hébridas à Dinamarca, Noruega e Suécia: um absurdo evidente. Eles vivem inteiramente da caça e, no entanto, reúnem exércitos que fazem incursões a esses países e à Irlanda, embora seja certo, da experiência da América, que todas as *Highlands* mal e mal sustentariam uma centena de pessoas pela caça. São totalmente alheios à pesca, embora seja essa ocupação que seduz as nações rudes a se aventurar no mar. [...] Ossian alude a um moinho de água ou vento, uma máquina então desconhecida dos gregos e romanos.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, pp. 417-418.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 419.

David Hume deve ter escrito essas palavras por volta de 1775 ou 1776, como resposta a *Journey to the Western islands of Scotland*, de Johnson ou ao primeiro volume da *History of the rise and fall of the Roman empire*, de Gibbon, embora apenas dez anos antes estivesse na França promovendo a dissertação de seu amigo Hugh Blair e defendendo a reputação dos poemas de Ossian. O que provavelmente causou sua mudança de opinião foram as obras publicadas por Macpherson no início da década de 1770, a *Introduction to the history of Great Britain and Ireland* (1771) e sua tradução da *Ilíada* (1773):<sup>17</sup>

Ele escreveu uma história antiga da Grã-Bretanha, que é simplesmente ridícula. Dá-nos uma história circunstanciada das migrações dos belgas, cimbrios e sármatas tão em contradição com qualquer autor da Antigüidade que nada a não ser uma revelação particular poderia permiti-la. [...] Percebendo que o estilo de seu Ossian era admirado por alguns, ele experimenta uma tradução de Homero no mesmo estilo. A inicia e termina em seis semanas, uma obra que deveria eclipsar para sempre a tradução de Pope, a quem ele não acha digno sequer de menção em seu prefácio. Mas essa piada foi ainda menos bem sucedida. Ele conseguiu, entretanto, levar a obra a uma segunda edição, onde diz que, não obstante toda a inveja de seus virulentos oponentes, seu nome sozinho preservaria a obra para uma posteridade mais imparcial.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Ver David RAYNOR, *Ossian and Hume*, pp. 159s. A obra de Johnson era percebida como um ataque a Ossian e à Escócia, enquanto Gibbon atacou alguns pontos específicos do esquema histórico ossiânico, como a identificação feita por Macpherson, na dissertação que precedia *Fingal*, entre Caracul, o inimigo do rei de Morven, e o imperador Caracala (*The poems of Ossian and related works*, p. 47).

<sup>18</sup> David HUME, *op. cit.*, pp. 422, 423.

Malcolm Laing, o agressivo editor das ‘obras completas’ de Macpherson, é ainda mais direto em suas críticas ao esquema histórico das obras de Ossian:

As produções da Musa celta nos persuadiriam a acreditar que seus costumes primeiros exibiam uma civilização inconsistente com a total ignorância das artes da vida, um heroísmo uniforme desconhecido dos bárbaros, uma cortesia que o cavalheirismo nunca inspirou, uma humanidade cujo refinamento nunca foi igualado e que, antes de avançarem ao estádio pastoril, eles possuíam um gosto correto, uma dicção polida, uma poesia sublime e cultivada, enriquecida com as mais bem escolhidas imagens da Antigüidade clássica e misturada com todas as afecções sentimentais dos tempos atuais. Sua história não contém marcas de refinamento primevo, a não ser que possamos nos persuadir de que seus descendentes, assim que pudemos observá-los, degeneraram ao emergir do estádio selvagem e se tornaram mais bárbaros, ao mesmo tempo em que se tornavam mais civilizados.<sup>19</sup>

Ou seja, os poemas de Ossian são inconsistentes com as explicações da história natural da humanidade. A gentileza dos fiannas poderia até ser explicada pelo fato de viverem em um estado de natureza. Mas o estado de natureza não apresentava palácios de pedra, expedições guerreiras a países estrangeiros ou moinhos de vento. Logo, pelas evidências ‘econômicas’, se Ossian era autêntico, a época de Fingal e seus guerreiros era posterior ao estádio natural.

Além disso, o testemunho contemporâneo assinalava os *highlanders* modernos como bárbaros. Se eles eram tão parecidos assim com seus antepassados lendários, como esses poderiam ter sido tão refinados? A

---

<sup>19</sup> Malcolm LAING, *The history of Scotland*, vol. III, livro I, pp. 44-45.

comparação dos poemas de Ossian com os dados da historiografia antiga corroborava essa conclusão:

A contradição não é maior entre o refinamento primevo atribuído aos *highlanders* e sua recente barbárie do que entre seus costumes reais à época de Fingal e aqueles descritos nos poemas de Ossian. Quando invadidos por [Sétimo] Severo os caledônios [...] foram minuciosamente descritos por [Cássio] Dio e Herodiano. [...] Quando voltamos aos poemas de Ossian, eu estaria insultando o entendimento do leitor se discorresse em detalhes sobre as grosseiras contradições entre os generosos heróis, as donzelas castas ou apaixonadas, vestidos completamente em aço, banqueteados em conchas brilhantes em palácios de torres musgosas, atravessando o oceano em grandes navios, mas subsistindo apenas de carne de corça; e aqueles bárbaros nus, sanguinários, armados com um escudo pequeno, um dardo, uma adaga, quase destituídos de ferro, que prezam como ouro, residindo promiscuamente em barracas de vime e que não tinham barcos a não ser canoas de pele (*currachs*) que [só] atravessavam o mar da Irlanda, diz [Caio Júlio] Solino, durante uns poucos dias no solstício de verão.<sup>20</sup>

Mas Macpherson não tinha como escapar dessa armadilha histórica. Uma das razões importantes para o sucesso de suas produções ossiânicas era que, nelas, ele provia uma união entre dois importantes domínios éticos setecentistas: a idéia ‘masculina’ da virtude civil e patriótica e a noção ‘feminina’ da sensibilidade, do sentimentalismo e das paixões, daquilo que, em breve, seria chamado de romantismo.<sup>21</sup> Com isso, ele não *podia* representar seus heróis exclusivamente como

---

<sup>20</sup> Malcolm LAING, *Dissertation on the supposed authenticity of Ossian's poems, The history of Scotland*, vol. iv, pp. 427-430.

<sup>21</sup> Ver John DW YER, *The melancholy savage*, pp. 169ss.

guerreiros selvagens. Da mesma maneira que não poderia pintá-los apenas refinados. Para que os poemas de Ossian pudessem cumprir seus objetivos em relação aos *highlanders*, os gaels precisavam ser guerreiros refinados, patriotas polidos, antigos-modernos, o que, pelas teorias históricas setecentistas, era impossível.

James Macpherson e ‘seu’ Ossian foram definitivamente condenados pela história literária. Pode-se dizer, então, que os poemas de Ossian não cumpriram seus objetivos políticos? Seguramente não foram um fracasso para seu editor. Contrariando suas próprias expectativas, a desprezada poesia gaélica transformou o pobre *highlander* de Badenoch em um homem rico e conhecido, que circulou nas mais altas esferas da política britânica de sua época, foi eleito para o Parlamento e ainda conseguiu bons empregos e contatos para compatriotas interessados na vida londrina.

Quanto à sua terra natal, os resultados são ambíguos. Certamente o sucesso de Ossian foi tamanho, que o interesse pela poesia gaélica produzida nos séculos dezoito e dezenove foi abafado. Além disso, as discrepâncias entre os poemas de Ossian e a tradição poética gaélica ‘autêntica’ levaram muitos a acreditarem que as baladas coletadas no Setecentos eram corruptas e sem valor. Finalmente, quando a ‘falsidade’ dos poemas foi definitivamente ‘comprovada’, todo o passado escocês foi posto em dúvida e, até hoje, alguns historiadores vêem a Escócia como lar de uma nacionalidade criadora de ‘mitos’, de uma história que sistematicamente despreza a ‘verdade’.<sup>22</sup>

Por outro lado, os poemas ossiânicos ajudaram a ampliar o interesse dos intelectuais e letrados em geral pelas tradições populares e pela poesia oral e difundiram a imagem da Escócia, e especialmente das Terras Altas, como “o lar da simplicidade e do romance”, como o *habitat* da natureza, onde o homem ainda podia escapar da civilização.

---

<sup>22</sup> Ver Maurice COLGAN, *Ossian: success or failure*; Hugh TREVOR-ROPER, *The invention of Scotland: myth and history*.

Imagem que Macpherson não criou, mas indubitavelmente colaborou bastante para popularizar e, até hoje, é parte da identidade escocesa:

*A pequena rosa branca*

A rosa do mundo não é para mim.  
Da minha parte eu quero  
apenas a pequena rosa branca da Escócia  
que cheira cortante e doce - e parte o coração.<sup>23</sup>

*Planetas*

Estamos atravessando o país  
e seguindo para as *Highlands*  
para procurar um lar.  
Não estamos deixando nada para trás  
e ninguém irá nos encontrar  
quando estivermos por nossa própria conta.

Sinto os planetas me cercarem,  
eles se reúnem à minha volta...

Estamos deixando a cidade,  
faremos as malas  
e rumaremos para a estrada  
onde rios flutuantes nos cingirão,  
onde sombras nos encontrarão.  
Agora estamos por nossa própria conta.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Hugh MacDiarmid (1892-1978), *The little white rose*: “The rose of all the world is not for me. / I want for my part / only the little white rose of Scotland / that smells sharp and sweet - and breaks the heart” (tradução de Virna Teixeira).

<sup>24</sup> Norman Blake e Francis MacDonald, *Planets* (1997): “We’re going over the country / and into the Highlands / to look for a home. / We’re leaving nothing behind us / and no one will find us / when we’re on our own. // I feel the planets surround me, / they gather round me. // We’re moving out of the city / we’ll pack up the case / and make for the road / where flowing rivers will bind us, / where shadows will find us. / Now we’re on our own” (música gravada no álbum *Songs from northern Britain*, da banda escocesa Teenage Fanclub).

## Bibliografia

### Edições das obras de Macpherson

*An introduction to the history of Great Britain and Ireland: or, an inquiry into the origin, religion, future state, character, manners, morality, amusements, persons, manner of life, houses, navigation, commerce, language, government, kings, general assemblies, courts of justice, and juries, of the Britons, Scots, Irish, and Anglo-Saxons.* 2<sup>a</sup> ed., revisada e aumentada. Londres: T. Becket & P.A. de Hondt, 1772.

*The history of Great Britain, from the restoration to the accession of the house of Hannover.* 2 vols. Londres: W. Strahan & T. Cadell, 1775.

*The Iliad of Homer. Translated by James Macpherson, Esq. In two volumes* [1773]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com/books?id=aU48AAAAMAAJ> [volume I]; [id=TVM8AAAAMAAJ](http://books.google.com/books?id=TVM8AAAAMAAJ) [volume II] [acesso em 27/9/8].

*The poems of Ossian and related works.* Edição e notas de Howard GASKILL; intr. por Fiona STAFFORD. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996.

*The poems of Ossian, &c. containing the poetical works of James Macpherson, Esq., in prose and rhyme.* Edição, intr. e notas de Malcolm LAING [1805]. Reimpressão reprográfica. 2 vols. Edimburgo: James Thin/Mercat Press, 1971.

### Outras fontes

*A Bíblia de Jerusalém.* Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1986.

BLACKWELL, Thomas. *An enquiry into the life and writings of Homer* [1735]. Reimpressão reprográfica. Menston, Yorkshire: Scholar Press, 1972.

BLAIR, Hugh. A critical dissertation on the poems of Ossian, the son of Fingal [1765<sup>2</sup>]. Em: James MACPHERSON. *The poems of Ossian and related works.* Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996, pp. 343-408.

\_\_\_\_\_. *Lectures on rhetoric and belles lettres* [1783]. Reimpressão reprográfica. 2 vols. Carbondale/Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press, 1965.

BOSWELL, James. *Journal of a tour to the Hebrides with Samuel Johnson, LL.D.* [1785]. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *Life of Johnson* [1791]. 3<sup>a</sup> ed., revista, Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1980.

BUCHANAN, George. *The powers of the crown in Scotland* (Austin, TX, 1949). Tradução inglesa de *De jure regni apud Scotos* [1579], introdução e notas de Charles Flinn ARROWOOD [on-line]. URL: <http://www.contra-mundum.org/books/jure/jure.html> [acesso em 2/10/8]

BURKE, Edmund. *The annual register, or a view of the history, politics, and literature, for the year 1761* [1762]. Em: *Internet Library of Early Journals*. Birmingham: University of Birmingham/Leeds: University of Leeds/Manchester: University of Manchester/Oxford: University of Oxford [on-line]. URL: <http://www.bodley.ox.ac.uk/ilej/> [acesso em 1/8/8]

BURNS, Robert. *The complete works of Robert Burns: containing his poems, songs, and correspondence. With a new life of the poet, and notices, critical and biographical, by Allan Cunningham* (Boston, MA, 1855). Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=q5FtZD1IyTUC> [acesso em 30/10/8].

CASTRO ALVES, Antônio de. *Obra completa em um volume*. Edição comemorativa do sesquicentenário, corrigida, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997 [1960].

CHATEAUBRIAND, François-René de. *Poèmes ossianiques traduits de J. Smith: Dargo, Duthona, Gaul* [1793]. Em: *Œuvres complètes de Chateaubriand*; vol. 3 (Paris, 1861). Paris: Gallica, bibliothèque numérique de la Bibliothèque Nationale de France [on-line]. URL: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10136of> [acesso em 20/8/6]

COLLINS, William. *The poetical works of William Collins: with the life of the author by Dr. Johnson, and critical observations by Dr. Langborne* (Nova Iorque, NY, 1848). Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=K45FgSJFGb8C> [acesso em 11/11/8].

*The Declaration of Arbroath* [1320]. Texto latino com tradução inglesa por Chris COOKE & Dominick GAMBLE. Edimburgo: University of Edinburgh. URL: <http://www.geo.ed.ac.uk/home/scotland/arbroath.html> [acesso em 11/11/6].

*Dictionary of the Scots language/Dictionar o the Scots leid (DSL)*. Edimburgo: Scottish Language Dictionaries [on-line]. URL: <http://www.dsl.ac.uk/index.html> [acesso em 11/11/8]

Dictionnaire de l'Académie française (Paris, 1694<sup>1</sup>, 1762<sup>4</sup>, 1798<sup>5</sup>). Em: *Project for American and French research on the Treasury of the French Language*. Paris: CNRS/Chicago, IL: University of Chicago [on-line]. URL: <http://www.lib.uchicago.edu/efts/ARTFL/projects/dicos/ACADEMIE/> [acesso em 14/8/8]

DIDEROT, Denis. De l'interprétation de la nature [1753]. Em: *Œuvres complètes de Diderot : rev. sur les éd. originales comprenant ce qui a été publié à diverses époques et les ms. inédits conservés à la Bibliothèque de l'Ermitage par J. Assézat*; vol. 2 (Paris, 1875). Paris: Gallica, bibliothèque numérique de la Bibliothèque Nationale de France [on-line]. URL: <http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k23389h> [acesso em 8/8/8]

DRYDEN, John. *Discourses on satire and epic poetry* [1692/1697]. Whitefish, MT: Kessinger, s/d.

\_\_\_\_\_. *The Æneid of Virgil* [1697]. Medford, MA: Perseus Digital Library [on-line]. URL: <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus:text:1999.02.0052:book=1:line=1> [acesso em 25/9/8].

*Encyclopædia Britannica; or, a dictionary of arts and sciences, compiled upon a new plan. By a society of gentlemen in Scotland*. 3 vols. Edimburgo: A. Bell and C. Mac Farquhar, 1768-1771.

FERGUSON, Adam. *Essay on the history of civil society* (Boston, MA 1809<sup>7</sup>) [1767]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=57YqAAAAMAAJ> [acesso em 8/1/9].

GERARD, Alexander. *An essay on genius* (Londres, 1774). Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: [http://books.google.com.br/books?id=S\\_ENAAAAAYAAJ](http://books.google.com.br/books?id=S_ENAAAAAYAAJ) [acesso em 15/8/8].

GIBBON, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire* [1776-1788]. 8 vols. Edição e introdução por Betty RADICE e Felipe FERNÁNDEZ-ARRESTO, Londres: The Folio Society, 1983-1990, 1995.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werther*. Tradução portuguesa de *Die Leiden des jungen Werthers* [1774], São Paulo: Abril Cultural, 1971. (*Os imortais da literatura universal*; 8)

HAZLITT, William. *Lectures on the English poets* [1818]. Londres/Nova Iorque/Toronto: Oxford University Press, 1952.

HUME, David. *Essays moral, political, and literary* [1741]. 2 vols. Aalen, Baden-Vurtemberg: Scientia Verlag, 1964.

\_\_\_\_\_. *História natural da religião*. Tradução portuguesa de *The natural history of religion* (Edimburgo, 1757), São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *The history of England from the invasion of Julius Caesar to the revolution in 1688* (Londres, 1778) [1754-1762]. Indianápolis, IN: The Online Library of Liberty (Liberty Fund) [on-line]. URL: [http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com\\_staticxt&staticfile=show.php?title=1868&Itemid=28](http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com_staticxt&staticfile=show.php?title=1868&Itemid=28) [acesso em 18/11/6].

*Iliada de Homero*. 2 vols. Transcrição de Haroldo de CAMPOS; introdução e organização de Trajano VIEIRA. São Paulo: Mandarim/Arx, 2001-2002.

INNES, Thomas. *A critical essay on the ancient inhabitants of the northern parts of Britain or Scotland, containing an account of the Romans, of the Britains betwixt the walls, of the Caledonians or Picts, and particularly of the Scots. With an appendix of ancient manuscript pieces* [1729]. Edimburgo: William Paterson, 1885.

JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the English language: in which the words are deduced from their originals, and illustrated in their different significations by examples from the best writers* (Londres, 1785<sup>6</sup>) [1755]. São Francisco, CA: Internet Archive [on-line]. URL: <http://www.archive.org/details/dictionaryofenglo1johnuoft> [acesso em 15/8/8].

\_\_\_\_\_. *A journey to the western islands of Scotland* [1775]. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *Prefácio a Shakespeare* [1765]. Tradução portuguesa, estudo e notas de Enid Abreu DOBRÁNSZKY, São Paulo: Iluminuras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Rasselas; a tale. With the life of the author* (Edimburgo, 1809) [1759]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=2rYNAAAQAAJ> [acesso em 15/1/9].

KAMES, Henry Home, lorde. *Elements of criticism* [1774<sup>6</sup>]. Edição e introdução por Peter JONES. 2 vols. Indianápolis, IN: Liberty Fund, 2005 (*Natural law and enlightenment classics*).

\_\_\_\_\_. *Essays upon several subjects concerning British antiquities; viz. I. Introduction of the feudal law into Scotland. II. Constitution of parliament. III. Honour, dignity. IV. Succession or descent. With an appendix upon hereditary and indefeasible right* [1747]. Reimpressão reprográfica. Whitefish, MT: Kessinger, s/d.

\_\_\_\_\_. *Sketches of the history of man* [1788<sup>3</sup>]. Edição e introdução por James A. HARRIS. 3 vols. Indianápolis, IN: Liberty Fund, 2007 (*Natural law and enlightenment classics*).

LAING, Malcolm. *The history of Scotland, from the Union of the crowns on the accession of James VI to the throne of England, to the Union of the kingdoms in the reign of Queen Anne*. 4 vols. 2<sup>a</sup> ed., corrigida, Londres: J. Mawman/Edimburgo: A. Constable & co., 1804.

LOCKE, John. *Second treatise of government* (Indianápolis, IN, 1980) [1689]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com/books?id=RvY8If-nPrQC> [acesso em 11/9/8].

LUCANO, Marco Aneu. *The civil war*. Texto latino com tradução inglesa de J.D. DUFF. Cambridge, MA/Londres: Harvard University Press, 1997 [1928] (*Læb Classical Library*).

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em três volumes*. Quinta impressão, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986 [1959].

MACKENZIE, Henry (ed.). *Report of the committee of the Highland Society of Scotland, appointed to inquire into the nature and authenticity of the poems of Ossian*. Edimburgo: Archibald Constable & co./Londres: Longman, Hurst, Rees & Orme, 1805.

MILLAR, John. *The origin of the distinction of ranks; or, an inquiry into the circumstances which give rise to influence and authority in the different members of society* (Basiléia: 1793) [1778]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com/books?id=QfATAAAAQAAJ> [acesso em 18/1/9].

MILTON, John. *Paradise lost. A poem written in ten books.* [1667]. Em: *Renascence editions: an online repository of works printed in English between the years 1477 and 1799.* Eugene, OR: University of Oregon [on-line]. URL: <http://www.uoregon.edu/~rbear/lost/lost.html> [acesso em 21/9/8].

\_\_\_\_\_. *Paraíso perdido.* Tradução portuguesa de António José de Lima LEITÃO (1787-1856). São Paulo: eBookLibris [on-line]. URL: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html> [acesso em 20/9/8].

*Ovelha negra. Uma antologia de poesia da Escócia do século XX.* Organização, tradução e notas de Virna Teixeira. São Paulo: Lumme, 2007.

POPE, Alexander. An essay on criticism [1711]. Em: Robert Con DAVIS & Laurie FINKE (eds.). *Literary criticism and theory: the Greeks to the present.* Nova Iorque/Londres: Longman, 1989, pp. 327-339.

\_\_\_\_\_. *The Iliad of Homer* [1715-1720]. Salt Lake City, UT: Project Gutenberg [on-line]. URL: <http://www.gutenberg.org/files/6130/6130-h/6130-h.html> [acesso em 20/9/8].

RAMSAY, Allan. *The ever green, being a collection of Scots poems, wrote by the ingenious before 1600* (Edimburgo, 1724). Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com/books?id=YokJAAAAQAAJ> [acesso em 11/9/8].

RICHARDSON, Jonathan. *Richardsoniana: or, occasional reflections on the moral nature of man; suggested by various authors, ancient and modern, and exemplified from those authors* (Londres, 1776). Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com/books?id=aMQPAAAAQAAJ> [acesso em 8/1/9].

ROWE, Nicholas. *Lucan's Pharsalia translated into English verse* (Londres, 1722<sup>2</sup>) [1718]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=TzoBAAAAMAAJ> [acesso em 29/9/8].

SMITH, Adam. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations. In three volumes. With notes, and an additional volume by David Buchanan* (Edimburgo, 1814) [1776]. Mountain View, CA: Google Book Search [on-line]. URL: <http://books.google.com.br/books?id=l2EUAAAAQAAJ> [volume I]; [id=o2EUAAAAQAAJ](http://books.google.com.br/books?id=o2EUAAAAQAAJ) [volume II]; [id=xmEUAAAAQAAJ](http://books.google.com.br/books?id=xmEUAAAAQAAJ) [volume III] [acesso em 29/1/9].

SMITH, Adam. *Conferências sobre retórica & belas-letas*. Tradução portuguesa de *Lectures on rhetoric and belles lettres* [1762-1763], Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lectures on jurisprudence* [1762-1763/1766]. Edição e introd. de R.L. MEEK, D.D. RAPHAEL & P.G. STEIN, Indianápolis, IN: Liberty Fund, 1982. (*The Glasgow edition of the works and correspondence of Adam Smith*; v)

\_\_\_\_\_. *Lectures on rhetoric and belles lettres* [1762-1763]. Edição e introdução de J.C. BRYCE, Indianápolis, IN: Liberty Fund, 1985. (*The Glasgow edition of the works and correspondence of Adam Smith*; IV)

*The Spectator. A new edition, with biographical notices on the contributors. Complete in one volume* [1711-1712]. Cincinnati, OH: Applegate, 1860.

STEWART, Dugald. Account of the life and writings of Adam Smith, LL.D. [1793]. Em: Adam SMITH. *Essays on philosophical subjects*. Edição e introdução de I.S. ROSS, Indianápolis, IN: Liberty Fund, 1982, pp. 263-351. (*The Glasgow edition of the works and correspondence of Adam Smith*; III)

TEMPLE, William. *Five miscellaneous essays by sir William Temple* [1685-1699]. Edição e introdução por Samuel Holt MONK, Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 1963.

YOUNG, Edward. Conjectures on original composition. [1759]. Em: *Representative poetry online*. Toronto: University of Toronto Press [on-line]. URL: <http://rpo.library.utoronto.ca/display/displayprose.cfm?prosenum=16> [acesso em 2/8/8].

## Textos de apoio

AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Ossian no Brasil*. Goiânia: UFG, 1999.

ARENDT, Hannah. *O que é política? Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz*. Tradução portuguesa de *Was ist Politik?* [Munique, 1993]. 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ASPLUND, Anneli. *Kalevala - the Finnish national epic*. Helsinki: Ministério do Exterior da Finlândia [on-line]. URL: <http://virtual.finland.fi/netcomm/news/showarticle.asp?intNWSAID=27020> [acesso em 29/7/8].

- AUDRY, Adolfo Ayuso. Las aportaciones de Vitoria, Suárez, Gentili y Grocio al derecho internacional. *Interlegis* (Cidade do México, DF: Asociación Mexicana de Estudiosos del Derecho Internacional y Comparado), s/n (s/d) [on-line]. URL: <http://www.coladimx.org/Publicaciones/Articulos/Aportaciones.pdf> [acesso em 2/8/4].
- BARNABY, Paul. Timeline: European reception of Ossian. Em: Howard GASKILL (ed.). *The reception of Ossian in Europe*. Londres/Nova Iorque: Thoemmes, 2004, pp. xxi-lxviii.
- BARTHES, Roland. A morte do autor [1967]. Em: *idem*. *O rumor da língua*. Tradução portuguesa de *Le bruissement de la langue* [Paris, 1984], São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 57-64.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução portuguesa de *Identity (conversations with Benedetto Vecchi)* [Cambridge, 2004]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2ª ed., aumentada, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BETHENCOURT, Francisco. A sociogênese do sentimento nacional. Em: Francisco BETHENCOURT & Diogo Ramada CURTO (orgs.). *A memória da nação: colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1991, pp. 473-503.
- BINOCHÉ, Bertrand. *Les trois sources des philosophies de l'histoire (1764-1798)*. Paris: P.U.F., 1994. (*Pratiques théoriques*)
- BIZERRIL, José Neto. *Da voz ao livro: reflexões sobre a oralidade e a literatura no contexto da poesia tradicional finlandesa*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB. Brasília, 1997. [mimeo]
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução portuguesa de *Apologie pour l'histoire, ou Métier d'historien* [Paris, 1949]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. *Curso de literatura inglesa*. Tradução portuguesa de *Borges profesor - curso de literatura inglesa en la Universidad de Buenos Aires* [Buenos Aires, 2000], São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- BORNHEIM, Gerd A. *Literatura e filosofia. O espaço da estética*. Em: Sonia Salomão KHEDÉ (coord.). *Os contrapontos da literatura: arte, ciência e filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, pp. 91-101.
- BROADIE, Alexander. *The Scottish Enlightenment: the historical age of the historical nation*. Edimburgo: Birlinn, 2001.
- BRONSON, Bertrand Harris. *Facets of the Enlightenment: studies in English literature and its contexts*. Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press, 1968.
- BUESCU, Maria Gabriela Carvalhão. *Macpherson e o Ossian em Portugal: estudo comparativo/translatológico*. Lisboa: Colibri, 2001.
- BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. Tradução portuguesa de *English literature - a survey for students* [Londres, 1958], 2ª ed., São Paulo: Ática, 2006.
- BURNS, J.H. George Buchanan and the anti-monarchomachs. Em: Nicholas PHILLIPSON & Quentin SKINNER (eds.). *Political discourse in early modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 3-22.
- BYSVEEN, Josef. *Epic tradition and innovation in James Macpherson's Fingal*. Uppsala: Uppsala Universitet, 1982. (*Acta universitatis Upsaliensis - Studia Anglistica Upsaliensia*; 44)
- CÆRWYN WILLIAMS, J.E. Celtic literature. Chicago, IL: Encyclopædia Britannica [on-line]. URL: <http://www.britannica.com/eb/article-9106126> [acesso em 5/1/6].
- CHIARAMONTE, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. Em: István JANCÓS (org.). *Brasil: formação do Estado e da nação*. São Paulo: Hucitec, 2003, pp. 61-89.
- COLEY, Linda. *Britons: forging the nation 1707-1837*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1992.
- COLGAN, Maurice. Ossian: success or failure for the Scottish Enlightenment? Em: Jennifer J. CARTER & Joan H. PITTOCK (eds.), *Aberdeen and the enlightenment: proceedings of a conference held at the University of Aberdeen*. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1987, pp. 344-349.

- COLVIN, Calum. (Re-)making Ossian. *Interfaces : image, texte, langage* (Paris: Université Paris 7 - Denis Diderot/ Worcester, MA: College of the Holy Cross), vol. 27 - *Ossian: them & now* (2007), pp. 99-108.
- \_\_\_\_\_. *Ossian: Fragments of ancient poetry/Bloighean de sheann bhbardachd Oisein* [edição bilíngüe inglês/gaélico escocês]. Edimburgo: National Galleries of Scotland, 2003.
- COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O fingidor e o censor: no Ancien régime, no Iluminismo e hoje*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CREGEEN, Eric. The changing role of the house of Argyll in the Scottish Highlands. Em: N.T. PHILLIPSON & Rosalind MITCHISON (eds.). *Scotland in the age of improvement: essays in Scottish history in the eighteenth century*. 2ª ed., Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996 [1970], pp. 5-23.
- CRESSY, David. National memory in early modern England. Em: John R. GILLIS (ed.). *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994, pp. 61-72.
- CRICK, Bernard. The English and the British. Em: *idem* (ed.). *National identities: the constitution of the United Kingdom*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell/The Political Quarterly Publishing Co., 1991, pp. 90-104.
- CRISTOFOLINI, Paolo. *Vico et l'histoire*. Paris: PUF, 1995.
- CURLEY, Thomas M. Johnson's last word on Ossian: ghostwriting for William Shaw. Em: Jennifer J. CARTER & Joan H. PITTOCK (eds.), *Aberdeen and the enlightenment: proceedings of a conference held at the University of Aberdeen*. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1987, pp. 375-431.
- DAICHES, David. *A critical history of English literature*. 4 vols. 2ª ed. revisada, Londres: Secker & Warburg, 1969 [1960].

- DAICHES, David. *The paradox of Scottish culture: the eighteenth-century experience*. Londres/Nova Iorque/Toronto: Oxford University Press, 1964. (*The Whidden Lectures*)
- DAVIDSON, Neil. *The origins of Scottish nationhood*. Londres/Sterling, VA: Pluto Press, 2000.
- DE GATEGNO, Paul J. *James Macpherson*. Boston, MA: Twayne, 1989. (*Twayne's English authors series*)
- DERRIDA, Jacques. "This strange institution called literature": an interview with Jacques Derrida [1989]. Em: Derek ATTRIDGE (ed.). *Acts of literature*. Nova Iorque/Londres: Routledge, 1992, p. 33-75.
- DOBRÁNSKY, Enid Abreu. Dr. Johnson, ou uma revisitação da ética da leitura. Em: Samuel JOHNSON. *Prefácio a Shakespeare*. Tradução portuguesa, São Paulo: Iluminuras, 1996, pp. 7-32.
- \_\_\_\_\_. *No tear de Palas: imaginação e gênio no século XVIII - uma introdução*. Campinas, SP: Papirus/Ed. da UNICAMP, 1992.
- DOSANJH, Rajit S. The 'eloquence of the Bar': Hugh Blair's lectures. Em: Robert CRAWFORD (ed.). *The Scottish invention of English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 55-67.
- DRABBLE, Margaret (ed.). *The Oxford companion to English literature*. 6ª ed. revisada, Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 2000 [1932].
- DRAGONETTI, Roger. Poeta mendax. *34 Letras* (Rio de Janeiro: Editora 34), num. 5/6 (1989), pp. 245-257.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. Mythologies des origines et identité nationale. Em: Francisco BETHENCOURT & Diogo Ramada CURTO (orgs.). *A memória da nação: colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1991, pp. 31-48.
- DUBOIS, Pierre. L'orgue et la société: identité et changement de rôles en Angleterre au dix huitième siècle. *Siècles: cahiers du Centre d'Histoire des Entreprises et des Communautés* (Clermont Ferrand: Université Blaise Pascal), num. 9: *Identités nationales dans l'Europe des Lumières* (1999), pp. 79-88.

- DUNCAN, Ian. Adam Smith, Samuel Johnson and the institutions of English. Em: Robert CRAWFORD (ed.). *The Scottish invention of English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 37-54.
- DWYER, John. The melancholy savage: text and context in the *Poems of Ossian*. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press / Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 164-206.
- ELIOT, T. S. *De poesia e poetas*. Tradução portuguesa de *On poetry and poets* [Londres, 1957], São Paulo: Brasiliense, s/d.
- EPSTEIN, Mikhail. Hyper-authorship: the case of Araki Yasusada. *Rhizomes* (Vancouver, WA: Washington State University), num 1 (2000) [on-line]. URL: <http://www.rhizomes.net/issue1/misha.html> [acesso em 31/1/7].
- FAIRCHILD, Hoxie Neale. *The noble savage: a study in romantic naturalism. Tracing the idea of the pure uncontaminated savage through English romantic literature in the 17<sup>th</sup>, 18<sup>th</sup>, and early 19<sup>th</sup> centuries*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1928.
- Ferguson dismisses idea of GB 2012 Olympic team*. Bristol, CT: ESPN [on-line]. URL: <http://soccernet.espn.go.com/news/story?id=557582> [acesso em 26/7/8].
- FERGUSON, William. *The identity of the Scottish nation: an historic quest*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998.
- FERREIRA, Bruno de Sá. A construção do nacionalismo na poesia de Robert Burns, *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia* (Rio de Janeiro: UERJ), série VIII, nº 12 (2004) [on-line]. URL: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12.html> [acesso em 7/10/8].
- FINLEY, M.I. Os gregos antigos e sua nação. Em: *idem. Uso e abuso da história*. Tradução portuguesa de *The use and abuse of history* [Cambridge, 1975]. São Paulo: Martins Fontes, 1989, pp. 127-141. (*O homem e a história*)
- FOLEY, John Miles. Macpherson's Ossian: trying to hit a moving target. *Journal of American Folklore* (American Folklore Society), ano 115, vol. 455 (2002), pp. 99-106.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? [1969]. Em: *idem. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução portuguesa de *Dits et écrits* [Paris, 1994], Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 264-298. (*Ditos e escritos*; III)

- FOX, Richard G. (ed.). *Nationalist ideologies and the production of national cultures*. Washington, DC: American Anthropological Association, 1990. (*American Ethnological Society monograph series*; n. 2)
- FRY, Michael. The Whig interpretation of Scottish history. Em: Ian DONNACHIE & Christopher WHATLEY (eds.). *The manufacture of Scottish history*. Edimburgo: Polygon, 1992, pp. 72-89.
- GASKILL, Howard (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press/ Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991.
- \_\_\_\_\_ (ed.). *The reception of Ossian in Europe*. Londres/Nova Iorque: Thoemmes, 2004. (*The Athlone critical traditions series: the reception of British authors in Europe*; vol. V)
- \_\_\_\_\_. "The Homer of the north". *Interfaces: image, texte, langage* (Paris: Université Paris 7 - Denis Diderot/Worcester, MA: College of the Holy Cross), vol. 27 - *Ossian: then & now* (2007), pp. 13-24.
- GILLIS, John R. (ed.). *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Tradução portuguesa de *Nessuna isola è un'isola - quattro sguardi sulla letteratura inglese* [Milão, 2000], São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- GOMES, Rita Costa. A construção das fronteiras. Em: Francisco BETHENCOURT & Diogo Ramada CURTO (orgs.). *A memória da nação: colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1991, pp. 357-382.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução portuguesa de *Les origines tragiques de l'érudition: une histoire de la note en bas de page* [publicado originalmente como *The footnote: a curious history*, Cambridge, MA, 1997]. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- The Guardian*: two editorials. Em: Bernard CRICK (ed.). *National identities: the constitution of the United Kingdom*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell/The Political Quarterly Publishing Co., 1991, pp. 168-175.

- GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV (os Estados)*. Tradução portuguesa de *L'Occident aux XIV<sup>e</sup> et XV<sup>e</sup> siècles - les États* [Paris, 1971], São Paulo: Livraria Pioneira/USP, 1981. (*Nova Clío: a história e seus problemas*)
- GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. Em: István JANCÓS (org.). *Brasil: formação do Estado e da nação*. São Paulo: Hucitec, 2003, pp. 33-60.
- GUIOMAR, Jean-Yves. *La nation entre l'histoire et la raison*. Paris: La Découverte, 1990. (*Armillaire*)
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. O autor como máscara: contribuição à arqueologia do impresso [1988]. Em: *idem*. *Modernização dos sentidos*. Tradução portuguesa, São Paulo: Editora 34, 1998, pp. 97-108.
- HAAGEN, Kristine Louise. Ossian and the invention of textual history. *Journal of the history of ideas* (Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press), vol. 59, num. 2 (1998), pp. 309-327.
- HALL, Jonathan M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HANDLER, Richard. Is 'identity' a useful cross-cultural concept? Em: John R. GILLIS (ed.). *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994, pp. 27-40.
- HARTOG, François. *Os antigos, o passado, o presente*. Tradução portuguesa, Brasília: EdUnB, 2003.
- HAYWOOD, Ian. *Faking it: art and the politics of forgery*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The making of history: a study of the literary forgeries of James Macpherson and Thomas Chatterton in relation to eighteenth-century ideas of history and fiction*. Londres/Toronto: Associated University Presses, 1987.
- HELGERSON, Richard. Writing empire and nation. Em: Arthur F. KINNEY (ed.). *The Cambridge companion to English literature 1500-1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp. 310-329.
- HEPWORTH, Brian. *The rise of Romanticism: essential texts*. Manchester: Carcanet New Press, 1978.

- HERRON, Patrick. Ruthven's *Faking literature*, forging literature and faking forged literature. *Jacket magazine* (Balmain, NSW: Australian Literary Management), num. 17 (2002) [on-line]. URL: <http://jacketmagazine.com/17/herron.html> [acesso em 31/1/7].
- HEWITT, David. James Beattie and the languages of Scotland. Em: Jennifer J. CARTER & Joan H. PITTOCK (eds.), *Aberdeen and the enlightenment: proceedings of a conference held at the University of Aberdeen*. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1987, pp. 251-260.
- HILL, Christopher. *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. Tradução portuguesa de *The English Bible and the seventeenth-century revolution* [Londres, 1993], Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Tradução portuguesa de *The invention of tradition* [Cambridge, 1983]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. *Nations and nationalism since 1780: programme, myth, reality*. 2<sup>a</sup> ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1992 [1990].
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução portuguesa de *The political unconscious: narrative as a socially symbolic act* [Nova Iorque, 1981], São Paulo: Ática, 1992.
- KEARNEY, Hugh. Four nations or one? Em: Bernard CRICK (ed.). *National identities: the constitution of the United Kingdom*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell/The Political Quarterly Publishing Co., 1991, pp. 1-6.
- KIDD, Colin. *Subverting Scotland's past: Scottish Whig historians and the creation of an Anglo-British identity, 1689-c. 1830*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LA CAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca, NY/Londres: Cornell University Press, 1983.
- LACERDA, Sonia. *Metamorfoses de Homero: história e antropologia na crítica setecentista da poesia épica*. Brasília: EdUnB, 2003. (Coleção Pérgamo)
- LAMPORT, F.J. Goethe, Ossian, and Werther. Em: Fiona STAFFORD & Howard GASKILL (ed.). *From Gælic to romantic: ossianic translations*. Amsterdã/Atlanta, GA: Rodopi, 1998, pp. 97-106.

- LAUGHLIN, Corinna. The lawless language of Macpherson's *Ossian*. *Studies in English Literature 1500-1900* (Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press), vol. 40, num. 3 (2000), pp. 511-537.
- LENCLUD, Gérard. La tradition n'est plus ce qu'elle était... *Terrain: revue d'ethnologie de l'Europe* (Paris: Ministério da Cultura), núm. 9 - *Habiter la maison* (1987) [on-line]. URL: <http://terrain.revues.org/document3195.html> [acesso em 26/3/8].
- LÉVI-STRAUSS, Claude (dir.). *L'identité. Séminaire interdisciplinaire dirigé par Claude Lévi-Strauss, professeur au Collège de France 1974-1975*. Paris: PUF, 1983.
- LEVINE, Joseph M. *Humanism and history: origins of modern English historiography*. Ithaca, NY/Londres: Cornell University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The battle of the books: history and literature in the Augustan age*. Ithaca, NY/Londres: Cornell University Press, 1991.
- LORD, Albert B. *The singer of tales*. Cambridge, MA/Londres: Harvard University Press, 1960. (*Harvard Studies in Comparative Literature*; 24)
- LYNCH, Jack. Authorizing *Ossian* [1995]. Em: *Papers by Jack Lynch*. Newark, NJ: Rutgers University [on-line]. URL: <http://andromeda.rutgers.edu/~jlynch/Papers/ossian.html> [acesso em 2/5/6].
- MACDONALD, Murdo. *Ossian* and art: Scotland into Europe via Rome. Em: Howard GASKILL (ed.). *The reception of Ossian in Europe*. Londres/Nova Iorque: Thoemmes, 2004, pp. 393-404.
- MACQUEEN, John. *Progress and poetry*. Edimburgo: Scottish Academic Press, 1982. (*The enlightenment and Scottish literature*; v. 1)
- \_\_\_\_\_. *Temora* and legendary history. Em: Fiona STAFFORD & Howard GASKILL (ed.). *From Gælic to romantic: ossianic translations*. Amsterdã/Atlanta, GA: Rodopi, 1998, pp. 69-78.
- MEEK, Donald E. The Gælic ballads of Scotland: creativity and adaptation. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press/Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 19-48.

- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução portuguesa de *The classical foundations of modern historiography* [Berkeley, CA, 1990]. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Studies in historiography*. Nova Iorque: Harper & Row, 1996.
- MOORE, Dafydd. *Enlightenment and romance in James Macpherson's The poems of Ossian*. Burlington, VT/Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2003. (*Studies in early modern English literature*)
- \_\_\_\_\_. Heroic incoherence in James Macpherson's *The Poems of Ossian*. *Eighteenth-century studies* (Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press), vol. 34, num. 1 (2000), pp. 43-59.
- \_\_\_\_\_. James Macpherson and 'Celtic whiggism'. *Eighteenth-century life* (Durham, NC: Duke University Press), vol. 30, num. 1 (2005), pp. 1-24.
- NARDUCCI, Emanuele. *Lucano, un'epica contro l'impero. Interpretazione della Pharsalia*. Bari: Laterza, 2002.
- The new Encyclopædia Britannica*. 32 vols. 15<sup>a</sup> ed., Chicago, IL: Encyclopædia Britannica, 1987 [1974].
- O'BRIEN, Karen. *Narratives of enlightenment: cosmopolitan history from Voltaire to Gibbon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: UNESP/Brasília: Paralelo 15, 2006.
- ONG, Walter J. *The presence of the word: some prolegomena for cultural and religious history*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1981.
- PESSANHA, Nely Maria. Características básicas da epopéia clássica. Em: Myrna Bier APPEL & Miriam Barcellos GOETTEMES (orgs.). *As formas do épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre, RS: Editora Movimento/UFRGS/Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC, 1992, pp. 30-39.
- PHILLIPSON, N.T. Scottish public opinion and the Union in the Age of the Association. Em: N.T. PHILLIPSON & Rosalind MITCHISON (eds.). *Scotland in the age of improvement: essays in Scottish history in the eighteenth century*. 2<sup>a</sup> ed., Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996 [1970], pp. 125-147.

- PITTOCK, Murray G.H. *A new history of Scotland*. Thrupp, Gloucestershire: Sutton, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Celtic identity and the British image*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Poetry and jacobite politics in eighteenth-century Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (*Cambridge studies in eighteenth-century literature and thought*)
- \_\_\_\_\_. *The myth of the jacobite clans*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1995.
- POCOCK, J.G.A. *Barbarians, savages, and empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (*Barbarism and religion*; vol. 4)
- \_\_\_\_\_. *Narratives of civil government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (*Barbarism and religion*; vol. 2)
- POPLAWSKI, Paul (ed.). *English literature in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- PORTER, James. "Bring me the head of James Macpherson": the execution of Ossian and the wellspring of folkloristic discourse. *Journal of American Folklore* (American Folklore Society), ano 114, vol. 454 (2001), pp. 396-435.
- QUINT, David. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993. (*Literature in history*)
- RAIMONDI, Ézio. *Letteratura e identità nazionale*. Milão: Mondadori, 1998.
- RAYNOR, David. Ossian and Hume. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press / Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 147-163.
- REVEL, Jacques. La production du territoire : les voyages du souverain. Em: Francisco BETHENCOURT & Diogo Ramada CURTO (orgs.). *A memória da nação: colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1991, pp. 341-356.
- \_\_\_\_\_. Microanálise e construção do social. Em: *idem* (ed.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução portuguesa de *Jeux d'échelles : la micro-analyse à l'expérience* [Paris, 1996], Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 15-38.

- RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa*. 3 vols. Tradução portuguesa de *Temps et récit* [Paris, 1983-1985], Campinas, SP: Papyrus, 1994-1997.
- RIZZA, Steve. A bulky and foolish treatise? Hugh Blair's *Critical dissertation* reconsidered. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press/ Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 129-146.
- ROSSET, Clément. *Anti-natureza: elementos para uma filosofia trágica*. Tradução portuguesa de *L'Anti-nature : éléments pour une philosophie tragique* [Paris, 1973], Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- RUBEL, Margaret Mary. *Savage and barbarian: historical attitudes in the criticism of Homer and Ossian in Britain, 1760-1800*. Amsterdã/Oxford/Nova Iorque: North-Holland Publ., 1978.
- RUTHVEN, K.K. *Faking literature*. Cambridge: Cambridge University Pr., 2001.
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- SAMBROOK, James. *The eighteenth century: the intellectual and cultural context of English literature 1700-1789*. 2ª ed., Londres/ Nova Iorque: Longman, 1993.
- SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Tradução portuguesa de *Voleurs de mots: essai sur le plagiat, la psychanalyse et la pensée* [Paris, 1985], Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- Scotland's census 2001 – Gaelic report*. Edimburgo: General Register Office for Scotland [on-line]. URL: <http://www.gro-scotland.gov.uk/press/news2005/scotlands-census-2001-gaelic-report.html> [acesso em 11/11/6].
- SHER, Richard B. Percy, Shaw, and the Ferguson 'cheat': national prejudice in the Ossian wars. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press/Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 207-245.
- SIMONSUURI, Kirsti. *Homer's original genius: eighteenth-century notions of the early Greek epic (1688-1798)*. Cambridge / Londres / Nova Iorque / Melbourne: Cambridge University Press, 1979.

- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução portuguesa de *The foundations of modern political thought* [2 vols. Cambridge, 1978]. São Paulo: Cia. das Letras, 2006 [1996].
- SMALWOOD, Philip. Shakespeare: Johnson's poet of nature. Em: Greg CLINGHAM (ed.). *The Cambridge companion to Samuel Johnson*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 143-160.
- SMITH, Anthony D. *National identity*. Reno/Las Vegas: University of Nevada Press, 2003 [1991]. (*Ethnonationalism in comparative perspective*)
- SMITH, Christopher. Ossian in music. Em: Howard GASKILL (ed.). *The reception of Ossian in Europe*. Londres/Nova Iorque: Thoemmes, 2004, pp. 375-392.
- SMITH, Janet Adam. Some eighteenth-century ideas of Scotland. Em: N.T. PHILLIPSON & Rosalind MITCHISON (eds.). *Scotland in the age of improvement: essays in Scottish history in the eighteenth century*. 2<sup>a</sup> ed., Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996 [1970], pp. 107-124.
- SNYDER, Edward D. *The Celtic revival in English literature, 1760-1800*. Gloucester, MA: Peter Smith, 1965.
- STAFFORD, Fiona & GASKILL, Howard (ed.). *From Gaelic to romantic: ossianic translations*. Amsterdã/Atlanta, GA: Rodopi, 1998.
- STAFFORD, Fiona. 'Dangerous success': Ossian, Wordsworth, and English romantic literature. Em: Howard GASKILL (ed.). *Ossian revisited*. Edimburgo: Edinburgh University Press / Eighteenth-Century Scottish Studies Association, 1991, pp. 49-72.
- \_\_\_\_\_. *Fingal* and the fallen angels: Macpherson, Milton, and romantic titanism. Em: Fiona STAFFORD & Howard GASKILL (ed.). *From Gaelic to romantic: ossianic translations*. Amsterdã/Atlanta, GA: Rodopi, 1998, pp. 164-182.
- \_\_\_\_\_. Hugh Blair's Ossian, Romanticism and the teaching of literature. Em: Robert CRAWFORD (ed.). *The Scottish invention of English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 68-88.

- STAFFORD, Fiona. Introduction: the ossianic poems of James Macpherson. Em: James MACPHERSON. *The poems of Ossian and related works*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996, pp. v-xxi.
- \_\_\_\_\_. *The sublime savage: James Macpherson and The poems of Ossian*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1988.
- STAROBINSKI, Jean. Le mythe au XVIII<sup>e</sup> siècle. *Critique: revue générale des publications françaises et étrangères* (Paris: Minuit), tomo xxxiii, n<sup>o</sup> 366 (1977), pp. 975-997.
- STEWART, Ralph. The case for Union in 1707. *Scottish tradition* (Guelph, Ontario: University of Guelph/Canadian Association for Scottish Studies), vol. 25 (2000), pp. 53-67.
- SWEDENBERG, H. T. *The theory of the epic in England, 1650-1800*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1944. (*University of California publications in English*; vol. 15)
- THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales: Europe XVIII<sup>e</sup> - XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: du Seuil, 1999. (*Points*)
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução portuguesa de *Customs in common* [Londres, 1991], São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- THOMSON, Derick S. James Macpherson - the Gælic dimension. Em: Fiona STAFFORD & Howard GASKILL (ed.). *From Gælic to romantic: ossianic translations*. Amsterdã/Atlanta, GA: Rodopi, 1998, pp. 17-26.
- \_\_\_\_\_. *An introduction to Gælic poetry*. 2<sup>a</sup> ed., Edimburgo: Edinburgh University Press, 1990 [1974].
- TINKER, Chauncey B. *Nature's simple plan: a phase of radical thought in the mid-eighteenth century*. Princeton, NJ: Princeton University Press/Londres: Humphrey Milford/Oxford: Oxford University Press, 1922.
- TREVELYAN, G.M. *Illustrated English social history*; vol. 3: *the eighteenth century*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1960 [1942].

- TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (*Highlands*) da Escócia. Em: Eric HOBBSBAWM & Terence RANGER (orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução portuguesa de *The invention of tradition* [Cambridge, 1983]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, pp. 25-51.
- \_\_\_\_\_. *The invention of Scotland: myth and history*. New Haven, CT/Londres: Yale University Press, 2008.
- VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos em seus mitos?* Tradução portuguesa de *Les Grecs ont-ils cru a leurs mythes?* [Paris, 1983]. Lisboa: Edições 70, 1987.
- WEINER, Jack. El indispensable *factótum* Sebastián de Covarrubias Horozco (1539-1613): pedagogo, cortesano y administrador. Em: *Artifara: revista de lenguas y literaturas ibéricas y latinoamericanas* (Turim: Dipartimento di Scienze Letterarie e Filologiche/Università degli Studi di Torino), n. 2 (2003), sezione Addenda [on-line]. URL: <http://www.artifara.com/rivista2/testi/covar.asp> [acesso em 2/8/4].
- WEISKEL, Thomas. *O sublime romântico: estudos sobre a estrutura e psicologia da transcendência*. Tradução portuguesa de *The Romantic sublime* [Baltimore, 1976]. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Biblioteca Pierre Menard)
- WHITNEY, Lois. English primitivistic theories of epic origins. *Modern philology: a journal devoted to research in medieval and modern literature* (Chicago, IL: The University Chicago Press), vol. XXI, num. 4 (1924), pp. 337-378.
- WITHERS, Charles. The historical creation of the Scottish Highlands. Em: Ian DONNACHIE & Christopher WHATLEY (eds.). *The manufacture of Scottish history*. Edimburgo: Polygon, 1992, pp. 143-156.
- WOLF, Eric R. *Antropologia e poder*. Organização e seleção de Bela FELDMAN-BIANCO & Gustavo Lins RIBEIRO, tradução portuguesa, Brasília: EdUnB/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- WOMACK, Peter. *Improvement and romance: constructing the myth of the Highlands*. Basingstoke, Hampshire: MacMillan, 1989.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução portuguesa de *Introduction à la poésie orale* [Paris, 1983], São Paulo: Hucitec, 1997.